



O
Amor
NÃO
TEM LEIS

Camila Moreira

SUMA
de letras



Camila Moreira

O
Amor
NÃO
TEM LEIS



Copyright © 2014 by Camila Moreira

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

O amor não tem leis

Capa

Andrea Vilela de Almeida

Imagem de capa

Latinstock/© cjpg/Corbis/Corbis (DC)

Revisão

Ana Kronemberger

Eduardo Rosal

Raquel Correa

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Freitas Bastos



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE
LIVROS, RJ

M837a

Moreira, Camila

O amor não tem leis [recurso eletrônico] /
Camila Moreira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Ob-
jetiva, 2014.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

290 p. ISBN 978-85-8105-234-2 (recurso
eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I.
Título.

14-12854
869.93

CDD:
CDU: 821.134.3(81)-3

Sumário



Capa
Folha de Rosto
Créditos
Epígrafe
Agradecimentos

1

Ferraz
Sete meses antes
Clara

2

Ferraz
Clara

3

Ferraz
Clara

4

Ferraz
Clara

5

Clara
Ferraz

6

Clara
Ferraz

7

Clara
Ferraz

8

Clara
Ferraz

9

Clara
Ferraz

10

Clara
Ferraz

11

Clara
Ferraz
Clara
Ferraz

12

Clara
Ferraz

13

Clara
Ferraz

14

Clara
Ferraz

15

Clara
Ferraz

16

Clara
Ferraz

17

Clara
Ferraz

18

Clara
Ferraz

19

Clara
Ferraz

20

Clara
Diego

21

Clara
Ferraz

22

Clara
Ferraz

23

Clara
Ferraz

24

Clara
Ferraz

Um dia antes do acidente

Leia as primeiras páginas de O amor não tem
leis — o julgamento final

1

Clara

*“Todos os fins são começos, apenas não
sabemos
disso na hora.” — Mitch Albom*

Agradecimentos



Sonhos se tornando realidade? É possível.

Na caminhada até aqui recebi flores e espinhos, gostaria de agradecer imensamente aos dois, pois sem os espinhos não haveria as flores para embelezar a minha estrada. À família que merece toda minha gratidão, em especial à minha irmã,

Carine Moreira, por quem eu tenho um amor incondicional. Você é tudo, Naninha! Meu agradecimento às primeiras leitoras que me incentivaram a encarar essa loucura: Denizia, Nayara, Patrícia Oliveira, Laiz, Bianca, Ana Luiza, Valéria, Karol e Patrícia Assunção, sem vocês nada disso seria real. À minha melhor amiga, Maisa Fernandes. Sua amizade é ouro. A todos os meus leitores do Wattpad, devo o sucesso desta obra a vocês. Nam, querida, obrigada por simplesmente ACREDITAR.

1



Ferraz

Atenção! Sabe aquele mocinho das histórias românticas e melosas que você adora ler? Isso mesmo, aquele com o cabelo despenteado pós-foda, olhos azuis, uma pele morena clara sem nenhum tipo de imperfeição e um corpo que faz virar qualquer pescoço? Pasmé! Ele existe. E adivinha?! Sou eu. Espantada? Curiosa? Excitada? Talvez até molhada? (Se para essa última pergunta a sua resposta foi negativa, não se preocupe, pois esse momento vai chegar.)

Meu nome é Alexandre Mendes Ferraz. Os mais íntimos me chamam de Xande ou Alê, tanto faz. No ambiente profissional, limite-se a dr. Ferraz, mas se for entre quatro paredes, prefiro que me chame de... de... Foda-se! Entre quatro paredes, seu cérebro nem vai lembrar quem você é. O que dirá o meu nome.

Arrogante? Talvez. Confiante? Sim. Modéstia à parte, eu sei do que sou capaz.

Tenho 35 anos, sou um renomado advogado criminalista e tenho um escritório que leva o meu nome, o do meu pai e o do meu irmão mais novo, Diego. Vou pular a parte da apresentação em que digo que Diego é uma cópia autêntica minha. Porém, mais novo e mais romântico. Ele também vai ter seu momento.

Mas agora você deve estar se perguntando por que eu, este monumento todo que lhe foi apresentado, estou parado em frente a um prédio, sentado em meu carro, chorando como um bebê abandonado e olhando para este maldito bilhete em minhas mãos, além de ter em minha cabeça pensamentos homicidas. Vai por mim. Eu também estou me fazendo essa pergunta.

Porém, não vou esconder nada. É tudo culpa dela! Maldita! Filha da mãe!

Implicante! Arrogante! Dissimulada! Provocadora! Gostosa! Linda! Inteligente! E a boca? Aqueles lábios carnudos... *Epa! Epa! Pode parar por aí, Alê, você estava xingando a maldita e agora está elogiando ela? Concentre-se.*

Bom, continuando de onde parei. Essa... essa... mulherzinha sobre a qual acabei de despejar todos os meus sentimentos se chama Clara (até o nome da infeliz é perfeito).

É uma conspiração, só pode ser!

Há sete meses que essa maldita vem atormentando a minha vida.

Sete meses antes

— Ferraz! — brado ao telefone, não queria ninguém me incomodando naquele dia.

— Humm! Desculpa, dr. Ferraz, sei que pediu para não ser incomodado, mas seu pai está na linha e disse que precisa falar com o senhor urgente. Ele tentou seu celular, mas disse que está desligado.

Sentei em minha cadeira e a inclinei o máximo possível para ter um pouco de conforto, algo me dizia que eu teria um dia difícil.

— Ana, se meu telefone está desligado, é justamente porque eu não quero falar com ninguém, e isso inclui meu pai — argumentei com minha secretária. Deus! Meu pai está aposentado, não há necessidade de ligar para o escritório a cada meia hora.

— Sim, dr. Ferraz, eu passei o recado para o dr. Nelson, mas acho que ele não ficou

muito contente e pediu para dar ênfase ao “urgente”. — Ana tentava disfarçar a preocupação em sua voz, mas era inútil, eu podia perceber que ela estava ficando constrangida com a insistência do meu pai. Liguei meu computador, enquanto pensava se atenderia ou não.

— Ok! Ok! — Quando papai diz que é urgente, vai por mim, o assunto pode esperar por mais uma semana, no mínimo.

— Oi, papai, como vão as férias? Sei, sei. Claro que é frio na Argentina, papai, vocês estão em uma estação de esqui, queria o quê, 40 graus? — soltei uma risada. Desde que se aposentou da vida jurídica, meu pai resolveu viajar pelo mundo. O único problema é que ele detesta frio, mas ama minha mãe, resumindo: se ela pedir para ele comprar uma passagem para o Polo Sul, os pinguins que os aguardem, pois o Polo Sul será a próxima

parada deles. Nunca vi homem mais apaixonado.

— Papai, eu tenho um monte de processos para analisar. Então, por favor, vá direto ao ponto. — Puxei uma caneta e fiquei fazendo rabiscos aleatórios em um bloco de notas, enquanto meu pai me perguntava se eu já tinha analisado o currículo da estudante que ele havia me enviado.

A menina é uma grande amiga da minha irmãzinha Priscila e precisa de horas complementares de estágio supervisionado para se formar. Pelo menos foi isso que ouvi meu pai dizer enquanto almoçávamos juntos na semana passada, pois logo minha atenção se voltou para a bela morena que estava na mesa ao lado.

— Pai, me livra dessa, eu odeio estagiário a minha volta e você sabe disso. — Olhei para o teto, enquanto procurava argumentos para convencer meu pai. — E não me venha com

aquela ladainha toda de que um dia eu também fui estagiário e que eles precisam de uma oportunidade para aprender e blá-blá-blá. — Pensei no quanto Prí ficaria chateada comigo e resolvi tentar amenizar a situação. — Não estou negando o trabalho à garota, só peço que a coloque com outro advogado do escritório. Inferno! Coloque-a com o Diego. — Suspirei chateado. Um estagiário pegando no meu pé é o que menos preciso agora. — Claro que eu olhei o currículo dela. — Por favor, Deus, perdoe mais essa mentira. — É impressionante, por isso digo que ela e Diego se darão bem.

Enquanto falava com meu pai e tentava convencê-lo de que não queria perder tempo com uma adolescente universitária, ouço duas batidas na porta e sabia que era Ana. Ela tem a minha idade, ou um pouco menos talvez, estatura média, cabelos lisos e olhos castanhos bem expressivos, mas a maior

qualidade da Ana é que ela nunca tentou dar em cima de mim: o que é o meu maior problema ao contratar uma secretária. Tapei o telefone com as mãos e lhe dei permissão para entrar.

— Dr. Ferraz, desculpe interromper — seu tom de voz um pouco relaxado contrastava com sua postura séria —, mas tem uma moça na recepção que diz ter uma reunião com o senhor agora, às nove e meia. Como não fui informada de nada, achei melhor vir verificar.

De repente, um estalo surge na minha cabeça.

— Ana, qual o nome dela?

— Maria. Ela também mencionou o nome do seu pai.

Inferno! A estagiária está aqui.

— Por favor, Ana. Peça a ela para aguardar.

Respirei fundo, tentando conter minha raiva, e voltei ao telefone.

— Papai, me diga por que tem uma menina na minha recepção me aguardando para uma entrevista que nem eu mesmo sabia que existia? — perguntei ríspido.

— Pois é, Alexandre. Tenho certeza de que se você tivesse lido o e-mail que lhe enviei, com o currículo da moça, você estaria ciente dessa reunião, pois tratei desse assunto no final da mensagem — meu pai disse de forma acusatória. Putz, fui pego em flagrante!

— Desculpe, papai. Está certo, pode ser que eu tenha passado pelo e-mail mais rápido do que deveria.

— Alexandre, vamos fazer o seguinte: vou fingir que acredito que você ao menos leu o currículo da amiga da Prí e você vai se preparar para essa entrevista com a mente e o coração abertos.

— Tudo bem então, papai. — Respirei fundo e balancei a cabeça, sem acreditar no que estava prestes a dizer. — Eu prometo dar a devida atenção à senhorita estagiária. — Me ferrei. — Manda um beijo para a mamãe e para de reclamar do frio, ninguém mandou você fazer todas as vontades da dona Graça: agora aguenta!

— Ah, filho, um dia você vai aprender que nada faz um homem mais feliz nesta vida do que agradar à mulher que se ama. — *Só no dia de São Nunca*, pensei.

Após me despedir de meu velho pai, eu me preparei mentalmente para aquela entrevista. Maria... Que nome mais antiquado! Quem no século XXI ainda tem esse nome? Ela deve ter o quê? Quinze, dezesseis anos? Inferno! Uma criança a minha volta! Aposto que vai querer comprar milk-shake para o lanche. Era só o que me faltava.

Percebendo que não havia escapatória, liguei para a recepção.

— Ana, peça à menina para entrar e não saia da recepção. — Fiz uma pausa. — Provavelmente, você vai ter que lhe mostrar como gosto do meu café. — Tá aí, fazer o meu café é um serviço que talvez essa garota possa aprender.

Ana pigarreou como se estivesse desconfortável. Por que ela estaria incomodada? Sei que ela tem um pouco de medo de mim, mas que se dane. Todos no escritório sabem que sou um chefe rigoroso.

— Sim, dr. Ferraz, ela já está a caminho — Ana respondeu.

Brincando com os meus polegares, esperarei pacientemente a menina chegar à minha sala. Porém, nada que eu tivesse feito poderia ter me preparado para o que eu vi.

Ana bateu na porta, eu me levantei. Minha secretária encaminhou a garota para dentro da sala e... AI, MEU DEUS, COMO ESTOU FODIDO!!!

Clara

Eu estava sentada na recepção de um dos melhores escritórios de advocacia do país, aguardando uma entrevista com o dr. Alexandre Ferraz.

Quando tranquei a faculdade para fazer um curso de inglês no Canadá, meus pais não ficaram muito satisfeitos, porém apoiaram minha decisão, porque quanto mais conhecimento melhor, não é mesmo? Mal sabiam eles que, na verdade, abandonei o curso e fui para a Europa em turnê com o cantor pop Dereck Mayer. Ainda ouço sinos quando me lembro desse nome. Dereck é filho de brasileiros, mas nasceu e sempre morou nos Estados Unidos. Eu o conheci em um pub onde estava com minha amiga Laís. Mas, resumindo, se você me perguntar se vale a pena trancar a faculdade e partir com um cara quase desconhecido mundo afora,

minha resposta vai ser: caro colega, se esse cara se parecer com o M. Shadows, vocalista do Avenged Sevenfold, for quente como o inferno e tiver um pau que te faz subir pelas paredes como uma “lagartixa” e te dá orgasmos tão intensos que você acha que está saindo do seu corpo, sim, vale a pena.

Se eu aprendi inglês? Depende. Se você acha que a frase *“Look at me all the time while I’m fucking you”* vai me abrir alguma porta na vida, sim, aprendi inglês.

Olhe para mim o tempo todo enquanto eu fodo você.

No resto, eu me virei. Dereck falava perfeitamente o meu idioma e me ajudava muito. Porém, na hora H, meu gatinho se tornava poliglota: eu o deixava tão louco que o cara falava até russo. Arrogante? Talvez. Confiante? Sim. Modéstia à parte, eu sei da minha capacidade.

Porém, um ano se passou e, apesar de gostar muito do Dereck, eu estava consciente de que não iríamos nos casar e ter filhos. E viver em uma casinha amarela com cercado branco não estava nos meus planos. Fala sério! Só de pensar já sinto o cheiro do mel, de tão pegajosa que essa cena é.

Não me levem a mal. Sou uma versão feminina do homem cafajeste. Sempre respeito as pessoas, principalmente se são casadas ou comprometidas. Mas gosto de sexo e vivo da forma mais desprendida possível. Não sou uma vadia sem escrúpulos, mas não estou a fim de me prender a ninguém.

Apesar desse meu jeito, meio avoada e despreocupada com a vida, sempre fui uma excelente aluna e isso me ajudou muito a retomar a faculdade. Minhas notas eram excelentes, e quando voltei consegui eliminar algumas matérias. Ficou pendente apenas a

apresentação das horas de estágio supervisionado equivalentes a oito meses.

Isso foi mole para mim. Minha melhor amiga, Priscila, que agora mora na Espanha com um bofe maravilhoso, diga-se de passagem, é filha do dr. Nelson Ferraz, um dos advogados criminalistas mais conhecidos no Brasil e até no exterior. Assim que descobri o que faltava para pegar meu diploma, mandei um e-mail para Prí pedindo sua ajuda. Ela, animadamente, me respondeu dizendo que entraria em contato com o pai para me indicar a uma vaga na Ferraz Advogados. Eu poderia tentar encontrar um estágio por conta própria, mas não sou hipócrita em recusar a ajuda da minha amiga somente pelo orgulho de conseguir algo por mim mesma. Portanto, aceitei de bom grado a oportunidade, afinal, quase tudo nesse país se consegue através de indicação mesmo.

Acordei com uma disposição incrível, pois era sexta-feira. Eu me vesti de forma profissional, mas nada careta. Sou extremamente feminina e sempre gostei de realçar meus atributos. Calça preta social com camisa branca de seda e colar de pérolas que parava acima do decote em forma de V, nada muito insinuante, mas um modelito que me deixava pronta para uma balada no fim do dia. Arquivei uma nota mental para me lembrar de ligar para Laís e marcar de ir ao barzinho no centro da cidade. Fiz uma maquiagem leve, realcei um pouco meus olhos com bastante máscara para cílios, o que os deixou ainda maiores. Sempre amei meus olhos cor de mel, esverdeados. Meu cabelo castanho-claro estava preso em um coque meio bagunçado. Meu cabelo é bem ondulado nas pontas e meus cachos são realmente lindos, tenho orgulho deles. Olhando para a minha sapateira, tive dúvidas entre sapatilha

com strass ou saltos altíssimos vermelho-sangue. Adoro sapatilhas, pois já sou bem alta, mas os saltos são minha arma secreta para impressionar. E eu queria impressionar. Finalizei com meu perfume favorito! Prontíssima.

O escritório Ferraz fica em um luxuoso prédio no centro. Entrei no elevador, e logo percebi vários olhares de admiração. É sempre bom começar o dia chamando a atenção masculina: isso levanta a autoestima de qualquer mulher.

Parei no andar dos escritórios Ferraz e me apresentei para a secretária, que disse não ter sido avisada sobre a minha entrevista. Eu sabia que não seria recebida pelo dr. Nelson, e sim por seu filho, o dr. Alexandre. O pai da Prí me ligou pessoalmente comentando sobre sua aposentadoria, mas disse que iria me deixar em boas mãos.

— Por favor, poderia verificar com o dr. Alexandre? A entrevista foi marcada diretamente com o dr. Nelson, e talvez ele tenha se confundido com o horário — perguntei apontando para o computador na sua frente.

Claro que se confundiu. Ele deve estar meio velho. Quantos anos ele teria? Quar-
enta, quarenta e cinco? No mínimo, deve tomar chá todas as tardes.

A secretária me deu um olhar de *Você está louca, o dr. Alexandre nunca se engana*. Mas foda-se. Preciso desse estágio e não vou arredar o pé daqui até ele falar comigo.

A mulher me pediu para aguardar e passou por uma enorme porta.

Aguardei ansiosa na recepção. Quando ela voltou e me disse que o dr. Ferraz me receberia em alguns minutos, eu relaxei. Vi quando a mulher, que logo eu descobriria que se chamava Ana, travava uma luta ferrenha com a impressora e tentava atender ao

telefone ao mesmo tempo. Então, ela colocou o telefone no viva-voz, para puxar a folha que a maldita máquina havia engolido. Uma voz grossa e em tom de comando ressoou do aparelho.

Ana, peça a menina para entrar e não saia da recepção. Provavelmente, você vai ter que lhe mostrar como gosto do meu café.

Filho da puta se ele acha que serei sua moça do cafezinho. Vai sonhando, velhote.

Ana me deu um olhar de desculpas e me pediu para acompanhá-la. Quando entrei na sala e vi aquele homem na minha frente, perdi o ar.

Nossa Senhora da Bicicletinha, me dê equilíbrio.

2



Ferraz

Segundos eternos se passaram enquanto eu olhava o belo espécime à minha frente. Deus do céu, estava acontecendo uma festa nas minhas calças! Meu pau ficou duro no momento em que ela entrou na minha sala. Estava ferrado. *Calma, Alexandre! Você é um profissional, respira fundo, mantenha a postura e também suas calças.*

Vendo meu real desconforto, a menina na minha frente, que de menina não tinha nada, tomou a iniciativa.

— Bom dia, dr. Ferraz! Meu nome é Maria Clara e estou aqui recomendada pelo seu pai para a vaga de estágio.

Fala alguma coisa, Alê. Desembucha, infeliz!

— Bom dia, Maria! Meu pai me falou sobre a sua necessidade de horas complementares de estágio para terminar a sua

graduação. — Coloquei na cara o meu sorriso mais falso e me sentei depressa, para que ela não notasse a minha ereção marcada na calça.

Ela se sentou na minha frente e cruzou as pernas. E que cruzada de pernas! Seus olhos cor de mel se arregalaram me desafiando a falar. O que ela está esperando?

O segundo estalo do dia surgiu em minha cabeça. *Alexandre, seu burro! Você é o chefe, é você quem tem que conduzir a entrevista.*

Eu me afastei da prisão que era o seu olhar e coloquei novamente um sorriso em meu rosto para começar esta bendita entrevista.

— Então... Maria... — comecei meu discurso, mas ela me interrompeu.

— Pode me chamar apenas de Clara, todo mundo me chama assim, Maria é muito sério. — E ela fez, pela primeira vez, algo que, com certeza, me assombraria pelo resto

da vida: abriu o sorriso mais lindo do mundo. *Esta manhã vai ser muito, muito longa.*

— Ok! Então, Clara, você é amiga da Priscila há muito tempo? Não me lembro de você.

— Sim, nós somos amigas há mais ou menos dez anos. — A menina colocou uma mecha do seu cabelo que caía pelo rosto atrás da orelha e eu fiquei fascinado por aquele movimento. — Nós nos vimos umas duas ou três vezes quando o senhor veio visitar sua família nas festas de fim de ano. Se bem me lembro, estava morando nos Estados Unidos, certo?

— Sim. Você está certa, assim que me formei eu me mudei para Boston para concluir uma especialização e acabei ficando um tempo por lá. — Bati com os dedos sobre a mesa. — Mas há três anos, quando papai me ligou contando sobre sua aposentadoria, eu

resolvi voltar e assumir seu lugar aqui na Ferraz. — Levantei os braços, mostrando as dependências da minha sala. — Mas me conta o que te fez se interessar por Direito Penal?

— Direito nunca foi a minha primeira opção. — Ela colocou a bolsa que estava em seu colo na poltrona ao lado, ficando mais confortável. — No começo, realmente, odiei a faculdade, tudo muito teórico e chato. Mas, assim que comecei a estudar Direito Penal, minha paixão pelas leis aflorou, e hoje não me vejo fazendo outra coisa. — Ela sorriu outra vez. *Querida, por favor, mantenha o seu sorriso para você ou eu não me responsabilizo.* Foda-se! Estava pensando nisso de novo.

— Então... Clara, nosso escritório é um dos mais conceituados da cidade e eu espero de você nada menos que todo o seu empenho. — Impus a minha filosofia de

trabalho, deixando bem claro que o escritório não era local de passatempo. — Nossos casos são grandes e de pessoas influentes e importantes no país. Por isso, é preciso ser impecavelmente profissional... Está me entendendo?

— Claro! Desde que eu não precise fazer o seu café. — Ela levantou uma das sobrancelhas como se quisesse dizer: *E agora? Quero ver como você vai sair dessa.*

— Hum, desculpe, o que disse? — questionei sem entender.

— O telefone da recepção estava no viva-voz quando o senhor pediu para que sua secretária me mandasse entrar. — Ela se ajeitou na cadeira, ficando com uma postura mais ereta e eu poderia classificar aquele gesto como um desafio. — Só queria deixar bem claro que sou extremamente competente em tudo o que faço. E, dr. Ferraz, se me

quer somente para fazer o seu café, me avise, pois encontrarei outro estágio.

Descarada! Estava me repreendendo na minha própria sala. Insolente.

— Desculpe a minha brincadeira, você sabe, geralmente os estagiários são pegos para cristo. Eu só estava tentando extravasar um pouco os problemas de uma manhã típica, mas reconheço, foi de muito mau gosto da minha parte.

Agora sei por que Ana estava estranha, vou matá-la por esse deslize.

— De agora em diante, vou te tratar como uma futura colega de trabalho. — Sorri animado, tentando amenizar aquela situação.

— Tudo bem, dr. Ferraz. Desta vez, eu deixo passar. — E piscou. Sêrio?! Ela piscou para mim.

— Quantos anos você tem, Clara? Não parece ter a idade dos outros estagiários que temos na empresa.

Ela se mexeu na cadeira, nitidamente incomodada com a minha pergunta. Droga! Quando meu pai me ensinou a nunca perguntar a idade de uma mulher, eu deveria ter ouvido. Mas, merda, o que estou pensando? Isso é uma entrevista e não um encontro, eu tenho todo o direito de fazer algumas perguntas pessoais.

— Definitivamente, não sou uma adolescente como a maioria dos seus estagiários deve ser. Tenho 23 anos e estou dois anos atrasada para a prática do estágio. Eu tranquei a faculdade por um ano... Hum... Por motivos pessoais e é por isso que preciso das horas complementares para compensar o tempo fora.

Bingo! Seu desconforto não era pela pergunta da idade e sim pelo motivo do seu atraso na conclusão do curso. Mas isso, realmente, estava fora dos meus limites. Não vou me arriscar perguntando.

Enquanto eu viajava legal, tentando imaginar qual foi o motivo do seu afastamento do curso, ouvi sua voz me trazendo de volta à realidade.

— Tenho certeza de que seu pai lhe enviou meu currículo, mas posso garantir que meu tempo fora da faculdade não me torna incapaz ou inapta para fazer parte desta empresa. O senhor pode estar certo... — Sua voz soava forte e decidida.

— Por favor, Clara, pode me tratar por você e me chamar pelo meu primeiro nome quando estivermos sozinhos. — Mudei meu tom de voz, para soar um pouco mais gentil com a menina. — Claro que na frente dos demais funcionários ou clientes deve me tratar como dr. Ferraz. Porém, como estamos em uma conversa informal, estou me sentindo um velho com este tratamento todo.

— Certo. E me desculpa, mas você nem de longe parece velho. Quer dizer, não tanto

como eu pensei. — Sua risada preencheu toda a sala.

— Você me imaginava um velho? — Levantei meu olhar, questionando-a.

— Desculpe, não quis dizer isso, é que nas vezes em que nos encontramos, realmente nunca chegamos a nos falar. A Prí sempre me contava sobre suas conquistas nos Estados Unidos, mas eu nunca questioneei sua idade, e como passou vários anos fora, não sabia qual seria sua aparência.

— E o que achou? — perguntei sem nenhum pinga de vergonha na cara. Ela engasgou e me olhou como se eu fosse um E.T.

— Desculpe? — Ela disse confusa.

— O que achou da minha aparência? — Senhor, o que estou fazendo? Essa menina pode me acusar de assédio sexual sem nem mesmo ter começado a trabalhar. Para minha surpresa e espanto, em vez de sair correndo da minha sala me xingando, ela se

inclinou para a frente me dando um excelente ângulo do seu decote.

— Bem... Você não é ruim de se olhar, dr. Ferraz.

Ok. Isto já estava passando dos limites. Meu pau não parava quieto e eu estava extremamente atraído pela minha futura estagiária, que tem uma língua tão afiada quanto a minha. Já falei que estou fodido? Sim. Mas para deixar bem claro: EU ESTOU COMPLETAMENTE FODIDO.

Clara

Após me mostrar a sala que eu dividiria com outros dois estagiários, Alexandre seguiu para uma reunião, não sem que antes eu lhe desse uma última olhada. Não imaginava que ele seria tão gostoso assim! Que boca! Que corpo! E os olhos! ESTOU FODIDA!!!

No momento em que fui questionada sobre sua aparência fiquei na dúvida entre me fazer de desentendida e não responder à sua provocação ou jogar o meu charme e deixar claro que os dois podiam jogar esse jogo. Sem dúvida nenhuma, a segunda opção já estava na ponta da minha língua.

Alexandre logo se apressou em me tirar de suas vistas, me levando para conhecer a sala e os outros estagiários. Perguntou se eu poderia começar naquele instante, e quando

concordei, tratou de me dar vários processos com as devidas instruções.

— Oi! E aí, tudo bem? Sou o Fernando, mas pode me chamar de Nando. — O carinha lindo se apresentou e me estendeu sua mão.

— Oi, Nando, sou a Maria Clara, mas pode me chamar de Clara — respondi da mesma forma.

— Bem-vinda ao submundo. Estagiário só se fode. — Ele disse sorrindo e me dando a visão de suas covinhas lindas. Com certeza íamos nos dar bem, pena que eu não gosto de pegar para criar. Ele mal havia saído das fraldas, deveria ter no máximo uns 20 anos, mas estava na cara que mais alguns anos e ele estaria no ponto, pronto para a colheita.

Nossa! Meus pensamentos às vezes me assustam.

Balancei a cabeça para tentar afastar aquelas bobagens e acabei sorrindo junto com o Nando. Então, percebi a outra

estagiária, uma loira, magra, estilo *Barbie*, me examinando de cima a baixo.

— Oi, sou Patrícia, mas pode me chamar de Paty — ela me disse secamente. *Ai, meu Deus, que cara de piriquete*. Meu santo não bateu com o dela. Vou ficar longe dessa garota.

— Oi, Patrícia. — Fiz questão de usar seu nome e não o apelido. *Sem intimidades, sua vadia*. — Como eu disse, sou a Maria Clara.

— Então, Maria. — Ela retribuiu com o mesmo sarcasmo que eu havia usado. — Você será estagiária do Alê? Ele nunca teve estagiário.

Fala sério! Alê? Já saquei qual era a dessa garota.

Expliquei que era uma grande amiga da filha do dr. Nelson e que meu interesse no estágio era puramente acadêmico. Pedi silenciosamente que aquela simples explicação

satisfizesse a curiosidade dela. O que não aconteceu.

— Quer dizer então que você tem “Q.I.”? — perguntou de forma cínica. Entendi aonde ela queria chegar. Não, eu não era uma sanguessuga, mas colocaria essa mocreia no lugar dela.

— Sim. Estou aqui por indicação. Isso acontece quando se é bem relacionada. — Dei minha resposta final.

Nando soltou uma risada dissipando o clima daquela sala. Olhei em sua direção, e ele estava apontando a caneta para Patrícia.

— Ponto para ela, Paty. Fala o que quer, ouve o que não quer. E já disse para parar de chamar o dr. Ferraz de Alê, ele não te deu esse tipo de intimidade. — Nando chamou a atenção dela.

— Ainda. — Ela piscou aqueles olhos verdes de lente e eu contive a minha vontade de esganá-la. Matar uma colega de trabalho

no primeiro dia do meu estágio não seria uma boa forma de ingressar na carreira jurídica.

Quando a *Barbie* saiu de cena, eu iniciei a leitura de um processo de estupro. Estava concentrada nas palavras que dançavam à minha frente, quando Nando pigarreu e me olhou com seus olhinhos castanhos.

— Quer uma dica? — Ele perguntou e eu assenti. — Ignore a Patrícia, ela realmente acha que vai sair daqui casada com o dr. Ferraz. Na verdade, qualquer um que ela pegue está valendo. Quando não está se insinuando para o dr. Ferraz, suas garras estão apontadas para o dr. Diego, o irmão mais novo dele. Não a culpo por admirá-los, pois são dois deuses gregos a fim de tirar qualquer um de órbita, mas ela exagera e está prestes a conhecer o olho da rua.

— Obrigada pela dica, mas tenho certeza de que ela não vai querer bater de frente

comigo — comecei a explicar. — Tenho uma personalidade muito forte e não deixo ninguém me abalar tão fácil. Patrícia perceberá que é melhor morrer minha amiga a tentar ser minha inimiga.

— Você é durona, eu gosto disso. — *Eita, covinhas lindas.*

Enquanto Nando falava eu observava uma leve caracterização em sua voz. Posso até não ter percebido de cara, mas tenho certeza: ele é homossexual. Não me engano nunca a respeito disso. Mas resolvi não dizer nada.

Voltei a minha atenção para o processo em minha frente, e quando olhei no relógio já passava das onze e meia e meu estômago começou a roncar de fome.

— Nando, qual é o horário do almoço? — perguntei chamando sua atenção.

— Isso depende, Clara. Cada advogado faz seu horário e você deve combinar com o

dr. Ferraz. Nós tentamos sair no mesmo horário que eles, mas realmente nunca prestei atenção nisso — ele explicou e eu assenti me levantando da cadeira.

— Obrigada, Nando. Vou verificar com a Ana — agradei de forma gentil.

Andei pelo corredor do escritório a caminho da mesa da recepção quando escutei a risada da secretária. Quando cheguei ali, me deparei com um cara lindo de morrer conversando com a Ana. Eu juro que, pela segunda vez naquele dia, meu coração parou de bater. Ele era PERFEITO. Na verdade, ele era a cópia fiel do Alexandre. Só podia ser o dr. Diego, pensei com meus botões.

Mesmo sendo muito amiga de Priscila, não conhecia quase nada dos seus irmãos. Nós nos conhecemos quando fui passar férias em uma casa de praia próxima à propriedade da sua família e depois disso nunca deixamos de manter contato. Cultivamos

uma amizade a distância, mas sempre estávamos presentes quando era necessário.

Ainda estava de boca aberta com a visão na minha frente.

Então ele sorriu.

Quase enfartei!

Clara, você está no paraíso!!!

3



Ferraz

Caminhei de um lado para o outro na minha sala pela centésima vez planejando o que faria quando me encontrasse com a Clara novamente. Essa maldita menina me deixou pensando em sexo a manhã toda. Eu gosto de sexo, mas essa infeliz me despertou de um jeito que jamais havia acontecido. Meu desespero era tão grande que estava a ponto de abrir a sala dos estagiários e jogá-la sobre a mesa, abrir suas pernas e ver meu pau entrar até as bolas dentro da sua boceta. Não dava a mínima para quem assistiria.

Meus pensamentos estavam agitados. Não podia seguir nessa direção, precisava me afastar do escritório até me acostumar com a ideia de que a Clara estaria a poucos metros de mim e que eu não poderia tocá-la de forma alguma.

Resolvi chamar meu irmão para almoçarmos juntos e assim sair daquela sala, respirar um pouco de ar puro. Diego sempre me distraía com suas conversas sem sentido. Isso me faria bem.

Liguei direto para o celular dele. E pedi que ele adiantasse o horário para me fazer companhia.

Não era raro eu chamar meu irmão para almoçar e vice-versa. Nossa relação sempre foi a melhor possível desde criança, e apesar de ele ser oito anos mais novo, nossa simplicidade sempre foi motivo de muito orgulho para os nossos pais.

Sabia que o Diego não me deixaria na mão apesar de ele não fazer a menor ideia do que estava me angustiando.

Dei o tempo necessário para que ele se aprontasse e decidi sair voando daquele escritório. Peguei meu casaco e fui para a recepção.

Estou ferrado! Estou ferrado! Estou ferrado. Era tudo o que eu conseguia pensar.

Clara estava na recepção com um sorriso deslumbrante. Ela estava totalmente à vontade enquanto mantinha uma conversa pra lá de empolgante com meu irmão. O olhar dele sobre Clara dizia tudo: estava interessado nela.

Sem saber o que falar, já que não podia dar bandeira e deixar alguém perceber o quanto a Clara estava me afetando, eu acabei sendo um idiota de carteirinha com ela.

— Mal começou e já está de conversinha pelos corredores? — perguntei, demonstrando reprovação.

— Desculpa, dr. Ferraz, estava indo em direção ao seu escritório para combinarmos meu horário de almoço. — Ela tentou se explicar com o olhar baixo e eu me amaldiçoei.

Diego deu mais um sorriso de cumplicidade para Clara, me olhou e deu duas

batidinhas nas minhas costas, um pouco mais forte do que de costume, acho que para mostrar sua desaprovação pelo que eu havia falado.

— Deixa disso, mano. Está assustando a Clara! Ela vai pensar que você é um chefe carrasco e vai querer fugir na primeira oportunidade. Eu só estava sendo gentil e me apresentando, já que você — Diego me apontou um dedo indicador acusatório — não mencionou a contratação de nenhuma estagiária na reunião mais cedo e nem fez questão de apresentá-la para o restante do escritório.

Apresentá-la para esse bando de urubus? Nem morto.

— Tudo bem! Desculpe se eu fui um pouco rude. Manhã difícil. Clara você pode ir almoçar. Estarei de volta em uma hora. — Tentei encerrar o assunto, mas Diego me interrompeu.

— Mano, na verdade eu convidei a Clara para almoçar com a gente, ela não conhece nenhum restaurante pela região, então eu achei que seria educado da minha parte lhe apresentar um bom local. Espero que não se importe — ele disse com um olhar sincero.

Claro que ele iria convidá-la. Que dúvida a minha. Meu irmãozinho cavalheiro de armadura brilhante não podia deixar passar essa.

— Sem problemas. Vamos lá então! — Tenho certeza de que esse almoço vai me causar indigestão. *Maldito Diego.*

Durante todo o caminho até o restaurante, me limitei a falar apenas o estritamente necessário, como: *não, sim, talvez*. Ao contrário do Diego, que engatou uma conversa profunda com a Clara. Eles discutiam sobre um caso recente de homicídio qualificado que havia chocado o país. Logo mudaram de assunto e começaram a falar sobre cinema,

uma das paixões do Diego. Ele amava filmes, principalmente os clássicos.

Tenho que fazer algo. Não posso deixar meu irmãozinho, esse fedelho, seduzi-la com conversas sobre felizes para sempre e toda essa merda fodida.

— Então, Clara, você tem namorado? — Parei todos os meus pensamentos para prestar atenção naquela resposta.

— Não, não tenho. Sou meio descrente com essa coisa toda de relacionamento sério, conto de fadas e felizes para sempre. Isso para mim é tudo história para boi dormir — Clara respondeu um pouco desanimada.

— Tão nova e já está tão desiludida assim com o amor... — Diego insistiu.

Clara deu um meio sorriso e continuou.

— Não disse que não acredito no amor, dr. Diego, apenas disse o que eu acho. É, talvez isso tudo não seja para mim — defendeu seu ponto de vista e percebi que ela se

parecia muito comigo, ou seja, feita para mim. Diego nunca se interessaria por uma mulher que não quisesse um relacionamento monogâmico e sério.

— Verdade? Nunca conheci uma mulher assim. Elas estão sempre esperando o seu príncipe encantado montado em um cavalo branco, preparado para resgatá-las do perigo e tirá-las da torre mais alta do castelo. — Diego falava com um ar divertido, caracterizando sua voz como a dos príncipes nos desenhos animados.

— Grande parte das mulheres, sim, mas uma minoria, as que realmente sabem o que desejam, preferem o lobo mau. Elas estão preparadas para se jogar da torre e ver o que o mundo reserva para elas — Clara terminou de explicar com um sorriso e a voz doce.

Ela sorriu, levando Diego às gargalhadas. Mas logo percebi ele me olhando de canto de olho: o que isso significava? Que ela me

achava um lobo mau? *“Oh, minha querida, se você quiser tenho uma boca enorme para te comer melhor.”*

— Talvez precise interpretar o outro lado da história da Chapeuzinho Vermelho. Estou vendo que as meninas não sonham mais com o valente caçador. — Diego insistia e meu estômago se revirava. Não acredito que Diego continuaria flertando com ela. O moleque estava realmente decidido.

Finalmente chegamos ao bendito bistrô.

Apesar de tudo, o almoço correu bem. Clara era uma excelente companhia, conversamos bastante e fiquei sabendo um pouco mais sobre ela. Ela morava sozinha e vivia de investimentos feitos por seu pai em seu nome quando Clara ainda era criança. Explicou que o pai trabalhava no ramo imobiliário e a mãe era bioquímica, mas abandonou a carreira para cuidar da casa assim que a filha nasceu. Segundo ela, a mãe

dedicou tempo integral para torná-la uma grande mulher.

— Devo dar os meus parabéns a ela então. — Diego a elogiou abertamente.

Clara olhou com ternura para um Diego embasbacado. Estava sendo muito difícil aguentar o flerte constante do meu irmãozinho em cima dela, e mais difícil ainda era perceber o quão receptiva Clara estava.

Após trinta minutos de almoço, ela nos pediu licença para ir ao toalete. Enquanto caminhava lindamente em direção ao banheiro, me peguei olhando para aquelas curvas deliciosas.

— Que corpão — Diego comentou. Olhei para meu irmão e juro que se eu tivesse a visão do Ciclope dos X-Men eu teria feito churrasquinho dele naquele instante por esse comentário.

— Pare de flertar com ela, Diego. A Clara não faz o seu tipo. — Tentei convencê-lo, mas foi em vão.

— Que tipo, mano? Você mesmo me disse que tenho que aproveitar mais minha juventude. Está aí, não me importaria nem um pouco de usar esse tempo com a Clara — ele rebateu minhas palavras, e eu já estava visivelmente incomodado.

Senhor, dai-me paciência, porque se me der força, eu vou arrebentar esse moleque no cacete.

— Relações amorosas não são permitidas entre advogados e estagiários, e eu não quero perder a Clara, ela me parece muito competente. — Rezei para ele cair nessa conversa, mas como os deuses não estavam ao meu lado, meu irmão não se convenceu da minha desculpa esfarrapada.

— Se não me engano, a política de não confraternização proíbe a relação do

advogado com seu próprio estagiário, então como Clara é *sua* estagiária não vejo problemas em convidá-la para sair. — Ele me lembrou, e eu concordei. Droga! Ele estava certo.

Diego ficou estático olhando para um ponto atrás de mim: me virei e vi Clara andando na nossa direção. Linda! Comecei a imaginar o que aquela camisa escondia. Senti meu pau ficar ainda mais duro ao imaginar como seriam os seios dela.

Teria um sério caso de bolas inchadas se não transasse o mais rápido possível.

Meu irmão estraga-prazeres me tirou do meu momento de luxúria quando atendeu o celular e começou a falar com sua secretária.

— Mano, tenho que ir, um cliente está me esperando no escritório e eu preciso urgentemente falar com ele.

Clara

Fui obrigada a pedir licença para ir ao banheiro. Deus! Eu estava tão excitada, todos os gestos do Alexandre me pareciam eróticos. Cada vez que ele levava o garfo à boca e deslizava a língua, eu me imaginava com as pernas abertas e ele passando aquela língua pela minha abertura.

Tudo bem, eu amava sexo, mas isso não me dava o direito de imaginar o meu chefe me fazendo sexo oral.

Diego era um amor. Tão sensível e alegre, estava visivelmente interessado em mim. Ele era lindo, olhos azuis como os do irmão, o mesmo corpo atlético e a pele morena clara. A diferença óbvia entre os dois era a idade: eu daria uns dez anos a menos para o Diego. Apesar de aceitar todos os flertes dele, a conexão sexual entre mim e o Alexandre era palpável, o desejo irradiava pelos meus poros

e eu sabia que ele também sentia o mesmo. Na verdade, eu dei uma boa olhada quando ele se levantou assim que pedi licença para sair da mesa. Seu pau estava duro. E isso era um bom sinal.

Cinco minutos no banheiro foram suficientes para escovar os dentes, dar uma retocada na maquiagem e me acalmar um pouco. Esses dois estavam deixando meus hormônios descontrolados.

Assim que voltei para a nossa mesa, vi que Diego já estava de pé. Ele explicou que um cliente o aguardava e se despediu me dando dois beijinhos no rosto.

— Então, podemos pedir o café? Sempre tomo um cafezinho depois do almoço. É um hábito — perguntei para Alexandre assim que me sentei, com Diego ainda ao nosso lado, teclando no celular.

— Clara, te vejo mais tarde! E se você cansar da conversa deste velhote me avisa e

eu venho te salvar — Diego alfinetou seu irmão antes de sair do restaurante.

— Eu não sou velho. — Alexandre tratou de responder.

— Claro, mano. Você só está um pouco antiquado. — Diego partiu e eu não consegui segurar a risada. Alexandre me olhou e ele não estava contente.

— Então a senhorita está rindo de mim? — ele perguntou sério.

— Desculpa, Alexandre. Eu achei engraçado você e seu irmão juntos, tenho a impressão de que vocês se dão muito bem — respondi tentando abafar o riso.

— Sim, nossa relação é muito boa, desde que ele não pegue o que é meu.

Engasguei com meu café quase o derubando na minha camisa.

Como assim seu? Ele estava falando de mim? Longe disso, senhor. Não sou sua e nem de ninguém. Sou bicho solto no mundo.

Terminamos nosso café e graças aos céus Alexandre se comportou, assim minha camisa permaneceu intacta naquele almoço. Só não podia dizer o mesmo da minha calcinha. Acho que, enquanto trabalhar na Ferraz, eu terei um sério caso de calcinhas molhadas para resolver e o melhor será ter um estoque delas por perto.

Voltamos para o escritório e durante toda a tarde eu analisei o processo que Alexandre havia separado. Dediquei-me a fazer as devidas anotações e, no fim da tarde, passei pelo luxuoso banheiro da Ferraz e fiz uma bela higiene pessoal antes de sair. Não! Eu não tinha planos de transar, mas uma garota deve estar sempre preparada, limpa e cheirosa. Soltei os meus cabelos e passei um brilho labial.

Despedi-me da Ana, pois os outros estagiários já tinham ido embora. Eu me empolguei tanto com o caso, que nem vi a hora

passar. Provavelmente seria assim todos os dias. Estava muito feliz em aprender a prática jurídica naquele escritório, e sugaria tudo o que pudesse do Alexandre. Falando em sugar, pensamentos impertinentes voltaram a rondar minha cabeça. Peguei um táxi na porta do prédio e fui direto para o barzinho onde combinei de me encontrar com minha amiga Laís.

Já eram sete horas e nada da minha amiga. Quando escutei o som do assovio por cima da música notei uma mensagem no *WhatsApp*. Era dela. Dizia que não poderia ir ao encontro. A mãe ficou de emergência no plantão e ela cuidaria do irmão. Eu respondi que perdoava porque adorava a mãe dela. Digitei algumas palavras me despedindo e coloquei o celular de volta na bolsa.

Além da Prí, Laís era uma das minhas melhores amigas. Sua mãe é enfermeira em um hospital público da cidade e engravidou

de um canalha que a abandonou assim que soube do bebê. Desde então Laís faz das tripas coração para terminar a faculdade de arquitetura e cuidar do irmão de 2 anos, para sua mãe trabalhar. Enquanto tomava minha cerveja, um arrepio percorreu a minha pele e notei o vulto de alguém sentando ao meu lado.

Alexandre! O próprio! Em carne, osso e muitos músculos.

— Então, Clara, seu primeiro dia de estágio foi tão ruim assim? Está bebendo para esquecer o quão chato é o seu chefe? — ele perguntou de maneira despojada e sorriu. Mas seu sorriso não era puro como o do Diego, era carregado de malícia. E, acredite em mim, não era pouca.

— Mais ou menos isso. — Brinquei. — Na verdade combinei com uma amiga, mas ela furou, então estou terminando minha *Bud* e

já vou indo para casa — respondi da mesma forma.

Alexandre cruzou os braços sobre o balcão e fez sinal para o garçom se aproximar.

— Já que você está aqui e eu estou aqui, vamos beber mais algumas. — Ele me convidou e eu concordei. Que mal fariam umas cervejas? Não era como se eu fosse transar com ele no banheiro feminino.

— Vamos brindar a quê? — perguntei, levantando a minha garrafa para tocar na dele.

Ferraz me olhou e seus olhos refletiam um brilho diferente. A intensidade deles me deixou desconfortável.

— Às garotas que preferem o Lobo Mau — ele disse com a voz mais sexy possível e eu tremi, juro! Minha calcinha molhou. A segunda do dia.

Droga! Definitivamente terei que fazer um estoque.

— Ok! — Foi a única coisa que eu consegui dizer sem parecer uma completa demente.

A conversa de Alexandre era bem agradável e não consegui deixar de compará-lo ao irmão outra vez. Ele não era engraçado e leve como Diego, mas apesar de tudo a conversa fluiu superbem. Quando olhei o relógio já haviam passado duas horas e o álcool realmente começava a fazer efeito. Notei a mudança no barzinho: casais e grupos se juntavam na pista de dança ao som de uma música pop.

— Vamos dançar? — Alexandre me estendeu a mão e eu fiquei surpresa com o convite. Ele notou minha preocupação, mas não desistiu. — Vamos lá, não tem ninguém do escritório aqui. Você está segura. Eu prometo — concluiu, tentando me convencer.

— Tudo bem. Eu amo essa música — cedi me levantando e segurando em sua mão.

Foda-se, eu nunca liguei para o que as pessoas dizem mesmo.

A voz da Rihanna estava em todo o ambiente, o DJ deu uma mixada legal na música *Diamonds* e eu adorei o arranjo.

*You're a shooting star I see
A vision of ecstasy
When you hold me, I'm alive
We're like diamonds in the sky.*

Depois de três músicas paramos para buscar mais uma bebida. Eu estava no meu limite, então eu disse para o Alexandre que seria a última. Ele concordou, mas colocou um sorriso predador no rosto.

Voltamos para a pista de dança e comecei a me liberar um pouco mais. Eu queria me comportar, mas a música não ajudou. Bruno Mars cantava *Gorilla* e eu já estava perdendo o meu juízo.

*Look what you're doing, look what you've
done
But in this jungle you can't run
Cause what I got for you
I promise is a killer, you'll be banging on my
chest
Bang bang, gorilla
You and me baby making love like gorillas.*

Não sei se foi influência do álcool ou da intimidade que se formou entre mim e Alexandre, mas meus movimentos ficaram um pouco mais sexies. Estava de costas para ele quando senti sua mão na minha cintura — ele ainda não tinha me tocado até aquele momento.

Quando ele se encaixou em mim, eu senti seu tórax musculoso pressionando as minhas costas, mas o que mais me impressionou foi a sensação do seu pau totalmente duro

contra minha bunda. Ele me queria! Agora não teria mais como negar!

Após sentir a ereção de Alexandre, meu corpo reagiu e meus seios se arrepiaram. Apertei minhas pernas enquanto dançava, pois meu clitóris estava praticamente gritando: *ME LAMBE! ME LAMBE!*

Era oficial: eu precisava transar.

De repente, e com um único movimento, Alexandre me virou e eu olhei diretamente para ele — o tamanho dos meus saltos me ajudaram a ficar no mesmo nível dos seus olhos. Passei os braços em seu pescoço e me perdi naqueles dois lagos azuis. Foi quando ele abaixou um pouco a cabeça e... Oh, céus, ele ia me beijar. *Vem... Vem... Vem quente que eu estou fervendo.* Mas então Alexandre inclinou a cabeça para o lado e beijou bem de leve meu pescoço. Sua voz grave sussurrou no meu ouvido, me fazendo tremer da cabeça aos pés.

— Há quanto tempo você não tem uma boa noite de sexo, Clara? — Engasguei com sua pergunta e quase tive uma síncope no meio da pista de dança.

— Muito tempo. — Eu soltei sem pensar duas vezes. — Desde que voltei para o Brasil não tive tempo livre para algo mais concreto — completei. — Mas posso saber o motivo da sua pergunta indiscreta?

Em nenhum momento Alexandre parou de me olhar ou de dançar, nossos corpos se moviam ao ritmo da música e eu amaldiçoei o Bruno Mars com toda a força do meu coração. Alexandre só podia estar de conluio com o DJ e eu precisava me certificar de nunca mais confiar em um advogado com tesão.

Naquele momento eu não me lembrava mais de onde eu estava ou do bolo que levei da minha amiga. Éramos só eu, Alexandre e os malditos gorilas.

— Querida, você tem certeza de que não sabe o motivo da minha pergunta? — ele sussurrou no meu ouvido, fazendo minha pele arrepiar.

Alexandre puxou todo o meu cabelo para o lado, facilitando seu acesso ao meu pescoço. Ele distribuía beijos ao longo da minha clavícula até minha orelha enquanto falava. Sua voz me deixava sem forças e a essência do perfume importado misturada ao cheiro de sua pele estava me enfeitiçando. Não conseguia responder as suas perguntas, da minha boca só saíam gemidos.

— Seu corpo reage a cada toque do meu como se você fosse gozar aqui mesmo na pista de dança. E eu só consigo me imaginar chupando seus deliciosos seios que estão tão durinhos para mim. Não vejo a hora de te preencher todinha. — Morri com aquelas palavras.

JESUS, MARIA E JOSÉ!!!! Ele tem a boca suja. Humm, adoro homem com a boca suja. Fiz questão de encostar ainda mais, para que ele pudesse sentir os bicos dos meus seios pressionados contra seu tórax. Cheguei bem perto do seu ouvido com direito até a uma lambidinha.

— Não seria má ideia... O senhor tem alguma solução para isso, dr. Ferraz? — disse, com o tom mais sexy possível. Terminei de dizer seu nome e algo me atingiu como um trem descarrilado. Sua boca! Nossa, que beijo! Sua língua me invadia de forma dura e impaciente e explorava cada pedaço dentro de mim. Seu beijo era indescritível, e minutos depois, quando se afastou, nós estávamos totalmente sem fôlego.

— UAU! — Foi a única coisa que o meu cérebro processou e minha boca conseguiu dizer. Alexandre mostrava um sorrisinho

perverso de menino levado querendo aprontar.

— Menina Clara — ele disse passando o polegar pelo meu rosto —, vamos fazer um trato. Eu passei o dia inteiro pensando em te jogar em cima da minha mesa e te foder até suas pernas ficarem bambas. Como agora eu sei que você precisa de uma foda bem dada, estamos resolvidos. Eu te como a noite toda até extravazar meu tesão inteiro por você e te prometo os melhores orgasmos de toda a sua vida. — Enquanto falava, seus olhos percorriam todo o meu corpo. — Segunda-feira tudo vai voltar ao normal. Você trabalha para mim, ninguém fica sabendo de nada e você ainda vai se lembrar do melhor sexo que já teve — concluiu de forma presunçosa.

— Se por acaso eu aceitar, também será o melhor sexo da sua vida — eu disse para rebater sua audácia.

Então ele saiu me arrastando para a saída de emergência nos fundos do bar.

— Veremos, menina, veremos.

4



Ferraz

No momento em que estava saindo do escritório, ouvi Clara combinar com uma amiga de irem a um bar próximo dali... Quando me toquei, já estava sentado em um banco do mesmo bar tomando minha cerveja de sempre. John, o dono, era meu amigo e vira e mexe eu estava por ali.

Quando eu a vi chegar, meu sangue ferveu. Ela estava com a mesma roupa do escritório, mas tinha passado um batom rosa nos lábios e os cabelos estavam soltos. Seu cabelo era o sonho de todo homem: comprido, quase chegando à sua cintura, era claro, mas não loiro, e descia liso por suas costas até terminar com vários cachos na ponta. Imediatamente me imaginei puxando aquele cabelo enquanto a fodia de quatro.

Esperei um bom tempo, nunca deixando de olhá-la. Vários homens já tinham notado

a menina sozinha no bar e seria uma questão de tempo para algum deles avançar.

Olhei para o relógio e já eram sete horas. Clara estava encarando o celular e digitava mensagens. Fiquei imaginando se ela estava esperando mais alguém.

Havia visto dois homens passarem por mim indo em direção ao banheiro. Mas antes eu ouvi um deles dizer que cairia matando em cima da morena de camisa branca. Se era Clara eu não tinha certeza, mas não ia esperar ele voltar para descobrir. Sem pensar duas vezes, deslizei para o seu lado e engatei uma conversa. O papo rendeu, porque horas depois eu estava lutando para chegar ao escritório do John com as belas pernas da Clara enroladas em torno da minha cintura.

— Tem certeza de que é seguro, Alexandre? Eu preciso desse estágio — ela perguntou preocupada, mas não deixava de me beijar.

— Claro, menina! Além do mais eu sou o chefe, então tenho tudo sob controle. — Tentei acalmá-la.

Passei pela porta e a tranquei. Coloquei Clara em um sofá.

— Agora fica sentada aí! Vou te mostrar o que é ter um homem de verdade no meio das pernas. — Eu ordenei e ela soltou um suspiro concordando.

— Então, dr. Ferraz, onde exatamente o senhor me deseja? — Clara perguntou me provocando.

Continuava de pé a observando e sentia toda a adrenalina da noite tomar conta do meu corpo.

— Deite, incline-se para trás e abra as pernas porque eu vou lhe fazer muito bem. E depois que você gozar bem gostoso na minha boca, eu vou te comer de forma intensa e inesquecível. — Minha voz saía sem pausa, demonstrando a urgência em possuí-la.

A maldita deitou no sofá, mas não sem antes abrir os botões de sua camisa e me deixar ver seus seios maravilhosos, mal cobertos por um sutiã branco de renda. A danada ainda ficou atijando os mamilos para me provocar.

— Querida, você não deveria brincar com fogo — eu a adverti.

Tirei minha camisa rapidamente, e os dois últimos botões voaram longe. Minha calça social deixava transparecer um grande volume. Sabe aquela coisa de filme pornô? Tipo o cara que não usa cueca para que seu pau pareça cinco vezes maior? Pois é, mas comigo foi um pouco diferente, pois eu usava cueca e mesmo assim meu pau parecia ter cinco vezes o seu tamanho. Tirei as calças e fiquei só com minha boxer preta.

Abaixei lentamente, nunca desviando os olhos daquela menina. Beijeí sua boca deliciosa e fui descendo até o seu pescoço. Os

gemidos de Clara pareciam súplicas e aquilo estava me enlouquecendo. Continuei com os beijos no seu pescoço, sentindo o seu aroma glorioso, quando ela sussurrou com a voz entrecortada.

— Gostaria de adverti-lo que a nossa brincadeirinha na pista de dança me deixou muito excitada. Temo pela minha calcinha. — Aquela revelação me deixou louco, arranquei seu sutiã de forma ríspida e dei uma boa olhada nos seus seios lindos e durinhos. Eles apontavam diretamente para mim, mas iriam ter que esperar mais um pouco.

Fiquei de joelhos e tirei sua calça.

— Não acredito em você, menina, então vou conferir eu mesmo. — Tirei sua calcinha com brutalidade, assim como fiz com o sutiã. Se ela gostava de lobo mau, eu vou ser o que ela quer. Quando abri suas pernas e olhei aquela bocetinha rosa, pronta para mim, eu quase enfartei. Passei minha mão pelo meio

de suas pernas e ela realmente não estava mentindo: estava tão molhada, tão pronta.

Fiquei um tempo assim, olhando para uma das maravilhas do mundo, enquanto passava o dedo por sua boceta. Clara se contorcia mais que uma artista de circo.

— Alexandre, você vai ficar aí me alisando ou vai me fazer gozar? — questionou, impaciente.

— Calma, querida! Estou só admirando! — expliquei. — Passei o dia inteiro imaginando como seria essa sua bocetinha e agora posso dizer que nunca vi nada igual. Você tem uma bela boceta, menina, você sabia disso? — provoquei, enquanto brincava com o dedo indicador na entrada da sua boceta. Clara cada vez soltava mais gemidos, e meu pau já estava doendo, pedindo para ser libertado.

— Sabe o que eu imaginei também? — Retirei o dedo e ela resmungou um palavrão.

— Se o seu gosto era bom. — Dizendo isso eu coloquei o dedo indicador na boca e o chupei encarando seus olhos. Recebi de volta um olhar de pura luxúria. Minha menina realmente sabia desfrutar do prazer que estava recebendo.

— Hummmm... — gemi, saboreando. — Delicioso, como eu imaginei. Mas agora... — fui descendo o dedo novamente até chegar à sua entrada — eu vou realizar o seu desejo. — Enfiei o dedo bem fundo na sua boceta, e Clara soltou um grito que poderia ter nos denunciado se eu não tivesse avisado John que usaria o seu escritório. — Gosta disso, menina? Meu dedo enterrado em sua pequena boceta? — Continuei minhas provocações.

Clara gemia e pedia mais. Meu pau gritava socorro enquanto eu a tocava. Mas então a consciência de que ela não transava há muito tempo surgiu, fazendo com que eu buscasse o prazer dela primeiro. Pedi

silenciosamente para meu pau aguentar um pouco mais. Foi difícil. Mas essa noite per-tencia a ela. Tudo para ela.

Ouvi Clara gemer mais alto. Ela estava chegando lá. Mas não antes de conhecer a boca grande do lobo.

— Menina Clara, você ainda não vai gozar. — Ela me olhou como se quisesse me matar ali mesmo. — Querida, não se pre-ocupe, você vai gozar, mas quero você gozando na minha boca. Vou te mostrar por que tenho essa boca tão grande — expliquei e, antes que ela pudesse falar alguma coisa, eu caí de boca na sua boceta, alcancei ambos os seios com as mãos e comecei a apertar os mamilos enquanto a lambia toda. Clara realmente já estava perto do orgasmo, pois seu corpo começou a tremer. Soltei um de seus seios e com o dedo a penetrei novamente, nunca deixando seu clitóris. Enquanto eu chupava e lambia aquele ponto sensível, a

única coisa que me vinha à cabeça era a vontade de dar prazer a esta menina. Como ela era gostosa.

— Estou quase, Alê, continue me chupando. Por favor, não para!!!

Foi a primeira vez que ela usou meu apelido, eu não sei do que eu gostei mais, do meu nome ou do meu apelido saindo daquela boquinha linda. Clara arqueou o corpo e eu a segurei mais forte. Ela puxou meus cabelos como se quisesse enfiar minha cabeça dentro de si e me prendeu com suas pernas, colocando-as cruzadas em volta do meu pescoço. Eu estava quase gozando em minhas calças somente por senti-la tão entregue a mim. Senti sua boceta se contraindo com meu dedo dentro. Putz... Como ela era apertada.

— Olhe para mim, Clara, não desvie o olhar — ordenei. — Quero ver seus olhos, enquanto faço você chegar ao céu. — Ela se

ajeitou um pouco mais no sofá para que pudesse me olhar. Introduzi um segundo dedo e chupei seu clitóris com força. Então ela gritou meu nome.

— Oh... Oh... Alexandre!!!

Clara

PUTA QUE PARIU!!! Não sei se foi pelos meses sem sexo de verdade — digo isso porque, claro, meu vibrador sempre esteve comigo, junto aos vídeos do Manuel Ferrara, para me dar uma forcinha —, mas aquele orgasmo foi alucinante, e realmente Alexandre sabia falar árabe. O que esse homem fez com a língua não estava no gíbi.

Ainda de joelhos, ele retirou lentamente os dedos de dentro de mim. Achei que iria lambê-los como havia feito antes, mas, me surpreendendo, ele se levantou e distribuiu beijos em todo o meu corpo. Depois me deu um beijo de arrancar suspiros e levou os dedos para dentro da minha boca.

— Prove-se — ele disse em um tom rouco.
— Sinta seu gosto, é uma maravilha! — completou.

Sem hesitar, eu lambi e chupei seus dedos repetidas vezes e até os enfiei completamente em minha boca.

— Eu amo sexo oral. Adoro receber assim como também adoro fazer — eu disse e Alexandre abriu um sorriso como se tivesse ganhado na Mega-Sena e seus dedos começaram a acariciar o meu cabelo. Troquei de lugar com ele e o deixei sentar no sofá. Comecei a beijar aquele corpo maravilhoso feito por Deus. Quando cheguei ao seu abdômen, encarei aquele V perfeito. Senhor, aquilo não era um V, era um alfabeto inteiro. Alexandre realmente era um homem muito lindo. Lindo e grande. Quando cheguei à sua cueca, notei o quão bem-dotado ele era, nada muito exagerado, mas devia ser um orgulho e tanto para ele.

— Isso tudo é para mim? — perguntei, acariciando seu belo pau por cima da cueca.

— Menina, hoje eu sou todo seu. — Ele me deu o consentimento necessário. Abaixei sua cueca e dei uma leve lambida em torno do pau dele. Sem querer me gabar, mas sexo oral é o meu forte. Novamente, agradeço ao Manuel Ferrara.

— Não tire os olhos de mim, dr. Ferraz — falei enquanto acariciava seu pau. — Quero ver seus olhos enquanto te chupo e quero sentir sua reação quando seu pau tocar o fundo da minha garganta.

Alexandre ficou surpreso com meu pedido, acho que ele não esperava uma amante tão desinibida como eu. Sexo é prazer e se me dá prazer, não me dá vergonha.

Suas mãos levantaram meu cabelo e eu lambi toda a extensão do seu pau, lubrificando-o com minha saliva. Alê começou a gemer e a movimentar o quadril com desespero.

— Puta... que... pariu... — Ele gemeu alto.

Continuei com ele todo na boca, porém passei a sugá-lo e, quanto mais seu pau entrava e saía, mais ele gemia. Passei os dentes de leve para não machucá-lo.

— Menina, você tem uma boca feita para chupar... — ele hesitou um pouco, mas depois completou — o meu pau.

Quando senti que ele estava quase chegando ao clímax, eu tirei minha boca e ele imediatamente reclamou.

— Não para! — disse frustrado.

— Calma, dr. Ferraz. O senhor está em boas mãos... E boca — acrescentei dando-lhe uma piscadinha.

Com as mãos, coloquei o seu pau totalmente ereto, me agachei um pouco mais até que minha boca alcançasse suas bolas. Senti o Alexandre estremecer. Comecei a chupar suas bolas ao mesmo tempo em que tocava seu pau com as duas mãos, uma na base e outra logo acima, o envolvendo assim em

todo o comprimento. Nunca vi um homem pirar tanto, ele realmente estava precisando de um bom sexo oral. Quando começou a gemer mais alto, percebi que todo o seu corpo tremia e suas bolas inchavam em minha boca. Ele ia gozar. Alexandre deu uma batidinha no meu ombro — um sinal universal do clímax. Parei apenas o tempo necessário para perguntar onde ele queria e Alê sorriu satisfeito com minhas palavras.

— Seios! — Foi a única palavra que ele conseguiu responder. Dirigi seu pau rapidamente para o vale entre os meus seios e, quando gozou intensamente, fez questão de provocar meus mamilos com o pau, me deixando ainda mais excitada.

— Descansa um pouco, preciso me recuperar — ele pediu me colocando de volta no sofá e a decepção me atingiu. Cacete!!! Eu sabia que o cara não era nenhum super-herói para segurar uma ereção depois de um

orgasmo daqueles, mas eu já estava pronta para sentir aquilo tudo dentro de mim.

Alexandre foi ao banheiro e voltou com uma toalha.

— Posso te limpar ou você mesma faz isso? — me perguntou com um brilho de satisfação nos olhos. — Eu adoraria ter esse prazer, mas sei como algumas mulheres se sentem envergonhadas.

Fiquei pensando o quanto aquelas palavras não combinavam comigo.

— O senhor já deveria saber que eu não tenho esse bichinho passeando no meu rosto — afirmei divertida.

Alê ainda estava de pé em minha frente, totalmente nu.

— Que bichinho? — ele perguntou confuso.

— O da vergonha — respondi, e Alexandre soltou uma gargalhada magnífica. Abri

minhas pernas, ficando escancarada para aquele deus grego.

— Você é muito gostosa! — ele disse enquanto limpava meu corpo, e quando se levantou, notei sua ereção ganhando forma, altura e largura.

— Bom, acho que seu *Incrível Hulk* não precisa mais de descanso — falei apontando para a sua ereção.

Ele olhou em meus olhos e um sorriso malicioso atravessou o seu rosto.

— É você quem me deixa assim, sua safadinha. — Alexandre me advertiu. Pegou sua calça no chão e do bolso tirou uma camisinha, que desenrolou por seu magnífico pau, totalmente duro.

— O que você quer, Clara? — perguntou, enquanto levava sua ereção para a entrada da minha boceta. — Responde! — Insistiu em um tom mais alto quando não obteve resposta.

— Você! Quero seu pau dentro de mim. Agora! — confirmei com palavras o que meu corpo pedia.

Alexandre soltou um palavrão quando me penetrou em um único golpe. Duro e rápido, como eu gosto.

— Porra, você é tão apertada. Sua bocetinha linda está me engolindo todo. Caralho, isso é tão bom. — Suas palavras sujas me excitavam ainda mais.

— Mais rápido, Alê, eu preciso que seja mais rápido — supliquei mesmo sem saber se conseguiria aguentar.

Alexandre bufava como um touro. E, juro, se fosse possível, sairia fumaça de suas narinas. Ele colocou minhas pernas apoiadas em seus ombros e se afundou ainda mais dentro de mim.

— Merda, Alexandre, se você for mais fundo, vou te sentir na minha garganta. — Minha voz falhava com seus movimentos.

— Não era isso que você queria, menina: sexo quente, suado e duro? Eu estou aqui para te satisfazer. — Suas palavras eram tão poderosas quanto os seus movimentos.

Senti o orgasmo se formando no meu interior, então levei a mão para alcançar o meu clitóris. Por mais que eu estivesse muito excitada, assim como a maioria das mulheres, eu não tinha nascido com o privilégio de alcançar orgasmos somente com a penetração, precisava de um estímulo extra. Quando alcancei o meu ponto sensível, Alexandre agarrou meu pulso com uma das mãos e me impediu.

— Menina, outro dia você poderá se masturbar para mim, mas hoje só eu serei a fonte do seu prazer. — Ouvi e imediatamente parei, analisando com cuidado suas palavras. Outro dia? Como assim? Mas segundos depois, eu já não conseguia pensar em nada com Alexandre friccionando meu clitóris

com os dedos e me fazendo contorcer com seu pênis dentro de mim.

— Goza, menina! Goza com meu pau enterrado em você — ele ordenou com a voz sexy.

— Ohhh, merda!!!! — Meu corpo convulsionou e, pela segunda vez naquele dia, me derreti nos braços do dr. Ferraz. Com mais algumas estocadas, sabia que ele também chegaria ao êxtase. — Dê tudo para mim, Alê, minha boceta hoje é toda sua. Goza gostoso! — repeti o pedido que ela havia me feito.

— Droga, sua putinha. Eu vou gozar. Delícia. — Alê rosnou e eu senti o momento exato do seu gozo quando ele enfiou bem fundo em mim.

— Você será minha perdição, menina — confessou após me dar um longo beijo.

5



Clara

Já eram quase duas da manhã e nós estávamos completamente vestidos, quando ele insistiu em me levar em casa. Recusei, peguei um táxi e fui sozinha.

Cheguei em casa uma hora mais tarde, tomei um banho e me espreguicei na cama. Adormeci rapidamente, mas infelizmente meu inconsciente não concordava com meu corpo.

Por que isso aconteceu comigo? Deus, por favor, me diz se isso é um castigo? Esse caixão, essas flores, nada disso era para estar aqui. Foi tudo minha culpa.

Acordei sobressaltada, há tempos não sonhava com aquilo. Olhei no relógio: quase dez da manhã.

Dane-se o mundo. Me virei para o lado e voltei a dormir.

Quando acordei novamente, o relógio já estava marcando onze horas. Infelizmente, precisava me levantar. Não que meu corpo não quisesse mais umas duas horas de sono, mas a fome bateu, e entre dormir mais um pouco e matar minha fome, meu estômago venceu a guerra interna entre meus órgãos. Preparei um almoço simples: frango grelhado, salada e um suco de laranja. Depois que terminei, liguei para Laís e a chamei para irmos ao shopping e quem sabe pegar um cinema mais tarde. Tinha estreado um filme com o Henry Cavill, e assim que ela ouviu o nome dele, se animou.

— Henry Cavill? Estou dentro! Ele me pegava fácil. — Brincou, achando graça.

— Vai sonhando, Alice! — Chamei-a assim em referência a *Alice no país das Maravilhas*, para dizer que ela estava sonhando alto demais.

Pude ouvir a risada da Laís mais uma vez.

— Fala sério, amiga, sonhar não paga imposto, né? Me pega às seis?

Depois de combinar o programa do final do dia com a minha amiga, passei a tarde me revezando entre os trabalhos da faculdade e os trabalhos domésticos. Morar sozinha é uma maravilha, amo minha privacidade e o meu cantinho, mas sentia falta das mordomias da época em que morava com a mamãe.

Me arrumei de forma casual, nada muito extravagante: saia jeans curta, camiseta com estampa do Jack Daniel's e uma sapatilha no pé, um rabo de cavalo na cabeça. Minhas madeixas aderiram à onda de protestos no Brasil e via perfeitamente meus fios com plaquinhas e cartazes: *Não pertenço a este corpo, Revolta já, Todos para cima*. Ou seja: cabelo solto, nem a pau, Juvenal.

Peguei meu carrinho popular e vinte minutos depois Laís já estava pulando no banco do passageiro. Essa minha amiga tinha uma alegria de viver que me dava gosto, por isso nos dávamos tão bem.

— E aí, gata, tudo bem? — Laís me saudou com a intimidade que só as melhores amigas compartilham.

Dei partida e antes de sair do estacionamento, eu a repreendi.

— Claro, tirando o fato de ter sido abandonada em um bar sozinha, ter tido pesadelos quase a noite toda e ainda ter sido obrigada a fazer serviços domésticos em pleno sábado, eu estou ótima. — Usei do meu sarcasmo para provocá-la.

— Já me desculpei, amiga. — Laís fez beicinho como se tivesse 5 anos.

— Eu sei, lindinha, estou só te torturando um pouco — disse para que ela soubesse que eu não estava brava.

Ela ligou o som do carro e colocou Capital Inicial para tocar. Amávamos essa banda e logo que *Fogo* começou a soar nos alto-falantes, cantamos juntas.

É tão certo quanto calor do fogo
É tão certo quanto calor do fogo
Eu já não tenho escolha
Eu participo do seu jogo

— Devíamos nos inscrever no *The Voice Brasil* — Laís disse séria e desta vez quem soltou uma boa gargalhada fui eu.

— Querida, você sabe que Daniel, Claudinha Leitte, Lulu Santos e Carlinhos Brown são ícones da música brasileira, certo? Tipo assim, os melhores no que fazem? — perguntei e ela me olhou desapontada.

— Claro, né, amiga?! Sou loira, mas não sou burra — respondeu um pouco chateada.

— Então, lindinha, nós duas cantando no *The Voice Brasil* iria traumatizá-los. Os

pobres nunca mais conseguiriam ouvir música novamente — expliquei tentando soar razoável.

— Credo, Clarinha. — Laís tentou manter a postura contrariada, mas acabou cedendo e entrou na brincadeira.

— Verdade, né, eles precisam dos seus tímpanos para viver — concordou comigo. — Mas agora mudando de assunto, como terminou sua noite ontem? Você foi direto para casa ou rebocou algum gatinho para a sua cama? — ela questionou curiosa e eu fiquei sem palavras. Nesse momento meu rosto deve ter entregado alguma informação, porque ela me olhou com aquele jeito de *Desembucha, Clara, eu sei que você transou, só me resta saber com quem*.

— Hmm... Eu saí com um gatinho, mas nada de mais, só uns beijinhos e uns amassos no carro. E você está cansada de saber: eu nunca levo ninguém para a minha casa.

Não foi falta de confiança em minha melhor amiga, mas, justamente por ela ser minha melhor amiga, tenho consciência de que, quando ela está bêbada, a “torneirinha” que filtra os pensamentos até sua boca não funciona. Ela acaba dizendo tudo o que se passa por sua cabeça. E minha noite ardente de sexo com o Ferraz não precisava vir à tona no primeiro porre de Laís. Estacionei o carro e fomos direto comprar as entradas do cinema. Tentei escolher os melhores assentos entre os que ainda estavam disponíveis. Laís não voltou a fazer nenhuma pergunta a respeito do meu *ficante* da noite passada e eu agradeci por isso. Quase duas horas depois, o filme já tinha acabado, mas ainda era possível ouvir os suspiros femininos pelo Henry e os resmungos masculinos por tanta histeria por causa do homem na tela em 3D. O resto da noite transcorreu muito bem, jantamos comida japonesa, fizemos compras e,

obviamente, aumentei minha coleção de livros. Rimos muito juntas e deixei a Laís em casa antes de ir para a minha. Alguns colegas da faculdade me ligaram chamando para a *balada*, mas eu recusei: precisava descansar um pouco. Deitei em minha cama e logo peguei no sono.

Oh... Dr. Ferraz... Assim... Mais fundo... Não tenha pena... Me dê tudo...

Acordei no meio da madrugada, suada, com a calcinha molhada e com as lembranças do meu chefe me inclinando sobre a sua mesa e metendo fundo em mim sem dó nem piedade.

Estou perdendo o juízo! Ok, Maria Clara, seja racional, foi só uma noite e não vai voltar a acontecer. Agora seja uma boa menina e volte a dormir, sem pensar naquele abdômen sarado, naquelas coxas grossas, naquela boca maravilhosa com uma língua de matar,

sem falar naquele pau enorme, totalmente duro e... SOCORROOOOO.

— Banho frio agora — murmurei enquanto caminhava para o banheiro, mas pensei melhor, voltei e abri minha última gaveta de onde retirei um dos meus brinquedinhos.

— Vamos lá, faça o seu serviço direitinho — disse assim que o peguei em minhas mãos.

Trinta minutos depois estava pronta para voltar a dormir. Meu brinquedo nunca me deixava na mão, e como diz o ditado: “Se o cachorro é o melhor amigo do homem, o vibrador é o melhor amigo da mulher.”

Ferraz

É óbvio que não admitiria para aquela menina convencida, mas o sexo com a Clara foi mais que incrível, foi um dos melhores da minha vida. Foda-se! A menina sabia como fazer. Céus, foder sua boca foi uma das melhores coisas que já fiz.

Passei todo o sábado pensando nela, coisa anormal. Concordei que seria uma única noite, mas eu seria um filho da puta se não tentasse transar com ela novamente. Almocei com Diego em uma churrascaria e, graças aos bons anjos, ele não tocou no nome da Clara. Precisava dar um jeito de manter meu irmãozinho afastado sem ter que revelar meu caso com ela.

Trabalhei em alguns processos em casa, quer dizer, tentei trabalhar. Não tive muito sucesso no quesito concentração.

Estava submerso nos meus pensamentos, quando meu celular começou a tocar sem parar.

— Fala, Brunão, o que você manda, companheiro? — eu disse assim que atendi.

— Balada hoje, topa? — Ouvi o convite e fiquei pensativo.

Nunca perdia uma balada com os caras, mas não estava nem um pouco animado para encarar uma maratona de cerveja e mulher. Bruno, amigo e também colega de profissão, recebeu meu silêncio com espanto.

— Que isso, camarada? Está doente? Hoje é sábado. Você nunca recusa uma boa noite. — Eu estava tão espantado com a minha atitude quanto ele. Tentei explicar que precisava descansar, mas não adiantou.

— Alexandre, você pode fazer o que quiser, mas fica longe de mim porque isso pode ser contagioso — ele disse com gozação e rindo, então nos despedimos.

Para uma pessoa sozinha, meu apartamento era bem espaçoso. Sempre gostei de conforto e por isso amava viver ali: sabia aproveitar os pequenos prazeres da vida. Sentei na bancada da minha cozinha, abri um bom vinho, liguei meu som e coloquei uma seleção de MPB para tocar enquanto esperava a pizza que tinha pedido. *Eu te devoro*, de Djavan soava ao fundo enquanto eu fazia minha modesta refeição.

Teus sinais

*Me confundem da cabeça aos pés,
Mas por dentro eu te devoro.*

Teu olhar

*Não me diz exato quem tu és
Mesmo assim eu te devoro.*

Não conseguia entender, mas a maldita da Clara rondava os meus pensamentos novamente. Tentei mudar de direção, pensar em outra coisa, mas então escutei uma

batida na porta. Considerando o horário e o fato de o porteiro não ter anunciado a visita, só poderia ser Diego.

— E aí, mano, beleza? — Diego apertou minha mão e bateu seu ombro no meu, um cumprimento típico dos homens.

— Já jantou? Eu pedi pizza — perguntei, querendo ser educado mesmo estando a fim de ficar um pouco sozinho.

Diego parou no meio da sala e me olhou de um jeito estranho.

— Hoje é sábado, certo? — ele perguntou e eu dei de ombros.

Caminhei de volta para o balcão e peguei a minha taça.

— Até meia-noite. — Tentei ser divertido, mas sabia aonde meu irmão queria chegar.

— Você está doente? Alguém morreu? Roubaram todo o seu dinheiro? — Seu tom sarcástico me fez revirar os olhos.

— Não, não e não! — respondi secamente. Já estava começando a me irritar.

Diego não parou de questionar o motivo de eu estar em casa em pleno sábado comendo pizza. Expliquei minhas razões da mesma forma que havia feito com Bruno. Minha voz deve ter soado um pouco mais dura porque Diego levantou as mãos em sinal de rendição.

— Calma, mano! Não está mais aqui quem falou, você está muito esquisito — ele disse, me apontando o dedo indicador. — Deixa para lá, vamos mudar de assunto. Olha essa foto! — Diego me passou seu iPhone.

Era uma fotografia da Marcela, uma garota com quem meu irmão estava saindo ultimamente, tirada no interior de uma sala de cinema.

— Ok! É a Marcela, mas e daí? — perguntei sem entender.

— Não é a Marcela, mano, olhe para algumas cadeiras atrás dela — disse, me entregando o celular novamente.

A foto devia ter sido tirada antes do filme começar, pois as luzes ainda estavam acesas. Algumas cadeiras atrás da Marcela estavam duas meninas, uma loira espetacular e outra com o sorriso que desde ontem de manhã me mantinha louco.

— Clara? — perguntei ao Diego.

Não acreditei que ele a encontrou.

— Sim! — respondeu com um sorriso de orelha a orelha. — Quando a vi também não acreditei na coincidência, mas acho que ela não me viu, melhor assim — ele disse naturalmente.

— Por que melhor assim? — Estava ainda mais confuso.

Diego me explicou, tentando me convencer de que se a Clara o visse com a Marcela, suas chances com ela acabariam. Aquilo me

deixou muito nervoso e eu rebati suas palavras.

— Que chances? — Já tinha tomado metade da garrafa de vinho e não estava gostando nem um pouco do rumo daquela conversa.

— Alexandre, ou você realmente está doente ou se esqueceu de como usar seu cérebro para pensar. Estou falando das minhas chances em conquistar a Clara — respondeu elevando o tom de voz.

Bufei sem querer, mas o Diego já estava me dando nos nervos.

— Você precisava ver, Alê. — Ele insistiu em falar da minha menina. — Ela estava linda, sorridente, descontraída e toda vez que o ator sarado do filme aparecia na tela, ela e a amiga soltavam gritinhos excitados. Perdi totalmente o tesão na Marcela, saí do shopping, deixei ela em casa e vim direto para cá. — Ele terminou e eu não contive

minha raiva. Ouvir Diego pronunciar as palavras Clara, gritinhos excitados e tesão na mesma frase me deixou furioso.

— Diego, você precisa tirar a Clara da cabeça, essa história não vai acabar bem. — *Vai acabar com você de olho roxo*, pensei sem deixar Diego perceber minha frustração.

— Que seja! Sei o que faço — ele me respondeu se levantando da cadeira. — Estou indo. Se cuida, mano.

Meu irmão se despediu e foi embora. Terminei meu vinho, tomei um banho e caí na cama. Ainda estava cedo para dormir, principalmente considerando a minha rotina de sempre dormir de madrugada. No entanto, quanto mais tempo eu dormisse, mais rápido a segunda-feira chegaria e, com ela, minha linda estagiária.

E o que você quer de mim, dr. Ferraz?

Clara entrou em minha sala e após trancar a porta caminhou lentamente na

minha direção. A maldita estava de saia. Deliciosa!

Eu quero que você apoie suas mãos sobre a mesa e vire essa bunda gostosa para cima. Meu pau está duro e eu vou te comer agora do meu jeito, rápido e forte.

Aquela descarada fez exatamente o que eu pedi. Meu pau cresceu ainda mais ao ver aquele rabo empinado, doidinho para levar umas boas palmadas. Levantei sua saia até chegar à cintura e notei a calcinha toda molhada.

Porra, vadia! Já está molhada? E essa saia? Veio preparada para me provocar, sua putinha?

Sim, respondeu ofegante e demonstrando todo o tesão que sentia.

Abaixei minhas calças, coloquei um preservativo e arranquei sua calcinha. Levei meu pau em direção àquela boceta quente e úmida e enfiei bem fundo. Ao sentir que

estava completamente dentro dela, permaneci imóvel e coleí meu corpo sobre o dela para que pudesse alcançar seu ouvido.

Será que isso é uma fantasia sua?, susurrei arrancando gemidos de Clara, mas ainda sem me mexer. Ser fodida pelo seu chefe na sua mesa enquanto ele ainda usa terno e gravata?

Sim... Se mexe, Alexandre... Me dá tudo... Quero sentir você.

Tão linda implorando pelo meu pau. É isso que você quer, minha menina? Meu pau preenchendo sua boceta apertada até suas pernas ficarem bambas? Então toma, porra!!!

Comecei a bombear sem piedade e forte. Dentro. Fora. Dentro. Fora. Clara gemia e gritava meu nome. Seu prazer aumentando e me levando junto. Acelerei o ritmo das minhas estocadas enquanto sussurrava palavras eróticas para minha menina. A cada

palavra, eu sentia o quanto Clara se arrepiava. Minha menina gosta de um homem boca-suja. E eu vou adorar ser o que ela quer. Alcancei seu clitóris e comecei a fazer movimentos circulares com a mesma intensidade em que a fodia, ela começou a gemer mais alto e senti seu êxtase chegando. Goza, minha menina.

Clara gritou meu nome enlouquecidamente e isso me deixou com mais tesão ainda. Saber que eu fui a única fonte do seu prazer fez com que meu clímax se aproximasse mais rápido. Estava pronto para gozar também.

Ai, droga! Vou gozar!

Acordei suando frio e com um pau duro e melado do meu próprio esperma nas mãos. Havia gozado com um sonho.

— QUE PORRA ESTÁ ACONTECENDO COMIGO?

6



Clara

Passei o domingo tentando entender o porquê de ter deixado Alexandre impregnar a minha pele daquela forma. Cheguei ao ponto de me tocar pensando nele. Concluí que talvez fosse porque ele é lindo de morrer, gostoso, inteligente, carismático, sedutor, interessante, ou seja, o sonho de consumo de toda mulher. Menos o meu! Não que ele não seja meu sonho de consumo, mas nos últimos anos eu deixei de sonhar, deixei de esperar algo bom da vida, passei a viver sem pensar no futuro. Voltar para a faculdade foi mais uma forma de tentar passar o tempo até que o fim chegue. Não, eu não estou morrendo — quer dizer, não agora —, mas um dia isso vai acontecer e eu pretendo estar preparada, não quero ninguém sofrendo pela minha partida. A dor de se perder alguém

que se ama é insuportável, e o estrago na alma nos acompanha por toda a vida.

Acredite em mim, eu sei, já passei por isso.

Acordar na segunda-feira foi fácil. Pulei cedo da cama e me arrumei de uma forma mais básica. Deixei meu cabelo solto, coloquei uma calça social, um modelo um pouco mais largo e confortável, uma sapatilha e camisa com um blazer. Caprichei na maquiagem leve e que me deixava com um ar de sofisticada.

Cheguei ao escritório um pouco mais cedo, detestava me atrasar, mas assim que entrei na minha sala, minha vontade foi de voltar para casa.

— Bom dia, Patrícia — cumprimentei educadamente, por obrigação.

Ela me olhou por cima do seu espelho de mão e me cumprimentou com a cabeça. A

puta estava passando o batom *vermelho biscate*.

— Você também gosta de chegar cedo? —
Tentei puxar assunto, mas estava difícil.

Ela assentiu com a cabeça novamente. Não sei por que ainda tentava ser simpática com essa vadia. Ela não gosta de mim, a recíproca é verdadeira, então vou deixar para lá. *Cada uma no seu quadrado*.

Caminhei em direção à minha mesa, quando ouvi sua voz.

— Fique longe do Alê! — Suas palavras me fizeram cravar os pés no chão. Me virei lentamente para olhar bem na cara da loira oxigenada atrás de mim.

— Ora! Ora! Então ela fala! — Usei todo o meu sarcasmo. — Achei que tivesse perdido a voz no fim de semana, embora ainda esteja avaliando se gostei de ouvir sua voz, que parece uma gralha nesta manhã de segunda — alfinetei.

— Não banque a espertinha, eu vi você almoçando com eles na sexta-feira. Fique longe — ela continuou em um tom de voz duro, tentando me ameaçar, mas causou o efeito contrário.

Essa louca estava totalmente fora da casinha, minha vontade era de jogar na cara dela o quanto o Ferraz gostou de estar dentro de mim naquela mesma noite. Foi o meu nome que ele gritou quando gozou, foi a minha boca que engoliu o seu pau até as bolas. Essas lembranças me fizeram sorrir. Ótimas lembranças, por sinal.

— Está rindo do que, sua sonsa? Quem avisa amiga é. — Aquela puta teve a coragem de colocar o dedo na minha cara.

“Oh, querida, não faça isso, você não sabe do que sou capaz.”

— Acontece, querida Patrícia — elevei meu tom de voz —, que você não é minha amiga. Não me relaciono com pessoas de tão

baixo nível. — Olhei com desdém para ela. Não costumava humilhar as pessoas, tinha amigos de todas as classes sociais, mas essa metida merecia um sacolejo para descer do seu mundinho cor-de-rosa. — Fique fora do meu caminho. — Foi minha vez de ameaçá-la. — Não é da sua conta com quem eu almoço ou deixo de almoçar.

Patrícia engoliu em seco com medo das minhas ameaças, mas não recuou.

— Ok, basta você manter as pernas fechadas — ela rebateu cinicamente.

Essa menina realmente era maluca e eu estava pronta para soltar outra resposta à altura, quando o meu dr. Delícia apareceu na porta.

— Bom dia, meninas — ele disse com um sorriso de arrancar calcinhas.

— Bom dia, dr. Ferraz — Patrícia bateu os cílios, soando melosa. Revirei os olhos, pois ela era tão previsível.

— Bom dia! — tentei soar o mais calma possível, mas a irritação pelas palavras daquela garota e a surpresa ao ver Ferraz mais lindo do que nunca devem ter abalado minhas cordas vocais. Com uma cara preocupada, Alexandre perguntou:

— Tudo bem com você, Clara? Parece estranha. — Ele olhava me interrogando. E, Deus, que olhos! Poderia me perder neles novamente.

Ainda de pé na sua frente, eu passei as mãos pelos meus cabelos, tentando me acalmar. Respondi que estava apenas precisando de um café e Alexandre assentiu.

— Tudo certo então — afirmou. — Preciso de você em minha sala, de lá eu peço para Ana nos trazer um café, enquanto discutimos suas anotações de sexta-feira. — Seu olhar sugeria que íamos discutir algo mais além das minhas humildes anotações.

Nem morta eu vou deixar ele me con-stranger aqui. Essa não sou eu.

Concordei com ele e antes de sair fui até minha mesa e peguei meu *tablet* para anotar alguma coisa, caso necessário. Caminhei com um Alexandre muito gostoso na minha frente, o que me dava uma visão privilegiada de seu bumbum. *Delícia! O quê? Eu disse que não voltaria a transar com ele, mas não mencionei nada a respeito de não poder admirar seu belo traseiro.*

Antes de passar pela porta, me lembrei da piriguite. Olhei por cima do ombro e notei uma Patrícia bufando de raiva. Como não sou boba nem nada, joguei um beijinho no ar para provocá-la. Essa, sim, sou eu.

Alexandre seguiu na minha frente. Quando entrei na sua sala, percebi que ele não estava em sua mesa. Olhei ao redor e nada. Confusa me virei para trás ao ouvir o barulho da porta sendo trancada. Antes que

eu pudesse esboçar qualquer reação, Alexandre já estava com a boca na minha, me devorando de uma forma animal. Sua mão foi passeando pelas minhas costas até chegar na cintura. Ele me apertou contra seu corpo e senti seu pau roçando meu quadril. Fui me entregando às carícias maravilhosas daquele homem até que me dei conta de onde estava e com quem estava. Eita, porra! O que está acontecendo aqui?

— Alexandre, você ficou louco? O que está fazendo? — eu perguntei espantada e tentei me afastar.

Alexandre não parava de me tocar e meus esforços para afastá-lo não chegavam a lugar nenhum: o cara era uma parede de músculos.

— Tentando transar com você — disse em um sussurro. — Deus, como eu queria sentir seu gosto de novo. Meu pau está tão duro que no momento em que entrar na boceta

apertada serei capaz de gozar — ele completou, e eu me arrepiei.

Alexandre era uma bagunça de braços e boca. Ele parecia ter mil mãos que me apalpavam em todos os lugares, sua boca distribuía beijos em meu pescoço e eu comecei a sentir um calor insuportável.

— ALEXANDRE MENDES FERRAZ, PARE AGORA! — gritei e fiquei com medo de ter nos denunciado.

Ele me olhou como se não estivesse entendendo nada. Porra! Quem estava perdida nesse momento era eu.

— O que foi, menina? Eu tranquei a porta, ninguém vai entrar aqui — ele falava, enquanto tentava me beijar novamente. Com dificuldade consegui me esquivar e me afastar dele.

— Alexandre, o ponto não é esse. — Fiquei séria. — Aqui é o nosso local de trabalho e devemos respeitá-lo. E mesmo se não

fosse, e estivéssemos em outro lugar, nós combinamos que seria um caso de uma noite apenas — defendi meus argumentos.

Alexandre passou de confuso para desapontado e perdido. Definitivamente ele não estava acostumado a receber muitos “nãos”.

— Eu imaginei que depois da nossa noite incrível, essa combinação tivesse mudado. Nós nos divertimos. Você gostou, eu gostei. Não vejo mal em continuarmos nossa brincadeirinha — ele ainda insistiu.

Meu queixo caiu quando Alexandre sorriu. Ele era lindo, não dava para negar o quanto ele me atraía, mas eu teria que manter minha palavra. O fato de ele ser meu chefe não tinha importância, o problema era o tempo que passaríamos juntos na Ferraz: transar com uma pessoa e vê-la todos os dias poderia confundir um pouco as coisas. E eu não pensava em ir nessa direção novamente.

— Nosso relacionamento será estritamente profissional — comecei e ele arregalou os olhos. — Nossa noite juntos foi espetacular, mas isso — aponteí o dedo para o seu corpo e o meu — nunca mais voltará a acontecer. E eu quero realmente dizer isso, dr. Ferraz.

Alexandre ficou de boca aberta enquanto eu falava. Ele parecia calmo, mas seus olhos azuis faiscavam. Acho que só um galho de ar-ruda me livraria daquele mau-olhado.

— Ok! Mais tarde eu te chamo, pode voltar para sua sala — ele disse com desdém.

Antes de sair eu joguei minha última cartada, não para magoá-lo, apenas como um aviso, para deixar claro com quem ele estava lidando.

— Só para deixar registrado, doutor, aquela foi a melhor noite de sexo que já tive na vida — dei uma piscadinha e saí.

Ferraz

Quando vi aquela menina entrando no meu escritório na sexta-feira, eu sabia que teria problemas para me controlar. Ela tem todos os atributos que me atraem em uma mulher — não só fisicamente: sua personalidade me encantava com cada palavra que saía de sua linda boca. Clara era uma mulher de atitude, percebi isso logo de cara, mas vê-la tão desinibida na cama me deixou louco.

Descarada! Mesmo depois de me deixar na mão, teve a petulância de falar que eu dei a melhor transa da sua vida. Essa menina estava brincando com fogo. Deus só pode estar me castigando!

Tentei me concentrar no trabalho, ainda havia vários processos para rever. Pedi para que Ana me trouxesse um café na esperança de que a cafeína tirasse os pensamentos impertinentes da minha cabeça.

Quando comecei a leitura de um processo de estupro, o mesmo em que Clara havia feito algumas observações, eu me esqueci do resto do mundo. Sempre quis ser advogado e apesar de muitos considerarem que advogado criminalista defende o crime, eu discordava totalmente: o advogado defende a pessoa do acusado e não o crime que ele cometeu. Também tenho uma convicção: todos tinham direito a uma boa defesa.

Nesse caso específico havia muitas contradições entre as testemunhas. Começaria minha defesa por ali, mostrando que onde há fumaça há fogo. Clara soube separar cada um dos pontos que eu poderia rebater no julgamento. Ela realmente era muito competente, será uma excelente operadora do Direito, pois muitos advogados formados ralariam bastante para achar as inconsistências que ela logo de cara percebeu.

Meu ramal tocou no exato momento em que estava encerrando minhas anotações.

— Ferraz — atendi formalmente.

— Dr. Ferraz, o dr. Bruno está aqui na recepção, posso mandar entrar? — Ana perguntou.

Bruno por aqui? Em plena segunda-feira? Estranho, nos encontramos no dia anterior e ele não mencionou que viria ao escritório. Pedi que Ana o mandasse entrar, e, depois de uma batida leve na porta, Bruno já estava caminhando pela minha sala e sentando na minha frente. Ele é pra lá de folgado, mas gosto dele, é um bom amigo.

— Bom dia para você também, Bruno — brinquei, mas ele estava um pouco sério, então comecei a me preocupar.

— Bom dia, Alexandre, quer dizer, quase boa tarde. Estou com fome, vamos almoçar? — Ele tentou disfarçar e eu pressenti alguma encrenca.

— Bruno, não enrola, qual é a encrenca dessa vez? — perguntei de cara, pois ele sempre se metia em problemas. Era um excelente advogado, mas seu fraco para mulheres, principalmente as comprometidas, colocava ele em cada roubada... Só contando com a ajuda divina.

— Você me conhece muito bem, hein, Alexandre? — ele disse levantando o olhar e me encarando.

— Claro! Está escrito “*fiz merda*” na sua testa. — Apontei para a minha testa enfatizando minhas palavras. — Além do fato de você estar no meu escritório em uma segunda-feira de manhã. Bruno, nem o seu escritório vê a sua cara na segunda-feira de manhã — completei.

Bruno se endireitou na cadeira, antes de despejar o que o estava deixando nervoso.

— Alexandre, preciso de um favor profissional do seu escritório. — Fiquei rígido e

cruzei os braços sobre a mesa. Pelo visto o problema era mais sério do que eu pensava.

— Como assim, Bruno? — questionei preocupado.

Bruno me contou que não era nada com ele, e sim com um amigo que precisava de uma consultoria na área trabalhista.

— Sim, estou entendendo, mas qual o problema de você representá-lo? Juridicamente não há impedimento nenhum. — Estava sem entender aonde Bruno queria chegar.

— Alexandre, provavelmente esse processo vai cair na vara do dr. Arthur. — Bruno baixou a cabeça e eu comecei a gargalhar. Não conseguia me controlar, aquilo estava além de mim.

— Alexandre, para de rir, você sabe que o Arthur não vai com a minha cara, se eu representar meu amigo e o processo realmente for parar lá, ele vai se declarar suspeito para

julgar o caso, e isso vai fazer com que o processo demore mais. — Bruno estava certo em seu raciocínio, mas mesmo assim não conseguia parar de rir.

— Não vai com a sua cara? — falei incrédulo, realmente o meu amigo estava perdendo o juízo. — Bruno, você comeu a mulher dele dentro do banheiro da subsede da Ordem dos Advogados, ele a pegou com a boca no seu pau. Você tem sorte de suas bolas ainda fazerem parte do seu corpo — aponte para ele.

A cena do dr. Arthur procurando pelo Bruno em meio a um evento de gala voltava à minha mente e essa não era uma cena legal.

— Alexandre, tente entender. Não foi culpa minha — ele começou a se explicar, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. — Ela me seguiu até o banheiro masculino e lá praticamente me implorou para fodê-la. Cara, eu não podia recusar uma

morena daquela, gostosa demais. Você precisava ver o que ela fazia quando eu...

— Pode parar por aí — cortei ele na hora. — Muita informação, e quanto menos eu me envolver nessa história, mais chances de ficar vivo eu tenho — interrompi. — Bruno, além de amigos, somos colegas de profissão e sempre que você precisar estarei aqui. Mas...

— Sabia que viria um “mas” — ele disse, reprovando minhas palavras.

— Cara, você precisa parar de se meter nessas confusões, parar com essa obsessão por mulheres comprometidas e, principalmente, parar de fodê-las em locais públicos. — Eu tentava pôr juízo em sua cabeça, mas não adiantava.

— Corta essa, Alexandre. Já perdi a conta de quantas vezes vi você ao vivo e a cores comendo alguém em público.

Não queria dar um sermão no Bruno, aliás, não sabia nem por que estava

preocupado com aquilo, então mudei de assunto.

Pedi ao Bruno para enviar o processo para minha estagiária, e depois eu repassaria ao Alberto, nosso advogado responsável pela área trabalhista. Mas assim que ouviu a palavra estagiária, Bruno tossiu e me olhou como se estivesse nascendo um terceiro olho na minha testa.

— Como assim estagiária? Estagiária de estudante? De Direito? De faculdade? — Bruno não falava coisa com coisa. Eu já estava pronto para soltar em cima dele a minha fúria acumulada nesta manhã, mas como meu amigo era inocente, eu me segurei.

— Sim, como todos os estagiários: estudante de Direito que precisa de horas complementares de estágio, relatórios assinados por mim e toda essa merda. — Bruno ainda estava desconfiado, então eu

continuei. — É uma amiga da Priscila e meu pai me enfiou ela goela abaixo. Satisfeito? Agora vamos almoçar? — perguntei já me levantando, com esperança de que ele calasse a boca.

— Só se for agora. Estou com um buraco no estômago. — Ele sorriu passando as mãos pela barriga.

— Isso é porque você come como um bebê dinossauro — brinquei com ele.

Passei pela recepção e avisei a Ana que estava indo almoçar. Bruno contava uma piada sem graça e eu ria mais da sua tentativa de parecer engraçado do que da piada propriamente dita. Quando estávamos chegando, a porta do elevador estava se fechando. Bruno pediu para o ocupante segurá-la. De onde eu estava, podia ver uma mãozinha delicada forçando a porta aberta. Entramos no elevador e, antes de olhar para a dona da mão — óbvio, era a Clara —, eu

notei a cara de cachorro esfomeado do Bruno e posso garantir: não era fome de comida. *Mais um para o fã-clubes dessa maldita.*

— Alexandre, meu amigo, eu deveria vir te visitar mais vezes. — Bruno deu dois tapinhas no meu ombro e seu olhar encarava diretamente a bunda da Clara. Meu sangue ferveu ao ouvir a risadinha cínica de flerte dele.

Usei toda a educação que a minha mãe me deu e apresentei os dois.

— Nova advogada da Ferraz? — Bruno perguntou diretamente para Clara, me ignorando totalmente.

Maldito elevador, dá para ir mais depressa?

— Quem sabe um dia, mas por enquanto sou somente a estagiária do dr. Ferraz — ela respondeu me encarando.

— Estagiária como uma estudante? — Bruno começou tudo de novo e eu não contive minha raiva.

— Merda, Bruno, fecha a porra da boca, já não conversamos lá na minha sala? — eu disse ríspido.

— Ok! Ok! — Bruno levantou as mãos em sinal de rendição. — Eu só estava confirmando.

O elevador chegou ao nosso destino. Eu estava a ponto de ou sufocar a Clara até ela me dizer um “sim, quero que você me foda” ou de mandar um dos meus melhores amigos para o hospital. E, acredite, eu não poderia alegar legítima defesa.

7



Clara

Depois da minha pequena discussão com a minha querida colega de trabalho e de minha conversa definitiva com Alexandre, eu voltei para minha sala. Patrícia estava em sua mesa. Nando ainda não tinha chegado e eu não sabia se conseguiria me controlar com aquela piriguete me encarando. Comecei a analisar um novo processo e horas se passaram enquanto eu estava concentrada na leitura. Mal percebi quando Nando chegou e me cumprimentou com um tom de voz que deixava claro que ele estava com problemas. Perguntei se precisava de ajuda, mas ele desconversou.

— Estou passando por uma situação difícil. Já falei com o dr. Diego e essa semana mudarei um pouco os meus horários para tratar desse assunto — ele disse sem entrar em detalhes.

Fiquei com muita pena do Nando: nem de longe ele se parecia com o cara alegre que eu havia conhecido na sexta-feira.

— Nando, se precisar de alguma coisa, qualquer coisa mesmo, mesmo se for para chutar a bunda de alguém, pode me chamar, estarei aqui.

Ele se acomodou em sua mesa e, antes de ligar o computador, me olhou.

— Gostaria de ver você chutando algumas bundas. — Ele me deu um sorriso mostrando suas covinhas e eu pude ver um resquício do Nando que conheci e gostei logo de cara. Mas tive a impressão de que ele estava enfrentando algo muito sério.

Começamos a trabalhar e Nando me contou sobre uma convenção de que Diego participaria. Fiquei interessada, mas infelizmente acho que Ferraz não iria, pois não comentou nada comigo.

Percebi que estava chegando o horário do almoço e eu precisava encontrar um lugar diferente para ir. Peguei minha bolsa e quando estava quase saindo meu celular tocou. Era o número de um dos ramais do escritório, então atendi pensando que fosse a Ana.

— *Oi, Clara, é o Diego.*

Diego? Será que aconteceu alguma coisa?

— Bom dia, dr. Diego, está tudo bem? — perguntei um pouco preocupada. Ele me ligar no celular me assustou um pouco.

— Sim, estou bem, te liguei porque o Nando acabou de passar por mim e me disse que você estava indo almoçar sozinha. Quer companhia? — Ele fez o convite e eu fiquei pensativa.

Trocar o Ferraz pelo Diego não estava nos meus planos, mas manter um bom relacionamento com ele aqui no escritório não

me faria mal algum. Além do mais, Diego era uma excelente companhia.

Agradei o convite e aceitei. Quando estava dentro do elevador, alguém me pediu para segurar a porta e eu o fiz.

Assim que a dupla dinâmica entrou, eu senti todo o ar do elevador sumir. Afinal, esse escritório era o que exatamente? Uma agência de homens gostosos? Fala sério! Isso não fazia bem para a sanidade mental de nenhuma mulher.

Alexandre me apresentou ao seu amigo e também companheiro de trabalho dr. Bruno e trocamos algumas palavras enquanto o elevador descia. Resumindo: Bruno flertou comigo. Alexandre não gostou. E eu pouco me importei.

Quando o elevador chegou no térreo, Diego caminhou em nossa direção e apertou a mão do Bruno.

— E aí, Bruno, o que faz por aqui? — ele se dirigiu ao amigo do irmão e eu pude notar a intimidade entre os dois.

— Vim pedir um favor ao Alexandre e estamos indo almoçar, você vai com a gente?

Diego recusou o convite um pouco constrangido.

— Na verdade, eu e Clara havíamos combinado de almoçar. Mas vamos marcar para uma próxima. — Ele se explicou.

O descontentamento de Alexandre era nítido, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Uma noite era uma noite e nós já tínhamos aproveitado a nossa.

Fiquei com um pouquinho de medo dele, mas logo Diego me guiou até a porta segurando meu cotovelo e eu esqueci completamente a tensão que se instalara entre mim e Alexandre.

O restaurante era muito agradável e descontraído, mas, com certeza, não era um local frequentado por estagiários.

— Muito bom esse lugar, Diego. Ótima escolha! — elogiei educadamente.

— Obrigado. Clara, você começou recentemente no escritório, mas eu sinto que nós vamos nos dar muito bem. — Diego não parecia estar com segundas intenções, pois ele era sempre tão carinhoso e educado. Mas como flertava constantemente comigo, era um pouco difícil decidir se ele estava falando como amigo ou tentando algo mais.

— Eu também acho, na verdade todos no escritório me receberam de braços abertos, você e seu irmão sabem como escolher os seus colaboradores. — Tentei generalizar para desviar o assunto de Diego para todos do escritório.

— A respeito disso, Nando é uma excelente pessoa, apesar de estar passando por

alguns problemas sérios, mas a Patrícia pode ser um pouco... — ele tentou achar a palavra certa antes de continuar — digamos um pouco difícil de digerir.

Agradei internamente por não ser a única a perceber o veneno daquela cobra.

Durante o almoço, Diego me explicou que Patrícia era sua estagiária, mas como ela começou a dar em cima dele, ele a trocou de advogado. Assim fiquei sabendo sobre a política de não confraternização na empresa, que proibia o advogado de se relacionar com o seu estagiário.

— Obrigada pelo esclarecimento, Diego, mas já deixei bem claro para Patrícia que eu não sou garota de levar desaforo para casa. — Agradei após ouvir os conselhos dele.

— Verdade, eu me esqueci que você era a garota do Lobo Mau. — Ele sorriu lembrando da nossa conversa no outro dia.

Mudamos de assunto e continuamos o nosso almoço. Evitei comer peixe, algo no meu sexto sentido me alertava sobre um certo olhar me agourando.

Diego me convidou para um café e eu aceitei. Achei uma graça ele se lembrar que eu gostava de um cafezinho depois do almoço.

Quando terminamos, seguimos para o escritório. Enquanto caminhávamos senti Diego um pouco distante, como se estivesse nervoso.

— Clara, eu queria te fazer um convite. — Fiz uma cara de espanto e ele emendou. — Na verdade, antes que sua cabecinha comece a pensar besteira, o meu convite é totalmente profissional.

Fiquei aliviada com sua resposta, embora a vergonha tivesse feito o meu rosto corar. Eu imaginei que ele me chamaria para sair, mas Diego não tinha essa intenção.

— Tenho um congresso fora da cidade esta semana e como Nando não poderá me acompanhar, queria saber se gostaria de ir comigo. — Fiquei pensativa com aquele convite. Um congresso? Fora da cidade? Com Diego?

Alexandre não gostaria nadinha dessa história, mas foda-se, eu estava aqui para trabalhar e aprender e não para servir de bonequinha nas mãos dele.

— Eu adoraria, Diego, mas o dr. Alexandre não irá também? Preciso de autorização para me ausentar do escritório. — Eu quis saber sobre os detalhes.

— Não, o Alexandre não vai participar desta vez, o congresso é sobre Direito Internacional e deste assunto meu irmão já entende muito bem. Em relação à autorização, pode deixar, tenho certeza de que ele não irá se importar — Diego disse e tudo pareceu

muito fácil. *Melhor você não confiar tanto assim, dr. Diego.*

Chegamos ao escritório e fui direto para o banheiro escovar os dentes. Quando cheguei à minha mesa, a Ana apareceu na porta.

— Clara, dr. Ferraz precisa de você na sala dele agora — ela me chamou nervosa e eu peguei o meu *tablet*, me levantei rapidamente e fui andando atrás dela.

— Clara, preciso te alertar que o dr. Ferraz está cuspidando fogo. Quando ele saiu para o almoço com o dr. Bruno, estava agindo normalmente, mas agora voltou querendo comer o rabo de alguém. — Ana levou a mão à boca por ter dito um palavrão.

— Relaxa, Ana, eu também xingo como um marinheiro e sei o quanto às vezes é difícil se segurar. — Tentei não deixá-la constrangida por algo tão comum.

Saber que Alexandre voltou irritado me deixou inquieta, pois eu sabia que o motivo dessa raiva toda era o meu almoço com o Diego. Na verdade, sua raiva deve estar acumulada desde de manhã. Ana estava certa, ele queria comer um rabo. O problema era: ele queria o meu rabo. Bati na porta e esperei a autorização para entrar. Vê-lo tão imponente com ar de superioridade atrás daquela mesa me deixou ao mesmo tempo irritada por seu comportamento arrogante e excitada por saber que ele também era assim durante o sexo.

— Mandou me chamar, dr. Ferraz?

— Posso saber que porra está acontecendo entre você e o Diego?

Ferraz

Eu não podia acreditar. Ver Diego segurando o braço de Clara e saindo do prédio me deixou furioso. Não sei como consegui sobreviver ao almoço com o Bruno sem explodir. Voltei para o escritório o mais rápido possível, passei pela recepção e deixei um recado para Clara. Eu a queria na minha sala assim que chegasse do seu almoço com meu irmãozinho. Encontraria um jeito de manter Diego longe dela. Aguardei impientemente por quase vinte minutos até ouvir uma batida na porta: era ela.

— Mandou me chamar dr. Ferraz? — ela perguntou com a cara mais cínica do mundo.

— Posso saber que porra está acontecendo entre você e o Diego? — cuspi sem me importar com meu tom de voz.

Eu não consegui me segurar. Clara levou um susto com minha voz autoritária, mas

estufou ainda mais aqueles peitos incríveis e não se abalou pela minha fúria.

— O quê? — ela retrucou com as mãos na cintura e me olhando por cima.

— Não se faça de desentendida. Eu quero saber que história é essa de você sair sozinha com o Diego para almoçar — comecei a falar em um tom mais alto, quase gritando.

— Você ficou maluco? Desde quando se acha no direito de me perguntar isso? Por acaso os funcionários dessa empresa não podem ter uma relação amigável? — Ela me questionava e eu estava cada vez mais furioso. Não acredito! Essa cretina jogando essa conversinha para cima de mim.

— Menina, Diego pode desejar muita coisa, menos ser seu amigo — falei sorrindo sarcasticamente.

Clara me lançou um olhar furioso. Eu sabia que estava passando dos limites, mas não conseguia me conter, todos os

acontecimentos daquela manhã voltavam como flashes fazendo minha raiva aumentar. Clara conseguiu me irritar mais em um dia do que todas as mulheres que já tive me irritaram em toda a minha vida.

— Olha aqui, Alexandre — ela balançou o dedo em minha direção —, deixei bem claro para você hoje de manhã que não teríamos mais nenhum tipo de relação a não ser profissional. E, como continuo sendo a sua estagiária, não vejo problemas em sair para almoçar com o Diego. — Seus olhos estavam semicerrados.

— O que está dizendo? — perguntei sem entender.

— Estou dizendo que você simplesmente deixou de mencionar que existe uma merda de regra que proíbe que os advogados se relacionem. — Ela me acusou, e eu me encolhi.

Droga! Ela estava certa. Sua recusa em transar comigo essa manhã me atingiu em cheio, mas não desisto tão fácil. Só acho que deveria mudar um pouco minha estratégia: essa história de homem das cavernas não parecia estar dando certo.

— Desculpa, deveria ter colocado você a par da situação — tentei soar mais calmo. — Eu me lembro das suas palavras e o que aconteceu aqui hoje de manhã, mas, em consideração ao que tivemos, peço para não se envolver com Diego — falei gentilmente, já mudando de tática.

Clara arregalou ainda mais os olhos, como se não estivesse acreditando. No mesmo momento em que as palavras saíam da minha boca, tive certeza: falei merda.

— Quem você acha que eu sou, Alexandre? Uma vagabunda qualquer? — ela gritou alterada.

Clara estava furiosa. Seu semblante era de pura raiva e mesmo passando por um momento não muito agradável, não pude deixar de perceber o quanto ela era linda quando estava brava.

— Sabe o que vocês homens merecem? Uma mulher sonsa e sem graça na cama — ela começou a jogar as palavras no ar e eu tentei interrompê-la.

— Não... — tentei dizer algo a meu favor, mas ela me cortou.

— Vocês homens são tão babacas — ela continuou me agredindo verbalmente. — Vivem dizendo que as mulheres devem ser mais ativas, experientes, tomar mais a iniciativa e, quando acham uma garota que realmente sabe apreciar um bom sexo, desinibida, sem medo ou vergonha de dar e receber prazer, vocês todos agem da mesma maneira. Nos tratam como vadias. — Quando terminou, ela estava sem fôlego e eu de boca aberta.

— Não quis dizer isso, Clara. — Estava ficando desesperado para que ela entendesse. Eu a queria comigo e não com Diego ou com qualquer outro filho da puta.

— Não disse, mas pensou. Pensou que eu transaria com você na sexta-feira e treparia com seu irmão na segunda? — Sua voz ríspida não lembrava em nada a Clara que eu havia conhecido.

Eu tentei balbuciar algumas palavras. Mas aquela menina me deixou mudo. Não quis soar como um canalha, mas, por mais que ela tenha exagerado um pouco, eu confesso: imaginei exatamente isso, ela me trocando por meu irmão.

— Agora, se o senhor não se importar, eu vou para casa um pouco mais cedo, não tenho cabeça para ficar neste escritório. E se não me quiser mais como sua estagiária, me avise, pois realmente preciso procurar outro lugar para estagiar.

Enquanto eu ainda tentava recuperar meu fôlego e analisava a paulada de verdades que ouvi de uma única pessoa, Clara bateu a porta e saiu. Pensei em segui-la, mas nervosa como ela estava, poderíamos fazer um escândalo nos corredores da Ferraz e isso seria inadmissível. Eu ainda sou o chefe do escritório e devo manter a postura diante dos meus funcionários.

Nas quatro horas seguintes, participei de reuniões internas e entrevistei algumas testemunhas que usaria em uma ação. Já era fim do dia e eu estava me preparando para sair, quando Diego entrou pela porta. Dei graças a Deus por já estar mais calmo; do contrário, eu seria capaz de arrancar a cabeça do meu irmão.

— Mano, posso falar com você? — Diego perguntou e eu mostrei a cadeira à minha frente para ele se sentar.

— Senta aí, Diego, vou demorar um pouco ainda. Precisa de alguma coisa? — perguntei e voltei minha atenção para a tela do computador.

— Clara! — Uma única palavra fez meu cérebro congelar.

Todos os meus músculos endureceram com aquele pedido. Ele só podia estar brincando comigo. Eu queria dar um soco bem no meio da cara dele. Diego continuou falando e me pediu para liberar Clara para acompanhá-lo em um congresso de que ele participaria. Diego já havia me avisado que Nando não poderia ir, então pensou em levar Clara.

Diego + Clara + fora da cidade + sozinhos = nem passando por cima do meu cadáver.

— Não! — Foi minha única resposta.

— Humm? — Diego pareceu não escutar.

— Eu disse “não”! — respondi novamente sem deixar dúvidas. — Sexta-feira vou para o Tribunal do Júri e Clara vai me acompanhar — inventei aquela desculpa de última hora.

Diego não se deu por vencido e continuou tentando me convencer a liberar minha estagiária para viajar com ele.

— Diego, não insista. Ela não vai — dei minha resposta final.

Por mais que minha relação com meu irmão fosse de companheirismo, ele sempre respeitou minhas decisões, nunca as questionou e sempre me obedecia quando necessário. Ele sabia que eu era uma pessoa muito coerente e sempre pensava várias vezes antes de tomar alguma decisão.

Mas a partir do momento em que Clara entrou por aquela porta, eu comecei a pensar com a cabeça de baixo. E isso não era bom.

— Tudo bem, mano, fica para uma próxima então, vou avisar a Clara — ele disse cabisbaixo.

Diego saiu da minha sala contrariado. Mas infelizmente eu não poderia fazer nada pelo meu irmãozinho daquela vez. Sempre tentei lutar suas batalhas. Ele e a Prí são tudo o que há de melhor em minha vida. Mataria e morreria pelos meus irmãos, mas não poderia deixar que ele tivesse a chance de se aproximar da Clara. Sozinhos, em outra cidade, tudo poderia acontecer, era uma oportunidade e tanto para Diego conquistá-la. Eu tinha plena consciência de que meu irmão era um dos melhores homens que já conheci, e assim como eu, ele sempre teve a mulher que quis sem fazer muito esforço. Clara poderia não resistir a ele.

Do escritório fui direto para a academia. Todos os dias, de segunda a sexta, eu treinava *muay thai* perto de casa. Um esporte

relaxante que exige disciplina e concentração, mas principalmente proporcionava a liberação do estresse do dia a dia, além de manter meu corpo em forma. Assim que pisei no tatame eu fiz de tudo para esquecer completamente toda a merda fodida do meu dia. Clara estava tirando meu juízo, mas nunca fui homem de levar desaforo para casa. Se ela estava achando que poderia fazer de mim gato e sapato, ela não conhecia Alexandre Mendes Ferraz. E eu lhe mostraria com prazer os meus lados mais ocultos.

— Jab, Ferraz! — meu técnico gritou. Foi preciso um único vacilo para ganhar um olho roxo.

Tinha levado bem a luta até machucar o olho.

— Droga, Paulinho. Preciso dos meus olhos para trabalhar. — Não choraria feito uma menina, mas, droga, doeu pra cacete!

— Ferraz, eu disse jab, e você mandou um direto, onde está sua cabeça? Na lua? — ele chamou minha atenção.

Meu técnico foi campeão de *muay thai* há alguns anos, mas após se envolver com drogas perdeu a chance de progredir no esporte. Felizmente ele estava recuperado e, hoje, além de dar aulas dessa modalidade de luta, ele descobre novos talentos para o UFC. Sua vontade de repassar a experiência de vida era tanta que criou um projeto para crianças e jovens carentes. Além de ser um grande fã da iniciativa admirável de Paulinho, também contribuo financeiramente para ajudá-lo a manter o projeto.

— Minha cabeça está no lugar de sempre. Você não teve nenhum problema para achá-la — murmurei ainda passando a luva no lugar da pancada.

— Ferraz, sua cabeça pode estar aí, mas sua mente está voando longe. E eu juro pelos

céus que se você me disser que está distraído assim por causa de uma mulher, além de te deixar de olho roxo, eu vou te castrar e servir suas bolas na lanchonete — Paulinho disse divertido e eu sorri junto com ele. — Droga, cara, desde quando você deixa uma mulher mexer com sua cabeça? — ele perguntou e eu não soube responder, pois, pensando bem, isso nunca havia acontecido.

Paulinho tirou sarro de mim, e eu percebi que estava ficando mole mesmo, viu? Até meu técnico estava tirando onda com a minha cara.

— Concentração, Ferraz. Jab, direto, cruzado, vamos lá, sem moleza! — Começou a fazer os movimentos e eu o acompanhei.

Nas duas horas seguintes, minha concentração foi de 100%. No final, juntei minhas mãos em sinal de oração e me curvei, inclinando meu corpo para a frente, em direção ao meu mestre, em sinal de respeito

pela arte marcial. Nos despedimos, recolhi minhas luvas e caneleiras e fui embora.

Em casa, enquanto descongelava no micro-ondas o jantar que minha empregada tinha deixado pronto, chequei as ligações no meu celular. Duas chamadas não atendidas: um número desconhecido e o meu pai. Retornei a ligação para o meu velho e ele me informou o horário em que ele e minha mãe chegariam no aeroporto. Depois de muita discussão, o convenci a me deixar buscá-los, mesmo sendo de madrugada. Meu pai era cabeça-dura às vezes e eu puxei isso dele. Nos despedimos e eu verifiquei a outra ligação, mas como não reconheci o número, ignorei. Se fosse importante, me ligaria de novo.

8



Clara

Saí do escritório soltando fogo pelas ventas. Filho da puta, quem ele pensava que era para falar comigo daquela maneira? Não me conformava com a revolta do Alexandre por um simples almoço. Peguei o meu telefone e disquei o número da minha amiga. Assim que Laís atendeu, eu perguntei se ela estava em casa. Passei em uma mercearia que ficava no caminho e comprei um pote de *Häagen-Dazs*, nosso sorvete preferido. Meia hora depois estava batendo na porta do apartamento dela. Vestida com um short jeans e regata, ela era linda até com roupa de ficar em casa. Levantei o pote de sorvete e Laís entendeu tudo.

— UOU! Temos um nível 2 aqui. — Não disse que ela sacou?

Fui entrando pela sala e me joguei no sofá. Minha amiga e eu tínhamos classificado nossos aborrecimentos diários em níveis.

Nível 3 — NÃO MEXA COMIGO! Nesse nível estão compreendidos pequenos aborrecimentos do dia a dia. Para resolver as questões desse nível, uma barra de chocolate e um filme qualquer do Channing Tatum.

Nível 2 — TENHO UMA FACA, NÃO SE APROXIME! Nesse nível intermediário estão incluídos: maldita TPM, sexo sem orgasmo, livros com continuações ainda não lançadas, trânsito caótico com motorista sem educação buzinando sem parar e (por que não acrescentar?) a discussão com o dr. Ferraz. Nesse nível, o recomendado é sorvete *Häagen-Dazs* e filme de ação com o Vin “Gostoso” Diesel.

Nível 1 — SANGUE NOS OLHOS! Em situações de nível máximo, devemos mostrar logo de cara que estamos além dos nossos

limites, com vontade de arrancar a cabeça do primeiro ser vivente que aparecer.

Na verdade, pouquíssimas vezes chegamos a esse estado extremo. A última aconteceu no aniversário do falecido — porém vivo — namorado da Laís. Depois de passar a tarde inteira organizando uma comemoração para o desgraçado, Laís percebeu que ele sumiu em sua própria festa, enquanto ela recebia os convidados no lugar dele. O FILHO DA PUTA estava comendo a própria prima dentro do banheiro da empregada. Maldito! Até hoje sentia vontade de arrancar sua cabeça e enfiá-la no seu... Deixa para lá. Somente uma coisa nos ajudava a sobreviver quando chegávamos ao nível 1: noitada regada a muita tequila.

Laís colocou o DVD de *Velozes e Furiosos*, buscou duas colheres, sentou no sofá e começamos a comer o sorvete direto no pote.

— Desembucha, Clarinha — ela disse enquanto levava a colher à boca.

— Problemas com o supervisor do meu estágio. Ele é um cara prepotente, arrogante, egoísta, convencido e filho da puta — soltei tudo em uma frase só. Alexandre me tirou do sério.

— Clarinha, aquele dia que fomos ao cinema ficamos tão vidradas no Henry. Eu acabei nem te perguntando do seu estágio. É tão ruim assim? Ele é feio ou velho? — ela perguntou preocupada.

Pensei se era seguro comentar pelo menos da aparência do Ferraz com a Laís. Fiquei um pouco relutante, mas naquele momento, eu meio que deixei rolar. Precisava desabafar.

— Feio? Lindinha... imagina os olhos do Matt Bomer, o corpo do Henry Cavill e o cabelo do Ian Somerhalder. Imaginou? Então, o Ferraz é mais ou menos isso tudo aí. — Fiz

uma mistura dos homens mais lindos do mundo para explicar o que sentia quando via o Alexandre.

Laís engasgou e começou a me olhar como se eu fosse uma idiota.

— Amiga, me desculpa, mas fala sério, depois dessa descrição, esse homem definitivamente não soa como problema. Na minha opinião, seria mais como solução, a não ser que... Merda, Clara, você já transou com ele? — alterou o tom de voz nas últimas palavras e eu fiquei sem reação.

— Naná? — Aêêêêê, Dudu, ótimo timing, meu pequenino. O irmãozinho da Laís acordou e estava caminhando sonolento em nossa direção quando me viu e abriu os bracinhos com um sorrisinho meigo.

— Lalá. — Eu o peguei no colo e baguncei o seu cabelo.

— Como vai o meu príncipe? — perguntei, tentando ignorar os olhares da Laís. Mas

definitivamente aquele assunto não seria tão facilmente esquecido por ela.

Eu e a minha língua de trapo.

— Sovete. — Dudu apontava para o pote e eu emprestei a minha colher para que ele pudesse saborear aquela maravilha.

— Vou colocar um DVD infantil pela milésima vez e tratem de acabar com esse sorvete para que possamos esconder as provas do crime da mamãe — Laís acabou nos acobertando. — Clarinha, dorme aqui hoje? Metade do seu guarda-roupa está no meu quarto mesmo. — Aceitei o convite, pois não estava mesmo a fim de ficar sozinha em casa.

— Você sabe, não vou te pressionar a falar nada, mas se quiser contar o que está acontecendo, eu estou aqui, sempre. — Minha amiga estava preocupada comigo e eu me senti culpada por mentir para ela daquela forma. Mas como disse, Laís é a melhor

pessoa do mundo exceto quando está bêbada. E agora que eu estava ciente da regra sobre não confraternização entre estagiário e supervisor, não poderia arriscar meu estágio e muito menos a carreira do Alexandre.

— Obrigada, amiga, sei que sempre posso contar com você, mas acredite em mim, não está acontecendo nada entre mim e o Ferraz — expliquei e ela assentiu sem me questionar.

Não deixava de ser uma verdade. Depois de hoje, eu duvido que ele fosse querer alguma coisa comigo novamente. Mesmo sabendo que fiz o certo, eu não me sentia como a vencedora daquela discussão.

Provavelmente perderei mais do que eu acreditava que tinha.

Ferraz

Fiquei quase a noite toda pensando em como conseguiria trazer a Clara para minha cama novamente. Bater de frente com ela não estava sendo a maneira mais eficaz, mas porra! Eu sou um advogado, o que eu faço de melhor é descobrir brechas e aproveitá-las. Já sabia que Clara era explosiva, independente e de personalidade livre. Precisava encontrar uma forma de trazê-la para mim. Pensei em algumas táticas e elaborei um plano. Cheguei ao escritório no horário de sempre e Ana já estava no seu posto. Muito bonita, mas também muito bem-casada, fora dos limites de qualquer pessoa que frequentava sua recepção. Cumprimentei-a e segui para minha sala. Meu dia iria ser estressante novamente.

Após escutar uma batida na porta, eu presumi que fosse a Ana e autorizei sua entrada. Ela trazia uma xícara de café.

— Ana, você sabe que servir cafezinho não é uma de suas funções, por isso contratei a Sandra para cuidar da copa — eu a repreendi.

Ela colocou a xícara sobre a mesa e me sorriu gentilmente.

— Eu sei, dr. Ferraz. Eu não fiz o café, só trouxe aqui na sala para aproveitar e lhe transmitir um recado do dr. Diego — ela começou. — Ele precisou adiantar sua viagem para o congresso e me pediu que lhe avisasse. Ele tentou seu celular e não obteve sucesso.

— Me esqueci de colocar para carregar, vou ligar para ele agora.

Agradei e Ana assentiu, saindo da sala. Peguei meu celular e digitei o número do Diego.

— Oi, mano, enfim se lembrou de usar o celular. O que foi? Está ficando tão caduco que nem sabe mais como usar o telefone? — Diego estava com as piadinhas afiadas hoje.

— Vai à merda, Diego! Por que antecipou a viagem? Você não pegaria o avião só amanhã?

Diego explicou que desistiu de viajar de avião para aproveitar a estrada dirigindo.

— Tudo bem, menos mal que não foi um motivo grave. Mas, Diego, pelo amor de Deus, tome cuidado com a estrada, não beba e use sempre o cinto de segurança — eu disse como se ele fosse um adolescente.

Diego começou a dar risada do meu sermão, mas eu não pude evitar. Eu amava o meu irmão.

— Sim, senhor comandante — respondeu do seu jeito brincalhão.

Diego sempre esteve debaixo das minhas asas, mesmo querendo furar meu olho em

relação à Clara. Mas eu entendo que, em primeiro lugar, eu não pretendo ter um relacionamento de longo prazo com ela e, em segundo, Diego não fazia a menor ideia do que tinha acontecido dentro do escritório do John. E eu prometi a Clara que não contaria.

— Até sábado! — me despedi dele.

— Até, mano! Cuida da Clara até eu voltar. — Tun... Tun...Tun... A ligação caiu.

Quando estou tentando ser um bom irmão, amoroso, carinhoso, ele me vem com essa. Está pedindo para que eu esqueça tudo o que pensei há alguns minutos e parta a cara dele. Olhava para o celular ainda incrédulo quando o meu ramal tocou.

— Dr. Ferraz, o Fernando está aqui e precisa falar com o senhor — Ana me informou.

O Nando era um dos caras mais gente boa que eu conhecia, supertranquilo, sempre na dele e muito competente. Nunca, em todos os meses em que ele esteve auxiliando

Diego, eu ouvi uma crítica a seu respeito, inclusive estávamos seriamente pensando em lhe dar uma vaga aqui no escritório quando se formasse e obtivesse o registro da Ordem dos Advogados do Brasil. Ele merecia.

— Bom dia, dr. Ferraz. — Só de ouvir a sua voz, percebi que viria bomba. Que dia!

Apontei a cadeira da frente e pedi para sentar-se.

— Bom dia! Algum problema com os clientes do Diego? — Meu irmão nunca viajaria sem deixar tudo 100% resolvido, mas o Nando estava muito sério e me deixou preocupado.

— Não, dr. Ferraz. Dr. Diego deixou tudo em ordem antes de viajar. Se me permitir, eu queria conversar um assunto particular com o senhor.

É, a bomba seria grande!

— Claro, Nando. Estou à sua disposição. Se estiver ao meu alcance, eu resolvo, se não,

podemos esperar o Diego voltar — comecei dizendo, mas antes de terminar ele soltou o problema.

— Dr. Ferraz, eu quero o meu desligamento do escritório. Não posso mais estagiar aqui — ele disse com a voz embargada pela tristeza.

Não disse que a bomba era grande? Fiquei surpreso, pois em nenhum momento ele tinha demonstrado qualquer descontentamento em relação ao escritório.

— Nando, me desculpa, mas estou meio perdido aqui, o que aconteceu? Você encontrou estágio em um escritório melhor, foi isso? — Achava difícil ter um estágio melhor que o nosso, mas era a única explicação.

Nando ficou agitado e seu olhar transmitia medo ou vergonha, não sabia definir muito bem.

— Não, dr. Ferraz, mesmo porque isso seria impossível. A Ferraz é a melhor firma

de advocacia do estado e uma das melhores do país. Estou aprendendo muito com todos vocês e, principalmente, com o dr. Diego. Esses ensinamentos eu vou carregar para sempre comigo. Aqui eu aprendi não só a prática jurídica, mas também a prática de muitos valores humanos — disse orgulhoso, me deixando ainda mais confuso.

Inclinei meu corpo para a frente a fim de encará-lo e Nando desviou o olhar.

— Nando, se você realmente sente tudo isso por todos aqui na Ferraz, e eu posso garantir que a recíproca é verdadeira, não vejo motivos para você se afastar do seu estágio. — Apontei para ele e fiquei aguardando um bom argumento que me fizesse mudar de ideia.

Nando se mexeu muito na cadeira, visivelmente desconfortável, e então eu pude notar, além da palidez, manchas vermelhas por toda a extensão de suas mãos,

antebraços e sabe Deus até onde, porque a camisa dele estava escondendo quase todos os arranhões.

— Nando, pelo amor de Deus, me diz o que está acontecendo. Você está todo machucado. Quem fez isso com você? — perguntei me levantando.

Nando abaixou a cabeça e pensei realmente que ele fosse chorar, mas então ele tomou fôlego e começou a contar uma história que me deixou de estômago embrulhado.

— Dr. Ferraz, não sei se o senhor sabe, mas eu sou homossexual — ele disse com uma expressão de culpa, e eu sentei novamente para escutá-lo.

— Nando, a sua opção ou condição sexual nunca interferiu no seu trabalho, isso não me importa, basta continuar sendo o cara esforçado que você sempre foi. — Eu deixei bem claro. Então, a possibilidade de que

pudesse estar sendo discriminado dentro da minha própria empresa se abateu sobre mim. Fiquei possesso. — Você está sofrendo preconceito aqui no escritório? Se for, me dê nomes agora, pois eles vão conhecer o caminho da rua no mesmo momento em que eu chutar suas bundas. — Não admitia discriminação de qualquer tipo: era muito rígido em relação a esse tema.

Nando explicou que se sentia muito bem no escritório. Ele suspirou fundo novamente, eu sabia que estava sendo difícil e daria o tempo necessário para ele falar.

— Como eu disse, dr. Ferraz, eu aceitei minha condição de homossexual já há alguns anos. Nunca tive vergonha da minha escolha, mas também sei que não preciso espalhar aos quatro cantos a minha diferença em relação aos padrões “normais” — ele fez aspas no ar com os dedos. — Exceto minha mãe, ninguém da minha família sabia dessa minha

condição. Quer dizer, eles fingiam não saber, pois as evidências estavam todas ali. Meu pai fez a grande descoberta e não lidou muito bem com o fato de seu filho estar se relacionando com outro homem. Ele me espancou, me expulsou de casa e cortou o pagamento da minha faculdade — ele explicou, e a raiva se apoderou de mim.

Eu estava atento a cada palavra dita por Nando e via a dor e a tristeza passando pelo seu rosto.

— Não estou de maneira alguma reclamando, mas a minha bolsa aqui na Ferraz não é suficiente para me sustentar e bancar meus estudos. Eu tentei de todas as formas uma ajuda da faculdade para concluir meu curso, mas eles me negaram. É por isso que estou aqui, dr. Ferraz, preciso trancar a minha faculdade sem previsão para voltar. — Seu tom de voz baixo refletia a tristeza.

Não levei nem um minuto para tomar uma decisão. Não deixaria um filho da puta homofóbico acabar com as esperanças de um jovem promissor como o Nando.

— Não! — respondi encarando ele.

Nando arregalou os olhos, provavelmente sem entender o porquê da minha negativa, e então continuei.

— Nando, você não vai sair da Ferraz e muito menos da faculdade. Eu cansei de ouvir o Diego dizer o quão competente você é. E ele tem muitas expectativas a seu respeito. Juridicamente, se você precisar da Ferraz para processar o seu pai, eu vou fazer questão de pegar esse caso. E, além disso, eu preciso te perguntar: seu salário hoje na Ferraz é suficiente para você se sustentar? — Queria todos os detalhes para poder ajudá-lo da melhor forma possível.

— Sim, a bolsa da Ferraz é bem generosa, mas infelizmente eu não poderia pagar um

aluguel para morar sozinho sem depender dos meus pais — disse meio hesitante. — E, Ferraz, sem a matrícula da faculdade eu não posso continuar como estagiário, e eu ainda não tenho registro para trabalhar. — Ele ainda estava preocupado e eu tratei de esclarecer tudo.

— Nando, não se preocupe. Me traga todos os boletos da sua faculdade com pagamento atrasado e os que ainda vencerão, bem como toda a lista de livros necessários para seus estudos. Vamos fazer um trato: eu cubro todas as suas despesas até o curso terminar e quando você se formar, você presta serviços para a Ferraz por um tempo como pagamento. Combinado? — propus e Nando abriu um sorriso de felicidade, mas principalmente de alívio.

Faça o bem e ele virá em dobro! Pude até ouvir meu pai sussurrando aquelas palavras no meu ouvido.

Nando se levantou, eu fiz o mesmo e ele apertou a minha mão. Sem acreditar no que estava acontecendo, começou a me agradecer e a falar sobre sua paixão em exercer Direito. E disso eu não duvidava.

— Nando, não me agradeça. Agradeça ao Diego, ele sempre me falou muito bem de você. E continue se esforçando. — Não podia deixar de incentivá-lo.

Nando já estava saindo pela porta quando eu o chamei.

— Nando, pense bem, o que o seu pai fez é crime, mas é você quem deve tomar essa decisão. — Ainda estava enojado ao ver as marcas no corpo dele.

— Vou pensar nisso, dr. Ferraz — ele respondeu, e eu duvidava muito de que ele fosse tomar uma atitude. Era muito comum isso acontecer.

— E, Nando... — Ele me olhou confuso, mas esperançoso. — Quem está perdendo é o seu pai. Lembre-se disso.

Ele assentiu e foi embora. Muito tempo depois da minha conversa com Nando, eu ainda pensava naquele assunto. Esse homem não merecia ser pai e, principalmente, não merecia o filho esforçado, dedicado e competente que tinha.

Eu precisava fazer mais alguma coisa, então me lembrei da Cristina, uma grande amiga e também psicóloga. Pedi para Ana marcar uma reunião com ela ainda naquela semana.

Quase onze horas e eu tinha passado a manhã inteira resolvendo pepino. Nem me lembrei da conversa que queria ter com a Clara.

— Ana, conseguiu marcar o horário? — liguei novamente para a recepção.

— Sim, dr. Ferraz, a dra. Cristina poderá comparecer ao escritório sexta-feira. Como o senhor tem uma audiência de manhã, marquei para o fim da tarde.

Ainda era terça-feira, mas antes tarde do que nunca. Trabalhei com vários casos semelhantes ao do Nando e eu sabia que, além de fisicamente machucado, seu psicológico poderia ser abalado de maneira irreversível. Não deixaria isso acontecer, pediria a ajuda da Cris e daria todo o apoio necessário.

— A Clara já chegou? — perguntei à minha secretária.

— Sim, doutor. Tem algum recado para ela?

Fiquei pensativo, mas já estava na hora de ter aquela conversa.

— Peça para ela vir até minha sala. — Pedi e desliguei o telefone aguardando o combate.

Repassei aquela conversa em minha cabeça mil vezes. Eu queria Clara na minha cama. Ela era uma amante estupenda, mas para isso acontecer, eu deveria ganhar a confiança dela. Um pedido de desculpas era um bom começo para logo estar novamente entre suas pernas.

Não diz o ditado que todo advogado vai para o inferno? Então, estou fazendo a minha parte.

9



Clara

A noite na casa de Laís foi muito agradável. Minha relação com sua família era ótima e como sempre sua mãe me tratou como uma filha. Acordei um pouco mais tarde, não queria chegar muito cedo na Ferraz, então, me limitei a cumprir o horário estabelecido. Acho que mesmo inconscientemente estava tentando adiar aquela conversa. Quando me peguei pensando nisso me assustei, nunca fui mulher de correr de problema, mesmo que o problema fosse a encarnação da beleza e possuísse dois lagos azuis hipnotizantes no lugar dos olhos.

Diego me ligou avisando que Alexandre não havia me liberado para ir ao congresso. Não fiquei surpresa, pois não tinha dúvidas de que Ferraz recusaria.

Cheguei ao escritório pontualmente e antes de entrar em minha sala, dei uma

espiada para ver se o projeto de Barbie já tinha chegado. Eu não estava nos meus melhores dias para lidar com a Patrícia.

Avistei somente o Nando em sua mesa e ele parecia bem mais tranquilo que no dia anterior, possivelmente por ter resolvido o seu problema.

— Bom dia, viu um passarinho verde hoje? — Nando levantou da mesa e caminhou rapidamente em minha direção. Pegou-me pela cintura, me dando um susto, e quando percebi ele estava me girando no ar e beijando meu rosto. Me colocou no chão antes de começar a falar.

— Passarinho verde, não, mas um gavião de olhos perigosamente azuis fez meu dia... — Ele parou para pensar um pouco. — Meu dia, não, fez minha vida muito mais feliz.

Sentei atrás da minha mesa ainda me perguntando qual seria o motivo de tanta alegria.

— Do que você está falando, Nando? Desembucha. Adoro boas novidades. — Bati palmas, empolgada.

Ele ficou um pouco mais sério, mas sem deixar de transparecer toda a sua alegria.

— Clara, eu quase não tenho amigos e realmente eu gostei muito de você desde que coloquei os olhos nesse seu sorriso perfeito. E se me permite, gostaria de compartilhar minha alegria contigo, mas acontece que para chegar a esse momento eu preciso te contar algumas coisas da minha vida pessoal. Almoça comigo hoje? O dr. Diego não está, então posso fazer meu próprio horário — ele me convidou e eu aceitei na hora.

— Vou adorar ser sua amiga e amo quando os meus amigos estão irradiando felicidade, assim como você está. Mas agora estou morta de curiosidade para saber o motivo dessa alegria toda.

Nando mostrou suas covinhas lindas ao me dar um sorriso genuíno.

— A mulher que fregar o dr. Ferraz vai ganhar um coração enorme como prêmio.

Fiquei muito confusa com suas palavras sobre Alexandre, pois não acreditava muito no grande coração do Ferraz, mas precisava esperar até o almoço para ouvir toda a história,

— Clara? — Virei-me e vi a Ana na porta.
— Bom dia, querida, o dr. Ferraz precisa de você.

— Bom dia! Ok, Ana, estou indo. Obrigada pelo recado.

Respirei fundo. Aquela conversa seria inevitável, precisava decidir meu futuro na Ferraz e conversar sobre as interferências de Alexandre no meu estágio.

Bati na porta e como sempre aguardei autorização para entrar.

— Bom dia, Clara. Como você está? Sente-se.

Como estou? Confusa, eu pensei. Achei que ele viria com cinco pedras na mão.

— Bom dia. Estou bem, obrigada por perguntar.

Alexandre abriu um sorriso. E eu queria que o chão se abrisse e a terra me engolisse antes que ele visse o efeito que causava em mim.

— Na verdade, Clara, te chamei aqui para pedir desculpas.

Hã? Hein? Como? Por quê? Estava mais perdida do que cego em tiroteio com aquela conversa.

— Dr. Ferraz, eu pensei bem e cheguei à conclusão de que sou eu quem lhe deve desculpas, não deveria ter tratado o supervisor do meu estágio daquela forma, e tenho plena consciência de que se o senhor decidir me desligar do estágio e reportar insubordinação

ao meu orientador, estará plenamente no seu direito.

— Clara, não se preocupe, eu não faria nenhuma dessas coisas e, sim, preciso lhe pedir desculpas por minha atitude. Sempre soube apreciar um bom sexo, e o que fizemos foi... UAU!!! Mas você tomou sua decisão de não repetir aquela noite. Portanto, irei respeitá-la.

UAU, digo eu!

— Pode aceitar minhas desculpas?

— Tu... tu... tudo bem, dr. Ferraz — comecei a gaguejar. Merda, desde quando eu gaguejava?

— Se está tudo certo, pode voltar para a sua sala, você deve ter muito trabalho a fazer.

Fiquei boquiaberta novamente. Não consegui falar nada do que planejei, a atitude de Ferraz mudou da água para o vinho e a arrogância do dia anterior simplesmente sumiu.

— Antes de ir, Alexandre, eu gostaria de saber se a decisão de não me deixar participar do congresso com o dr. Diego foi tomada sem nenhum tipo de influência pessoal.

Ferraz me encarou, sem em nenhum momento desviar os olhos de mim. Puta que pariu, se ele usava esse olhar com as testemunhas que interrogava, eu queria estar bem longe de suas vistas quando isso acontecesse.

— Clara, antes de ser um exímio objeto sexual, eu sou o responsável por esse escritório. Farei parte de um Tribunal do Júri na sexta-feira e preciso de sua ajuda. Você deve preparar tudo para essa defesa. Apesar dos últimos acontecimentos, sua posição como minha estagiária não mudou. Então não pense que tudo gira em torno do seu mundinho. Preciso de você aqui, outros congressos melhores surgirão e, se eu achar

pertinente, será um prazer liberar a sua ida. Até lá, limite-se a obedecer, e eu garanto que seu relatório será devidamente assinado por mim no final do estágio.

Engoli em seco. Por essa eu não esperava.

— Obrigada, dr. Ferraz. Se precisar de alguma coisa, estarei à disposição.

— Eu sei — ele me deu um sorrisinho torto e eu fiquei intrigada com aquilo tudo.

Saí da sala do Ferraz com uma cara visivelmente estranha, porque no caminho de volta, Ana e Sandra me perguntaram se eu estava bem.

Antes de entrar em minha sala dei de cara com a piriguete da Patrícia.

— Problemas no paraíso? — ela me perguntou cinicamente.

Oh, céus! Eu devo ter feito striptease na Santa Ceia. Isso é castigo.

— Não é da sua conta.

Passei como um raio pela Patrícia. Acomodei-me na minha cadeira e comecei a mexer nos novos processos enviados. Pela primeira vez eu perdi minha concentração. Não estava lidando muito bem com as nuances de humor do Alexandre. E sua conversa me deixou de orelha em pé.

Será que ele não vai mais insistir? Era essa minha vontade, não era? Então por que essa sensação de pé na bunda?

— Clarinhaaaaaa, planeta Terra chamando Marte — Nando me tirou dos meus pensamentos contraditórios.

— Oi, Nando, desculpa, estava pensando no processo — tentei despistá-lo, mas ele era muito mais inteligente.

— Claro, deve ser por isso que você destacou a mesma palavra cinco vezes.

Nando apontou com a caneta para o papel em minha mão, e eu pude perceber a

tinta da caneta marca-texto passando para as outras partes do papel.

— Oh, meu pai, onde estava com a cabeça?

— No furto qualificado é que não era — Nando sorriu e eu também.

— Hora do almoço, vamos lá?

— Claro, só vou pegar a minha bolsa.

No caminho para o elevador passamos pela recepção e encontramos com Alexandre conversando com Ana. Ele balançou a cabeça em nossa direção e eu pude ver a troca de olhares entre o Nando e ele.

Só me faltava descobrir que Alexandre era bissexual.

Caminhamos até um restaurante próximo ao escritório.

— Nando, eu vou ter uma síncope de curiosidade, então melhor começar a desembuchar porque temos somente uma hora de almoço.

— Ok, lá vai — Nando respirou fundo e as palavras começaram a sair. — Clara, eu sou gay.

Há, há, eu sabia, comecei a cantar internamente e juro que, se não estivesse em um local público, faria a ridícula dancinha da vitória da Laís.

Apesar do meu baile interno, Nando continuava falando.

— Quando eu te disse sobre meu problema, era porque o meu pai descobriu minha condição sexual e não aceitou ter um filho “bicha”, como ele mesmo disse. Eu apanhei muito e fui tão humilhado... Pensei que nunca mais poderia levantar a cabeça novamente.

— Nando, me desculpe, não tinha noção da gravidade. Mas como você está? E sua mãe não te defendeu?

Fiquei perplexa com o que acabara de ouvir, preconceito em pleno século XXI? A

ignorância desses seres idiotas não tinha limites, ainda mais vindo de um pai, que deveria proteger o filho a todo custo.

— Minha mãe é uma coitada na mão do velho. Ele é autoritário e praticamente um homem das cavernas, nunca a deixou trabalhar e escolheu a dedo minha faculdade. Agradeço, pois sempre gostei de Direito, mas muitas vezes tive vontade de abandonar tudo só para irritá-lo.

As palavras de Nando não faziam sentido para mim, pois meus pais eram de uma cumplicidade enorme. Tinham seus problemas como todos os casais, mas meu pai era de uma generosidade ímpar.

— Então, continuando e resumindo, era ele quem bancava minha faculdade particular, pois eu não conseguiria pagar a mensalidade e bancar meus livros com a bolsa da Ferraz. Como você bem sabe, nosso curso exige o estágio e as horas complementares, e

dessa forma eu não poderia trabalhar em outro lugar para me sustentar.

Eu ouvia pacientemente tudo o que o Nando me dizia, mas ainda não estava entendendo onde o Ferraz entrava nessa história.

— E, para piorar minha situação, meu pai me expulsou de casa alegando que eu era uma vergonha para a família, disse que preferia ter um filho morto a um filho homossexual.

— Nando, que barra! — Eu alcancei a mão dele sobre a mesa e comecei a fazer um carinho, tentando de alguma maneira confortá-lo. — Você poderia tentar um financiamento...

Nando abriu um sorriso maravilhoso e mudou totalmente seu semblante; acho que já descobri onde o Ferraz entrava nessa história.

— Clarinha, eu não vou precisar de financiamento. Hoje fui pedir o desligamento do escritório diretamente ao dr. Ferraz e saí de lá com a promessa de pagamento de todas as minhas mensalidades e ainda a aquisição de todos os livros até o final dos meus estudos.

Fiquei totalmente sem reação!

— Clara, ele demonstrou ter um coração tão grande, com tanta generosidade. Em momento algum teve dúvidas sobre o que estava fazendo. E tem mais, para pagar essa “dívida”, eu vou trabalhar na Ferraz por um tempo, possivelmente até esse valor estar quitado. E o diferencial que isso traz para o meu currículo é de outro mundo. Felicidade é o meu nome, e alegria, o sobrenome.

Mesmo diante daquela bomba que levava todos os meus xingamentos para o Ferraz por água abaixo, eu não pude deixar de compartilhar a alegria do meu mais novo amigo.

— Nando, eu fico muito, muito, muito feliz por você, realmente não deve ser fácil o que você está passando, mas admiro sua garra e determinação.

— Você ficou um pouco estranha quando te contei tudo. Foi muita informação para assimilar?

— Não. Eu só fiquei um pouco confusa, não esperava essa atitude do Alexandre, ele me pareceu tão egoísta e preocupado com o próprio umbigo. Generosidade realmente não estava na minha lista de elogios para ele.

— Clara, eu também não esperava essa solução para o meu problema vinda do dr. Ferraz. Mas posso te garantir que o Alexandre nunca foi egoísta, pelo contrário, nunca vi homem mais preocupado com o bem-estar dos outros. Seu lado rigoroso e autoritário é só para impor respeito dentro da empresa: ele tem um coração de ouro. Até financiar projeto de combate às drogas para

adolescentes carentes, ele financia. Sem contar que pularia na frente de qualquer caminho para salvar o dr. Diego. Ele ama o irmão.

Precisava ter uma conversinha com minha amiga Priscila e questioná-la sobre como ela pôde esconder o jogo sobre sua família daquele jeito. Definitivamente, eu não conhecia nada do dr. Alexandre Mendes Ferraz.

E depois daquela enxurrada de informações, a única coisa que eu poderia fazer era enrolar o meu rabinho e colocá-lo no meio das pernas.

Ferraz

Depois da minha conversa com a Clara, eu tive a certeza de que se tivesse feito psicologia também teria sido um profissional bem-sucedido. Principalmente no quesito comportamento feminino. A ideia de parecer um cara mais tranquilo, junto com o meu pedido de desculpas, foi genial. Clara literalmente ficou muda, eu consegui deixar a menina veneno sem palavras. Inclinei-me para trás na cadeira e sorri olhando para o teto. *Ponto para você, Alexandre!* Era só uma questão de tempo para sentir o gosto daquela boceta deliciosa novamente. Só em pensar nisso comecei a sentir algo endurecer lá embaixo.

Foco, Ferraz! Ela virá até você!

Voltei a trabalhar e deixei de pensar na Clara. Ignorá-la um pouco também fazia

parte da operação. Vamos ver quanto tempo levaria para ela implorar pelo meu pau.

A semana passou em um piscar de olhos. E quando percebi já era sexta-feira. Diego ainda estava fora, cuidei dos assuntos do Bruno repassando o caso ao Alberto e planejei feito um louco minha defesa para o julgamento que aconteceria naquela manhã.

Clara se comportou perfeitamente, dedicando-se a todas as tarefas atribuídas a ela. Era visível que estava desconfortável com meu comportamento, já que só tratava com ela de assuntos de caráter profissional. Ela mudou sua postura, tentava me dar um sorrisinho aqui e ali, uma olhada mais longa, mas eu me mantive firme em meu propósito.

Ela virá até você, Alexandre, não se preocupe. Repetia sempre, e a frase acabou se tornando um mantra. Clara não estava me

ajudando muito, a cada dia aparecia mais linda e se produzia de uma forma que qualquer um ficaria louco para levá-la para a cama. Droga! Eu estava ficando louco!

Peguei meu terno, minha pasta e caminhei até a recepção.

— Preparada para o seu primeiro Tribunal do Júri comigo? — perguntei para Clara que já me aguardava na recepção. Tentei mudar o foco do seu corpo perfeito dentro de um vestido lindo para uma conversa profissional.

— Ansiosa — ela me respondeu com um sorriso, e eu amaldiçoei meu pai: o velho me paga por ter me obrigado a contratar essa maldita.

— Vamos de táxi, o meu carro está na revisão — disse apontando para o elevador.

— Se o senhor quiser, podemos ir no meu carro. Não é nada parecido com o sedan que o senhor deve dirigir, mas dá para o gasto —

ela ofereceu e eu aceitei. *Espero não ostentar uma ereção pelo caminho.*

Clara estava equivocada, mas não a corrigi. Iria deixá-la pensando que sou esse cara previsível e chato que ela está pintando.

Chegamos ao tribunal trinta minutos antes de começar a sessão. Passei por todos os procedimentos preliminares necessários e me encaminhei para a sala onde ocorreria o julgamento. Estava trabalhando naquele processo há algum tempo, meu cliente foi vítima de uma emboscada. Sua esposa se juntou com o amante para praticar o crime de latrocínio, roubo seguido de morte. Como o meu cliente era vigilante de uma joalheria, ele portava uma arma de fogo e infelizmente alvejou os dois supostos assaltantes. A esposa faleceu no local e o comparsa e amante ficou em estado grave no hospital.

Com base em algumas supostas testemunhas e outros indícios que eu

questionaria, a promotoria propôs ação de homicídio contra a esposa do meu cliente e tentativa de homicídio contra o amante dela. Apesar de defender criminosos de todas as espécies, dessa vez estava convencido da inocência do meu cliente. E faria de tudo para provar isso hoje.

— Então, senhora Lúcia, por favor, conte-me. Como conheceu o casal? — perguntei para a primeira testemunha e ela ficou visivelmente nervosa.

— Dona Lúcia, gostaria de lembrá-la sobre seu juramento diante deste tribunal. Prestar falso testemunho é crime — adverti fazendo-a repensar suas palavras. Eu sabia que ela estava mentindo para o júri.

Ela tremia diante do meu olhar e eu achei que a mulher teria um ataque ali mesmo na minha frente. Mesmo ela tentando consertar, respondendo corretamente, o estrago já

havia sido feito. Todos os jurados viram o quanto ela estava mentindo.

Sentei-me e não pude deixar de olhar para Clara. Ela estava totalmente hipnotizada por mim. Podia enxergar de longe o seu olhar de aprovação.

— Sr. Fabrício, o senhor então alega categoricamente que a vítima falecida vivia uma relação extraconjugal? — perguntei para a segunda testemunha. Meu ponto era provar que a vítima mantinha um amante, o que foi confirmado.

— Sem mais perguntas, Meritíssima — eu disse olhando para a juíza e me sentei.

Depois de uma pausa para o almoço, voltamos para o encerramento. Clara comeu apenas um sanduíche natural e estava muito retraída para o meu gosto.

Várias testemunhas e depoimentos depois, ouvir a juíza sentenciar a absolvição do meu cliente me deixou extremamente feliz.

Enquanto caminhávamos para o carro, Clara resolveu falar.

— Parabéns, o senhor foi muito bem hoje — ela me elogiou e eu respondi um obrigado de forma seca.

Voltamos para o escritório e Clara estava cada vez mais inquieta. O que estava acontecendo com aquela menina?

Já era fim de tarde quando chegamos à Ferraz. Clara foi direto para a sua sala.

Sorri ao ver Cristina me esperando na recepção.

— E aí, meu amigo, como andam as coisas? — ela me cumprimentou com um longo abraço.

Minha amiga era linda, alta, morena, magra e com todos os outros atributos distribuídos perfeitamente. Infelizmente, o meu amigo de longa data Harry também achava isso. Ele era um australiano que estava

fazendo doutorado nos Estados Unidos. Moramos juntos em Boston.

— Arrependo-me amargamente de ter lhe apresentado o Harry, você está cada dia mais linda, Cris — elogiei como sempre fazia e ela me deu uma piscadela.

— Sempre galanteador, Alê, mas você sabe que nunca daríamos certo. Dois loucos por controle como somos, nos mataríamos na primeira oportunidade. Deixe-me com o Harry, ele me obedece direitinho — ela disse sorridente e eu a acompanhei, rindo da maneira carinhosa, porém sarcástica, como ela falava da sua relação com seu marido.

— Alexandre, eu preciso... Desculpe, não sabia que estava acompanhado. — Aquela voz sexy me fez virar.

Clara entrou na sala como um furacão e eu puxei Cris para o meu lado, aproveitando a oportunidade para mostrar a Clara o que ela estava perdendo.

— Clara, esta é a Cris, uma amiga. Cris, esta é a Clara, minha estagiária — apresentei as duas.

Cris deu um passo para a frente e estendeu sua mão para Clara.

— Muito prazer — ela disse com educação para a menina morta de raiva na minha frente.

— Igualmente — Clara respondeu e eu notei visivelmente seu ciúme. Mais um ponto para você, Ferraz.

Então, eu puxei a Cris para o meu lado novamente.

— Harry vai te matar se pegar suas mãos em cima de mim — ela sussurrou no meu ouvido.

— Meu amigo confia em mim — respondi ao sussurro.

— Ferraz, nenhum homem deve confiar em você — ela sorriu entrando no meu jogo.

Os sussurros eram bem baixos, não poderiam ser ouvidos a distância, ou seja, Clara não fazia a mínima ideia do que estávamos falando.

— Clara, está liberada. Eu e a Cris temos um compromisso. Até segunda-feira!

— Até segunda — ela disse para mim, mas sem tirar os olhos da Cris. — Até mais Cristina, foi um prazer — disse com um olhar de fúria.

Elas se despediram e Clara saiu. Cristina se afastou de mim e me deu um soco forte demais para suas mãozinhas delicadas.

— Ai! — Eu exagerei um pouco para irritá-la, passando a mão por onde ela havia acertado.

— Sua estagiária, Ferraz, mesmo? Vocês homens são tão previsíveis. E vamos logo tomar esse café, depois do papelão que você me fez passar, vai ser tudo por sua conta. E não esqueça: Harry vai saber disso. — Cris

caminhou na minha frente ainda me repreendendo.

— Relaxa, Cris. Foi por uma boa causa. —
Só espero não ter exagerado na dose.

10



Clara

A semana passou muito rápido. E as atitudes do Ferraz continuavam me intrigando. Meu Deus! Eu ficaria louca tentando entender aquele homem.

Desde que nos conhecemos, suas atitudes me diziam que ele estava totalmente na minha. Mas agora eu não sabia o que estava acontecendo. Desde a nossa conversa na terça-feira ele me tratava de forma... normal?

Nunca mais falou sobre a noite que passamos juntos e, principalmente, nunca mais tentou alguma coisa comigo. Me peguei várias vezes imaginando se estava ficando gorda ou se tinha alguma coisa errada com o meu cabelo. Precisava passar em frente a uma obra qualquer para testar o meu poder de sedução com um pedreiro, só para ter certeza de que eu ainda era eu.

Fiquei preocupada, pois nunca deixei homem nenhum ditar as regras da minha vida, muito menos o que visto ou o peso do meu corpo. Precisava de um psicólogo urgente ou de um pai de santo. Alexandre deve ter colocado meu nome na boca de um sapo ou outra coisa parecida, dessas que as pessoas fazem para trazer o amor em três dias.

Sexta de manhã, ainda intrigada com o fato de o Ferraz estar me tratando tão friamente, decidi caprichar no visual. Coloquei um vestido sem nenhum decote, com um cinto marcando a cintura, que descia um pouco aberto e solto até os joelhos, com uma estampa que misturava azul, branco e cinza. Coloquei uma meia calça preta e saltos altíssimos. Fiz vários cachos nas pontas do cabelo e uma maquiagem com os olhos bem marcados.

Cheguei na Ferraz bem cedo e logo percebi que o problema não era comigo: o

porteiro me abriu um sorriso encantador e meus pensamentos foram direto para o Alexandre.

— Chupa essa manga, seu filho da mãe.
— O porteiro me olhou confuso e eu percebi que disse aquilo em voz alta.

— Desculpe, Marcos, pensei em voz alta
— apontei com o dedo indicador para a minha cabeça, e ele deve ter pensado que eu era maluca.

Quando cheguei fui direto aguardar o Alexandre. Eu sabia que não podia me atrasar e estava muito ansiosa para vê-lo em ação. Alguns minutos depois, a visão do céu ou do inferno, depende do contexto, apareceu na minha frente em forma de um homem. Alexandre vestia um terno bem-cortado de cor escura, uma camisa linda da mesma tonalidade e uma gravata roxa. Questionei intimamente sobre quem escolhia suas roupas. Ele estava perfeito. Fui obrigada a fechar minha

boca e desviar o olhar. Estava surpresa com meus próprios sentimentos. Ferraz era maravilhoso e sabia como usar sua beleza em benefício próprio.

Já no tribunal, o que eu vi durante quatro horas foi um show de competência do Alexandre. Meu Deus, que homem! Ele estava com tudo a seu favor, sua inteligência foi arrasadora. Ele foi incrível. Eu estava ficando excitada de vê-lo tão imponente e dominador naquela pose de *eu mando aqui e você fala o que eu quero ouvir* e parecia que as testemunhas entendiam aquele olhar, porque em menos de cinco minutos com ele, elas tremiam. E quando eu falo tremer não é no sentido figurado, elas tremiam mesmo.

Eu estava sem ação. Estava com tesão. Ferraz estava totalmente comestível, e eu não fazia ideia de que decisão tomar. Tinha rejeitado ele na sua própria sala e agora

estava louquinha para sentir suas mãos em mim novamente.

Voltamos para o tribunal após a pausa do almoço e eu mal tinha conseguido engolir um sanduíche. Porra, eu estava ferrada!

Claro que o cliente do Ferraz foi absolvido, não havia dúvidas quanto a isso.

Chegamos ao escritório e fui direto para a minha sala. Gastei alguns minutos para tomar fôlego, e decidi. Chegaria na sala do Alexandre e treparia com ele em cima da mesa. Não estava aguentando mais, era muito tesão reprimido.

Eu saí com um sorriso no rosto em direção à sala do Alê, sabia que assim que me jogasse em cima dele, o meu dr. Delícia não aguentaria e me daria o que eu precisava. Então imagine minha cara de espanto quando eu o peguei com uma morena magnífica que mais parecia uma atriz de Hollywood. Pouquíssimas vezes na vida eu tinha

ficado sem reação e essa semana já era a segunda vez.

Não sabia se ia embora, se ficava ou se chutava as bolas dele. Essa última opção pairou sobre a minha cabeça, mas graças a Deus meu cérebro ainda funcionava.

Nos próximos dois minutos uma pequena apresentação se fez e eu queria morrer ali mesmo de vergonha e de raiva.

Filho da puta! Eu pensando em transar com ele e o desgraçado emaranhando do lado dessa... dessa... girafa.

Depois do Ferraz praticamente me expulsar do escritório alegando um compromisso com a srta. Pernalonga, eu corri como se estivesse em uma maratona para chegar ao meu carro. Minha vontade era arrancar a cabeça do primeiro que aparecesse na minha frente.

— É isso! — de repente tudo se iluminou e eu mandei um WhatsApp para Laís,

ALERTA NÍVEL 1. Como ela sabia do que se tratava, foi logo perguntando sobre a roupa.

Qualquer uma para abalar a estrutura dessa cidade — respondi antes de dar partida no meu carro.

Cheguei em casa um pouco tarde, pois antes passei no salão para cuidar do visual. Coloquei minha playlist de rock para ouvir enquanto eu tomava banho. Quando saí do banheiro, Avenged Sevenfold tocava no meu aparelho de som e comecei a me arrumar. Precisava apagar a lembrança dos braços do Ferraz em volta daquela girafa de pernas grossas.

Coloquei um vestido de paetê preto, comportado na frente, mas com um decote nas costas que descia até quase mostrar minha bunda. Era a primeira vez que o usava e estava me sentindo uma popstar. Coloquei um peep toe preto com saltos altíssimos. Minha maquiagem estava perfeita, sombra cinza

esfumada, batom cor de boca e um blush que me deixava corada de forma natural. Não fiz nada no cabelo: o salão já tinha feito um excelente trabalho. Saí de casa pronta para passar o rodo geral na balada. Não voltaria para casa sem transar nem a pau.

Enquanto eu aguardava a Laís descer, os olhos do Ferraz voltavam à minha mente.

— Fiu! Fiu! Amiga, você está arrasando!
— Laís brincou assim que entrou no táxi.

Eu estava bem-produzida e minha amiga não ficava atrás, com um vestidinho curto, amarelo, esvoaçante, com um belo decote nos seios e um par de sapatos azuis. Ela amava misturar as cores e a combinação ficou linda nela.

Enquanto o motorista dirigia em direção à inauguração badalada de uma boate, eu e Laís conversamos animadamente sobre assuntos aleatórios.

— Chegamos — eu disse olhando para a fila de pessoas na calçada.

Laís bateu sua mão na minha, mais empolgada que eu para arrasar na noite. Entramos e fomos direto para o bar. Pedi ao barman duas doses de tequila para começar. Quando ele nos entregou, eu e Laís levantamos o copo e brindamos.

— Arriba! Abajo! Al centro! Adentro! — Eu e minha amiga cantamos juntas a nossa preparação para a tequila.

Depois de descer as primeiras doses, fomos para a pista de dança. Dançávamos ao som de David Guetta, a batida da música possuindo nossos corpos e nos transportando para outra realidade, e, de vez em quando, parávamos para tomar mais algumas doses da nossa bebida predileta. Quando uma das minhas músicas favoritas começou a tocar, eu meio que surtei e

imediatamente comecei a dançar de forma sensual, sentindo cada palavra que eu ouvia.

*I feel so free tonight
Like flowers fall down from the sky
I feel so free tonight, tonight!*

Enquanto Spyzer cantava *I Feel So Free*, eu podia sentir toda a energia daquele lugar. Láis se encostou contra mim e começamos a dar um show para todo mundo, rebolando e mexendo o corpo sensualmente, como panteras prontas para atacar.

*Get the groove, put your body on the floor
I wanna dance, all night long
So put that ass and shake for me
That's what I like, that's what I need
Spin that shit, let me feel the flow
The way you dance, you make me blow
I say: I want You... And You say: Go!*

This is electro with a lot of soul.

Meu olhar passeava pela multidão, quando notei um par de olhos familiares me encarando: dr. Bruno. Acenei cumprimentando e, imediatamente, ele veio na minha direção.

— Sabia que conhecia este monumento de algum lugar — ele falou bem alto para que eu pudesse escutar.

Eu o encarei e ele me devolveu um sorriso de iluminar o ambiente. Delícia!

— Lembra-se de mim? — perguntei espantada, pois nosso encontro foi muito rápido e não acreditava que ele se lembraria de onde me conhecia.

— Meu anjo, nunca poderia me esquecer de você. Estagiária do Alexandre, acertei? Clara, correto? — ele fez as perguntas e eu assenti. Passei a mão para tirar o cabelo do rosto e ele acompanhou meus movimentos.

— Sim para todas as perguntas. Essa é minha amiga Laís. — Vi que a Lá praticamente salivava em direção ao Bruno e então os apresentei.

Bruno levantou a mão antes de cumprimentá-la e me olhou com um ar divertido.

— Ela é casada, está namorando, enro-lada ou qualquer outra coisa do gênero? — Ri da pergunta sem sentido do Bruno.

— Não. Livre e desimpedida, assim como eu. Mas por que a pergunta? — Fiquei curiosa.

— Nada, só uma promessa. Me afastar de problemas — respondeu já levando a boca em direção ao rosto da Laís.

Imediatamente depois de confirmar que minha amiga era solteira, notei uma química entre eles. Bruno era lindo e combinava perfeitamente com a personalidade alegre e entusiasmada da Laís. Dançamos mais

algumas músicas acompanhadas por ele, que não nos deixou sozinhas nem por um momento.

— Então, o seu amigo não veio? — Bruno desviou os olhos da Laís para me responder. Tínhamos nos acomodado em alguns sofás mais afastados da pista de dança, o ambiente ali era mais calmo e não precisávamos falar tão alto.

— Não, o Alexandre anda meio esquisito, deve estar em casa de pijama — Bruno me respondeu rapidamente e voltou a olhar para Laís.

Ele saiu enrolado na Pernalonga, e eu duvidava que estivesse sozinho.

— Eu duvido, deve estar na cama de alguma piriguete — eu disse sem processar minhas palavras, mas todos perceberam o meu sarcasmo. Foda-se! Virei mais uma dose de tequila.

— Quer apostar? — Bruno propôs.

Nunca fugia de uma boa aposta, cerrei meus olhos e o encarei.

— Você escolhe o prêmio — Bruno gargalhou e mudou seu olhar para um grande balcão perto de onde estávamos.

— Um *body shot*? — Bruno piscou e o álcool me deu coragem para concordar com ele.

— Vamos ligar para o Alê. — Levantei e fui até o sofá que eles estavam.

Bruno pegou o telefone e discou o número do Alexandre. Antes que a ligação fosse atendida eu tomei o celular da sua mão e voltei para o meu lugar, aguardando ele atender.

— Fala, Bruno... — Ferraz atendeu.

— Quem é, Alê? — Eu ouvi a voz de uma mulher do outro lado e acabava de ganhar um *body shot* no belo corpo do Bruno.

— Ganhei, Bruno, tem uma mulher. — Com o celular ainda na orelha, eu avistei

uma massa de corpos se pegando no sofá. Laís e Bruno estavam em um beijo quase pornográfico.

— Alô? Clara, é você? Por que diabos está com o celular do Bruno? — Alexandre falava do outro lado da linha e já estava ficando irritado.

— Eca, Bruno, tire sua língua daí — falei sorrindo para ele e escutei um Alexandre muito nervoso do outro lado da linha.

— Clara, passa o celular para o Bruno AGORA! — Ele gritou comigo! O desgraçado gritou comigo!

Muito bêbada eu caminhei até o sofá no qual os dois pombinhos estavam.

— Ele quer falar com você. — Entreguei o telefone para o Bruno e me joguei no sofá entre ele e a Laís. Pedi mais três doses da nossa bebida enquanto Bruno falava com Alexandre. Ele também estava completamente bêbado. Nós três tínhamos passado do

limite. Bruno gargalhava e eu ainda estava sã o suficiente para saber que ele não estava entendendo as palavras de Alexandre.

Quando ele encerrou a ligação, pegamos nossos copos e ensinamos para o Bruno nossa música de preparação.

Ele aprendeu rapidinho. Então entoamos os três juntos entre soluços e gargalhadas.

— Arriba! Abajo! Al centro! Adentro!

Ferraz

Minha conversa com Cris foi muito promissora, apesar de ficar quase o tempo todo me esquivando de suas perguntas a respeito de Clara. Ela é sempre uma ótima companhia. Eu não queria o Nando se sentindo pressionado a se consultar, então combinei com a Cris que ela faria algumas reuniões e entrevistas com todos os funcionários da Ferraz. Assim ela poderia conversar individualmente com ele sem demonstrar que já sabia do ocorrido.

Naquela sexta-feira específica eu não fui treinar na academia. Meus pais chegariam no começo da madrugada e eu queria estar descansado para buscá-los.

Cheguei em casa, tomei um banho e decidi assistir a um filme qualquer. Meu celular tocou e novamente um número restrito, era a terceira vez somente naquela semana.

Precisava tomar providências se isso continuasse a se repetir.

— Alô! — mudo assim como da última vez.

Desliguei sem falar mais nada, devia ser algum engraçadinho tirando onda com a minha cara.

Novamente o celular tocou.

— Que porra é essa?! — gritei, pois já estava ficando incomodado com esse filho da mãe.

— Uou! Calma, amigão, é o Bruno, lembra-se de mim, seu amigo quase irmão? — Bruno disse e eu passei a mão pelo meu rosto.

Estava tão estressado com aquelas ligações que acabei nem verificando o visor antes de atender.

Bruno me chamou para a inauguração de uma boate, até fiquei animado com o convite, merecia mesmo sair depois da semana

difícil que enfrentei, mas prometi buscar meus pais no aeroporto, então ficaria de plantão.

— Hoje não vai dar — respondi e ouvi sua risada do outro lado da linha.

Coloquei os pés sobre a mesa de centro e aguardei a piada.

— Alê, se você quiser, na próxima visita posso te levar um bichinho de pelúcia, um coelhinho ou outra coisa para você se agarrar enquanto dorme às oito da noite, seu molenga. — Não disse? Previsível.

Expliquei meus motivos para o Bruno antes que ele pegasse mais ainda no meu pé. Como ele adorava meus pais, acabou me entendendo.

Dei uma cochilada e, no horário combinado, fui para o aeroporto. Fui direto para a área de desembarque, por onde eles sairiam. Alguns minutos depois, pude ver um casal sorridente vindo em minha direção.

— Pensei em mandar a mudança de vocês para a Argentina. — Minha mãe sorriu ao me abraçar e meu pai bufou.

Abracei-o também, esperando por suas lamúrias.

— Nem morto que eu volto para aquele lugar congelante — disse chateado. Meu pai não deixaria passar a chance de reclamar da temperatura.

Ao longo do caminho para a casa dos meus pais, eu escutei pacientemente toda a conversa a respeito da viagem e o quanto a neve era maravilhosa, pelo menos minha mãe fazia questão de dizer. Meus pais não moravam muito longe do aeroporto. Assim que cheguei na porta da casa deles, meu celular vibrou. Bruno de novo.

— Fala, Bruno — atendi no segundo toque.

— Quem é, Alê? — minha mãe perguntou.

— Ganhei, Bruno, tem uma mulher. — Eu ouvi uma voz feminina do outro lado e se não estivesse sonhando e nem louco poderia jurar: era a voz da Clara.

MAS QUE PORRA É ESSA?!

— Alô? Clara, é você? Por que diabos está com o celular do Bruno? — Meu sangue fervia e tive vontade de colocá-la no meu colo e enchê-la de palmadas.

— Eca, Bruno, tire sua língua daí... — Língua? Eu vou matar o filho da puta do Bruno. Enquanto eu me preocupava com o Diego, meu melhor amigo estava com a língua enfiada sabe lá onde na minha menina. Fiquei louco e comecei a berrar no telefone.

— Clara, passa o celular para o Bruno AGORA! — Alguns minutos depois eu podia ouvir suas risadas, enquanto ela entregava o celular para o Bruno. Ele começou a falar, eu notei que ele estava bêbado e percebi que a Clara também estava para lá de Bagdá.

— Bruno, onde vocês estão? Estão ainda na inauguração? — perguntei já retirando as chaves da caminhonete do meu bolso.

Bruno gargalhava com cada palavra minha e eu jurei quebrar o nariz dele.

— Alê, ela é muito gostosa, você deveria ter visto. Que beijo. — Sua voz arrastada misturada com as risadas. Ouvir aquilo me deixou furioso!

— Eu vou matar você, seu desgraçado. Toque num fio de cabelo da Clara e eu vou arrancar cada membro do seu corpo com um cortador de unha. Está me escutando, Bruno? NÃO SAIA DAÍ, eu estou indo — vociferei cada palavra como um rosnado.

Entrei para me despedir dos meus pais e, de volta ao meu carro, praticamente decolei no sentido da casa noturna.

Quando cheguei, a fila estava enorme; também pudera, era uma inauguração.

Olhei para a entrada da boate e dei graças aos céus. O cara lá de cima resolveu me ajudar. O segurança que estava na porta era um amigo do Diego e várias vezes havíamos nos encontrado no estádio para assistir ao jogo juntos.

— Andrei, preciso de um favor. Minha namorada está lá dentro e eu preciso entrar para buscá-la. Ela não está muito bem — soltei sem pensar no que dizia.

— Namorada? — ele me perguntou espantado.

Namorada? Eu mesmo fiquei surpreso com minhas palavras, mas foda-se, não dava mais para voltar atrás. Passei a mão pelos cabelos, estava ficando perturbado com o que a Clara e o Bruno poderiam estar fazendo lá dentro.

— Cara, é complicado, quebra essa, depois te explico — pedi e ele assentiu liberando minha passagem.

— Claro, Alexandre, pode passar por aqui. Mulher é complicado mesmo. — Sorriu com cumplicidade ao meu sofrimento.

No meio daquela multidão estava difícil se mexer. Muitas mulheres me abordaram e eu tentei abrir caminho entre elas.

Foi então que eu a avistei em um local mais reservado. Meu Deus do céu, nunca vi mulher mais linda na minha vida. Eu fiquei paralisado apenas observando enquanto ela se mexia com o balanço da música.

De olhos fechados ela dançava de forma sensual, mas quando ela virou de costas, todo o sangue do meu corpo evaporou. Seu vestido deixava suas costas nuas e imediatamente me imaginei passando a língua por toda aquela pele.

O homem das cavernas me possuiu e eu estava pouco me importando se ela estava com Bruno. Arrastaria ela daqui agora. Me

aproximei e ela levantou a cabeça quando notou a minha presença.

— Olha quem está aqui? O dr. Ferraz. Onde está sua Pernalonga? — disse com a voz arrastada e eu não entendi nada.

Clara estava muito bêbada, chegando a tropeçar e quase cair em minha direção. Eu a segurei pelos braços e a mantive de pé.

— Vamos por partes, menina, onde o Bruno está? — Ainda estava muito nervoso, e ver Clara naquele estado de embriaguez me deixou ainda mais irritado.

— Isso depende do ângulo de quem vê. Alguns o veem dentro da Laís, mas alguns veem a Laís dentro dele — ela respondeu sorridente, mas aquilo não fazia sentido.

Clara deu de ombros olhando para o sofá perto de nós. Eu segui seu olhar. O que eu vi me deixou confuso. Bruno estava atracado com uma loira e os beijos eram cinematográficos.

— Clara, quem é aquela? — Precisava ter certeza de que ele não havia tocado na minha menina.

— Minha amiga, Laís — Clara sorriu, mas continuou falando. — Desde a hora que te liguei eles estão fazendo aquela coisa nojenta com as línguas — explicou e eu fiquei aliviado.

Ok! Clara e Bruno não estavam juntos. Isso era bom, não teria que carregar uma morte nas costas. Mas ainda estava possesso com o fato de esses dois, e agora três, contando com a Laís, terem bebido daquele jeito.

Arrastei a Clara pela mão ignorando seus protestos até conseguir chegar ao sofá.

— Bruno, seu filho da mãe. Vamos embora — ordenei e ele se separou da boca da garota e levantou cambaleando até onde eu estava.

— Alê, meu amigo, você veio — ele tentou me abraçar. Bêbado era pouco para ele. —

Pantera, esse é o grande Alexandre Ferraz, meu amigo-irmão.

Bruno me dava tapinhas nas costas, enquanto Laís arregalava os olhos em minha direção. Clara não se mexia, e nem falava nada. Ainda bem, porque se ela me provocasse eu bateria no seu traseiro ali mesmo, na frente de todos.

— Nossa Senhora dos Homens Gostosos. Amiga, você me disse que ele era um tesão, mas ele é o pecado em pessoa — Laís falou para Clara, que deu de ombros.

Eu me senti orgulhoso por ela ter comentado sobre mim com a sua amiga.

— Tudo bem, apresentações feitas, vamos para casa. Todos estão de táxi, né? — Se me respondessem que estavam dirigindo seria mais um sermão.

— Sim! — eles responderam em coro e eu amaldiçoei baixinho.

— Ei, Bruno, eu ainda tenho que fazer um *body shot* em você. — Fechei os olhos pelo comentário de Clara. Só se eu estivesse morto e enterrado.

— Querida — falei no ouvido dela —, eu tenho cinco marcas diferentes de tequila em casa e tenho certeza de que corpo para você lamber não vai faltar: o meu está à sua disposição — ofereci e ela engoliu em seco.

Clara apertou minha mão e estreitou os olhos. Por mais que não quisesse se dar por vencida, eu sabia que ela adorava minhas palavras chulas e eu poderia jurar que ela estava ficando excitada. Saí da boate arrastando a Clara e ouvindo as risadas dos meus novos companheiros atrás de mim. Acenei com a cabeça para o Andrei. Ele olhou para a Clara e balançou a cabeça sorrindo. Pedi para os três cachaceiros me aguardarem na calçada enquanto eu buscava o carro.

Estacionei minha caminhonete e Bruno abriu a porta e tratou de colocar a Laís para dentro. Clara estava parada na calçada enquanto eu tentava convencê-la a entrar.

— Clara, entra, vou levar todos para casa — expliquei e ela continuou me encarando com um ar de superioridade.

— Uma 4x4? É óbvio. Você não poderia dirigir um carro normal como todo mundo. Você é o Alexandre, o Grande — ela começou a me provocar com todo o seu sarcasmo.

Passei as mãos pelo cabelo, tentando me segurar. As pessoas à nossa volta começaram a nos encarar. Só faltava chamarem a polícia.

— Clara, querida, as pessoas estão olhando, então, minha linda, entra na caminhonete antes que eu jogue você nas costas e faça você ir à força.

Ela ainda não arredava o pé da calçada. Garota mais teimosa.

— Posso pegar um táxi, sabia? Não preciso de ninguém para vir me salvar.

— Clara, não se preocupe, não é pelo fato de vir te buscar que deixarei de ser seu Lobo Mau. Agora entra na maldita caminhonete — aumentei o tom de voz.

Clara cedeu, graças aos céus. Assim que entrou, eu olhei pelo retrovisor.

— Droga, Bruno, não é para transar no meu carro — briguei com ele olhando pelo espelho.

— Ei, olha lá como fala da minha amiga, ela não faria isso — Clara disse me dando um soco no ombro.

— Talvez você possa me responder por que a parte de baixo do vestido dela foi parar no pescoço — aponte para trás.

Clara virou para o banco de trás e gritou com os dois.

— Parem agora, imediatamente. — Quase que a última palavra não saiu.

Arranquei a caminhonete e comecei o meu serviço de entrega domiciliar. Primeiro o Bruno.

— Cara, minha pantera precisa vir junto — ele reclamava enquanto eu o acompanhava até a portaria do seu prédio. Pedia quase chorando. Bêbado é foda!

— Bruno, amanhã você liga para a sua pantera. Agora entra. Vou olhar até você chegar ao elevador. — Dei um tapa nele, para que pudesse entrar. Bruno me abraçou e me deu um sorriso de bêbado.

— Você é meu irmão — ele apontava o dedo na minha direção. — O irmão que eu nunca tive.

Despedi-me do Bruno e passei para a próxima parada. Casa da Laís. Levei-a até a porta e esperei que entrasse, assim como fiz com Bruno.

— Porra, você é quente, o Bruno também é quente. UAU, só homens gostosos hoje.

Minha amiga precisa de orgasmos, ela me disse — Láís apontava em direção ao carro onde a Clara estava.

— Não se preocupe, querida, vou cuidar dela — respondi sério.

Voltei para o carro e parti para minha última entrega. Clara.

O endereço? Minha casa.

Estava tentando uma tática mais sutil, deixei Clara pensar que não me importava com ela ou que esqueci a nossa noite. Até usei a Cris — no bom sentido, é claro — para deixá-la com ciúmes. Mas, porra, a noite de hoje mudou totalmente minha postura. Eu a queria na minha cama e não esperaria mais nenhum minuto para realizar o meu desejo.

— Alexandre, esse não é o caminho para a minha casa. — Clara me olhou, enquanto eu dirigia.

Ela parecia estar mais consciente, o efeito do álcool estava passando.

— Não, Clara, estamos indo para a minha casa — respondi sem tirar os olhos da rua.

— Alexandre, por favor, me leva para minha casa — pediu com arrogância e eu já estava começando a perder a paciência.

— Querida, se você está pensando que eu vou deixar sua bunda bêbada fora das minhas vistas, pode tirar seu cavalinho da chuva. Você vai para a minha casa e para esse assunto não cabe recurso — respondi de forma seca para não deixar dúvidas.

— Só para você saber, eu não estou tão bêbada assim, Alê — ela me disse sorrindo de forma maliciosa. Maldita!

— Excelente! Quando chegarmos em casa, eu vou te foder até você perder os sentidos. E fico feliz em saber que amanhã você se lembrará quem era o dono do pau que te

comeu como você nunca tinha sido comida antes — soei convencido, mas foda-se.

Clara abriu a boca para falar algo, mas fechou imediatamente quando viu o meu olhar.

Durante todo o trajeto ela não soltou uma única palavra. No elevador, mantive todo o meu autocontrole para não comê-la ali mesmo. Porém, ele acabou no momento em que abri a porta do meu apartamento. Clara entrou, eu a pressionei contra a porta fechada e a beijei desesperadamente. Passei a semana inteira desejando aqueles lábios, então aproveitaria cada centímetro deles. Minha mão direita envolveu a garganta dela, não forte para asfixiá-la, mas na medida certa para deixá-la saber quem mandaria naquela noite.

— Olha nos meus olhos. — A cretina me obedeceu rapidamente. — O que você fez hoje me deixou louco. Não foi nada legal, Clara,

eu quase matei o meu melhor amigo só por pensar nele te tocando — eu disse com um tom firme.

Passei a mão que estava livre por seus seios e Clara começou a soltar gemidos sufocados.

— Não, Alê — sua boca negava, mas seus olhos diziam o contrário e eu me aproveitei dessa contradição.

— Nada de “não” hoje, Clara. Mais cedo ou mais tarde aconteceria, é inevitável. — Continuei acariciando, enquanto a convencia de que ela não poderia lutar contra mim.

Deslizei minha mão do seu pescoço por todo o seu corpo.

— Eu quero você e você também me quer. — Clara soltava gemidos cada vez mais roucos de desejo e eu continuei acariciando os seus mamilos. — Agora seja minha putinha e abra as pernas para eu ver o nível da sua

excitação. — Dei um tapinha no interior da sua coxa e ela arfou de prazer.

Clara levantou a perna direita e a entrelaçou na minha cintura, deixando a outra apoiada no chão. Imediatamente afastei sua calcinha, coloquei um dedo em sua boceta e senti o quanto ela estava molhada. Minha perdição.

— Uma puta! — falei encarando seus olhos. — É isso que você é, minha menina, me deixou louco durante a noite toda e mesmo assim está encharcada para mim. — Eu fazia movimentos lentos.

Comecei a acariciar sua pequena boceta, mas antes de ela chegar ao clímax, eu parei e arrastei-a para o meu quarto.

— O banheiro fica à esquerda, tome um banho. — Coloquei uma toalha nas mãos dela e ela me fuzilou com o olhar. Tive certeza de que era porque estava quase gozando quando eu parei de tocá-la. — Minha linda,

hoje eu vou te comer do jeito que eu quiser e quando eu quiser. Tome um banho e tire o cheiro daquele lugar do seu corpo, não quero nenhum perfume em você a não ser o meu. Vou te esperar aqui — ela não esboçou nenhuma reação e foi para o banheiro.

Aproveitei que a Clara concordou por livre e espontânea pressão em tomar banho e fui para o banheiro social tomar uma ducha também. Depois enrolei uma toalha na cintura e voltei para o quarto. Clara já me esperava. De costas para mim, usava uma das camisetas que eu costumava deixar penduradas no banheiro.

— Você está linda com a minha roupa, pena que não vai durar muito tempo. — Colei meu corpo ao dela e senti o seu aroma. Puxei todo o seu cabelo para o lado para ter total acesso ao seu pescoço. Comecei a beijá-la, desde a base da sua clavícula até sua orelhinha perfeita.

— Por favor, Alê, me toque — puxei a camiseta pelo seu pescoço jogando-a no chão. Com a força do movimento, a toalha que me envolvia caiu e meu pau saltou totalmente ereto. Clara não usava calcinha e sentir seu corpo colado no meu, ainda fresco do banho, me deixou em êxtase. Coloquei-a de frente e senti suas mãos delicadas descerem e subirem pelo meu peito. Seus olhos seguiam suas mãos me avaliando centímetro por centímetro.

— Você quer ser fodida pelo meu pau? — perguntei segurando meu membro enquanto o direcionava para a sua boceta deliciosa.

— Sim, Alexandre! Estou cheia de tesão, por favor, por favor, para de me provocar e me fode logo. — Praticamente implorou, e eu adorava quando ela implorava.

— Shhh! Shhh! — Coloquei o dedo em sua boca, impedindo-a de falar. — Hoje você

não fala, não pede e não manda. Hoje você apenas me obedece.

Joguei a menina na cama e subi em cima dela, levando meu pau para a sua boca. A safada sorriu prevendo o que aconteceria. Fiquei com medo de exagerar, mas a maldita estava adorando tudo aquilo. Amava sua liberdade na cama.

— Chupa! Me engole inteiro como da última vez — ordenei.

Clara não decepcionava no sexo oral. Ver meu pau desaparecer entre aqueles lábios era uma sensação de outro mundo. Ela começou a massagear as minhas bolas enquanto meu pênis entrava e saía gostoso da sua boquinha.

— Vai gozar em mim, dr. Ferraz? — Ela afastou a boca para falar, mas imediatamente eu voltei a enfiar o meu pau em sua boca. Continuei me mexendo, enfiando cada

vez mais fundo. Já estava a ponto de explodir.

— Vou e dessa vez você vai engolir cada gota — ela sorriu e começou a me chupar com mais velocidade.

— Caralho! Eu vou gozar! Abra bem a boca, menina, e tome tudo — minha voz já era só um sussurro e a onda de prazer me atingiu de uma forma sobrenatural.

Clara lambeu cada milímetro do meu pau, limpando todo o esperma restante. Quando eu vi sua garganta se movimentando, eu me senti “o cara” ao ver ela engolindo minha porra. Depois de ter um orgasmo alucinante, sentei-me ao lado dela na cama e a coloquei na minha frente, de costas para mim. Abri suas pernas e senti seu corpo tremer apenas com o toque das minhas mãos.

— Abra para mim, querida, eu vou te tocar. Me deixa te dar prazer. Você deseja isso,

minha putinha? — perguntei enquanto a sentava de costas para mim. Clara encostou a cabeça no meu ombro e eu comecei a acariciá-la, uma mão brincava com seus peitos e a outra descia por seu ventre para alcançar seu clitóris.

— Olha esses seios, tão durinhos para mim — eu sussurrava em seu ouvido, tão perto que ela poderia sentir o ar saindo dos meus lábios enquanto eu apertava seus mamilos. — Eu adoro sua boceta. — Alcancei o seu clitóris e comecei a fazer círculos lentos. — Ela foi feita para o meu pau se enterrear nela, você não acha? Não gosta de ver meu pau desaparecendo dentro do seu corpo? — deixei que as palavras sujas chegassem aos ouvidos dela.

Clara começou a soltar gemidos mais altos e a senti ficar mais úmida. Com um pouco de habilidade consegui colocar um dedo

dentro dela ao mesmo tempo em que acariciava seu ponto sensível com outro.

— Ai, Alexandre, eu vou gozar, me deixa gozar. Merda... — ela pediu se mexendo, e eu a segurei.

Clara tentava levantar o corpo e eu passei um braço em torno de sua garganta novamente. Naquela posição ela estava praticamente imobilizada e não conseguia fazer grandes movimentos.

— Isso, vai, goza! Quero ouvir você chamando o meu nome, porque sou EU e mais ninguém quem está com o dedo enterado em você — soei possessivo, mas naquele momento ela era só minha.

Sua boceta se contraiu em volta dos meus dedos e eu tive certeza de que ela estava gozando.

— Alexandre... Ai, meu Deus... — gritou. E o prazer em ouvir meu nome em sua boca me deixou ainda mais excitado.

Ela gozou e eu retirei meus dedos melados de dentro dela. Tesão!!! Não dei nem tempo para a menina respirar.

— Fica de quatro, querida. Eu sonhei várias vezes em puxar esse seu cabelo enquanto te comia nessa posição. E hoje estou pronto para realizar esse desejo.

Enquanto eu abria a gaveta do meu armário, Clara ficou na posição que mandei. Com os cabelos caídos pelo rosto, olhou em minha direção.

Linda! Deliciosa! E todinha minha! Na minha cama!

Desenrolei o preservativo no meu pau e caminhei de volta para a cama. Me posicionei atrás dela e comecei a penetrá-la.

— Linda, me deixe entrar, relaxa, você está tão molhada... Tão louca pelo meu pau. — Saí um pouco e voltei a entrar. Minhas palavras foram alimentando o seu desejo e quando percebi já estava totalmente dentro dela. —

Vem aqui! — Enrolei todo o cabelo dela em meu punho e puxei sua cabeça para trás, deixando todo o seu corpo esticado. Passei a mão pelo seu pescoço e a fiz olhar para cima. Dei um beijo em sua testa e ficamos alguns segundos naquela posição. O rosto da Clara começou a ficar vermelho e eu a soltei, voltando a segurar o seu cabelo.

— Agora eu vou meter forte e rápido, me avisa se for demais para você, menina. — Fiquei parado esperando uma resposta.

— Alê, pelo amor de Deus, mexa-se! — suplicou e eu comecei a me mexer.

— Implorando de novo, putinha? — bombeava dentro dela, várias estocadas rápidas e uma forte e funda. Clara empinava sua bunda em minha direção, fazendo com que eu me confundisse. Já não sabia quem estava fodendo quem.

— Você ama que eu te chame de minha puta, não é? — Clara rebolava e eu tentava

me segurar para não gozar rápido. Continuei bombeando, várias estocadas rápidas e uma forte e funda. — É isso que você é, Clara, minha puta... minha linda... minha vadia... minha estagiária e... minha menina. Goza gostoso — dei um tapa em sua bunda deliciosa. — Eu vou gozar, menina, vem comigo, me dá o seu prazer — chamei e ela me atendeu.

— Porra, Alexandre! — Clara se contorceu quando eu me inclinei sobre o seu corpo, alcançando o seu clitóris e o estimulando.

Ela levantou o corpo ficando apenas sobre os joelhos e levou as mãos para trás, por cima da cabeça, me alcançando. Enterrei meu rosto no espaço entre seu ombro e pescoço e a mordi bem ali. Estávamos fodidos. Clara e eu gozamos ao mesmo tempo, e eu achei que as paredes do meu quarto desabariam sobre nós. Caímos os dois praticamente desmaiados na cama. Era bom demais

para ser verdade. Pegamos no sono e, quando eu acordei, notei que ainda estava com o preservativo. Corri para o banheiro e me limpei. Quando voltei olhei para a cama, nada no mundo parecia mais certo. Clara totalmente nua espalhada sobre ela. Dormindo e linda! Minha menina. Precisava planejar o que fazer. Nem morto a deixaria escapar dessa vez.

11



Clara

Acordar na cama do Alê, primeiro foi um susto, mas logo me lembrei de suas palavras me dando ordens e do sexo maravilhoso, então relaxei. Não culparia a bebida por ter obedecido cada ordem dada por ele. Eu quis aquilo. Meu Deus, desde o tribunal eu estava louca para ser possuída daquela forma. Tive orgasmos maravilhosos. Sentia-me até mais leve naquela manhã.

Como eu estava sozinha, aproveitei para fazer um tour pelo quarto. Seu closet era quase do tamanho do meu quarto, e eu percebi que Alexandre gostava de se cuidar, pois tinha muitos cosméticos e perfumes. Adorava seu cheiro. Peguei uma camiseta verde e fui tomar um banho. Incrível! Minha cabeça não doía tanto. O sexo com o Ferraz provavelmente tirou todo o álcool do meu corpo antes mesmo que me fizesse mal.

Ainda embaixo do chuveiro, toda a noite passada voltou à minha mente. Ele chegando à boate. Delicioso! Lindo! Gostoso! E todos os outros adjetivos que podem enaltecer um homem. Vestia calça jeans, camiseta preta e uma jaqueta de couro para completar. Totalmente casual. A noite de ontem entrou para o meu Top 10, fácil, fácil. Apesar de ainda estar chateada pela sua saída com a Pernalonga, eu não resisti. Alexandre estava no modo advogado dominador e eu amei fazer suas vontades. Não posso me considerar uma submissa, na verdade tentei algumas vezes esse tipo de prática, mas não me saí muito bem. Mas desde que vi o Alê no julgamento, a vontade de ser controlada por ele durante o sexo me incendiou. E, é claro, ele não deixou a desejar. Suas palavras sujas me deixavam enlouquecida. E eu sabia que aquela não poderia ser a nossa última vez e, como ele comentou, aquilo era inevitável.

Mas eu precisava tomar cuidado para o sexo com o Alexandre não ultrapassar as barreiras que eu tinha colocado na minha vida há muito tempo.

Me sequei com uma toalha macia e cheirosa, vesti sua camiseta e novamente não coloquei calcinha. Não que estivesse pensando em alguma coisa, longe de mim, não faria isso, quer dizer, quem sabe, só um pouquinho de provocação não faz mal a ninguém. Saí do banheiro e quando cheguei ao quarto eu quase tive um colapso: Alexandre estava usando somente uma bermuda jeans, sem camisa. Deveria ser proibido aquele homem andar por aí assim.

— Bom dia, dorminhoca — ele disse com a voz sexy. *Me mate agora, por favor!*

Eu ainda estava em pé, saindo do banheiro.

— Bom dia, Alexandre! Espero não ter dado muito trabalho ontem — tentei sorrir,

mas a visão daquele abdômen, estava me tirando o fôlego.

Alexandre sorriu e eu segurei minha respiração quando vi seu sorriso encantador.

— Foi um prazer — ele me olhou e piscou. — Literalmente.

Caminhei até a cama e sentei bem no meio dela com as pernas cruzadas. Se eu caísse desmaiada com aquele charme todo, pelo menos não racharia a cara no chão. Nos minutos seguintes, eu me revezei entre olhar para o corpo perfeito de Alexandre e tomar o café da manhã que ele preparou tão gentilmente para mim. Comecei com o suco, que era para hidratar meu corpo.

— Precisamos conversar — falamos juntos, e eu comecei a me assustar com aquilo.

— Primeiro as damas — ele disse apontando para mim. Acho que Alexandre estava pegando algumas dicas com o Diego: ele nunca foi tão gentil assim comigo.

— Na verdade precisamos conversar sobre ontem e de como será daqui para a frente, Alê. Eu ainda sou sua estagiária. — Apesar de ter adorado a noite, ainda estava incomodada com aquela situação.

— Termine o seu suco e coma alguma coisa, eu vou fazer algumas ligações e já volto para conversarmos sobre esse assunto. — Ele levantou e aguardou minha resposta.

Consegui dizer apenas um “ok” em tom baixo. Alexandre saiu do quarto e eu segui seu corpo perfeito com os olhos, mas antes de sair pela porta ele olhou por cima do ombro e me pegou no flagra. Sabe quando você até entorta o pescoço para o lado para poder ver de um ângulo melhor? Pois é, foi bem assim.

— Perdeu alguma coisa, srta. Clara? — Ele era muito convencido, mas também com aquele corpo, ele poderia ser o que quisesse.

— Nada! Só constatando o belo traseiro do sr. Ferraz. — Entrei na brincadeira e vi como ele gostou do meu atrevimento, pois sorriu balançando a cabeça em negativa e saiu.

Estou tão fodida.

Peguei um pão de queijo, terminei o suco e comi uma banana para dar força aos ossos. Se continuaria fazendo aquilo — que eu ainda não sabia como chamava — com o Alexandre, precisaria de forças.

Procurei minha bolsa e a encontrei sobre o criado-mudo ao lado da cama. Queria saber se Laís estava bem. Me assustei com a quantidade de mensagens dela e com certos xingamentos que desconhecia. Laís estava claramente brava por eu não ter deixado ela com o Bruno. Liguei pro seu celular e já fui ouvindo sermão.

— Amiga, faça-me o favor de conseguir o telefone dele, aquele homem me cheira a

bons petiscos e eu o quero — ela gritou comigo no telefone.

Ri alto, desviei o olhar e percebi que Ferraz já estava de volta, com um braço estendido no batente da porta, a outra mão no queixo como se estivesse me avaliando.

— Amiga, daqui a pouco te ligo, tenho um assunto para resolver — quando falei a palavra assunto, eu olhei Alexandre dos pés à cabeça. — Na verdade, Laís, *não espere minha ligação, esse assunto pode demorar um pouco* — Alexandre sorriu presunçoso e eu desliguei o meu celular com Laís ainda gritando “petiscos” do outro lado.

— Então, doutor, eu estou bem-alimentada e agora podemos conversar. Se vamos continuar fazendo isso... esse tipo de... — Não achava palavra para definir nossa relação.

Alê caminhou em minha direção e assim que chegou perto de mim, segurou meu queixo delicadamente e me encarou.

— Sexo... quente... suado... — ele disse retirando a mão do meu rosto e se sentando na cama ao meu lado.

Tomei coragem e montei em cima dele, com uma perna de cada lado da sua cintura.

— Assim eu posso olhar nos seus olhos enquanto falamos. — Alexandre começou a passar as mãos pelas minhas coxas, os movimentos subiam e desciam. Estava me deixando com comichões um pouco mais acima.
Concentre-se, Clara.

— Alê, você já assistiu ao filme *Sexo sem compromisso*? — perguntei e ele fez uma careta.

Ótimo, Clara. Um advogado assistindo comédia romântica, sua estúpida! Por que não pergunta se ele assiste aos Ursinhos Carinhosos também?

— Natalie Portmam e Ashton Kutcher? — perguntou notando meu desconforto.

Arregalei os olhos: ele não parava de me surpreender. Nunca pensei que ele assistiria àquele tipo de filme.

Alexandre levantou e ficou colado em mim. Mordeu meu queixo de leve e voltou a deitar na cama.

— Por ter assistido a esse filme, estou prevendo o que sua cabecinha está pensando. — Como se adivinhasse minhas dúvidas, explicou antes que eu perguntasse.

Bom, se ele já sabia o que estava por vir seria mais fácil.

— Então, se vamos fazer essa coisa de... sexo quente e suado — repeti as palavras dele —, eu proponho algumas regras. — Aquilo poderia dar certo, regras me ajudariam a manter as coisas bem separadas.

Alê ficou sério, franzindo a testa. Ops!

— Acontece, Clara, que não sou o Ashton Kutcher. Eu sou um advogado e tenho direito a questionar qualquer cláusula, minha menina — ele disse com o rosto sério, porém, com a voz carinhosa. *Eita, homem contraditório*. Talvez não fosse tão fácil assim.

Concordei com ele, mas expliquei que ele teria direito a somente uma regra excluída e duas modificadas.

— Você é dura na queda — concordou divertido. Ele não estava chateado, pelo contrário, sorria lindamente.

Continuei montada nele e aquela posição estava me deixando muito excitada.

— Querido, eu faço Direito e não Serviço Social. Vamos lá, primeira cláusula — emendei antes que desistisse daquela loucura. — Nós não teremos um relacionamento além da cama, o que implica poder ver outras pessoas. — Isso me daria a

tranquilidade de que o Alê não confundiria as coisas. Sexo é sexo e é só o que teríamos.

— Excluído! — disse com um tom autoritário.

— Sério, Alê, eu mal comecei.

— Linda — ele passou as mãos pela lateral dos meus braços, e eu me arrepiei ao sentir o seu toque —, eu não tenho culpa se o primeiro quesito que você propôs está totalmente fora do meu alcance. Aprenda uma coisa: eu não compartilho — ele disse segurando o meu rosto. — Não tem *ménage*, *trénage* ou qualquer outra coisa. Quando estivermos na cama, no sofá, na parede, no carro, no chão ou na puta que pariu, eu serei o dono do seu prazer, assim como me entregarei por inteiro a você. Então, nada de outras pessoas. Isso está fora de questão — disse um pouco ríspido e eu somente assenti.

Colocado daquela maneira, eu poderia concordar. Então parti para a cláusula dois.

— Cláusula dois: Eu nunca levo ninguém para minha casa, então não insista, porque isso não vai acontecer. — Eu fazia isso há muito tempo, desde que... Não queria pensar no motivo naquele momento.

— Ok, posso sobreviver com isso. — Alexandre estava se divertindo com aquilo tudo, e eu amei vê-lo tão descontraído, totalmente diferente do escritório.

Cláusula três. Levantei três dedos para ele.

— Três: Nada de encontros. Odeio encontros melosos, onde o casal finge umas baboseiras, mas, na verdade, os dois estão querendo chegar logo na parte do sexo. Pulamos os jantares românticos e vamos direto ao assunto.

— Objeção — ele disse levantando o dedo. Sabia! Estava bom demais para ser verdade.

— Alê, só te lembrando: você já usou sua exclusão — avisei e ele deu de ombros.

— Sim, mas ainda posso modificá-la. — Cristo, se Alexandre não parasse com aquelas mãos subindo e descendo nas minhas coxas eu concordaria com cada maldita palavra que ele dissesse.

— Nada de encontros românticos, mas ainda posso te levar para fazer alguns programas diferentes — ele modificou e eu aceitei. Já estávamos na cláusula quatro, a qual eu dava minha total atenção naquele momento.

— De forma alguma faremos sexo dentro do escritório, aquele é meu local de trabalho e quero respeitá-lo. — Queria manter a normalidade no nosso dia a dia.

Alexandre assentiu meio a contragosto, mas ele também sabia que era a melhor opção. Ser pego transando com a estagiária

não faria bem para sua reputação. Continuei com as cláusulas.

— Cláusula cinco: Sexo somente no final de semana. — Sabia que ele não concordaria com essa.

— Objeção — ele levantou a voz como se realmente estivesse em um tribunal, e eu só pude rir da sua encenação.

— Alê, dizer todo dia é a mesma coisa que excluir, e você não tem mais esse direito.

— Sexo no final de semana e em outros dias da semana desde que o outro concorde — propôs e eu não achei nada mal, poderia me aproveitar daquela situação.

— Nosso acordo fica somente entre nós, não quero ninguém do escritório achando que eu estou me aproveitando do seu belo pau para fazer carreira — dei uma risadinha olhando para sua ereção embaixo de mim.

Rindo do nosso acordo, eu levantei minha mão para celebrar, mas Alê a recusou.

— Querida, tenho uma maneira melhor de registrar nosso contrato. — Um sorriso de moleque estampou seu rosto. Alexandre levantou de maneira que fiquei sentada em seu colo e tirou minha camiseta, deixando à mostra meus seios arrepiados pelos estímulos de pouco antes.

— Porra, Clara, você é tão gostosa — ele soltou o palavrão e começou a acariciar meus mamilos. Na hora percebi que foi o melhor contrato da minha vida. Ele voltou a deitar na cama e puxou minha cintura em sua direção.

— Venha. Coloque sua boceta na minha cara — Alexandre conduziu minha bunda. — Senta por cima de mim e rebola gostoso enquanto o Lobo Mau te come com a boca grande. — Sua voz era um gatilho me empurrando.

— Alê, seu boca-suja — eu disse em um tom de repreensão, mas no fundo sem querer que ele parasse.

— Querida, você ama minha boca, agora deixe eu te chupar porque eu não tive esse prazer ontem à noite. — Ele sabia como me ligar.

Fiz o que ele pediu e sua língua me invadiu no momento em que posicionei minha boceta diante da sua boca. Alê chupava e mordiscava meu clitóris enquanto suas mãos puxavam meu traseiro para baixo. Não conseguiria escapar, estava presa em uma névoa de prazer e o homem responsável por me transportar a outro mundo estava literalmente com a cara enterrada em mim.

— Caralho, Alexandre! Quero gozar com você dentro de mim, me deixa montar em você? Preciso saber qual é a sensação de descer todo o caminho pelo seu pau até suas

bolas. — Estava amando sua boca, mas eu o queria em mim, com urgência, duro e rápido.

— Não precisa pedir duas vezes. — Alexandre se levantou, provavelmente para pegar um preservativo. Não coloquei aquele item em discussão, pois não abriria mão de segurança. E foda-se se ele não gostava. Minha saúde em primeiro lugar.

— Vou adorar ver de camarote meu pau se enterrando em você. Linda! Minha menina. — O apelido que ele me deu era totalmente possessivo. Minha. Alê voltou para a cama e deitou-se. Posicionei-me em cima dele novamente e comecei a afundar seu pau dentro de mim. Lentamente.

— Nossa, Clara, olha isso! — ele praticamente rosnou. Ele não tirava os olhos dos nossos corpos se unindo, sua respiração estava ofegante e eu adorei vê-lo tão entregue a mim.

— Ai, Alê, que delícia! — Eu estava muito excitada, a boca do Alexandre fez um belo trabalho, sua ereção entrava e saía sem nenhuma dificuldade.

— Me olha, Clara, não tira os olhos de mim — ele levou as mãos até os meus mamilos e começou a estimulá-los. Eu me encaixei totalmente nele.

— Me cavalga, menina, mostra para mim como se monta. — Seu pedido foi imediatamente atendido. Comecei a subir e descer ainda de forma lenta, mas a estimulação que ele fazia em meus seios estava me deixando maluca. Acelerei o ritmo e quando percebeu que eu já estava ficando cansada, Alexandre segurou meus quadris no ar e começou a levantar o seu quadril para me penetrar com força e rápido.

Oh, meu pai, rápido demais para que eu aguentasse.

— Clara, eu vou gozar. Não aguento mais. Mas primeiro quero sentir você — ele estava pedindo que eu gozasse primeiro. Levei a mão até o meu clitóris, e como da última vez Alexandre a puxou antes que eu o alcançasse.

— Meu! — ele repetiu as palavras da nossa primeira noite juntos.

Com uma das mãos ele me sustentava e com a outra me acariciava. Como ele fazia isso tudo ao mesmo tempo só Deus sabe, mas eu é que não reclamaria.

— Estou quase lá, Alexandre. — Eu não sabia se gemia, gritava ou explodia. Acabei fazendo todas as coisas ao mesmo tempo. Joguei a cabeça para trás enquanto chegava ao êxtase. — Alê... — Meu pai amado, aquele homem iria me matar de tanto tesão. Isso era fato.

— Gosto de você assim... Louca de prazer! — A expressão no rosto do Alexandre

era de pura luxúria, ele me possuía de uma forma como nenhum outro conseguiu.

— Vou gozar, Clara. Você é tão macia e apertada, não aguento mais. Porra, menina... — ele disse antes de explodir. Senti seu corpo inteiro tremendo e, quando ele chamou meu nome pela última vez, sua voz quase não saiu. Ele se afastou, retirou o preservativo e me pegou no colo, andando em direção ao banheiro.

— Vamos tomar banho, minha menina. Vou cuidar de você. — Comigo em seus braços ele caminhou até o banheiro.

Minha mente dizia que aquela história não acabaria bem, mas meu corpo dizia foda-se.

Ele é meu!

Ferraz

O banho foi um pouco demorado. Não sei o que acontecia comigo, mas meu corpo implorava por Clara, minha vontade de permanecer dentro dela me tornava um louco insaciável. Ela ficou de costas e eu me encostei naquela bunda maravilhosa, o meu pau logo deu sinal de vida, e é claro, eu aproveitei para fodê-la com vontade contra a parede. Uma delícia!

Após o banho eu a convidei para almoçar comigo em casa, pois ainda não estava pronto para vê-la ir.

Ela perguntou se eu iria cozinhar, mas tive que decepcioná-la nesse quesito. Eu era uma negação na cozinha e se não fosse a minha empregada, Marta, cuidar tão bem de mim, eu já teria morrido de fome. Marta era mineira, cozinheira de mão-cheia, e sempre

deixava pratos deliciosos para que eu mesmo pudesse preparar.

Clara era um refresco na minha vida, totalmente diferente das mulheres com quem eu costumava me relacionar. Na verdade, nunca fui muito bom com relacionamentos e esse acordo com ela era o mais perto que cheguei de um namoro nos últimos anos.

Comecei a preparar nosso almoço: pelo menos operar o fogão eu sabia. Clara estava de pé na cozinha me observando, e aquela cena acabou mexendo um pouco comigo. Uma vontade que aquilo se tornasse rotina me apertou o peito. Mas não poderia dizer uma coisa dessas, Clara fugiria na primeira oportunidade.

— Menina, enquanto eu preparo nossa comida você pode escolher uma música, um filme ou um livro, tenho vários na estante — disse na esperança de que ela não se

entendiasse. Realmente havia uma coleção enorme de livros, desde jurídicos até best-sellers atuais.

Clara caminhou lindamente até a sala, ainda vestida com a minha camiseta, e sorri orgulhoso. Tinha certeza de que ficava melhor nela que em mim, mas dessa vez ela não quis ficar sem calcinha, mesmo que tivesse feito cara de gatinho abandonado ela estava vestida com uma das minhas cuecas boxer. Menos mal. De um jeito ou de outro ela estava comigo.

— *Cinquenta tons de cinza*, Alê? — Ela me olhava com o livro na mão esperando a minha reação.

E, agora, como ia me safar dessa?

— Culpado — levantei as mãos em sinal de rendição. — De onde você acha que veio meu lado dominador? — perguntei atrevido.

— Do Christian Grey é que não foi. Você é melhor!

Ela colocou o livro de volta na estante e pegou um de poesia da Martha Medeiros, se sentou no sofá e começou a ler. Poesia. Arquivei uma nota mental, não poderia deixar passar nada. Deveria me agarrar a cada pedacinho que ela deixava exposto. Clara era uma incógnita, muito difícil de ler. Enquanto ela estava concentrada na leitura, eu liguei meu som e escolhi uma música. Poderia ser romântico demais, mas queria que tudo se explodisse, sentia-me assim e estava tão bem, tão certo, que não admitiria pensar o contrário. Blake Shelton começou a cantar. Clara ouviu as primeiras palavras e levantou os olhos por cima do livro me encarando.

— Dança comigo, senhorita? — Me curvei levando o braço da cabeça até o quadril, como se estivesse tirando um chapéu. Adorei ver sua cara de surpresa. Ela era linda. Sensível e forte ao mesmo tempo, uma encantadora contradição.

— Dr. Ferraz dançando? Seus clientes conhecem esse seu lado artístico? — ela perguntou sarcástica ao mesmo tempo em que segurava a mão que eu estendia e levantava.

— Sou um homem de muitos talentos, menina. — Grudei meu corpo ao dela, segurando sua mão direita.

Sure Be Cool If You Did já estava na segunda estrofe quando começamos a dançar pela sala.

*You don't have to keep on smiling
That smile that's driving me wild*

Clara apoiou a cabeça em meu ombro e seu corpo se mexia de acordo com minha vontade.

*You don't have to keep me falling like this
But it'd sure be cool if you did*

Tão certo! Era tudo o que eu pensava. Sentia Clara tão perto de mim. Me afastei um pouco para observar seu rosto e vi em seus olhos um brilho inesperado. Ela também guardava todas aquelas emoções que explodiam dentro de mim, mas era muito teimosa para admitir.

*Let your mind take a little back road
Just as far as you wanna go
Baby, I'll do, whatever you wanna do,
wanna do*

Então, eu a beijei. Beijei como se não houvesse amanhã. Comecei com movimentos lentos e ternos, mas quando ela começou a acariciar minha língua com a sua, os meus desejos se apropriaram dos meus sentidos. A música ainda tocava, mas minha vontade de tocá-la era maior. Apertei seu corpo, Clara segurou minha nuca, inclinei seu corpo um pouco para trás e podia sentir seus mamilos

duros. Coloquei as duas mãos em sua cintura e toquei suas costas por baixo da camiseta. Assim ficamos por alguns minutos, unidos por um beijo demorado que revelava todo o desejo que sentíamos um pelo outro.

— Alexandre... — Ela se separou do meu corpo e eu relutei em deixá-la se afastar. Eu ainda queria mais, tudo era pouco com minha menina. — Está uma delícia ficar aqui, mas seu forno apitou faz cinco minutos — ela sorriu ao dizer.

— Merda — praguejei. Não queria parar aquele beijo, mas também não poderia deixar Clara ir embora sem almoçar. Abri o forno e tirei o nosso almoço.

Clara ofereceu ajuda e após minha relutância em aceitar, eu disse que ela poderia colocar a mesa. Mostrei onde ficava tudo e ela caminhou até o armário. Logo notei Clara na ponta dos pés tentando alcançar os pratos. Aquele movimento fazia com que a

camiseta subisse um pouco, até mostrar um pedacinho da sua bundinha perfeita. Minha vontade de fodê-la na cozinha em cima do balcão se apoderou de mim. Mas me controlei e acabei me lembrando de comentar algo que eu não tive tempo antes.

— Gostei da sua tatuagem — comentei, enquanto ela caminhava meio sem jeito em minha direção, trazendo dois pratos com ela.

— Pois é, aproveite o dia! — ela respondeu desconfortável.

Vi sua tatuagem na noite anterior. O trecho de uma música escrito com uma fonte muito bonita na altura de sua cintura. Devia significar algo para ela, pois era uma frase muito profunda. Conhecia a música, na verdade também era fã de rock. Sou um cara muito eclético, então conheço de tudo um pouco. A letra do Avenged Sevenfold dizia: *Seize the day or die regretting the time you*

lost (Aproveite o dia ou morra lamentando o tempo que você perdeu).

— Faz muito tempo que você fez? — perguntei. Clara estava sentada à mesa. Percebi sua inquietação e notei que eu estava caminhando por um terreno perigoso. Ela disfarçou elogiando o cheiro da comida. Em outro momento talvez tentasse saber algo mais.

— O cheiro estava maravilhoso, mas o gosto... hummm... é de comer de joelhos. — Ela lambia os lábios enquanto saboreava a comida.

Marta merecia um aumento depois dessa.

— Alê, eu preciso de um favor.

— Estou à disposição. — Entreguei a ela um copo de suco e fiquei aguardando. Faria tudo que ela quisesse.

— Na verdade, a Laís ficou muito interessada no Bruno e quer o telefone dele.

Bom, eu não tenho. Não sei se você concorda, mas eu achei ele um cara legal — ela disse e não consegui não sentir ciúmes ao ouvi-la elogiando o Bruno. Eu também achava o meu amigo um cara legal, mas o problema era que eu o conhecia bem demais, e não sabia se ele era o cara certo para Laís. Mas, por outro lado, o Bruno já tinha me ligado que nem um louco essa manhã querendo saber o telefone da pantera dele. Eu o enrolei dizendo que tentaria falar com a Clara para conseguir. Nunca tinha visto ele correr atrás de mulher assim. Mas era meu dever fazer um alerta: aqueles dois não poderiam atrapalhar o meu relacionamento tão recente.

— Clara, os dois se engalfinharam ontem, mas não sei se o Bruno é o melhor cara para sua amiga, ele é um pouco volátil demais — avisei e agora era com ela. Clara começou a sorrir e eu fiquei sem entender. Então ela me

explicou que era mais fácil o Bruno se queimar com a Laís, pois a amiga era fogo.

— Alê, eu prefiro esperar um pouco mais para contar para a Laís sobre a gente. Ela pode ser uma torneirinha de asneira quando bebe. Não faz por mal, mas acho melhor a gente tomar um pouco de cuidado por conta da sua carreira e do meu estágio — ela confessou sua preocupação.

Me lembrei da Laís dizendo que a Clara precisava de orgasmos. Realmente ela era fogo. Sorri e contei a ela o que tinha ouvido de sua amiga.

— Bandida! Eu vou matá-la. — O sorriso dela mostrava o quanto o laço entre as duas era firme.

— Deixa para lá, eu já cuidei disso mesmo. — Convencido? Nem um pouco.

Terminamos de almoçar e Clara foi para o quarto se trocar. Tentei convencê-la a ficar e passar a noite, mas ela recusou alegando

que precisava visitar os pais no dia seguinte. Acabei concordando com ela. Troquei de roupa para levá-la em casa. Também planejava visitar Diego assim que a deixasse.

— Não precisa, Alexandre, eu pego um táxi — Clara disse enquanto eu me vestia.

Olhei para ela incrédulo. A maldita estava vestida com aquele pedaço de pano que mal cobria sua bunda e deixava as suas costas toda nua.

— Com essa roupa? — apontei para o vestido e ela assentiu. — Nem que a vaca tussa! — dei a ela meu olhar mortal e Clara concordou com minha carona. Quando chegamos ao seu prédio, ela se despediu apenas com um beijo no rosto e saiu da caminhonete. Enquanto ela caminhava pela portaria, eu a observei imaginando quando eu realmente conseguiria conhecer a verdadeira Clara.

Clara

Já tinha desistido de entender o que estava sentindo. Uma mistura de medo, alegria, prazer e arrependimento me invadiam. Eu sabia que os sentimentos do Alê por mim estavam além do desejo sexual. Eu me sentia da mesma forma. Uma semana foi o tempo que ele precisou para descobrir como chegar até o meu coração. Mas eu não estava preparada para me apaixonar, para amar de novo, enfim, não estava preparada para viver.

Assim que ele me deixou em casa eu caí na cama, queria dormir para tentar acalmar tudo aquilo que estava trancado dentro de mim há tanto tempo. Eu sei que estava sendo covarde me escondendo do mundo e dos meus sentimentos, mas essa foi a maneira que encontrei para sobreviver. Assim como levar a vida aproveitando cada segundo era a

chave para tentar me desligar do passado que me consumia.

Desliguei meu celular, não queria falar com ninguém: precisava me preparar psicologicamente para a visita que faria aos meus pais no dia seguinte de manhã.

Estacionei em frente à casa dos meus pais que moravam em um condomínio residencial só de casas. Passei toda a minha infância e adolescência morando nessa casinha simples, mas cuidada com muito carinho.

Antes de entrar eu parei em frente à casa vizinha e a dor que estava me consumindo desde ontem aumentou ainda mais. Eu amo os meus pais, mas eles insistiam em continuar vivendo em um lugar que só me trazia sofrimento, angústia e dor. Era por isso que não gostava de voltar. Estar ali tornava

impossível não lembrar a parte mais dolorosa da minha vida.

— Você deveria visitá-la. — Olhei assustada, sem perceber que a voz era do meu pai. — Ela perdeu muito mais que todos nós. Perdeu ele, mas também perdeu você.

— Não posso, pai. — Sempre que visitava os meus pais eles insistiam que eu conversasse com a Luciana, mas eu ainda não conseguia olhar para ela sem me sentir culpada por tudo.

— Então vamos entrar — ele me disse sorrindo. Meu pai era um coroa superinteiro. A corrida era sua paixão e ele a praticava todos os dias antes do trabalho. Eu precisava voltar a ter esse hábito que havia perdido há alguns anos.

Ele me abraçou e entramos em casa rindo das coisas que ele contava sobre o trabalho. Cada história hilária.

— Olha quem está aqui — meu pai entrou gritando pela casa e minha mãe veio correndo me abraçar.

— Que saudade, minha menina — imediatamente me lembrei do Alexandre e dos seus lindos olhos azuis me chamando de “minha menina”.

— Bom dia, mãe. Como está tudo por aqui? — Minha mãe sempre foi de muitos abraços, e afeto era com ela mesma. Prova disso é que ela ainda estava enrolada em mim.

— Estamos bem, seu pai quebrou meu vaso chinês essa semana, e eu queria quebrar o troféu de futebol dele para ficarmos quites.

— Não toque no meu troféu — papai gritou da sala e minha mãe sorriu. Ela era linda, estava um pouco acima do peso, mas continuava bonita. Seu cabelo era perfeito, olhos verdes e uma pele de dar inveja a qualquer adolescente. Algumas rugas aqui, outras ali,

mas nada que seus cremes milagrosos não dessem conta.

— Advinha o que teremos para o almoço? Seu prato favorito.

— Lasanha de frango. — Eu tentava me animar. Acordei com o pé esquerdo e não estava nos meus melhores dias.

— Filha, estou sentindo você tão desanimada, aconteceu alguma coisa? — Minha mãe era quase uma espiã, nada passava despercebido por ela.

— Nada de mais, dona Helena, um pouco cansada por causa do estágio, essa semana foi puxada, e vocês estão cansados de saber que não gosto de voltar aqui. Por que insistem tanto?

— Clara, minha querida, você tem que superar isso, não foi sua culpa.

Aquilo era a pior frase que ela poderia me dizer, eu a ouvi centenas de vezes e em nenhuma delas eu me convenci de que não

tinha sido por mim, por minha causa, por minha culpa.

— Mãe, por favor, não dá para sentar nessa mesa, olhar por aquela janela, ver aquela árvore e não me sentir culpada. Eu estou aqui, não estou? Então a culpa é minha. — Eu já estava a ponto de chorar, meus olhos cheios de lágrimas não derramadas insistiam em contrariar minha vontade de parecer forte e inabalável.

— Clara — dessa vez meu pai veio da sala tentando me consolar —, já faz quase quatro anos, você precisa seguir sua vida. Ele não iria gostar do rumo que você está tomando.

— Mas eu estou seguindo minha vida. — Dessa vez não consegui me segurar e minha voz saiu embargada pelo choro. Eu quase não chorava, mas pensar nas carícias do Alexandre, no nosso acordo e no quanto ele tinha sido gentil comigo tornava tudo mais

difícil. Os sentimentos de traição e de culpa não me deixavam respirar.

— Não, Clarinha, aí é que você se engana. Você acha que está vivendo, mas na verdade você está se escondendo. Isso tudo que você é, tudo que você diz ser, nada mais é do que uma máscara.

Meu pai me compreendia tão bem, mas infelizmente a cicatriz que estava em meu peito e a dor que rasgava meu coração não poderiam ser curadas com palavras.

— Eu vou lavar meu rosto e dar um passeio pelo jardim.

Ambos assentiram e ficaram me olhando até eu desaparecer pela porta.

Passei direto pelo banheiro e caminhei até a parte de trás da casa. Minha mãe era apaixonada por rosas e o fundo do nosso quintal tinha se transformado em um jardim enorme. Rosas vermelhas, amarelas, brancas e de todas as cores possíveis minha mãe

cultivava. Ali também tinha uma mangueira gigante com um balanço. Sentei nele e fechei os olhos. Foi como voltar no tempo.

— *Princesa, desce daí. Se você cair, não terá um médico particular. Desculpa, mas eu tenho que te dizer que ainda não terminei minha faculdade.*

— *Nossa, Felipe, como você é medroso.*

— *Clarinha, desce daí, por favor.*

— *Ok. Ok. Você sabe que não resisto a esse seu olhar manhoso.*

As lágrimas voltaram a molhar o meu rosto, e pela milésima vez eu perguntei a Deus por que não tinha sido eu.

— *Princesa, você vai ser uma advogada linda.*

— *Mas não sei se é isso que eu quero fazer, Lipe.*

— *Tudo na vida tem um porquê, lindinha. Se você passou para Direito é porque algo te espera. E pense que maravilha vai*

ser: um médico e uma advogada juntos. Seremos o casal perfeito.

— Eu e você contra o mundo?

— Eu e você contra o mundo, minha princesa. Para sempre.

Limpei as lágrimas que haviam escorrido pelo meu rosto e voltei para casa. Era tudo muito doloroso. E, não, com o tempo a dor não passa. Cada vez vai ficando mais difícil, a saudade machuca ainda mais e a consciência de que você mesma matou o homem da sua vida te persegue a cada batida do seu coração. Cada respiração é uma lembrança amarga da vida que ele nunca voltará a ter. Uma maldição.

— Está pronto, podemos almoçar.

Sentamos em volta da mesa e, depois de fazer a oração, meu pai como sempre serviu a minha mãe e depois a mim. Só depois de ver nós duas com os pratos cheios é que ele começava a se servir. Sempre um cavalheiro.

Alguns minutos se passaram em um perfeito silêncio, era constrangedor, mas pelo menos eles não estavam falando do Felipe ou da Luciana.

— Clarinha, me conte como está o estágio. Você nos ligou contando que tinha conseguido, mas não deu mais notícias. — Apesar de ter lembrado que eu mantinha pouco contato com eles, a voz do meu pai era calma e não parecia que ele estava reclamando. Ele raramente se alterava.

— Desculpa, mas foi uma semana agitada. O estágio é ótimo, todos os advogados têm suas carreiras consolidadas. Vou aprender bastante e o Alê... xandre me deixa bem à vontade, é um advogado brilhante. — Quase cometi a gafe de dizer Alê, acho que meus pais não aprovariam um relacionamento com uma cara doze anos mais velho do que eu.

— E esse Alexandre é muito chato? Dizem que esses advogados famosos exigem muito de seus estagiários.

— Não, ele é tranquilo. Muito rigoroso, mas é um bom homem.

Precisava desviar o assunto, falar das qualidades do Alexandre não faria bem para minha sanidade, até porque a maioria das qualidades dele eu não poderia nem sonhar em falar para os meus pais, ainda mais durante o almoço.

Foi um dia difícil, mas depois do almoço eu ajudei minha mãe com a louça e me despedi dos meus pais. Antes de sair pude notar a preocupação em seus olhares, mas não havia nada que eles pudessem fazer por mim. Teria que carregar para sempre aquela maldição.

Antes de entrar no carro, eu olhei para a casa ao lado e vi a Luciana na varanda, ela me olhava com esperança, uma esperança

que eu não queria alimentar. Acenei com a cabeça e ela sorriu, pois Luciana sabia o quanto era difícil e um aceno era o máximo que poderia ter de mim.

Peguei um pouco de trânsito, até demais para um domingo. Quando cheguei ao meu prédio, meu celular começou a vibrar, mas não poderia ser a Laís, pois ela sabia que eu estava com meus pais e eu combinei de ligar para ela assim que chegasse em casa.

Número restrito.

— Alô? — A linha estava muda. Deve ser engano.

Ferraz

— Mano? Alexandre? — Diego me chamou e eu voltei para a realidade.

— Opa, desculpa, Diego, estava com a cabeça na lua. — Na verdade minha cabeça estava em Clara e no que ela estaria fazendo.

Estávamos sentados no sofá enquanto um jogo da Eurocopa passava na TV.

— Tudo bem, cara. Estava lhe perguntando do congresso. Você vai aceitar o convite da Ordem para palestrar no próximo evento? — Diego perguntou com curiosidade.

Eu olhava para o cartão branco com letras douradas que Diego me trouxe, no qual havia o convite, talvez irrecusável. A Ordem dos Advogados me queria como palestrante convidado do próximo Congresso Brasileiro de Direito Internacional. Desde que voltei para o Brasil, sempre era convidado para esse tipo de evento, mas como havia acabado

de chegar, sempre agradecia a consideração e recusava.

— Não sei ainda, Diego. Até terça eu envio uma resposta. Mas e você, como foi de viagem? — desviei o assunto para ele.

Assim que deixei Clara em casa, fui para o apartamento do Diego. Ele havia chegado recentemente, sua mala ainda estava fechada.

Diego adorou a paisagem da Serra. Acabou me convencendo de que precisávamos marcar uma viagem assim que minha irmã Priscila chegasse. Quando Diego tocou no nome dela eu lembrei que minha irmã chegaria essa semana. Ela me pediu para não contar aos meus pais e nem aos nossos amigos, somente eu e Diego sabíamos de sua volta da Espanha. Segundo seu e-mail, ela faria uma surpresa. Diego apostou em várias possibilidades: casamento, gravidez, separação, não necessariamente nessa ordem.

Minha irmã vivia com um espanhol dono de uma rede de hotéis na América Latina e na Europa. Como não tínhamos ideia do que aqueles dois estavam aprontando, o jeito era esperar para saber.

— Essa semana é o seu aniversário. Temos que planejar algo grande. Não é todo dia que se comemora 36 anos — Diego disse sorrindo.

Eu nem me lembrava do meu próprio aniversário e muito menos gostaria de comemorar a aproximação dos meus cabelos brancos. Não poderia dizer que estava insatisfeito com a minha vida. Profissionalmente estava realizado, tinha uma família linda, irmãos que eu amo incondicionalmente e pais que sempre me amaram e protegeram. Mas minha vida sentimental estava abalada. Uma morena de olhos esverdeados, com uma personalidade forte e um jeito de menina, estava tirando os meus pés do chão. Pela

primeira vez em muito tempo a palavra relacionamento voltou a fazer parte do meu vocabulário. Queria Clara para mim, mas não fazia ideia do que fazer e de como agir, essa foi uma das poucas vezes em que não achava uma saída para um problema.

— Por favor, Diego, sem festas. Não estou a fim de ficar babando ovo de um bando de gente que só fala comigo de ano em ano, e ainda tem a cara de pau de aparecer dizendo o quanto admira meu trabalho. — Eu realmente não queria comemorações, mas Diego não concordava muito com a minha decisão.

— Nem um barzinho com os caras? Poderíamos sair só nós, como nos velhos tempos. — Ele insistiu e eu não tive como recusar.

Não queria decepcionar o meu irmão, então resolvi aceitar a comemoração. Mas deixei claro que era somente um barzinho, já que todos nós trabalharíamos no dia

seguinte. Diego assentiu, mas me deixou de orelha em pé quando disse que combinaria tudo com o Bruno.

— Pelo amor de Deus, se você deixar a organização do meu aniversário nas mãos do Bruno, ou vamos todos acordar presos ou em uma casa de striptease, dopados e estuprados — adverti. E apesar de ele ter dado risada, eu soei sério, pois realmente queria dizer aquilo. O Bruno era um chamariz de problema. Muitas vezes eu tentava imaginar como ele conseguia conciliar sua carreira jurídica e sua profissão de “meter o pé na jaca”.

Meu celular vibrou e eu já estava um pouco apreensivo em atender, as ligações de número restrito me deixaram ressabiado. Graças a Deus, ou infelizmente, depende de qual fosse o assunto, quem estava me ligando era o Bruno.

— Cara, conseguiu o telefone da minha pantera? — ele perguntou sem nem ao menos dizer “oi”.

— Sim, consegui. Vou te mandar uma mensagem, mas... — comecei a falar e ele me cortou.

— Você e seus “mas”, Alexandre. Eu não sou criança — Bruno respondeu um pouco chateado.

Me levantei e saí da sala para falar com Bruno. Diego entrou em seu quarto e eu fiquei olhando a vista da janela.

— Bruno, toma cuidado com a Laís, ela é muito amiga da Clara e eu realmente não quero me indispor com ela por causa das suas mancadas. — Se Bruno magoasse a amiga dela aquilo respingaria em mim.

— Falando em Clara, Alexandre, eu ainda estava consciente quando ouvi “certa” ameaça que envolvia a perda dos membros do meu corpo se eles estivessem em contato

com uma “certa estagiária” — Bruno brincou e eu o cortei.

— Mais tarde falamos sobre isso, Bruno. Estou no Diego, depois te ligo — desliguei sem esperar sua resposta e, ao me virar notei que Diego me encarava de forma estranha.

— Você falou com a Clara hoje? — ele estava um pouco desconfiado, mas não deu para perceber se estava ligando os pontos. Odeio mentir para o meu irmão, e se abrisse o jogo logo seria até mais fácil manter ele afastado da Clara, mas prometi para minha menina não contar para ninguém, pelo menos por enquanto.

Inventei uma desculpa, sobre uma carona para ela e a Laís depois de encontrá-las na boate. Emendei que o Bruno ficou louco pela amiga dela, e por isso tinha falado com a Clara.

— O Bruno de quatro? Essa eu quero ver — Diego se divertiu com o relato sobre a situação de desespero do Bruno.

— Eu também. Mas parece que a menina é um pé no saco, ou seja, Bruno arrumou sarna para se coçar. Bem feito, quem sabe agora ele não sossega. — Conteí sobre o que Clara disse sobre a personalidade da Laís.

— Então a Clara também estava bêbada? Putz, e eu perdi essa. Como ela estava? Aposto que linda. — Diego mudou de assunto e esse não me agradava nem um pouco.

A lembrança da Clara dançando e metade da boate babando por ela me voltou à mente. Apertei minhas mãos em punho, pois minha vontade foi de arrebentar cada um. Não sei quando me tornei tão possessivo, mas só de pensar em outra pessoa dentro daquele corpo, ficava louco. Clara era minha, ela ainda não sabia disso, mas era uma questão

de tempo. Minha menina não conseguiria resistir a mim. Fala sério! Quem resistiria?

— Sim. Ela estava bem bonita — respondi objetivamente. — Vou indo — concluí já caminhando até a porta.

Enquanto dirigia de volta para casa, eu ouvia minha lista de MPB. Cássia Eller cantava o *Segundo sol* e eu nem percebi o tempo passar.

*Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Derrubando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam
Se tratar de um outro cometa.*

Estacionei minha caminhonete e quando cheguei à portaria, dei de cara com Bruno. Ele andava de um lado para outro passando as mãos pelo cabelo e eu senti que ele estava... desesperado?

— Cara, o que você faz aqui? — perguntei espantado.

— Alê, eu estou fodido! — Bruno me respondeu e realmente ele estava desesperado.

— Vamos subir! Lá em cima você me conta o que aprontou dessa vez — chamei e ouvi seus passos me seguindo até o elevador. Enquanto estávamos no elevador, Bruno tentava me explicar que dessa vez a culpa não era dele, mas eu ignorei, pois conhecia aquela ladainha de cor e salteado.

— Quer beber alguma coisa? — Deixei o Bruno no sofá enquanto buscava uma Budweiser.

— Cachaça! — Parei em frente à geladeira esperando ele terminar a frase com um “estou brincando, pode ser cerveja”, mas quando eu comecei a ouvir os grilinhos fazerem “cri, cri, cri” por causa do silêncio, eu fechei a geladeira e fui para o bar. Preparei

uma dose de Jack Daniel's e entreguei para ele...

— Você não vai dirigir na volta? — Apesar de tudo, eu me preocupava com Bruno quase da mesma forma que me preocupava com Diego. Ele podia ser desmiolado, mas sua história de vida me fascinava. Filho de pais separados, ele sempre viveu com a mãe e nunca teve notícias do seu velho. Sua mãe fez das tripas coração para não perder Bruno para a criminalidade. Considerando o lugar onde viviam, esse seria o caminho mais fácil. Com muita garra e determinação ele terminou a faculdade, tendo se tornado um advogado brilhante. Tinha um escritório pequeno, mas muito bem montado. A força de uma mulher pode transformar qualquer vida. Bruno venerava sua mãe e eu o admirava por isso.

— Cara, foda-se! Eu durmo aqui. — Ele já tinha virado a primeira dose do uísque e se

levantou para preparar outra. — Eu liguei para minha pantera — ele disse enquanto segurava a garrafa de boca para baixo sobre o copo.

— E? — eu perguntei. — Não foi pra isso que você me colocou louco? Por causa do número dela.

Bruno tomou mais um grande gole.

— Eu a convidei para vir ao meu apartamento hoje — ele falava entre uma dose e outra de Jack. E eu já estava ficando nervoso por ele enrolar tanto.

— Porra, Bruno, desembucha, cara — gritei com ele, o que parece que o acordou.

— Não! Alê, ela me disse “não”. Meu Deus, eu nem lembro quando foi a última vez em que pedi para uma mulher ir ao meu apartamento, muito menos ter recebido um “não” — ele desabafou e eu não sabia se ria ou se dava um soco na cara dele. Optei pela primeira alternativa.

— Alexandre, você não pode rir. Eu estou aqui desesperado, eu quero aquela mulher, ela me deixou... Deixou... Não sei definir. Mas, mano, eu quero fodê-la e dormir com ela. Espera... — Bruno parou de falar por alguns segundos. — Dormir com ela? Alexandre, eu nunca durmo com elas. Estou ficando maluco?

Bruno caminhava pela sala e eu ainda não conseguia parar de rir. Ela o fisgou em torno do seu dedinho assim como eu estava em torno do da Clara. Droga! O que acontecia com essas mulheres e esses dedos mágicos?

— Bruno, você se sente como se precisasse olhar para ela o tempo inteiro só para que o dia faça sentido? E quando ela sorri seu pulmão e fígado trocam de lugar em uma dança da felicidade dentro do seu corpo? Seu coração acelera cada vez que ela fala o seu nome? E seu pau não te obedece mais,

ficando duro só de pensar na maldita? — praticamente me descrevi para ele.

— Cara, é bem isso mesmo. Como você sabe? — Bruno me perguntou sentando largado na poltrona em frente à minha. — Meu Deus, Alexandre, a Clara também te prendeu, meu companheiro? — Eu assenti com a cabeça, pois não adiantava mais negar. — Porra, Alexandre! Faz apenas um dia que eu a conheci e me sinto como se ela fosse... fosse... minha? — Ele me olhou incrédulo e eu estava totalmente ciente do que era aquele sentimento de posse. Me levantei, preparei um drinque e completei o copo do Bruno.

— Bem-vindo ao meu mundo! — levantei o copo em sinal de brinde. — Eu demorei exatos cinco minutos para descobrir que a Clara chutaria minhas bolas.

Estávamos os dois na sala olhando para os nossos copos e, após alguns minutos de

silêncio, um Bruno mais calmo resolveu falar.

— E agora, Alexandre? O que faremos?

Era algo novo para nós dois. Me curvei, apoiando os cotovelos na perna, e olhei diretamente para o meu amigo desolado na minha frente.

— E agora, Bruno? Nós fazemos o que todos os homens normais fazem — expliquei. Estávamos confusos. Mas não era para menos: mulher nenhuma teve o poder de controlar os nossos paus e, infelizmente, isso aconteceu comigo e com o Bruno ao mesmo tempo. — Simplesmente rastejar e implorar — completei.

Bruno arregalou os olhos, pois, assim como eu, ele nunca havia imaginado que um dia fosse precisar conquistar uma mulher e não fazia ideia de por onde começar.

— Não sei fazer isso, Alexandre. Eu estou lascado desta vez — ele disse balançando a cabeça, derrotado.

— Você quer a Laís? — perguntei.

— Claro, minha pantera é tudo de bom — Bruno respondeu decidido.

— Então eu sugiro que aprenda. E rápido.

12



Clara

Não foi nada fácil sobreviver mais um dia tentando afastar as lembranças. Ao mesmo tempo em que queria esquecer, eu me odiava por viver uma vida que não era minha, que não me pertencia. Esquecer tudo significava esquecer Felipe e eu nunca permitiria que isso acontecesse. Ele foi o primeiro e será o único a ter o meu coração, por isso o sexo sem compromisso, por isso os homens aleatórios, por isso não me apegar a nada e nem a ninguém. Qualquer um poderia ter o meu corpo, mas só Felipe teria o meu coração.

Eu e você contra o mundo, Felipe. Fiz mais uma vez aquela promessa silenciosa que eu me recusava a quebrar. Estava em casa jogada no sofá esperando a Laís chegar. Ela estava tão desesperada que logo avisei que tinha voltado. Assunto? Bruno.

A campanha tocou, e eu estava praticamente em outra dimensão, mas então recoloquei minha armadura de garota fria, insensível e calculista adquirida há alguns anos. Laís sabia do meu sofrimento por alguma coisa que tinha acontecido no meu passado, mas eu nunca quis lhe explicar qual era o motivo real do meu calvário. Os únicos além da minha família que sabiam da verdade eram a Priscila e o Dereck. Era muito difícil me abrir, compartilhar aquela dor. Detestava ver os olhares de pena e as palavras de consolo que nada adiantavam e só faziam aumentar a minha culpa. Dessa forma, virei perita em me esconder e em esconder os meus sentimentos. Mas não se engane, eles existem, apenas não estão expostos na vitrine da minha vida.

Cumprimentei Laís ainda na porta e ela entrou. Se sentou no chão, jogada entre

minhas almofadas espalhadas pelo meio da sala, como adorava fazer.

— Clara, Bruno me ligou e me convidou para ir ao apartamento dele e eu disse “não”.
— Jesus! Laís soltou a frase toda sem respirar. Foi difícil acompanhar, fiquei sem fôlego só de ouvir.

— Laís, querida, fica calma. Se eu precisasse escrever o que você me disse não colocaria nenhuma vírgula, foi muito rápido para um raciocínio completo — pedi que ela se acalmasse e me explicasse melhor.

— Me desculpe, amiga, estou nervosa — Laís assentiu mais relaxada.

Ontem, antes de sair da casa do Alexandre, eu troquei os telefones da Laís e do Bruno com ele. Bruno era rápido no gatilho, mas pelo que eu entendi da conversa a jato da Laís, ela caiu fora. Me sentei ao seu lado no chão mesmo, com uma caixa de chocolate para amenizar um pouco os ânimos

exaltados. Ela me contou que, depois de ter me ligado, pesquisou pelo Bruno no Facebook e descobriu que o cara era o maior galinha. Por isso tinha achado melhor não sair com ele.

— E daí que ele é galinha, Laís, qual o problema? Você não procura um candidato a marido e, sim, um pau amigo. — Tentava entender o que se passava com ela. Laís esfregava a testa com o polegar e o dedo indicador, e aquilo era um sinal de que algo não ia bem.

— Eu sei, Clara, mas eu poderia ter mais do Bruno além de petiscos. Estou cansada de me sentir sozinha, caras como ele, o Guilherme e todos os outros só me fizeram sentir como um objeto descartável. Tudo bem, eu também soube me divertir com eles, mas, porra, Clarinha, desde o fodido do Guilherme, eu não tenho alguém para me fazer cafuné, ter um encontro romântico ou

simplesmente cuidar de mim quando eu estiver triste ou carente. — Minha amiga desabafou me pegando de surpresa. Laís fazia biquinho enquanto falava. Entre um chocolate e outro, foi quase a caixa inteira.

Eu fiquei de queixo caído com aquela revelação, mas eu a apoiaria incondicionalmente e de forma alguma questionaria a decisão dela. E sabendo o que Alexandre havia dito sobre o Bruno, caberia a mim adverti-la. Expliquei que se ela estava realmente querendo alguma coisa a mais, Bruno não era mesmo o cara para ela. Laís deitou-se no chão e cruzou os braços sobre o rosto, como se aquilo fosse um casulo para os seus pensamentos.

— Eu sei, Clara, por isso eu disse “não” e recusei o seu convite. Mas estou morrendo de vontade de ligar de volta e estourar os tímpanos dele com um sonoro “sim”. Ele é muito gostoso! E falando em gostoso, dona

Maria Clara — Laís se sentou rapidamente e jogou uma almofada em minha direção, da qual eu consegui me esquivar —, como você consegue resistir àquilo tudo? Ai, meu Deus, o cara cheira a tesão por onde passa. O Bruno é quente — ela abanava o rosto com as mãos como se sentisse calor —, mas o Ferraz, querida, é o Deus do Sexo em pessoa. Nessas horas tenho vontade de abandonar a arquitetura e me bandear para o lado das leis.

Dei de ombros. Só espero que a Laís me entenda e me perdoe por ter lhe escondido o meu caso com o Alexandre. Mas infelizmente ainda estava muito cedo para abrir o jogo com ela.

Chamei Laís para dormir comigo, mas ela disse que no dia seguinte tinha aula no primeiro horário. Sem poder ficar mais, ela se despediu e foi embora.

“Eu não tenho alguém para me fazer cafuné, ter um encontro romântico ou

simplesmente cuidar de mim quando eu estiver triste ou carente.” Fiquei pensando nas palavras da Laís.

Olhei para o meu apartamento e me vi sozinha mais uma vez. Pensei em Felipe.

— *Quero o nosso casamento no campo ou em um jardim enorme assim como o da sua mãe. Cheio de flores, plantas e rosas coloridas. Mas eu vou ter um problema.*

— *E qual seria?*

— *Corro o risco de perder você misturada às rosas, pois você é tão bela quanto elas.*

— *Você é tão romântico, Lipe.*

— *Tudo para você, minha linda.*

— *Eu e você contra o mundo?*

— *Eu e você contra o mundo. Para sempre, minha princesa.*

Meu celular apitou e o sinal de uma mensagem de texto tirou o Lipe dos meus

pensamentos. Era de um número que não estava nos meus contatos.

Só passando para desejar uma excelente noite, minha menina. =)

Já sabia quem era somente pelo “minha menina”, mas me fiz de desentendida.

Enviei: *Quem é?*

Resposta: *O seu Lobo Mau.*

Perfeito! Estava em um beco sem saída.

Ferraz

No domingo, depois de voltar do almoço com meus pais, eu passei a tarde inteira lendo um romance policial e organizando as músicas no meu iPhone. Aproveitei que estava com o celular na mão e mandei um SMS para Clara; enquanto Nando Reis tocava *Por onde andei*, eu escrevia para a minha menina.

*Por onde andei?
Enquanto você me procurava
Será que eu sei?
Que você é mesmo
Tudo aquilo que me faltava...*

Clara fingiu não saber quem tinha enviado a mensagem, mas respondi que tinha sido o Lobo Mau. Logo ela entrou na brincadeira e trocamos algumas mensagens.

Nando Reis ainda tocava e a música *All Star* me fez sorrir, pois me fazia lembrar da minha menina, tão cheia de vida e alegre.

*Estranho seria se eu não me apaixonasse
por você*

*O sal viria doce para os novos lábios
Colombo procurou as Índias, mas a terra
avistou em você*

*O som que eu ouço são as gírias do seu
vocabulário*

Estranho é gostar tanto do seu All Star azul

Nas minhas últimas mensagens enviadas eu pedi para Clara abrir mão da regra de não transar no escritório. Sabia que ela negaria. Infelizmente minha fantasia de fodê-la em cima da minha mesa ficaria para outra ocasião, quem sabe em um fim de semana com o escritório vazio. Só de pensar naquela cena eu já me animava, mas a Clara era

muito profissional. Nessa questão ela tinha mais juízo do que eu, porque se dependesse de mim eu a comeria nos quatro cantos do prédio da Ferraz. Eu estava totalmente de quatro por essa garota, e aí de quem atravessasse o meu caminho. Clara é minha e eu vou convencê-la disso. Mas antes eu precisava convencer a mim mesmo dos meus sentimentos. Nunca fui um homem de relacionamentos, eu transava com várias mulheres só por prazer. Meu trabalho sempre esteve em primeiro lugar e tomava praticamente todo o meu tempo; portanto, era muito mais cômodo transar sem compromisso, uma ação puramente instintiva. Saciar o corpo e os desejos, era exatamente isso. Mas Clara caiu de para-quedas em minha vida, e eu desejava algo mais, algo que eu ainda não conhecia, mas sabia que envolvia Clara nua em minha cama e de preferência todos os dias.

Cheguei ao escritório e a primeira pessoa que apareceu na minha frente foi a minha menina, linda como sempre. Eu tive vontade de segurá-la em meus braços e beijá-la até seus lábios ficarem inchados e vermelhos pela pressão da minha boca, mas trato era trato, eu não poderia quebrar nosso acordo, precisava da Clara e, se eu não aceitasse suas regras, nem o pouco que eu possuía conseguiria manter.

— Bom dia, Clara. — Dei um sorriso e recebi de volta o olhar mais doce entre todos que eu já vi.

— Bom dia, dr. Ferraz — ela respondeu alegremente.

Me afastei e caminhei até a minha sala, precisava controlar os pensamentos impertinentes instalados na minha cabeça. Pedi um café para Ana e comecei a trabalhar. A

segunda-feira era sempre recheada de problemas, mas eu estava pronto para resolver cada um dos pepinos que me aparecesse.

Diego me ligou informando sobre os preparativos da minha festa. Esperava que essa festinha não envolvesse mulheres, não estava nem um pouco a fim de me explicar por que nenhuma mulher mais me interessava. Aquela maldita menina estava me estragando para o resto do mundo. Outras mulheres que passaram pela minha vida nem de perto despertaram o interesse que a Clara despertou em mim. Parecia um feitiço ou uma maldição.

A segunda-feira havia passado como um borrão, eu estava pronto para deixar o escritório quando resolvi falar com minha menina. Sexo era proibido, mas quem sabe uns beijinhos, com ela sentada em meu colo. Delícia!

Liguei para a recepção e pedi para Ana chamá-la e comecei a preparar a minha estratégia de convencimento. Quando ela chegasse, eu beijaria aqueles lábios deliciosos e quem sabe a levaria para o meu apartamento, não via a hora de estar dentro dela novamente, sentir o cheiro de sua excitação, ver seus olhos semicerrados pela luxúria quando ela gozava lindamente ordenhando meu pau. Deus, eu precisava tê-la de qualquer jeito.

— Dr. Ferraz, a Clara já saiu, segundo a Patrícia ela acabou de descer acompanhada pelo dr. Diego — Ana respondeu alguns minutos depois.

Tive que reunir todas as forças para não correr atrás dela e possuí-la bem na frente do Diego, assim todos, principalmente ele, saberiam que a Clara tinha um dono que não estava nem um pouco satisfeito com essa saída dos dois. De tanto falar sozinho e

respirar fundo, acabei relaxando. Precisava confiar na Clara, um rompante de ciúmes afastaria minha menina de mim e eu não seria capaz de contornar a situação desta vez. Estava sufocado e comecei a me libertar dentro da sala, tirei o blazer, abri os dois primeiros botões da minha camisa, arregacei as mangas e tirei a gravata. Depois, peguei minha bolsa e saí. Tentaria descontar todo o meu estresse em cima do Paulinho. Hoje o muay thai seria a minha válvula de escape.

Me despedi da Ana e caminhei para o elevador. Encontrei com Patrícia no caminho e fiquei constrangido com seus olhares nem um pouco inocentes. Já devia ter me acostumado com aquele tipo de olhar, aonde eu ia as mulheres praticamente se ofereciam em bandejas para mim, mas Patrícia nunca me interessou, ela é o tipo de mulher que passaria por cima de qualquer um para realizar seus desejos e eu não gostava desse tipo de

atitude. No entanto, até o momento ela tinha se mostrado competente em suas funções e desde que sua falta de caráter não atrapalhasse suas responsabilidades, seu estágio na Ferraz estava garantido. Mas eu estava de olho.

Ela me deu boa noite e parecia estar a ponto de arrancar a própria roupa. Os seios já estavam praticamente pulando fora do decote. Nunca tive muito critério para escolher as mulheres que foderia, não fisicamente: loira, morena, ruiva, baixa, alta, gordinha, magra, nova, experiente, eu já me envolvi com todas, mas de uma coisa eu não abria mão: personalidade! E isso faltava aos montes a Patrícia. Abrir seu decote e literalmente colocar seus peitos no meu rosto não me agradava. Mulher com personalidade, assim como a Clara, me prendia com o olhar, com um sorriso, com uma palavra, ou seja, só precisava ser ela mesma e não um projeto

de vadia. Devolvi o cumprimento e fiquei em silêncio até que Patrícia resolveu falar.

— Dr. Ferraz, por acaso o senhor sabe onde fica o café que o dr. Diego e Clara foram? Eu gostaria de me juntar a eles, mas os dois saíram tão distraídos um com o outro que não tive tempo de perguntar o endereço — ela falou e eu senti o sarcasmo em sua voz. Aquelas palavras me faziam explodir por dentro, mesmo sabendo que era a intenção da Patrícia causar intrigas ou manchar a reputação da Clara. Respondi que não sabia, mas que deviam estar pela redondeza.

— Tudo bem, fica para uma próxima. Na verdade, pela forma como saíram daqui, provavelmente não queriam companhia — Patrícia continuava com as insinuações, em uma tentativa de me provocar.

— O que pretende dizer com isso, Patrícia? — perguntei ríspido, mas ela não se deixou assustar. Me jogou um sorrisinho

cínico e eu amaldiçoei por não poder mandá-la embora por um motivo pessoal. Essa era uma política da Ferraz e eu não poderia quebrá-la.

— Nada, dr. Ferraz. Bem, desde que a Clara chegou ao escritório, é nítido o interesse do dr. Diego por ela. Na verdade, eles formam um lindo casal. O senhor não acha? — Sua voz cínica estava me deixando furioso.

O elevador chegou ao térreo e, quando saímos, eu me virei e dei um aviso para Patrícia.

— Se você deseja manter seu estágio e ter seu relatório assinado no fim do semestre, eu sugiro que mantenha suas suposições acerca da vida pessoal dos advogados desta empresa para você. Caso contrário, eu infelizmente reportarei para sua faculdade o motivo do seu desligamento. Passar bem, Patrícia.

Ela me olhou e seu queixo estava quase no chão, na certa ela não esperava por essa atitude minha. Patrícia pode até ter me tirado do sério com suas insinuações sobre o Diego e a Clara, mas acima de tudo eu era um advogado e o que eu aprendi com a profissão foi esconder minhas emoções quando necessário. Saí da Ferraz e fui direto para a academia. Fiquei quase uma hora esvaziando minha mente entre socos e chutes. Estava difícil me acompanhar.

— Que isso, Ferraz! Que pique é esse, companheiro? — Meu técnico estava impressionado com minha vontade de lutar.

— Só um dia ruim... mas já contornei... a situação — eu falava entre uma respiração e outra, pois meu fôlego estava começando a ficar curto.

— Acredito! Você é Alexandre Ferraz, me diz o que você não resolve? E a mulher?

Também já resolveu? — Ele tocou no assunto Clara.

— Sim. — Paulinho estava me observando enquanto eu distribuía socos e chutes no saco de areia.

Após o treino, quando eu já me alongava, recebi um envelope do Paulinho como presente de aniversário. Ele confessou que era mais como um agradecimento pela minha ajuda na fundação.

— Dois ingressos para o UFC? — Paulinho sabia que eu adorava ir a esse tipo de evento e eu fiquei impressionado com os lugares, praticamente os melhores da arena.

— Quem sabe sua garota também não gosta de ver dois brutamontes sem camisa se entrelaçando durante alguns minutos em uma gaiola? — ele disse, bem-humorado.

Sorri olhando para os ingressos enquanto meu mestre se afastava. UFC? Será? Foda-se,

ela não queria encontros diferentes? Esse era um bom começo.

Cheguei em casa, esvaziei os bolsos em um tipo de bandeja que ficava sobre a mesa de centro, tomei um banho demorado e fiz um lanche. Como de costume, deixava meu celular no silencioso durante o treino. Quando fui conferir se havia perdido alguma ligação, uma mensagem chamava minha atenção. Minha menina se manifestou. Fiquei orgulhoso por saber que ela estava pensando em mim.

Então o Lobo Mau faz aniversário amanhã? Será que devo preparar uma cesta de doces?

Pelo horário da mensagem não fazia muito tempo que ela havia enviado, então respondi.

O único doce que me interessa está entre suas pernas. Vou ter a honra de saboreá-lo?

Ela respondeu imediatamente.

Tenha paciência. Se você for um bom menino, quem sabe ganha uma surpresa amanhã. Boa noite!

Maldita! Só de pensar nessa descarada aprontando, meu pau começou a endurecer. Já podia imaginar ele entrando em sua bocetinha feita sob medida. Me virei de bruços e coloquei o travesseiro sobre a cabeça na esperança de conseguir dormir.

Nunca em toda a minha vida esperei tanto pelo meu aniversário.

13



Clara

Na segunda-feira eu estava cheia de trabalho, mas eu não reclamei nem um pouco, estava muito animada. Alexandre me enviou algumas defesas para editar e eu estava adorando fazer parte do seu mundo. Me lembrei da nossa troca de mensagens na noite anterior. Ele estava tão descontraído e alegre que foi impossível não entrar em sua brincadeira. Suas defesas eram praticamente perfeitas, pouca coisa precisava ser modificada. Alexandre realmente tinha um dom.

— Bom dia. — Patrícia chegou e pelo menos dessa vez tentou ser educada me cumprimentando.

— Bom dia. — Não custava retribuir o seu esforço.

Logo depois o Nando também chegou. Estava um pouco abatido, mas imaginava

que não deveria ser fácil passar por todos os problemas que estava enfrentando.

— Bom dia, linda — ele me deu um beijo na testa e sorriu ao passar pela minha mesa.

Ai... Eu ainda morro com essas covinhas.

Perguntei se estava tudo bem, de uma forma que não parecesse intrometida. O fato de eu não me abrir e não conseguir compartilhar os meus problemas fazia com que eu respeitasse a privacidade alheia. Ele disse que sim sem me convencer, mas resolvi não insistir.

Continuei trabalhando enquanto imaginava como Alê poderia ser um homem de muitas facetas: advogado brilhante, super-amigo, família acima de tudo, benfeitor, deus do sexo, dominador, dominado, ciumento, tranquilo. Meu Deus, a cada palavra que eu lia, eu me apaixonava cada vez mais pelo dr. Ferraz, quer dizer, me apaixonava pelo seu trabalho, não por ele.

Almocei sozinha. Sabia que Alê ficava inseguro com o fato de Diego desconhecer o nosso envolvimento.

Quando voltei do almoço, Nando veio até minha mesa querendo conversar. Eu estava adorando aquela nova amizade, ele realmente era um cara de bom coração.

Nando perguntou se eu sabia de algum apartamento para alugar. Já fazia uma semana que ele estava procurando e não encontrava nada. Na mesma hora, pensei em juntar o útil ao agradável: estava detestando morar sozinha, aquela solidão estava me matando, e Nando precisava de um lugar para ficar. Pedi que Nando aguardasse uns minutos. Por mais que eu tivesse minha opinião formada sobre meu novo amigo, achei melhor ter um papinho com o Diego antes de falar qualquer coisa.

Pedi para Joana, a secretária geral, avisar ao dr. Diego que eu precisava falar com ele.

— Pode entrar, Clara, o dr. Diego está aguardando — Joana era uma mulher com um pouco mais de idade e muito educada.

Antes de entrar bati na porta. Quando me viu, Diego abriu um sorriso de orelha a orelha. Fiquei um pouco constrangida, mas logo contornei a situação.

— Clara, querida, eu te disse que você se cansaria do velhote do meu irmão. — Diego era sempre um cara muito bem-humorado.

— Boa tarde, dr. Diego. Não, eu ainda estou aguentando firme e forte. — Achei melhor entrar na brincadeira. Ele ainda não tinha me dado motivos para eu pedir que se afastasse.

— Que pena! Já estava pronto para chutar a bunda do Nando — ele falou de brincadeira: nós dois sabíamos que aquilo estava fora de cogitação. Nando e Diego se davam muito bem.

Diego se sentou e ficou me olhando.

— Na verdade, o assunto que eu tenho para tratar com o senhor é justamente sobre o Nando. — Diego indicou a cadeira à sua frente e eu me sentei. — Nesses meses em que o Nando vem trabalhando aqui, você notou alguma coisa estranha, algo que sugerisse que ele pudesse ser perigoso ou de difícil convivência? — perguntei de forma direta.

Diego se inclinou para trás em sua enorme cadeira e cruzou as mãos sobre a mesa.

— Clara, ele está passando por algumas dificuldades pessoais, mas eu nunca tive nenhum problema com ele. Nós nunca nos desentendemos, ele mostra ser uma pessoa muito sociável. É óbvio, nunca conhecemos totalmente as pessoas, mas se você me perguntar se tenho alguma queixa do Nando, não, eu não tenho — ele respondeu sem hesitar reafirmando o que eu já sabia. Ferraz

não apoiaria Nando daquela maneira se não tivesse certeza em quem estava investindo.

— Ele me contou sobre o problema que está enfrentando e eu achei louvável a atitude do dr. Ferraz. Na verdade, eu fiquei até um pouco surpresa, poucas pessoas agem com tanta generosidade — elogiei o meu chefe e Diego assentiu.

— Eu não esperava uma atitude diferente do meu irmão. O Alexandre pode ter aquele jeito de durão, mas seu coração é enorme — ela falou com uma voz doce e um brilho no olhar. Era nítido o orgulho e o carinho que ele sentia por Alexandre. Era maravilhoso poder presenciar aquele sentimento em sua forma tão natural.

— Mas por que esse interesse no Nando?
— Provavelmente estávamos os dois pensando em Alexandre e sem perceber ficamos em silêncio.

— Na verdade, ele está procurando um lugar para morar, e eu estou procurando alguém para dividir o meu apartamento — expliquei.

Diego analisou minhas palavras e parecia um pouco receoso. Voltou a comentar sobre o comportamento exemplar de Nando dentro da empresa, mas acrescentou que aquela era uma decisão que somente eu poderia tomar.

Agradei de forma carinhosa a preocupação dele, mas já havia tomado minha decisão, antes mesmo de entrar na sala do Diego, e eu só queria uma confirmação. Me levantei e me despedi. Saí da sala e cruzei com a Patrícia pelo corredor. Ótimo, assim poderia falar com o Nando a sós.

— Nando, eu sei de um lugar onde você pode morar — eu disse assim que cheguei à nossa sala.

Ele me olhou por cima da papelada que estava em suas mãos e um brilho atravessou

seus olhos. Não, eu não poderia me enganar tanto: Nando seria um ótimo companheiro de apartamento.

— Então fala, Clarinha. Me passa o número do telefone da pessoa que eu vou ligar agora mesmo — ele estava empolgado e eu me segurei para não sorrir.

Escrevi o número do meu celular e entreguei a ele. Na mesma hora o Nando pegou o celular e digitou os números com um sorriso de menino. Meu telefone tocava enquanto ele me olhava surpreso. Atendi de forma séria.

— Se você precisa de uma bebida, tecle “um”. Se você procura alguém para lhe fazer companhia, tecle “dois”. Se você precisa de alguém para dar palpite no seu look, tecle “três”. Mas se você quer tudo isso e ainda uma amiga para dividir um apartamento, por favor, dirija-se à mesa à sua frente e beije os pés da sua colega de estágio — brinquei e

Nando sorriu com cada frase que eu pronunciava. Assim que terminei de falar, ele correu em minha direção e me deu vários beijos molhados no rosto.

— Eca, Nando! Eu falei nos pés — bati em seu ombro e ele se afastou para me olhar.

Nando estava incrédulo, então eu expliquei que não estava brincando. Meu apartamento era enorme para apenas uma pessoa. Ele precisava de um lugar para morar; eu, de uma companhia. Tudo resolvido.

— Escuta... — pedi que ele se sentasse e fiz o mesmo — o apartamento é meu, você não precisa se preocupar com aluguel, mas se você fizer questão de dividir as despesas, eu vou aceitar que você pague o condomínio e as contas de luz e de internet. Combinado? — Sabia que ele estava passando por dificuldades e não seria justo cobrar aluguel já que eu não pagava um.

Ele me abraçou de novo e distribuiu mais beijos melados no meu rosto. Era impossível não se contagiar com a alegria dele.

Nando organizaria suas coisas e no máximo em dois dias estaria em minha casa. Sua presença na minha vida era muito bem-vinda, me sentiria menos solitária com ele por perto.

Quase na hora de encerrarmos o expediente, Ana chegou em nossa sala para uma conversa. Ela se encostou em uma das mesas com um envelope nas mãos e começou a falar.

— Gostaria de pedir a todos vocês que venham preparados para ficar até um pouco mais tarde amanhã. Como vocês são todos novos aqui, acho que ninguém sabe que amanhã é aniversário do dr. Ferraz. — Lançou a notícia e eu me apavorei. Ana, alheia ao meu desespero, continuou. — O Nando e a Patrícia sabem como funcionam

as comemorações por aqui: O escritório faz uma cota para o presente e eu organizo uma pequena comemoração no fim do dia com todos da empresa — ela explicou e eu notei que a piriguete oxigenada me olhava de um jeito estranho. Eu não sabia o motivo, mas definitivamente precisava andar com um galho de arruda na bolsa.

— Clara? — Ana me tirou dos meus pensamentos. — A tradição na Ferraz é que o estagiário compre o presente para o advogado aniversariante. Eu sempre me encarreguei disso, já que o dr. Ferraz nunca teve uma estagiária, mas como agora você está aqui, a bomba é sua. — Ela entregou um envelope em minhas mãos.

Fiquei surpresa e desesperada. Jesus, o que eu poderia comprar para aquele homem que tinha tudo?

— Clara, use a criatividade que tenho certeza de que existe dentro dessa cabecinha. O

dinheiro não é muito, mas é o suficiente para uma boa lembrança — ela disse aumentando o meu desespero.

Eu concordei e mil ideias começaram a surgir na minha mente. Até amanhã eu precisava descobrir algo que fosse digno do dr. Ferraz.

Ana estava saindo pela porta quando soltou a última bomba que cravaria um punhal em meu peito.

— Ah... Clara, você entrega o presente e também faz o discurso de felicitações em nome do escritório. Então, acho bom preparar algo memorável. — Deu uma piscadela e saiu.

Nando ria da minha cara de espanto e somente eu não estava achando graça nenhuma daquela história. Patrícia também me encarava, acho que ela não estava feliz em me ver discursando para o dr. Delícia.

— Relaxa, lindinha — Nando tentou me consolar —, dr. Ferraz é um homem fácil de agradar, você vai pensar em algo legal. Agora, que tal tomarmos um cappuccino para comemorar minha casa nova? — disse colocando um sorriso no rosto.

Guardei o envelope dentro da bolsa e aceitei o convite do Nando. Mais tarde pensaria no que comprar para Alexandre.

Patrícia estava desligando seu computador para sair. Nem a pau que eu iria chamá-la para se juntar a nós.

— Opa! Ouvi a palavra comemorar? — Diego estava de pé próximo à porta com sua maleta na mão e o blazer jogado no braço. Lindo como sempre, mas nada que se comparasse ao irmão. Ferraz realmente era um acidente da natureza.

— Estamos comemorando minha mudança para a casa da Clara, dr. Diego. Quer se juntar a nós para um cappuccino? —

Nando fez o convite e Diego prontamente aceitou.

Saímos os três e encontramos com a Patrícia no corredor. Achei que essa vaca já tinha ido, mas me enganei. Dei um aceno para me despedir dela, enquanto caminhava no meio de dois dos três homens mais lindos que vi na vida.

Não fazia a menor ideia do que comprar para o Alexandre. Precisava ser algo que fizesse com que ele se lembrasse de mim, mesmo sabendo que o dinheiro vinha de todos do escritório. Eu queria que ele soubesse que eu estava pensando nele e em mais ninguém quando comprei. Que fosse único e especial assim como meu Lobo Mau. Sempre fui muito boa em comprar presentes, mas nunca tive que comprar para alguém que possuía praticamente tudo. Liguei para Laís

pedindo ajuda e graças à loucura que ela disse — me dar de presente nua, enrolada em um laço vermelho — acabei tendo uma ideia e fui às compras. Assim que cheguei ao shopping, procurei uma loja de roupas masculinas. Pedi à vendedora para me mostrar todas as gravatas azuis que tinha. Ela espalhou pelo balcão dezenas de gravatas em uma variedade de tons da cor azul. Não foi fácil, mas eu encontrei aquela que mais se assemelhava à cor dos olhos do Alexandre. Um azul que me puxava para o fundo da sua alma, ao mesmo tempo em que transmitia uma tranquilidade enorme. Diante dos seus olhos eu me imaginava em frente ao mar, ouvindo o seu som e sentindo sua brisa. Apenas um olhar. Era tudo que o Alexandre precisava me dar para que eu sentisse todas aquelas sensações sem sair do lugar.

Com o que sobrou do dinheiro, eu comprei um clipe de gravata de prata com a letra

“A” gravada em seu comprimento. Assim que chegasse em casa, prepararia o bilhete que acompanharia aquela pequena lembrança.

Quando estava caminhando no shopping, notei uma loja de lingerie. Na vitrine estava um belíssimo conjunto azul, tão azul quanto a gravata que eu tinha comprado. O sutiã era todo de renda com pequenas flores brancas bordadas. A calcinha era um minúsculo fio dental, com o mesmo bordado do sutiã na frente, e com dois laços nas laterais que poderiam ser desatados facilmente. Alexandre ficaria louco. Eu mesma já estava morrendo de tesão só de imaginá-lo desfazendo aqueles laços. Comprei o conjunto e completei com meias-calças 3/4 no mesmo tom de azul. Agora, sim, eu estava preparada. Cheguei no carro e o diabinho falou mais uma vez na minha cabeça. Peguei o celular e mandei um SMS para o Alexandre: não perderia a oportunidade de provocá-lo mais uma vez.

Quer dizer que o Lobo Mau faz aniversário amanhã? Será que tenho que preparar uma cesta de doces?

Dois minutos depois e nada de resposta, devia estar ocupado. Então liguei o carro e fui para casa. Já era bem tarde e o trânsito estava tranquilo.

No momento que entrava em casa e colocava as sacolas sobre a cama, meu celular apitou. Uma mensagem. Era dele.

O único doce que me interessa está entre suas pernas. Será que vou ter a honra de saboreá-lo?

Jesus Cristo! Teria que usar o meu vibrador antes de dormir, a coisa estava ficando quente por ali. Digitei rapidamente a resposta.

Tenha paciência. Se você for um bom menino, quem sabe ganha uma surpresa amanhã. Boa noite!

Tomei um banho, lanchei algo leve e me preparei para dormir. Acabei não usando o meu brinquedinho, assim amanhã eu estaria ainda mais disposta para pôr meu plano em prática.

Cheguei ao escritório no mesmo horário de sempre e comecei a trabalhar. Não via a hora de chegar essa bendita comemoração: não perderia por nada a cara do Ferraz ao ler o cartão que coloquei na caixa de presente junto com a gravata.

“Não importa se você foi um bom ou um mau menino. Você precisa de uma punição. Eu vou amarrá-lo com essa gravata e depois montarei em cima de você, fazendo o seu pau entrar profundamente na minha boceta. E quando eu estiver gozando enlouquecidamente, quero gritar o seu nome para que

todos os seus vizinhos saibam que é você quem está me possuindo.”

Ele enfiaria em frente a todos do escritório. A única coisa que não poderia acontecer era outra pessoa ler aquele bilhete. Mas como eu tinha colocado por cima, bem à vista, e eu seria a responsável por entregar, me certificaria de que somente ele iria ler.

Estava concentrada em meu trabalho quando o meu celular vibrou: era uma mensagem do Alexandre.

Fui um ótimo menino. Posso ganhar meu presente agora?

Ri da sua pergunta engraçadinha e respondi em seguida.

A paciência é uma virtude, dr. Ferraz.

Ele não mandou mais mensagens, devia estar louco de curiosidade. Eu ficaria.

— O que você comprou, Clara? — Nando me perguntou.

Antes de responder, guardei o celular na minha bolsa.

— Uma gravata, com um clipe para prendê-la — respondi animada.

— Tão previsível — a galinha da Patrícia cacarejou. — Ele deve ter centenas delas.

Senhor, dai-me paciência, não deixe que eu arranque o aplique dos seus cabelos. Amém.

Depois da minha oração silenciosa eu respirei fundo e olhei para a sua mesa.

— Tenho certeza de que essa vai ser aquela que ele mais vai gostar. Por que fui eu quem escolheu. É uma questão de bom gosto — disse já me levantando para o almoço. Vadia!

Não perdi muito tempo almoçando, pois ainda tinha que preparar a minha homenagem. Como faria um discurso para o Ferraz diante de todos do escritório, sem me

lembrar de como é bom senti-lo dentro de mim? Estava ferrada.

Perto da hora da comemoração, fui até o banheiro, retoquei a maquiagem e me acalmei.

Ana chamou todos na sala de reuniões, distribuiu bandejas com salgadinhos e canapés por toda a sala. Havia vários tipos de bebidas, mas a única alcoólica era um champanhe que estava em um balde com gelo.

Alexandre chegou e meu coração parou. Eu não o vi durante todo o dia. Nunca me acostumaria com a visão dele, sua beleza era indescritível. Usava calça social e uma camisa cor de vinho, já não estava com a gravata e o blazer. Senhor, como eu conseguiria falar alguma coisa com tanta beleza tirando o meu fôlego?

Cantamos parabéns e, assim que terminamos, soube que era minha deixa.

— Boa tarde a todos. — A sala estava cheia, muitos advogados e colaboradores que eu nem conhecia. — Como estagiária do dr. Ferraz, eu fui incumbida de lhe comprar um presente em nome de todos da empresa. Antes de entregá-lo, eu gostaria de lhe desejar um excelente aniversário e de dizer algumas palavras. Quando eu vim trabalhar na Ferraz, imaginava que o senhor fosse um homem de negócios, frio e distante de todos, assim como a maioria dos advogados bem-sucedidos. Mas as aparências enganam e o homem que hoje comemora aniversário é, além de um advogado brilhante — Alê me olhava com desejo e eu tive que desviar minha atenção para conseguir terminar aquele discurso, focando nos rostos conhecidos —, um excelente chefe e um irmão e amigo irreprensível — voltei a encará-lo e finalizei. — Que seus dias sejam repletos de coisas boas. Parabéns, dr. Ferraz.

Todos aplaudiram e eu entreguei a caixa depois de me certificar de que não havia ninguém perto o suficiente para ver o bilhete. Assim que ele leu, seus olhos arregalaram e eu me juntei ao Nando. Tinha que sair do seu campo de visão.

Alê levantou a gravata, mostrando a todos o presente e eu soltei a respiração que nem percebi que estava prendendo.

O resto da comemoração aconteceu sem nenhum transtorno, todos parabenizaram Alexandre e, na minha vez, ele soltou um sorriso. Quando o abracei, ele me segurou por um pouco mais de tempo.

— Preciso falar com você. Na minha sala em dez minutos — ele sussurrou no meu ouvido e eu me arrepiei na hora. Sua voz de comando fez minha calcinha molhar. Para variar, né?

Me afastei e concordei com um simples “ok”. Confesso que esperava que ele me

chamasse para conversar. Eu queria que ele tomasse essa atitude para que eu pudesse colocar em prática a segunda parte do meu presente. Alexandre se despediu de todos e saiu em direção à sua sala. Eu aguardei alguns minutos para que ninguém desconfiasse e fui atrás. Passei pela porta dele e a fechei. Alexandre estava de costas olhando pela janela, mas assim que notou a minha presença, caminhou em minha direção e me tomou em seus braços com um beijo de deixar qualquer ser humano desnorteado.

— Você quer me enlouquecer? É essa sua intenção, maldita? — ele disse com os dentes cerrados.

Ele me apertava contra o seu corpo e suas mãos estavam na minha nuca, seus dedos entrando embaixo do meu cabelo, me fazendo gemer e quase perder o juízo.

— Sem sexo no escritório, Alexandre — adverti.

Ele descolou a boca da minha e eu vi um sentimento de fúria tomar conta dos seus olhos.

— Você está maluca? Meu pau está uma pedra e eu estou morrendo aqui... Preciso sentir você, me enterrar dentro de você. — Alexandre tentava colocar as mãos por baixo da minha camisa e meus mamilos já estavam arrepiados. Suas mãos os acariciavam enquanto ele beijava minha boca, movendo a língua de forma desordenada e lambendo cada centímetro dela.

— Por favor... — ele murmurava — eu preciso de você. — Suas palavras eram carregadas de luxúria e por um segundo eu quase esqueci o propósito da minha visita.

— Sente-se na sua cadeira, dr. Ferraz — ordenei e relutante ele me obedeceu.

Assim que Alexandre sentou, eu ajoelhei diante dele. Ele esticou os braços, apoiando-os nas laterais da cadeira, enquanto seus

olhos acompanhavam cada movimento que eu fazia.

— Mas você disse que... — ele começou a falar, mas eu o interrompi.

— Shhhhhh... — pedi que ele fizesse silêncio. — Dr. Ferraz, eu disse que não iríamos transar, mas ainda falta uma parte do seu presente. E eu vou lhe dar agora. Fui abrindo o zíper da sua calça, observando o tempo todo as expressões em seu rosto. Ferraz era lindo, mas quando estava com tesão, ele era um monumento. Abaixei sua cueca e tirei seu lindo pau para fora.

— Nossa, Alê, você já está tão duro — comecei a acariciá-lo com as mãos enquanto lambia os lábios. Não via a hora de sentir tudo aquilo dentro da minha boca.

— Não brinque, Clara, eu estou muito excitado, me chupa logo — ele ordenou, com uma voz poderosa.

Eu queria agradá-lo, me preparei para realizar o melhor sexo oral da minha vida. Escorreguei meu corpo um pouco para trás e naquela posição eu praticamente ficava escondida debaixo da mesa. O primeiro movimento que eu fiz foi colocá-lo todo em minha boca, conseguimos sentir a cabeça do seu pau roçando minha garganta, e aquilo deixou Alexandre louco.

— Oh, meu Deus, Clara... Faz isso de novo. — As mãos do Alexandre subiram para o meu rosto e seguraram os meus cabelos.

Assim que eu o engoli novamente, repeti o movimento.

— Puta merda — ele sussurrou novamente e eu aumentei o ritmo, alternando chupadas curtas com lambidas em sua cabeça latejante. Alexandre suspirava cada vez mais alto e eu rezava para ninguém nos escutar, pois naquele momento eu não pararia. Agachei ainda mais e repeti o

movimento que fiz na nossa primeira noite juntos. Comecei a chupar suas bolas enquanto minhas mãos bombeavam seu membro que estava cada vez maior. Senti suas bolas incharem e suas mãos puxarem meus cabelos com mais força. Ele estava quase lá.

— Eu vou gozar. Caralho, Clara, que delícia. Ele murmurou já com a voz entrecortada pela falta de ar. Assim que eu coloquei todo o seu pau dentro da minha boca, escutei o barulho da porta se abrindo. Alexandre empurrou sua cadeira para a frente me levando junto e cruzou os braços sobre a mesa. Eu estava totalmente debaixo dela, escondida e protegida por ele. O pau do Alexandre ainda estava em minha boca e eu senti o primeiro jato sair. Ele não conseguiu segurar.

— Mano, está tudo bem? Você está estranho. Parece que viu um fantasma — ouvi uma voz familiar. Porra, que merda fodida. Era o Diego.

— Diego, eu estou bem, por que você não bateu na porta? — Alê disse desconfortável.

Eu ainda sugava os últimos jatos que saíam e agora eu estava pouco me importando se o Diego iria ou não nos pegar em flagrante. A voz do Alexandre já estava voltando ao normal quando Diego respondeu. Puta merda que excitante, eu aqui com o pau do Ferraz enfiado em minha boca e ele conversando com o irmão como se nada estivesse acontecendo.

— Eu só vim te chamar para irmos, os caras já estão a caminho do bar. Tem certeza de que você está bem, mano? — Diego continuou desconfiado.

Ferraz desconversou e mandou Diego sair.

Assim que eu ouvi o barulho da porta fechando, Alexandre me arrastou de onde eu estava.

— Cacete! Eu achei que ia morrer com esse orgasmo — ele disse e me beijou, comigo ainda ajoelhada.

Me levantei e ajeitei minha roupa enquanto Ferraz fazia o mesmo.

— Pena que não vamos poder continuar na sua casa como planejei — falei limpando o canto da boca para provocá-lo. Eu fiquei tão empolgada com os meus planos que nem imaginei que Alê teria alguma programação, e era óbvio que teria.

— Clara... Eu... — Ele não sabia o que falar, estava nitidamente envergonhado.

— Não se preocupa, dr. Ferraz, quem sabe amanhã? — eu disse tentando demonstrar indiferença, mas fervendo por dentro.

Deixei ele ainda de pé na sala, me olhando, enquanto eu me afastava. Saí de lá com um tesão desesperado e sabia que nem meu vibrador poderia me ajudar naquela maldita noite.

— Parabéns, Clara. Ótimo plano!

Ferraz

Eu estava em minha sala de boca aberta, paralisado. O que Clara fez foi totalmente inesperado. Apenas em meus melhores sonhos aconteciam cenas como aquela. Ela me proporcionou um dos melhores dias da minha vida, e não dizia isso somente pelo maravilhoso sexo oral que acabara de receber.

Quando eu entrei e todos os colaboradores da Ferraz começaram a me aplaudir, eu sorri agradecido pelo carinho enquanto meus olhos procuravam a minha menina. E assim que eu bati os olhos nela, minhas pernas tremeram.

Ela era perfeita para mim. Estava usando uma calça cinza e uma camisa preta de mangas curtas com um babado que descia pela frente como se fosse um cachecol. Os cachos de seus cabelos desciam soltos por suas costas e ela segurava uma caixa nas mãos.

Quando começou a falar, eu senti uma gota de suor descer pelo meu pescoço. Sentimentos desconhecidos me invadiram, mas estava certo de que deveria aprender a vivenciá-los. Sabia que sentiria aquele turbilhão de emoções sempre que estivesse ao lado da Clara.

Minha menina falava e eu via uma sinceridade imensa em suas palavras. Elas realmente tocaram meu coração de uma forma inexplicável. Mas o pior ainda estava por vir: assim que ela me entregou a caixa, eu comecei a ler o bilhete pensando que ele era assinado por todos, como de costume. Mas me esqueci de que a Clara não fazia o previsível. Ela não era igual a ninguém e não seguia as regras impostas pelos outros.

Tive vontade de mandar todo mundo embora e fodê-la ali mesmo, enquanto derramava champanhe pelo seu belo corpo. Nos minutos seguintes, eu fiz um enorme

esforço para manter os meus pensamentos presos dentro da minha cabeça, sem transformá-los em ações concretas.

Quando ela me abraçou, eu segurei seu corpo junto ao meu o tempo necessário para avisá-la que a aguardaria na minha sala.

E quando Clara chegou, me surpreendeu mais uma vez. Eu gozei tão forte que minhas pernas ficaram bambas e eu agradeci por estar sentado. A única coisa que me tirou do meu momento sublime foi o fato de o Diego estar na minha frente enquanto meu pau era possuído e eu gozava na boca de Clara. Escondi a minha menina embaixo da mesa o máximo que pude enquanto mandava Diego para fora da sala. Quando ele saiu, eu estava pronto para fodê-la, mas minha ficha caiu. Eu não poderia simplesmente dar uma mancada daquelas com meu irmão sem uma boa explicação. Clara e eu nos ajeitamos

rapidamente e eu só conseguia pensar em que desculpa inventaria para o Diego.

Foi quando ela se despediu e saiu pela porta me deixando sem ação.

— Droga! Maldito Diego! Maldita festa!
— Eu esmurrava a mesa e sentia um vazio enorme, como se precisasse da presença dela para respirar normalmente. Resolvi descer e acabar com a palhaçada.

Mas quando cheguei no térreo, todos os meus amigos estavam me aguardando. Puta merda! E agora?

Eles me davam tapinhas nas costas me desejando felicidades, mas a minha alegria não estava comigo. E eu começava a acreditar que não a encontraria mais hoje.

— Vamos! As gatas nos esperam — Bruno levantou a voz e eu sabia que aquela comemoração seria uma tortura. Sem a Clara, seria praticamente um inferno. Como não tive alternativa, eu os segui. Nos

dividimos em grupos e seguimos em carros separados. Antes do Bruno entrar na minha caminhonete, puxei ele de lado.

— Droga, Bruno, eu não quero mulher nenhuma — eu disse exasperado. Só desejava uma e ela tinha acabado de ir embora.

Bruno me olhou, e notei que ele não estava surpreso. Ele então explicou que, diante da insistência de Diego, não teve como dizer “não”, pois não saberia explicar os motivos.

Chegamos ao bar. E a coisa era pior do que eu esperava. Os caras fecharam o pub e várias garçonetes vestidas com uniformes mínimos e insinuantes nos esperavam segurando bandejas com bebidas variadas. Antes que alguém pudesse me ver, rapidamente peguei uma dose de tequila e uma cerveja. Joguei o líquido da garrafa em um vaso de planta e dei um gole na tequila. Enquanto todos gritavam e batiam palmas para mim, eu fingia beber a cerveja. Mas, na verdade, eu

jogava a tequila que tinha na boca dentro da garrafa. Precisaria me manter sóbrio e encontrar uma maneira de ir atrás da Clara.

— Eu sei o que você está fazendo, dr. Ferraz. — Bruno estava ao meu lado, e juntos observávamos os caras se engraçando com as mulheres.

Passei as mãos de forma nervosa pelos cabelos.

— Preciso ir atrás dela, Bruno — eu implorava que o meu amigo me entendesse. O desejo pela Clara estava explodindo meus miolos.

Ele bebia calmamente sua cerveja e eu estranhava o seu comportamento racional diante da minha revelação.

— Eu sei, mano, mas dá um tempo primeiro. Se você sair agora, todos vão encher o seu saco para saber o motivo. Relaxa, depois eu te ajudo — ele disse e saiu andando em direção ao Diego. No caminho afastou

todas as mulheres que tentavam se aproximar. Realmente a Laís tinha feito a cabeça do Bruno. Até pouco tempo, ele seria a última pessoa a quem eu pediria ajuda para ir atrás de uma mulher, já que seria o primeiro a rir da minha cara.

Fiquei quase uma hora disfarçando que bebia e tentando conversar com os meus amigos. Resolvi mandar uma mensagem para Clara.

O que está fazendo, minha menina?

A resposta veio imediatamente.

Experimentando uma lingerie azul. Combina com a sua gravata. Mas estou tendo dificuldades para desamarrar o laço do fio dental. Acho que vou procurar ajuda.

Putá merda! Ela queria me provocar e estava conseguindo.

Chego em vinte minutos, não tira essa maldita calcinha.

Ela respondeu sem hesitar:

Estou indo para o seu apartamento. Não demore.

— Bruno! Bruno! — eu gritei e ele veio correndo. — Foda-se, cara! Se vira com o pessoal. Clara tem um problema com a calcinha dela e eu preciso ir para casa, agora. — Mal terminei de falar e já estava saindo.

Bruno só assentiu com um olhar divertido e eu saí sem me despedir de ninguém. Eu me entenderia com Diego no dia seguinte.

Quando cheguei na minha rua, eu a vi saindo do carro. Estacionei e fui em sua direção. Entramos na portaria do prédio de mãos dadas e, no elevador eu a beijei desesperadamente. Éramos os únicos naquele lugar, mas o ar era pouco para nós dois.

— Por favor, me diga que você não tirou a calcinha — pedi cheio de tesão. Clara ficou de costas para onde estava a câmera e abriu o casaco. Quase surtei! Somente um sutiã e

uma pequena calcinha adornavam o seu corpo. Ela sorriu presunçosa e fechou o casaco novamente. Saí do elevador e praticamente a arrastei comigo. Ela me puxou pela gravata que graças aos céus tinha lembrado de colocar. Tinha a promessa do seu bilhete gravada, e se ela fizesse tudo aquilo, eu realmente mandaria emoldurar aquela gravata.

— Resolveu buscar o resto do seu presente, dr. Ferraz? — ela dizia enquanto caminhava de costas para o meu quarto.

— Sim — murmurei ofegante. Eu não duraria um minuto dentro dela. Clara exalava sensualidade e eu queria lambe cada centímetro daquele corpo delicioso. Inclusive sua tatuagem.

— Você foi um garoto malvado, Alê. Me deixou com muito tesão e saiu para farrear. Isso não foi legal. Não. Não. Não — ela dizia de modo provocativo e eu já estava por um fio.

Quando ela retirou o casaco, meu primeiro impulso foi tocá-la. Mas Clara se afastou.

— Sentado na cama, dr. Ferraz. O aniversariante assiste de camarote, não acha? — Merda, ela estava me matando.

Tirei os sapatos e as meias e me sentei na cama sem tirar os olhos daquele demônio na minha frente. Meu corpo se preparava para receber a onda de prazer que estava por vir.

— Deite-se — ordenou e eu obedeci. Ela estava no comando e eu permanecia louco para fodê-la até os ossos.

Clara saiu do quarto e voltou trazendo uma garrafa de tequila. Ela colocou a garrafa no chão e começou a me despir.

— Sou louca pelo seu corpo. Às vezes quando te vejo no escritório, tenho vontade de te comer todinho. — Sua voz sexy falando aquilo me deixou ainda mais excitado. Meu pau estava cada vez mais duro, e eu poderia

gozar em minhas calças se aquilo durasse muito tempo. Ela tirou a gravata e a minha camisa e as jogou no chão. Logo minhas calças tiveram o mesmo destino. Estava somente de cueca na cama quando Clara começou a me lambar. Sua língua iniciava o movimento acima da minha boxer e deslizava até a minha boca.

— Dispenso o sal e o limão — ela disse ao beber uma dose de tequila direto da garrafa e voltar a lambar meu corpo devagar, fazendo eu me contorcer de prazer. Aquilo estava sendo demais para mim. Clara saiu da cama e me chamou com o dedo indicador.

— Como eu disse, não consigo tirá-la. — Minha menina se virou de costas para mim e meu olhar foi direto para aquela bunda perfeita que exibia o fio dental. Me sentei na beirada da cama e alcancei o seu corpo. Abri o seu traseiro e beijei bem no meio do seu

buraquinho ainda inexplorado por mim. Dei um tapa em sua bunda.

— Gostosa! — murmurei com uma voz rouca de tesão. Com ela de costas soltei o fecho do sutiã e passei as mãos para a frente, agarrando os seus seios. Seus mamilos se arrepiavam e endureciam cada vez mais ao meu toque.

— Vire-se. Deixe-me chupá-los. — Não esperei ela me obedecer e a virei brusca-mente. Minha menina colocou os seios na minha cara e eu passei a língua de leve neles. Primeiro em um e depois o mesmo tratamento no outro.

— Oh, meu Deus — ela sussurrava. Percebi o quanto Clara estava ficando excitava com aquelas carícias e comecei a chupar os seus mamilos. E quanto mais eu chupava, mais Clara se contorcia. Puxei-a para baixo e coloquei-a montada em uma das minhas pernas. Clara começou a se esfregar em mim e

eu senti seus fluidos na minha perna. Ela estava incrivelmente molhada e eu podia sentir o clitóris duro através da sua calcinha.

— Você é maravilhosa — eu precisava dizer o quanto ela era incrível. Seus seios estavam totalmente sensíveis. Levantei Clara do meu colo e a joguei de quatro na cama. Quando ela virou o corpo tentando chegar até mim, eu a segurei naquela posição.

— Shhh! Shh! Minha menina, eu vou te agradar.

Soltei um dos laços da calcinha e fiz o mesmo com o outro. Como mesmo assim o tecido não descia, já que o traseiro perfeito da Clara o prendia, tive que puxar a calcinha antes de cair de boca no seu corpo. Passei minha língua por toda a sua boceta, desde o seu ânus até de volta à sua boceta perfeita. Minha menina tentava se afastar e eu a segurava com força, puxando sua cintura em minha direção.

— Vem pra mim, Clara! Goza gostoso, minha menina — chamei por ela. Coloquei o polegar em sua boceta e senti o quanto ela estava molhada. Me agachei para alcançar o seu clitóris e comecei a chupá-lo.

— Alexandre...

Isso mesmo, grita o meu nome porque você é minha.

Enquanto chupava e lambia seu ponto sensível, eu levei meu polegar até o seu orifício e comecei a provocá-la. Inicialmente Clara se afastou e me questionei se ela já havia feito sexo anal. Aos poucos ela cedeu e, sem que resistisse, enfiei meu dedo lentamente. Clara rebolava seu rabo em meu rosto e eu aumentei o ritmo dos meus movimentos.

Então ela começou a tremer, encostou o rosto na cama e soltou gritos abafados pelo colchão.

— Alexandre... Porra... Foda-se. — Seus palavrões sem pudor demonstravam o quanto ela estava se perdendo.

Clara gozou na minha boca e eu senti meu rosto todo melado. Excitante demais. Virei-a na cama e quando fui colocar a camisinha, aproveitei para ligar o iPhone na caixa de som. Ne-Yo cantava *Sexy Love* e nada poderia ser tão perfeito.

*Sexy love
Girl the things you do (oh baby, baby)
Keep me sprung
Keep me running back to you (oh baby, I)
OoOo I love
Making love to you
Baby girl you know your my
Sexy love*

Me deitei ao lado de Clara na cama e ficamos abraçados, de conchinha. Passei

uma de suas pernas por cima da minha e a deixei aberta, esperando pelo meu pau.

— Minha menina, minha doce menina — sussurrava em seu ouvido. Quando minha ereção encontrou sua boceta, eu me senti em casa. Era perfeito demais. Delicioso demais. Tudo com a Clara era demais. Virei seu rosto para que pudesse olhar em seus olhos.

— Olha para mim, Clara. — Minha menina me obedeceu e eu comecei a me mexer devagar, meus movimentos eram lentos e toda vez que meu pau entrava e saía, eu sentia o meu coração bater mais forte. Clara me olhava dentro da alma e sussurrava meu nome.

— Alexandre... — Putz, isso me matava.

— Shhh! Apenas sinta, minha menina. — Aumentei o ritmo, mas continuei suave, pois se bombeasse com toda a força que eu desejava, não conseguiria segurar e gozaria antes

dela. Enquanto eu olhava em seus olhos, eu cantarolava a música para ela.

Digo que estou sonhando por estar louco de amor. Não posso me controlar.

Comecei a estimular o clitóris de Clara com uma das mãos. Movimentos lentos no mesmo ritmo em que entrava e saía da sua pequena boceta. Virei seu rosto novamente e a beijei profundamente.

— Goza para mim de novo, menina. Você fica tão linda se perdendo por mim, me dá o seu prazer — eu sussurrava em seu ouvido e ela começou a gritar.

— Alexandre, meu Deus... — O restante da frase ficou no ar porque logo depois ela apertou meu pau em um gozo maravilhoso, se contraindo e me sugando para dentro dela. Aquilo foi demais para mim. Segurei Clara mais apertado e comecei a meter forte e rápido.

— VO - CÊ - É - MI - NHA!!! — *Não sabia por que soltei aquilo, mas a vontade de marcar Clara como minha propriedade foi maior do que o meu bom senso. Meti fundo e rápido, estava tão duro que doía, mas uma dor que me trazia ainda mais prazer. Algumas penetrações depois, enchi o preservativo. Minha vontade era jorrar sêmen em seu interior, mas aquilo estava fora de cogitação, pelo menos por enquanto.*

Fui ao banheiro, retirei o preservativo, me limpei e voltei. Cheguei na porta do meu quarto e senti novamente aquela sensação de posse quando vi Clara espalhada pela cama.

— Minha — dessa vez falei baixo para que ela não escutasse.

Me deitei na cama e puxei Clara para os meus braços. Ela estava caindo no sono, mas antes de fechar os olhos murmurou lindamente: — Você faz aniversário e eu ganho o presente?

— Meu presente é você, minha menina.

— Ela aninhou a cabeça em meu peito e fechou os olhos.

— Estou apaixonado por você — eu disse e vi que ela já estava dormindo. Agradei. Aquelas palavras iriam assustá-la.

Foi fácil dormir. Clara ao meu lado me dava segurança e sentir seu corpo nu colado ao meu era a melhor coisa do mundo.

No meio da madrugada, comecei a sentir sensações estranhas. Tentei levar minhas mãos até o meu pau para ver o que estava acontecendo, mas não consegui me mexer. Acordei assustado e vi meus braços amarrados à cabeceira da cama pela maldita gravata azul.

Levantei um pouco meu corpo e vi a descarada com o maior sorriso do mundo já desenrolando um preservativo no meu pau totalmente ereto. Nem controle sobre o meu corpo eu tinha mais.

— Clara? — perguntei confuso.

Ela se levantou e olhou em meus olhos.

— Achou que não ganharia seu presente, dr. Ferraz? — ela se agachou sobre mim e começou a descer lentamente pelo meu pau. Eu quase enlouqueci por não poder tocá-la.

— Meu Deus, Clara. — A sensação de me ver completamente dentro dela e assistir aos seus movimentos, me engolindo centímetro por centímetro, era espetacular.

— Olhe para mim, Alexandre, quero ver seus lindos olhos azuis enquanto eu fodo você. — Novamente ela me deu ordens. Fiz o que ela mandou. Clara subia e descia em uma velocidade frenética, seus olhos estavam grudados aos meus e eu tenho certeza de que vi paixão passar por eles. Não poderia estar tão enganado assim.

Minha menina levou as mãos aos cabelos e os segurou acima da cabeça, sem nunca parar de subir e descer, cavalcando em mim.

— Alê... — ela gritava enquanto seus seios balançavam com o movimento.

Tenho certeza de que os meus vizinhos podiam ouvi-la. Clara sempre cumprindo suas promessas. Então, ela levou a mão até o clitóris e eu tentei alcançá-la, aquilo era meu, somente eu poderia dar prazer a ela.

— Clara, me desamarra. — Ela me ignorou totalmente e começou a se tocar. Uma das mãos em sua boceta e outra apertando o seu próprio mamilo. Quase arranquei a cabeceira da cama, mas a maldita tinha feito um nó de marinheiro ao amarrar as minhas mãos.

— Clara, me solta. Preciso tocar em você — supliquei e ela sorriu. Um sorriso perverso.

— Desta vez não, dr. Ferraz. Somente assista. — Suas palavras me fizeram pensar que eu não sobreviveria àquela noite.

— Droga, Alexandre, estou *tão perto, tão excitada, vem comigo*. — Ela ainda rebojava

em cima do meu pau e eu comecei a me mexer em sua direção.

— Puta! — eu disse cerrando os dentes, sentindo o orgasmo se aproximar. — Você me paga, sua maldita! — Clara sorria e se contraía apertando ainda mais o meu pau. Senti que o seu corpo se acalmava e quando olhei seu rosto, um semblante saciado estava se estampando. Clara estava gozando e eu continuei a meter em seu interior até alcançar meu próprio clímax.

— VOCÊ É MINHA!!! — Foi mais como um rosnado. Soltei aquela frase enquanto me enterrava em sua boceta, gozando pela terceira vez naquele dia. Clara me desamarrou e eu tirei a camisinha e a joguei no chão. O medo fez meu coração praticamente parar em meu peito: dessa vez ela ouviu e sairia correndo. Mas para minha surpresa, assim que me ajeitei na cama, Clara jogou uma das pernas sobre as minhas e levantou seu corpo.

— Feliz aniversário, Alê! — E me beijou. Um beijo carinhoso. Abri um sorriso enquanto acariciava seus cabelos e a via adormecer em meus braços.

Não! Eu não estava errado.

14



Clara

Acordei assustada sem saber exatamente onde estava. Mas então eu senti um braço sobre minha cintura e uma respiração pesada no meu pescoço. Alexandre! Existia melhor forma de acordar? Acho que não. Quer dizer, tenho certeza.

A noite passada foi uma loucura! Enquanto eu saía da sala do Ferraz, eu me amaldiçoava por não ter verificado se ele comemoraria o aniversário em outro lugar. Quando as portas do elevador se abriram, eu tive certeza de que ele teria uma noite excelente. Bruno e vários outros homens aguardavam na recepção do prédio, todos animados e alegres. Festinha masculina! Já sabia no que ia dar. Troquei duas palavras com o Bruno e fui direto para casa. Passar o resto da noite imaginando o Alê cercado de

mulheres não me agradava, mas aceitar que estava sentindo ciúmes dele também não.

Por não querer reconhecer aquele sentimento, eu deixei passar a história da Cristina Pernalonga e também a da fulana que eu ouvi no celular no dia em que eu liguei da boate.

Mesmo tendo desejado que o pau dele caísse um pouco mais cedo, bastaram algumas mensagens provocativas para ele me ganhar. O resultado disso tudo: uma deliciosa, maravilhosa e prazerosa noite de sexo com meu Lobo Mau. Meu Pai amado, cada vez ficava melhor. Alexandre sabia onde me tocar, onde me beijar e cada palavra, cada sussurro que saía daquela boca maravilhosa mexia com minhas emoções. “Você é minha”, lembrei o que ele tinha dito. Naquele momento minha cabeça disse “corre”, mas meu coração e meu corpo diziam “sim, eu sou sua”. Depois de muito tempo lutando contra

meus sentimentos, eu finalmente resolvi ouvir meu coração e ficar.

Tentei me mexer, mas Ferraz me apertou ainda mais contra seu corpo. Ele não queria se afastar, não era um simples abraço, havia um sentimento de posse naquele gesto como se eu fosse... Como se eu fosse dele.

Seu sono era muito pesado. Nem quando eu o amarrei na cama e comecei a provocar o seu pau, ele despertou. Mas quando ele abriu os olhos eu fui ao céu e voltei... Sorri. Aquela cena estava entre as melhores no filme *Ferraz e Clara*.

Tentei me mexer outra vez, precisava me levantar. Não sabia que horas eram e não podia simplesmente esquecer que era quarta-feira e um estágio me aguardava.

— Dorme, minha menina — ele sussurrou em meu ouvido.

Nossa Senhora das Mulheres Desesperadas! Aquela voz rouca de sono era a coisa

mais sexy que eu já tinha ouvido. Nada se comparava à voz sonolenta do Alexandre e o efeito que ela causava em mim.

— Alexandre, precisamos ir — eu disse, mas ele murmurava “hummm” e “hã” e “hummm” de novo e de novo no meu pescoço. Caralho! Pode isso, meu Deus?

— Quarta-feira. Ferraz Advogados. Isso te lembra alguma coisa? Algo envolvendo trabalho? — tentei convencê-lo.

Alexandre se mexeu na cama. Em um minuto estava ao meu lado e no outro, como um gato sorrateiro, estava em cima de mim, pressionando a famosa ereção matinal masculina entre minhas coxas. Eu estava nua, ele estava... gloriosamente nu! Que corpo perfeito. Beijos eram distribuídos desde a minha orelha até o meu ombro.

— Preciso de você agora! — ele sussurrava. Mas que merda havia com aqueles sussurros malditos? Juntei minhas pernas em

torno dele. Fala sério, ninguém é de ferro, muito menos eu, que não dispensaria aquele deus.

— Vamos tomar um banho? Assim nós já saímos prontos e vamos trabalhar, ok? — Acabei cedendo. O desgraçado sorriu, sabia que tinha ganhado aquela batalha. Pedi alguns minutos para escovar os dentes e lavar o rosto primeiro. Peguei minha bolsa e fui para o banheiro.

Liguei o chuveiro e esperei Alexandre entrar. Não demorou para eu sentir sua ereção pressionando a minha bunda e seus braços fortes me apertando. Alexandre ficou colado em mim daquela forma deliciosa. Joguei a cabeça para trás e me encostei em seu peito.

— Você está tão linda toda molhada... Está molhado aqui também? — ele desceu a mão até minha entrada e começou a brincar com a minha boceta. Sua outra mão estava acariciando o meu pescoço, mas logo ele me

forçou a virar o rosto para ele. E me beijou de uma forma deliciosa e eu senti o gosto maravilhoso dos seus lábios.

— Quero foder o seu cuzinho. Você tem uma bunda muito gostosa. Me deixa te comer assim? — ele falou me olhando com desejo e depois me inclinou para a frente até que meus seios tocassem o azulejo frio do banheiro. Eu estava praticamente curvada. Com aquela posição, Alexandre teria total acesso ao meu traseiro, mas eu não estava preparada para aquilo. Ainda.

Já havia tentado sexo anal outras vezes, mas realmente nunca achei alguém que me desse o conforto necessário para que fosse prazeroso. Como Alexandre era praticamente perfeito na cama, talvez fosse a pessoa certa para tentar novamente, mas não hoje. Estávamos atrasados e eu precisaria me preparar para que algo extremamente erótico não se tornasse um terror.

— Talvez outro dia, Lobo Mau. Hoje quero você na minha boceta. — Ele entendeu meu recado e saiu do boxe. Previ que ele havia ido colocar o preservativo. Ele era insaciável e eu estava me tornado uma capetinha por causa dele. Alexandre voltou e se encaixou em mim novamente, mas agora ele procurava minha boceta, que praticamente implorava por ele. Eu não mudei a minha posição, queria que ele me tomasse daquela forma.

Lentamente ele começou a entrar em mim. Ele era grande e levava um tempo até acomodá-lo por inteiro, mas assim que eu relaxei, eu o senti totalmente em meu interior. A água quente fez com que todo o banheiro ficasse envolto no vapor. Era uma sensação excitante. Me senti a própria Rose do *Titanic*, faltava só passar a mãozinha na janela, mas havia uma diferença entre nós: meu

Lobo Mau dava de dez a zero no Leonardo DiCaprio.

— Você gosta assim, minha menina, ou você prefere que eu te chame de minha puta?

— Alexandre começou a se mexer e ele sabia que suas palavras sujas me excitavam. Ele usava e abusava desse poder, me deixando totalmente desestruturada.

— Me fode. Você é tão grande. Posso sentir você lá no fundo. — Alexandre intensificou os seus movimentos, mas eu não sei por que diabos ele ainda estava lento.

— Forte, Alê. Mais rápido. — Ele atendeu o meu pedido, suas mãos segurando meus ombros, e eu estava com os seios e o rosto colados na parede. Alexandre metia fundo, mas me agarrava para que aqueles movimentos não machucassem meu rosto. Porra! Como ele conseguia pensar no meu bem-estar ao mesmo tempo em que me fodia como um louco? Eu mal lembrava o meu nome.

— Você é tão gostosa, poderia te comer o dia inteiro — ele declarou, e eu concluí que não reclamaria.

Viver de sexo. Ótima maneira de viver.
Morrer de sexo. Ótima maneira de morrer.

Alexandre passou uma de suas mãos pelas minhas costas, pela minha tatuagem e apertou a minha cintura.

— Acho que estou aproveitando bem o dia — ele disse fazendo referência à minha tatuagem. — Você está quase lá, minha menina?

Eu perdi minha fala. Alexandre levou as mãos para o meu cabelo e puxou minha cabeça em sua direção.

— Diz que você é minha! — ele falava de forma sexy e eu quase atendi o seu pedido, mas não podia falar o que ele queria ouvir. Alexandre já estava se confundindo e me confundindo, e eu precisava manter nosso acordo.

— Me fode, Alexandre! — Senti que ele hesitou por um instante, mas logo estava de volta. Fechei os olhos. Sabia que o fato de não ter respondido tinha deixado ele chateado.

— Você vai dizer, Clara. — Ele começou a meter ainda mais forte. — Não se esqueça. Você vai dizer as palavras que eu quero. Três palavras apenas — ele levou a mão até o meu clitóris e eu não consegui me segurar.

Gozei. Novamente. E mais uma vez tomada pelo homem que estava virando meu mundo de cabeça para baixo. Algumas estocadas depois, eu senti Alexandre suspirar profundamente antes de me chamar.

— Minha menina. Minha menina... Oh!... Porra — ele gritou enquanto seu pau se contraía em um espasmo que eu podia sentir dentro de mim.

Depois de gozar, Alê retirou o pau e descartou a camisinha no lixo. Não me disse

mais uma palavra e aquele silêncio já estava me matando.

— Alexandre. — Ele me olhou enquanto ensaboava seu corpo perfeito. Encarei sua barriga tanquinho com o V de dar água na boca. Essa visão me tirou o ar e eu quase esqueci o que estava falando.

— É... hummm... A noite passada foi... — tentei me explicar, mas ele não me deixou falar.

— A noite foi ótima. Não precisa se explicar. Fazia parte do acordo trepar no meio da semana se o outro consentisse. Foi isso que aconteceu, não foi, Clara? — ele disse em um tom acusatório e eu senti a raiva em suas palavras. Ele queria que eu o corrigisse, dissesse que foi algo mais.

— Sim, foi isso. Uma trepada de aniversário. Foi exatamente isso. — Quando concordei com ele, Alexandre bufou. A decepção

despontou em seus olhos e eu me questioneei se aquele acordo daria certo. Pouco provável.

Alê terminou de se lavar e praticamente ordenou que eu vestisse uma camiseta dele por baixo do meu casaco. Falou que ia me levar em casa antes de irmos para o escritório. Estava no modo autoritário, mal me olhava. Enquanto falava, se secava com uma toalha. Ele saiu do banheiro e me deixou que nem uma barata tonta embaixo do chuveiro.

Que porra era aquela? Em um momento ele estava fodendo meus miolos e agora... Droga, ele continuava fodendo os meus miolos.

Terminei o banho, me enrolei na toalha e fui para o quarto. Escutei a voz de Alexandre e o procurei pela sala. Ele estava olhando pela janela, vestido apenas com uma boxer preta, e falava com alguém ao celular.

— Lana, querida, podemos falar sobre isso pessoalmente? — Sua voz melosa ao

telefone me causou repulsa. Lana? Será que era a piranha que estava com ele no dia da boate?

— Eu sei, eu sei, Lana, por favor, não posso falar agora, eu ligo para dizer o local. Conversaremos sobre isso à noite, ok? — Ele marcou com ela e eu praticamente gritei de raiva. Filho da puta! Depois da noite e da manhã que tivemos, ele estava marcando encontro com outra? Sua cama ainda estava quente. Desgraçado!

Voltei para o quarto sem ser notada. Comecei a juntar minhas coisas. Meu coração quase pulava para fora do peito e eu não podia acreditar na raiva que eu estava sentindo.

Você vai dizer as palavras que eu quero. Lembrei o que ele me disse há poucos minutos. Vou o cacete! Eu era dele, mas o desgraçado podia galinhar por aí?

Amarrei o meu cabelo em um coque muito desarrumado, nem me dei ao trabalho de penteá-lo. Saí do quarto carregando minha bolsa e me encontrei com o Alexandre na cozinha.

— Aonde você vai?

— Eu vou para casa trocar de roupa para trabalhar. — Ele me olhou com os olhos semicerrados e eu não acreditava. Ele ainda se achava no direito de ficar bravo. O desgraçado acabou de marcar encontro com uma sirigaita bem na minha frente, quer dizer, ele não sabia que eu estava ouvindo, mas isso não importava. Foda-se, eu praticamente ainda estava em sua cama.

— Vem tomar café. Já disse, eu te levo. — Ele ainda estava mandão e eu revirei os olhos.

— Você esqueceu? Eu vim de carro. — Acho que ele estava tão cego quando chegou ontem que nem percebeu que eu havia

estacionado meu carro na rua. Espero que ele ainda esteja lá.

— Ok! Toma um café antes de sair — ele mudou um pouco o tom de voz. Estava sendo mais gentil.

— Não precisa. Estou sem fome. Na verdade, algo deve ter tirado o meu apetite. — Ele me olhou confuso e eu queria jogar na sua cara que escutei a conversa dele com a *Lanabisgoia*, mas me segurei. Não daria esse gostinho a ele.

— Só por curiosidade, Alexandre, onde você estava quando te liguei do celular do Bruno aquele dia da boate? Quem era a mulher com você? — perguntei, mas me arrependi.

Ele me encarou e sorriu abertamente.

— Ciúmes, minha menina? — ele disse, se divertindo com minha pergunta. Eu sabia que ele iria se achar com aquilo. Mas minha língua de trapo não cabe dentro da boca.

Virei o mais rápido possível em direção à porta. Alexandre ainda ria do que eu tinha dito quando me chamou antes que eu saísse. Me virei só para ouvir as palavras do babaca.

— Minha mãe — ele disse secamente e eu fiquei sem entender.

— O que tem sua mãe? — perguntei irritada. Não era uma boa hora para falar de mães.

— Havia acabado de buscar os meus pais no aeroporto. A mulher junto comigo era minha mãe — explicou me dando um sorriso de canto.

MEU DEUS, QUE VERGONHA!!!

Ferraz

A sensação que me tomou após a pergunta de Clara foi surreal. Ciúmes! Acreditem se quiser, minha menina estava com ciúmes de mim. Maravilha! De repente a raiva que eu estava sentindo por sua atitude no banheiro havia dado lugar a um sentimento de esperança. Se ela estava com ciúmes, era porque alguma coisa eu consegui tocar dentro daquele coração e isso era um grande passo para mantê-la definitivamente em minha vida.

Me arrumei e fui direto para o escritório. Já estava bem atrasado e com certeza Ana estava ficando louca com a minha agenda. Mas valeu a pena e aproveitei cada segundo. Minha noite e manhã compartilhadas com Clara foram... UAU, de perder o juízo! Tirando o problema em aceitar que ela era minha e o telefonema da Lana, o resto foi

perfeito. Eu e Clara fomos feitos um para o outro.

Quando os pensamentos sobre a Lana surgiram, eu reconheci que precisaria me preparar para resolver aquele assunto sem magoá-la. Ela era apaixonada por mim há anos, mas eu nunca a enganei e sempre deixei bem claro que teríamos apenas sexo e nada mais. Lana concordou que não insistiria em qualquer tipo de compromisso e que aceitaria o que eu pudesse oferecer no momento, ou seja, sexo sem envolvimento. Ela foi minha última foda antes da Clara. Depois que ficamos juntos pela última vez, ela viajou e eu não tive mais notícias suas até hoje de manhã. Durante a nossa conversa ao telefone, eu deixei bem claro o fim da nossa relação e que não poderíamos mais nos ver. Lana quase surtou e eu aceitei vê-la à noite, para deixar tudo bem esclarecido. Apesar de não termos laços concretos, ela era uma

ótima pessoa. Uma promotora excepcional que antes de se tornar minha amante era minha amiga.

Ao chegar ao escritório, fui informado pela Ana de que toda a minha agenda havia sido remanejada. Agradei sua eficiência e antes de ir para minha sala, resolvi procurar o Diego para me explicar. Seria mais fácil se eu tomasse a iniciativa. Talvez ele nem tivesse percebido a minha escapulida. Cumprimentei a Joana, secretária geral da Ferraz, bati na porta do Diego e fui entrando.

— E aí, Diego? — Me aproximei e já senti que o meu irmão não estava nos seus melhores dias.

— E aí? — Ele me olhou com raiva. — Você me deixa plantado com todos os seus amigos na sua própria festa de aniversário, vai embora sem dar nenhuma satisfação para o seu irmão, sem nem sequer atender o celular, e depois de tudo vem me perguntar “e

aí?” — Diego praticamente cuspiu as palavras na minha cara. Eu estava encrencado. Mas os fins justificam os meios. Naquele caso específico, eu poderia ressaltar: o fim era mais que justificável, era perfeito.

Tentei explicar que tive um contratempo, mas Diego não mudou a sua postura. Recostado em sua cadeira, ele continuou me atacando e eu não gostei. Não estava acostumado a receber duras do meu irmão fedelho.

— Desde quando uma piranha qualquer é contratempo? — Eu paralisei no momento em que Diego soltou aquela frase. Será que ele sabia sobre a Clara? Impossível. Ele não teria a cara de pau de chamar a Clara de piranha na minha frente.

— Piranha? — perguntei incrédulo, esperando sua resposta.

Diego batia sua caneta em um bloco de papel enquanto falava.

— No mínimo, né, Alexandre? Depois que você saiu, eu tentei te ligar e nada de você me atender. Bruno não sabia explicar direito onde você estava e eu fiquei preocupado. Recebi uma chamada de número confidencial e pensei que havia acontecido alguma coisa com você. Fui até o seu apartamento e o porteiro me disse que você subiu de mãos dadas com uma mulher, então fui embora — Diego esclareceu, mas parei de prestar atenção no momento em que ele me disse sobre o número confidencial. O resto passou despercebido, mas aquilo me intrigou bastante. Não poderia ser coincidência. Nós dois recebendo esse tipo de ligação não era normal.

— Diego, você disse número confidencial? É a primeira vez que você recebe esse tipo de chamada? — perguntei preocupado.

Ele me olhou um pouco mais calmo e sentiu minha preocupação. Me sentei na sua

frente com a intenção de discutir seriamente aquele assunto.

— Mano, tem alguma coisa acontecendo para você se preocupar assim? Já recebi umas três ligações dessas, mas nunca falei com ninguém. Fica mudo e depois desliga. — Diego relatou exatamente o que estava acontecendo comigo. A cada palavra dele eu ficava mais nervoso. Seria possível que a Ferraz estivesse recebendo algum tipo de ameaça? Será que estávamos em perigo? As possibilidades começaram a me atormentar. Conteí ao Diego que também estava recebendo essas ligações. Não achava aquilo coincidência. Meu irmão puxou seu celular e começou a discar um número.

— Vou ligar para o Rogério, aquele meu amigo investigador, e verificar o que podemos fazer.

Assenti e me levantei. Antes que saísse, Diego me chamou.

— Quem é ela, mano? — Meu irmão não deixaria aquele assunto pendente, mas ainda não poderia contar a ele sobre a minha menina.

— Você saberá na hora certa. Só, por favor, nunca mais a chame de piranha. — Não aceitaria aquilo, nem mesmo vindo dele.

Diego ficou paralisado com o seu iPhone na mão enquanto eu saía da sala, provavelmente surpreso em me ver defendendo uma foda. Acontece que a Clara não era simplesmente uma foda. Ela era minha menina.

Um monte de trabalho atrasado me esperava e eu não perdi tempo, comecei a verificar os meus processos e a redigir as defesas que ainda estavam pendentes. Estava sem disposição para almoçar fora e pedi para a Ana providenciar um lanche. Ficaria pelo escritório mesmo e aproveitaria para colocar tudo em dia. Alguns minutos depois meu ramal tocou.

— Dr. Ferraz, o senhor tem uma visita. A dra. Lana está aqui, posso mandar entrar? — Ana informou.

Puta merda, a Lana aqui. Não era possível que ela estivesse pensando em fazer uma cena dentro da Ferraz. Lana não era esse tipo de mulher. Mas em se tratando de mente feminina, melhor não arriscar.

Saí da minha sala com a intenção de levar Lana para almoçar, assim eu evitaria um escândalo, caso ela estivesse planejando fazer um.

— Lana, querida. — Ela se levantou e eu levei um baque com sua beleza. Tinha me esquecido completamente do quanto ela era exótica. Fascinava todos os homens à sua volta. Mas algo havia mudado, eu não a olhava mais com desejo, só conseguia imaginar minha menina nos meus braços e mais ninguém.

— Alexandre, me desculpe vir sem avisar, mas tenho um assunto para tratar com você — Ela disse nervosa, e eu sabia qual era o assunto, mas não chamaria sua atenção por não aguardar o meu contato. Eu não era esse tipo de homem. Sempre respeitei as mulheres que fodia, não as enganava, e tudo que fiz na minha vida foi totalmente consensual.

— Vamos almoçar? Assim nós teremos mais privacidade — falei de forma natural, para não levantar suspeitas na frente da Ana.

Eu acabava de falar e ouvi uma tosse seca atrás de mim. Sim, a maldita tinha que ter um timing perfeito. E agora eu estava ferrado.

— Desculpe-me, dr. Ferraz, Ana me avisou que o senhor não almoçaria e pensei que poderíamos discutir alguns pontos da sua próxima defesa. — Ela olhava para Lana e depois para mim. Fiquei sem saber o que fazer e resolvi apresentá-las. Agora estava

com medo de que Clara fizesse um escândalo. O olhar dela poderia matar qualquer ser vivo naquele momento, e senti medo por Lana ao meu lado. Clara estava pronta para atacar, e apesar de tudo eu adorei ver sua reação tão territorial. Nenhuma das duas levantou a mão e eu tive certeza de que Deus só podia estar de brincadeira comigo naquela manhã.

— Lana? — Clara murmurou com desdém, e eu fiquei sem entender o que se passava naquela cabecinha. As duas mantinham o olhar fixo uma na outra e eu resolvi intervir para evitar um banho de sangue bem no meio da recepção da Ferraz, com Ana como testemunha.

— Clara, eu tenho um assunto para resolver com a dra. Lana e, por isso, vamos almoçar juntos. Discutiremos esse processo quando eu voltar — tentei dar a entender que somente almoçaria com a Lana para resolver

o maldito problema, mas como eu disse, cabeça de mulher é foda.

Recebi somente um “ok” como resposta. Logo ela deu meia-volta e saiu caminhando em direção ao banheiro. Levei Lana até o elevador e pedi que me aguardasse na portaria, pois precisava resolver um assunto antes de sair. Ela me olhou desconfiada, mas acabou cedendo ao meu pedido. Assim que as portas do elevador se fecharam, fui atrás do meu assunto. Maria Clara!

Verifiquei se havia alguém no corredor que levava ao banheiro e, como não avistei nenhum funcionário por perto, fiquei esperando a Clara sair. Quando ela saiu, não perdi tempo, a puxei para uma sala onde ficavam os processos mais antigos e a beijei assim que entramos.

— Mas, o que você está...? — Calei sua boca com outro beijo. Às vezes Clara falava demais. Meu pau estava ficando duro e eu

tive que me afastar ou caso contrário eu a comeria ali dentro daquela sala empoeirada.

— Eu sei o que você está sentindo, Clara — disse acariciando o seu cabelo e encarando-a. — Você está com ciúmes de mim, minha menina — senti a raiva fluindo do seu corpo, mas seu olhar não me enganava, sua expressão era de posse, a mesma que eu sentia quando qualquer filho da puta punha os olhos em cima dela.

— Você está louco, Alexandre? Me deixa sair daqui — ela tentava se afastar e eu prendia seu corpo contra a porta.

— Me diga as três palavras, Clara, eu quero ouvir. — Eu segurava seus braços e olhava em seus olhos. A confusão em seu semblante deixava óbvia sua luta contra os seus próprios sentimentos. — Diga-me e eu deixo tudo para trás. Voltamos agora para o meu apartamento e eu te fodo o dia inteiro,

minha menina. — Era tudo o que eu mais queria. Saber que ela era minha.

— Nunca, seu desgraçado! Eu praticamente ainda estava na sua cama quando você marcou um encontro com essa... essa... Lanabisgoia — ela alterou o tom de voz, quase gritando. — E agora você simplesmente quer ouvir que sou sua? Vai para o inferno, seu babaca. Você exigiu exclusividade. E agora você me aparece com essa daí? — Clara bufava e eu fiquei confuso, pois não podia imaginar que ela tivesse escutado minha conversa com a Lana. Estava explicando o seu comportamento frio e distante antes de ela sair do meu apartamento. Clara achava que eu estava marcando uma foda. Deus, ela entendeu tudo errado.

— Clara, me deixa explicar... — Meu celular tocou bem na hora e eu atendi sem olhar para o visor.

— O que foi? — gritei no telefone e a Clara aproveitou minha distração para escapar e sair da sala.

— Mano, Alec cometeu suicídio na penitenciária há duas semanas!

Congelei!

Alec foi um dos meus primeiros casos, logo que retornei ao Brasil. Filhinho de papai e playboy irresponsável, Alec voltava de uma festa rave quando perdeu o controle do seu carro, atravessou a ciclovia, atropelou e matou um ciclista que passava por ali no momento. Além de estar alcoolizado, ele estava drogado e evadiu-se do local sem prestar socorro à vítima. O resultado desse julgamento não foi muito satisfatório: condenação a 15 anos em regime fechado por homicídio doloso, aquele em que há intenção de matar. Segundo o juiz, ele assumiu o risco do que poderia acontecer ao pegar o volante naquele estado. Seu pai, um magnata da indústria

petrolífera, acabou surtando ao ver seu único filho e herdeiro do seu império atrás das grades. Araújo me acusou de não ter realizado de forma eficiente meu trabalho e pôs a culpa em mim pela condenação do seu filho. Porém, o problema não ficou por aí, além de me agredir verbalmente, ele me agrediu fisicamente dentro do tribunal em frente a várias testemunhas. Ele estava descontrolado. Movi uma ação de lesão corporal e ameaça contra ele e pedi uma ordem de restrição para que ele não se aproximasse de mim. Nunca mais ouvi falar do Alec ou do seu pai. Até hoje.

— Está aí, mano? — Diego me perguntou ainda no telefone.

Apoiei o braço na porta enquanto recuperava minha respiração.

— Sim, eu só fiquei um pouco chocado com a notícia. Ele ainda era um garoto, 23 anos, tinha toda a vida pela frente.

— Mano, eu sei que é triste um jovem desistir da vida assim, mas no momento estou preocupado com você. Você falou com o Araújo novamente? Ele voltou a te procurar?

Uma chamada em espera no meu celular me dizia que Lana estava tentando falar comigo. Depois da conversa com a Clara e agora com o Diego, eu esqueci completamente dela.

— Diego, daqui a alguns minutos eu estarei em sua sala para conversarmos com calma. — Despacharia Lana e verificaria com ele as providências que deveriam ser tomadas.

Desliguei o celular e segui em direção ao elevador. No momento em que cheguei ao térreo, eu avistei a Lana inquieta. Meu Deus, como um dia pode ser perfeito e no outro a merda tomar conta de tudo.

— Lana, infelizmente, não poderemos almoçar juntos hoje. Surgiu um problema e eu

preciso subir para resolver. — Aliás, vários problemas. Clara era um deles, mas eu precisava manter a calma e resolver uma coisa de cada vez.

Ela colocou as mãos na cintura, impaciente.

— Você me deixou plantada aqui na recepção enquanto saiu salivando atrás da sua estagiária e agora me dispensa, assim, sem nenhuma explicação? — ela disse aquelas palavras bem perto do meu rosto e ninguém fazia ideia do que estávamos conversando. Eu sabia que Lana não era uma mulher de barraco, sua reputação também estava em jogo, e ela não a arriscaria. Mas eu não estava gostando nem um pouco das suas cobranças.

— Precisamos discutir nosso futuro, Alexandre. Por isso estou aqui. Não consegui aguardar sua ligação. Você não pode me

deixar, Alê — ela finalmente confessou o motivo da sua visita.

Naquele momento eu perdi a paciência. Estava com muitos problemas para resolver e não ia aguentar a Lana no meu pé dando uma de namorada traída.

— Em primeiro lugar, Lana, você não deveria ter vindo até aqui. Eu te disse que ligaria marcando um encontro, você devia ter aguardado. Em segundo, eu não sou seu, você não é minha e nunca tivemos uma relação, isso é paranoia da sua cabeça.

— Mas eu... — ela tentou falar e eu a cortei.

— Lana, esse não é o momento e nem o local para discutirmos esse assunto. Se quiser aguardar minha ligação, ainda poderemos ser bons amigos. Se não, eu só posso lhe desejar que passe bem.

— É ela, não é? Sua estagiária? Você está fodendo aquela vadia? Eu vi a troca de

olhares entre vocês. — Suas palavras foram a gota d'água.

— Quem eu fodo ou deixo de foder não é da sua conta, Lana. Agora saia daqui antes que eu peça aos seguranças que te acompanhem até a porta. — Ela arregalou os olhos e eu mantive minha postura firme. Lana realmente precisava ver que eu estava dizendo a verdade, não pensaria duas vezes antes de tomar aquela atitude.

— Você não faria isso, Alê. — Ela estava chateada e decepcionada ao mesmo tempo.

— Quer pagar para ver? — perguntei sério, pois já estava cheio da Lana até o pescoço.

— Aguardo sua ligação — ela respondeu antes de sair batendo os saltos. Assenti sem dizer uma palavra e entrei no elevador. Problema número um resolvido.

Bati na porta da sala do Diego e fui entrando.

— Como você ficou sabendo, Diego? — O pai do Alec poderia ter ficado chateado e desolado na época, mas me recusava a acreditar que ele também atribuiria o suicídio do filho a mim.

— Liguei para Rogério para saber o que poderíamos fazer a respeito das ligações e ele, é claro, me informou o que eu já sabia. Por enquanto, não podemos fazer nada. Não temos nenhum vestígio ou algo que realmente leve a crer que essas ligações sejam uma ameaça. Antes de desligar, o Rogério me perguntou se você ainda era o advogado da família Araújo. Eu disse que você foi dispensado pelo Araújo assim que o filho foi condenado. Então, o Rogério me disse que o Alec foi encontrado morto em sua cela, enforcado com o lençol da própria cama.

Fiquei atônito. Alec era muito jovem, por mais que ser um ex-presidiário fosse uma barra no nosso país, ele possuía condições

financeiras para refazer sua vida. Seu psicológico deveria estar destruído para tomar uma atitude radical como aquela.

— Diego, você acredita que Araújo tenha algo a ver com essas ligações que estamos recebendo? — Eu não aguentava mais de ansiedade.

— Mano, eu... — Diego esfregou as mãos no rosto, pois ele também estava muito nervoso. Na época todos ficamos apreensivos, com medo de algo mais grave acontecer devido às ameaças recebidas — não sei, talvez seja alguma ex-foda magoada ou alguém tirando onda com a nossa cara.

— Você realmente acredita no que está dizendo? — Estava na cara que ele queria me acalmar, mas Diego era um péssimo mentiroso, ainda mais quando estava escondendo alguma coisa de mim. Eu conhecia todos os seus trejeitos e sinais.

— Não. Quero que tome cuidado, meu irmão. Se Araújo está por trás dessas ligações, ele deve estar tramando algo. Não dê mole, Alê — ele advertiu. Sentia a mesma coisa em relação a Diego. Se ele estava recebendo ligações anônimas como eu, poderia ser que Araújo estivesse planejando algo que o envolvesse também. Mas não poderia e não deixaria nada de mal acontecer ao meu irmão.

— Você pode buscar Priscila no aeroporto amanhã? Tenho uma audiência e pode ser que eu atrase — mudei de assunto já que por hora não havia nada que pudéssemos fazer. Realmente teríamos que aguardar algum tipo de prova para saber se o pai do Alec estava mesmo iniciando uma vingança.

— Sim, deixa comigo. Eu busco a pen-telha no aeroporto. — Diego já estava mais relaxado e eu gostei disso. Odiava ver o meu irmão tomando minhas dores e se

preocupando comigo. Sempre era o contrário e eu gostaria que continuasse assim.

Levantei para sair e Diego chamou minha atenção com uma pergunta.

— Era a Lana?

— O quê? — Não entendi muito bem o seu questionamento.

— No seu apartamento, ontem. Era a Lana que estava com você? Por isso ela apareceu na Ferraz hoje? — Diego sabia que Lana era minha foda corriqueira, por isso havia chegado àquela conclusão.

— Não. Era outra pessoa. Lana só apareceu aqui porque me ligou hoje de manhã e eu disse que não nos veríamos mais. Ela não lidou muito bem com a rejeição e resolveu vir tomar satisfações.

Diego arqueou as sobrancelhas e eu estava cada vez mais inquieto em ter que esconder minha relação com a Clara.

— Fui tomar um café com a Clara na segunda-feira e ela estava toda nervosa sem saber o que comprar para te dar. Eu e Nando demos algumas dicas, mas pela sua cara de surpresa, parece que ela acertou. Nunca pensei que você fosse tão ligado em gravatas assim... — Diego insinuou. Como assim? O Nando também estava junto naquele dia, não era um encontro. Se eu pudesse, eu enganaria aquela Patrícia.

— Vocês saíram juntos? — questionei só para ter certeza.

— Sim. Nando vai morar com a Clara, ela o chamou para dividirem o apartamento. Eles estavam indo tomar um cappuccino para comemorar e eu acompanhei. Por quê? Algum problema? — Diego estava nitidamente desconfiado e jogava um verde para colher maduro.

Respondi que era só curiosidade. Pedi que me mantivesse informado sobre o

Araújo e que tomasse cuidado. Problema número dois resolvido, pelo menos, por enquanto.

Passei pela sala dos estagiários e vi todos concentrados em seus trabalhos.

— Clara, venha até minha sala um minuto, preciso falar com você. — Todos levantaram seus olhares e eu notei um olhar cansado e triste na minha menina. Apesar daquela casca de durona, eu já começava a decifrá-la. Clara possuía os olhos muito expressivos e eu me prendia a eles quando queria descobrir o que ela tentava disfarçar. Ela me acompanhou sem dizer nada e não gostei do seu silêncio. Por mais que Clara estivesse magoada ou com raiva, ela sempre tinha uma resposta afiada na ponta da língua. Chegamos à minha sala e eu tranquei a porta. Segurei seu rosto em minhas mãos e dei um beijo em seus lábios.

— Por favor, fala comigo. — Ela não retribuiu meu beijo e ainda virou o rosto.

— Alexandre, eu acho que não... — Calei-a com um beijo mais envolvente, pois não poderia deixá-la terminar aquela frase. Nem que eu tenha que beijá-la sem parar pelo resto da vida, não permitiria que a Clara me deixasse.

— Por favor, me ouve — pedi e ela concordou e meu coração se encheu de esperança. — Sim, a Lana é uma ex-foda. — Falei com os olhos fechados com medo de sua reação. Ela tentou se desvencilhar dos meus braços, e eu a segurei. Estava com medo de que se a soltasse, nunca mais a teria novamente.

— Alexandre, eu não sei por que você está se explicando. Nós não temos nenhum tipo de relação. Você não me deve nada — Clara disse chateada.

— Você prometeu que me ouviria — ela confirmou com a cabeça e eu continuei.

— Lana me ligou hoje de manhã e queria marcar um encontro. Eu disse “não”. — Clara tornou a olhar em meus olhos, e eu pude ver o alívio que ela sentia. Puta merda, quando ela admitiria que éramos um do outro?

— Mas você marcou um encontro com ela... — Assim que ela falou, eu notei que ela havia se arrependido, mas já era tarde. Acaricieei seu rosto, ela aceitou minhas carícias sem reclamar ou se esquivar.

— Minha menina, antes de a Lana ser minha... amante, nós éramos amigos, eu nunca a enganei prometendo algo que eu não podia dar naquele momento, mas, com certeza, vejo que ela esperava mais de mim. Eu não quis magoá-la ainda mais a dispensando pelo celular, então eu marquei de conversarmos — expliquei, mas Clara ainda estava relutante.

— E o que ela estava fazendo aqui? — Clara me perguntou em um tom de voz um pouco mais alto, e eu gostei. Essa era a minha menina.

— Eu não sei. Acho que ela não quis esperar até a noite. Nós não conversamos, tive um problema para resolver com o Diego e a mandei embora. Prometi que conversaria com ela outro dia. — Assim que terminei de falar, meu ramal tocou e eu a soltei para atender. Coloquei no viva-voz e Ana começou a falar.

— Dr. Ferraz, a respeito do congresso, o representante da Ordem ligou cobrando uma confirmação do senhor. — Me esqueci completamente de dar a resposta ao convite que o Diego havia me entregado. Coloquei no mudo e me virei para Clara.

— Vamos comigo? Serão apenas três dias. Domingo estaremos de volta — convidei rezando para ela aceitar.

Clara estava insegura, mas acabou concordando. Depois de toda a merda fodida, até que enfim algo bom aconteceu. Pedi que Ana confirmasse, mas que eu resolveria a questão da hospedagem.

— Está tudo bem? — perguntei para me certificar de que não havia ficado nada pendente entre nós.

— Tudo ok — ela me respondeu com um sorriso e eu agradeci silenciosamente.

— Então vamos trabalhar. — Quando me virei para voltar à minha mesa, fui surpreendido por um grande tapa na bunda.

— Esse foi pela Lanabisgoia. — Ela saiu sorrindo sem me dar tempo de reagir.

— Minha perdição — eu disse sorrindo pelo seu atrevimento, pois era a pura verdade.

15



Clara

Emputecida! Essa era a palavra que me definia na porra do dia que eu estava vivendo. Primeiro, eu constatei o que eu já sabia: Ferraz é um filho da puta convencido. Assim que caiu sua ficha de que eu estava com ciúmes, ele se achou o rei da cocada preta. Segundo, eu arrancaria pena por pena da galinha da Patrícia. Ainda ouço sua voz na minha cabeça. Ela me tirou do sério pela manhã com suas insinuações sobre o Alexandre.

Ai, Nando, adivinha quem está no escritório visitando o dr. Ferraz? A Lana! Aqueles dois não se desgrudam.

Argh!!! Queria ter voado no seu cabelo falso e arrancado cada fio daquele aplique malfeito. Porém, por mais que eu quisesse fazer picadinho da Patrícia, se eu cometesse um assassinato naquele dia não seria o dela.

Lanabisgoia. Eu quis matar aqueles dois quando os vi juntos. Ela era linda, alta, cheia de curvas, cabelos brilhantes, grandes olhos castanhos e uma bunda de causar inveja em qualquer mulher na face da terra. Sem falar que ela praticamente se jogava no chão para o Alexandre pisar em cima. Que ódio! Eu estava pronta para mandar aquele maldito acordo pelos ares. Eu sabia que aquilo nunca poderia dar certo, mas quando pensava em como tomar essa decisão, Alexandre apareceu, lindo, maravilhoso como sempre, me arrastando para a sua sala, beijando meus lábios e de quebra me convidando para passar o final de semana com ele em um congresso. E o que a idiota fez? Aceitou, é claro. Que dúvida. Ainda não fazia um mês que eu estava estagiando na Ferraz e eu posso dizer que, antes de completar os oito, eu piraria. Alexandre estava me deixando louca, e o fato

de ter aceitado o seu convite para o congresso era a prova disso.

Nando disse que se mudaria no dia seguinte, ainda precisava resolver alguns problemas com a mãe, mas estava tudo praticamente pronto.

— Não vou morrer se passar mais uma noite sozinha e abandonada naquele apartamento frio e solitário — fiz um drama só para provocá-lo.

Nando apontou para mim com a caneta que estava segurando.

— Você está sozinha e abandonada porque quer. — Não entendi muito a sua resposta, mas quando olhei em direção à porta vi o Diego entrando.

— Nando, terminou minha petição? — Ele estava estranho, parecia preocupado.

— Sim, está aqui dr. Diego. — Nando lhe entregou uma pasta e Diego me encarou. Ele parecia diferente, antes me olhava com

carinho, agora não sentia mais isso. Que estranho!

— Tudo bem, Clara? Não vi você hoje. Chegou atrasada? — ele me perguntou ainda analisando os papéis.

— Sim, tive um problema com o carro. — Droga! Amaldiçoei Alexandre por me fazer atrasar, detestava as pessoas chamando a minha atenção. — Isso não vai se repetir, dr. Diego — completei.

Ele me deu o sorriso encantador de sempre e me acalmou.

— Não se preocupe, Clara. Acontece com todo mundo.

Diego devolveu a petição ao Nando e saiu da nossa sala.

— Querida... — Nando disse bem baixinho, pois a Patrícia ainda estava em sua mesa — esse aí está doidinho para ser um corpo quente no seu apartamento frio e solitário.

— Deixa de besteira, Nando.

Ele sorriu e começou a digitar em seu computador.

Saí um pouco mais tarde para compensar o meu atraso. Não tinha mais visto o Ferraz, mas eu sabia que ele receberia vários clientes durante a tarde. Resolvi visitar Laís antes de ir para casa. O trânsito estava péssimo, e quando eu consegui chegar já era noite. Toquei a campainha do apartamento da minha amiga e quase caí de costas quando abriram a porta.

— Dr. Bruno? — perguntei e ele ficou branco como um fantasma. Bruno estava vestido de forma social, como se tivesse acabado de sair do escritório, mas sem a gravata e o blazer. Porém, o que mais me impressionou era que o Dudu estava no seu colo.

— Lala — Dudu dizia se inclinando em minha direção. Eu o peguei em meus braços,

e o Bruno era incapaz de articular uma palavra.

— Quem é, tigrão? — Laís perguntou saindo do quarto e eu segurei o riso. Tigrão? Que ridículo.

— Oi, Clarinha. — Minha amiga olhava para o Bruno e me olhava. Ela também tentava não rir. Ele estava apavorado dentro daquele apartamento.

— Bruno, tem banana no seu cabelo. — Apontei para sua cabeça. Assim que ouviu minha voz, ele despertou do choque e se apressou em juntar suas coisas que estavam no sofá.

— Tenho que ir. Na verdade, eu vim visitar um amigo que mora no apartamento de cima, vi a Laís no corredor e então eu entrei para... para... — Ele olhava de um lado para o outro sem saber o que dizer, então eu o ajudei.

— Você entrou para... cumprimentá-la?

— Bruno assentiu e eu continuei. — Mas ela teve que ir no quarto e você segurou o Dudu até ela voltar? — Ele continuou confirmando com a cabeça. — Então o Dudu ficou com fome e você deu uma banana para ele?

— Foi isso mesmo que aconteceu — ele confirmou e se encaminhou para a porta, correndo de mim como o diabo foge da cruz.

— Tchau, Clara! Tchau, pan... Láís. — Quase que ele disse pantera. Quando Bruno saiu pela porta, eu comecei a gargalhar sem parar.

— Tio Buo — Dudu sussurrou e eu não conseguia me controlar.

— É sim, Dudu, tio Bruno. Agora o que ele estava fazendo aqui é que a Lala ainda não sabe. — Coloquei Dudu no chão onde estavam alguns de seus brinquedos jogados e me dirigi a Láís.

— Quer dizer que a dona Geralda, sua vizinha de cima, do alto dos seus 87 anos e dez gatos, consegue ter amigos como o Bruno? Interessante.

— Ai, amiga, para um advogado ele é um péssimo mentiroso, né? — Laís respondeu e caímos na gargalhada de novo. Mas não deixaria minha amiga sair dessa sem uma boa explicação. Então ela contou que o Bruno apareceu do nada. Uma coisa levou à outra até que eles estavam se amassando no sofá quando o Dudu acordou e acabou com a festa.

— Ok, Laís Maria, até aí eu entendi, mas qual a explicação para o Bruno estar com banana no cabelo, segurando o Dudu no colo e atendendo à sua porta? — Ainda estava impressionada com aquela cena.

— Meu celular tocou e ele estava carregando no quarto. Pedi ao Bruno que segurasse o Dudu enquanto fui atender o telefone,

a campanha tocou e o resto da história você já sabe. — Laís começou a rir novamente. — Mas eu não sei como foi parar banana no cabelo dele — completou divertida.

Quando questionei se eles se divertiram, Laís disse que estava com medo de se envolver, mas parece que Bruno estava disposto a conquistá-la. Tirando uma ligação estranha que ela disse que Bruno recebeu enquanto estava lá, parecia que ele estava sendo sincero.

— Mas ele te deu algum tipo de satisfação? Falou quem era?

— Claro que eu não perguntei, né, lindinha? É a segunda vez que nos vemos, eu não queria parecer uma psicopata neurótica. Ele comentou que era estranho, que já era a terceira vez que recebia ligação de número privado — ela explicou e eu fiquei mais calma em relação ao Bruno. Acreditava que não fosse nenhuma namorada ou amante.

— Relaxa, Lá, deve ser algum problema de operadora ou telemarketing. Recebi algumas ligações assim nos últimos dias e nem por isso tenho um ex-foda atrás de mim. — Me lembrei das ligações que havia recebido.

Passei mais um tempo conversando com ela e brincando com o Dudu. Me despedi da Laís, dei um beijo no Dudu e fui embora. Já estava ficando tarde e eu precisava dormir cedo. Alexandre teria uma audiência pela manhã e eu queria deixar tudo preparado para que não ocorresse nenhum imprevisto.

Cheguei ao escritório e deixei tudo pronto para a audiência. Estava adorando ver Alexandre em ação e tenho certeza de que aquela seria mais uma oportunidade de aprendizado.

Nando chegou me cumprimentando com um beijo na testa e avisou que sua mudança

estava pronta. Ele estava animado e eu realmente estava feliz por ele e por mim, que ganharia a melhor companhia possível. Eu aproveitei para avisá-lo sobre o meu final de semana fora. Deixei bem claro que a casa também era dele e que poderia ficar à vontade. Na mesma hora, Nando começou a pegar no meu pé por causa da viagem.

— Congresso? Com o dr. Pecado? Prevejo coisas acontecendo nesse final de semana. — Nando ria e as minhas expectativas em viajar com o Ferraz realmente eram grandes.

— Não vai ter nada de coisas acontecendo. Agora, mexe essa bunda! Vai trabalhar e me deixe em paz — brinquei com ele.

Nando sentou em sua cadeira, mas cruzou os braços sobre a mesa e continuou me encarando.

— O príncipe e a fera. Quem conquistará o coração da nossa indomável? — ele ainda brincava com aquele assunto quando

percebemos a presença indesejável e intragável de Patrícia.

— Que príncipe? — ela perguntou se metendo onde não era chamada.

— O *Shrek* — respondi ouvindo a risada do Nando. — Aluguei o DVD para assistir com o Nando.

— Patético! — ela disse.

Vaca! Algo me dizia que essa garota aporontaria para o meu lado. Maldito Alexandre e suas bocetas malcomidas.

Agradei a Ana por escolher aquele momento para entrar na sala. Ela nos avisou que o dr. Ferraz, preocupado com o nosso ambiente de trabalho, contratou uma psicóloga para realizar sessões mensais com todos os funcionários do escritório. Seriam conversas informais, mais como um bate-papo. Concordei relutante. Primeiro, porque Cristina era a Pernalonga que estava abraçada ao Alexandre. Segundo, porque eu

detestava psicólogos. Meus pais tentaram me convencer várias vezes que eu precisava de ajuda, mas eu recusei todas elas. Ninguém poderia me ajudar. Nem eu mesma. Ana saiu e ninguém mais deu uma palavra. Acho que todos estavam preocupados com a tal conversa com a psicóloga.

— Bom dia. — A voz de Alexandre ressoou pela sala. Minha Nossa Senhora da Bicicletinha, me dê equilíbrio. Eu nunca me acostumaria com esse homem.

— Clara, hoje não precisa me acompanhar na audiência. Cristina vai falar com vocês e eu realmente quero que todos aproveitem essa oportunidade, nem que seja só para conversar. Ela é uma excelente profissional, tenho certeza de que vocês e a Ferraz só têm a ganhar com essa parceria — ele explicou e eu fiquei decepcionada por não poder acompanhá-lo, mas tive que concordar. Ele mandava. Entreguei todos os documentos

que ele usaria na audiência. Alexandre agradeceu e saiu.

Estava quase chegando a hora do almoço e, coincidência ou não, eu fui a última a conversar com a Pernalonga. Precisava parar de chamá-la assim, não poderia cometer a gafe de soltar esse apelido na sua frente.

Assim que entrei, fui recebida com um sorriso. Cristina não se parecia com uma piriguete. Sentei em sua frente e aguardei suas perguntas decoradas para que pudesse lançar minhas respostas ainda mais decoradas.

— Primeiramente, eu gostaria de lhe pedir desculpas pelo outro dia — ela começou a falar me pegando desprevenida. Oi??? — Está na cara que o Alexandre gosta de você. E de mulher para mulher, depois da sua reação, eu posso dizer que você também gosta dele. Nunca tivemos um relacionamento. Foi o Alexandre quem me apresentou

ao meu marido. Somos amigos há anos e eu o repreendi por me usar para lhe fazer ciúmes — Cristina explicou e eu fiquei sem palavras. Confesso que por mais que aquele assunto fosse pessoal, eu fiquei feliz em saber que ela não queria Alexandre.

— Acho que esse assunto não está em pauta, Cristina. E, além do mais, eu não costumo ter esse tipo de relação — expliquei a ela.

— E que tipo de relação você tem? — ela perguntou por cima do seu bloco de anotações.

Estava em alerta com aquela conversa, não queria revelar mais do que o necessário.

— De mulher para mulher ou de psicóloga para paciente? — Cristina levantou os olhos e me analisou por alguns segundos. Ela entendeu meu recado e mudou de assunto, mas eu senti que me analisava de forma

profunda. Meia hora depois eu saí da sala de reunião.

— Ai, meu Deus, que saudade, amiga! — Uma voz familiar atingiu meus ouvidos. Não acreditava no que os meus olhos estavam vendo. Desgraçada, nem pra me avisar que estava chegando.

— Priscila! — Dei um enorme abraço em minha amiga, ela estava mais linda do que nunca. — Por que não avisou que chegaria hoje?

— Quis fazer uma surpresa. Amiga do céu, você está muito gostosa. — Priscila e sua língua disparada, ela nunca mudaria. Uma voz grossa chamou nossa atenção e ambas nos viramos já sabendo quem era.

— Esse escândalo todo só poderia vir da minha pimentinha. — Ferraz chegou e Pri não perdeu tempo em correr para os seus braços. Era emocionante ver o carinho entre eles. Cada dia que passava eu descobria uma

nova faceta de Alexandre e sentia que ficava mais difícil de me afastar desse bendito acordo.

— Vou almoçar — eu disse, me afastando para que os dois irmãos matassem a saudade.

— Ótimo! Assim almoçamos todos juntos. Pena que Diego teve que sair, então iremos só os três.

Alexandre e eu nos olhamos; sabíamos que não teria escapatória.

— Será um prazer, eu estou morrendo de saudades — concordei, e ela grudou em meu braço e saiu me arrastando porta afora.

Olhei para o Alexandre pedindo socorro. Ele deu de ombros e sorriu para mim.

Mais uma Ferraz para me enlouquecer.

Ferraz

Ficar longe da minha menina estava sendo uma tortura. Na noite anterior, adormeci planejando qual seria o próximo passo. Foram muitos acontecimentos nos últimos dias e eu precisava manter a calma para não afastá-la. O congresso veio na hora certa, faria de tudo para conquistar um pouco mais aquele coração de pedra.

Pela manhã participei da audiência sem a presença de Clara. Cristina começaria suas reuniões com os funcionários e realmente queria que todos participassem.

Assim que retornei da audiência, ouvi a voz da minha irmãzinha preenchendo o escritório. E ela estava falando algo que eu sabia muito bem.

— Amiga do céu, você está muito gostosa — ela dizia para a Clara.

Cumprimentei com um abraço caloroso a pentelha da minha irmã e estava convencido de que sua visita seria uma alegria para todos. Clara também percebeu isso, pois sem pensar duas vezes, Prí saiu nos arrastando para acompanhá-la no almoço. Concordei, mas me lembrei de que antes precisava falar com Cris. Pedi que as duas seguissem e eu as alcançaria em alguns minutos. Elas assentiram e saíram conversando. Vendo esse encontro eu me perguntei: como eu pude passar tanto tempo sem saber da existência da Clara?

Bati na porta e entrei. Cris já estava recolhendo seu material de trabalho.

— Bom dia, querida — cumprimentei e ela me devolveu um grande sorriso. Cris era uma amiga incrível, uma das poucas

amizades do sexo feminino que eu mantinha em minha vida.

— Bom dia, Alê. Tudo certo por aqui, eu já deixei marcada a próxima visita com a Ana. — Combinamos que suas visitas seriam mensais, mas deixei em aberto para que ela marcasse consultas extras caso achasse necessário.

— E como foi, Cris?

— Foi ótimo, Alê. Fernando realmente é um bom garoto, você acertou em ajudá-lo. Ele ficou um pouco tímido no começo, mas no fim se abriu mais. Acho que vamos fazer progressos — Cris explicou e eu suspirei aliviado. Era isso mesmo que eu queria. Não deixarei o filho da mãe do pai dele ou qualquer outro homofóbico atrapalhar o futuro de Nando. Ele tem que confiar em si próprio e não deixar o preconceito ditar sua vida.

Nando estava mais alegre e fiquei feliz em saber que Clara dividiria o apartamento com ele, quer dizer, no começo, mesmo sabendo da sua condição sexual, não pude evitar o ciúme. Afinal, ele conviveria com minha menina por muito tempo. Muito mais tempo do que eu.

Já estava pronto para me despedir, minhas meninas me aguardavam e esperar não era o forte da minha irmã, quando a Cris chamou a minha atenção.

— Alexandre... Tem mais uma coisa. Acredito que a Clara esteja passando ou passou por algum problema. Eu percebi que ela estava retraída. Suas respostas eram secas e evasivas. Foi muito difícil extrair algo dela, espero que na próxima vez ela se abra mais. — Meu instinto protetor ficou em alerta com aquelas palavras. Fiquei inquieto, será que minha menina estava passando por algo grave? Não suportava saber que ela não

confiava em mim o suficiente para pedir minha ajuda.

— E o que você descobriu? — Cris me olhou com reprovação.

— Primeiro, não sou nenhum tipo de investigadora para procurar e descobrir alguma coisa. Segundo, isso é sigiloso. Só estou te dizendo porque sei que seus olhinhos brilham quando você ouve o nome dela, e, por mais que você negue, eu dou graças a Deus que o cupido tenha te acertado em cheio, meu amigo, pois já estava na hora de você amar alguém — disse divertida e eu bufei desviando o meu olhar.

— Tudo bem, Cris, desculpa se me intrometi, só peço que a ajude da melhor forma possível. Não meça esforços. E a respeito de cupido e amor, você está enganada. Posso até estar gostando dela, mas até chegar, e se chegar, ao nível de amor vai demorar. —

Tentei me convencer daquilo, mas não acreditava mais em mim.

— Continue se enganando, Alexandre. Enquanto isso, eu quero assistir de camarote quando você se der conta de que ama essa menina. Não perco essa por nada nesse mundo. — Cris sorria enquanto falava e por mais que eu quisesse rebater por ela estar falando essas besteiras, eu tive que concordar um pouco com seu raciocínio. Poderia ainda não amar a Clara. Mas estava apaixonado por aquela menina.

Saímos da sala conversando sobre Harry e deixei a Cris na companhia da Ana antes de me despedir e descer.

— Até que enfim, achei que teria que subir e te arrastar pela gravata — Prí me repreendeu. O que eu disse? Ela já estava quase tendo um filho de tão nervosa.

— Ei, eu tenho minhas responsabilidades, isso aqui não é casa da Mãe Joana, não.

Priscila e Clara sorriam com cumplicidade e meu coração disparou ao ver a alegria da minha menina.

— Maninho, sua única responsabilidade agora é levar duas gostosas para almoçar. Vamos. Estou varada de fome, aqueles biscoitinhos do avião são o ó... — Seguimos em direção ao estacionamento enquanto ela falava sem parar.

Chegamos ao restaurante e ela pediu quase tudo o que estava no cardápio. Só pude rir das suas gulodices.

— Clara, como está o estágio? O maninho não está sendo um pau na sua bunda? — Prí perguntou e eu cuspi na mesa todo o suco que tinha na boca.

— Priscila, isso é coisa que se diga? — eu perguntei, e Clara arregalou os olhos em minha direção, abrindo um sorriso. Pelo visto o único a ficar envergonhado na mesa era eu.

— Maninho, deixa disso! Eu e Clara somos amigas há muito tempo. Ela está acostumada com meu jeito de falar. Na verdade, eu aprendi muito com ela. — Ela piscou em direção a Clara que sorriu maliciosa para mim.

— Prí, seu irmão vai achar que eu a corrompi. — Clara chamou a atenção de Priscila.

Minha irmã mudou de assunto e enfim soltou a novidade: ela ia casar com o espanhol.

— Ai, meu Deus, amiga, que tudo — Clara sorriu e levantou para abraçar a minha irmã. Depois de um tempo, as duas se soltaram, e me encararam, já que eu ainda não havia me pronunciado.

— E quando aquele espanhol de merda vem pedir a sua mão ao papai? — Estava feliz pela minha irmã, mas antes dessa união acontecer eu iria ensinar a cartilha para o gringo pegador.

— Pedir? Deixa de ser careta, Alexandre. Papai e mamãe já sabem. Mas de qualquer forma, o Juan chega na semana que vem. Vamos noivar em um mês — ela disse e depois se virou em direção à Clara. — Clarinha, vou precisar da sua ajuda.

— Claro! Estarei com você para o que precisar — Clara se prontificou.

— Óbvio que vai, madrinha serve para isso. — Prí sorria de orelha a orelha e eu já imaginei como a Clara estaria no altar. Sacudi minha cabeça para dispersar os pensamentos, mas em vez de imaginá-la como madrinha, eu a imaginei como noiva. Esse assunto de casamento não estava fazendo bem para a minha sanidade.

— Madrinha? Tem certeza, amiga? — Clara ainda estava surpresa com a declaração da Priscila.

— Clarinha, a distância nunca fez com que perdêssemos nossa amizade, e eu não

vou aceitar não como resposta — disse enquanto segurava a mão de Clara com carinho. — Quero você do lado do maninho no altar, segurando meu buquê enquanto faço meus votos. — Dessa vez, fui eu que fiquei surpreso.

— Espera. Esse maninho por acaso sou eu? — Priscila me olhou como se eu tivesse falado a maior idiotice do mundo.

— Alexandre, desde quando eu chamo o Di de maninho? — Seu olhar me acertou em cheio.

— Nunca! — Era sempre maninho para mim e Di para o Diego.

— Você e a Clara vão ser os meus padrinhos. Juan vai trazer o irmão e uma prima para serem seus padrinhos. Falando em irmão... — ela voltou sua atenção para a Clara — eu já tratei de falar de você para o Lorenzo. Eu acho que vocês iam se dar muito

bem, se é que você me entende. — Prí piscou para a amiga, que ficou totalmente pálida.

Sério que teria que ficar aqui, ouvindo minha irmã falar de outro cara para minha menina?

— Clarinha, ele é lindo, simpático, tem um corpo perfeito e uma voz de arrepiar até o cabelo de... você sabe onde — ela continuou falando do maldito enquanto Clara me olhava de canto de olho.

— Clara não precisa de mais ninguém — soltei sem pensar, pois não aguentava mais aquela conversa.

— Alexandre — Clara bradou e eu tive que retroceder, pois ela estava certa, não deveria ter falado daquela forma.

— O que está acontecendo aqui? — Priscila perguntou mudando seu olhar de mim para Clara.

— Nada, amiga. Preciso ir, o meu horário de almoço acabou. Mais tarde eu te ligo — Clara se despediu e saiu.

Observamos Clara sair do restaurante e ela acenou para nós através do vidro antes de atravessar a rua. Eu ainda mantinha meus olhos presos a ela quando a Prí soltou uma tosse seca.

— O que foi? — perguntei.

— Com todas as bocetas do mundo, você foi foder justo a minha melhor amiga, que ainda por cima é sua estagiária, Alexandre? Juro que esperava mais de você. — Ver Priscila colocando a situação daquela forma me assustou. Passei as mãos nos cabelos, impaciente, pensando no que falar.

— Estou apaixonado pela Clara — confessei sem pensar nas consequências que aquela declaração me traria.

— Puta merda, Alexandre! — ela gritou.

— Priscila! Cacete, fala baixo. Estamos em um restaurante. — Olhei disfarçadamente ao redor. Agradei que todos estavam concentrados em suas próprias vidas e não notaram o escândalo da minha irmã.

Ela pediu desculpas fazendo biquinho. Aquele bico já arrancou várias coisas de mim, me deixando em muita encrenca. Ela sabia disso. E digo mais: Priscila sabia como usá-lo na hora certa. Então, tirou algo da bolsa, parecia uma imagem, e a beijou sussurrando.

— Obrigada, minha Santinha. Acenderei milhares de velas para a senhora. — Acho que minha irmã pirou. Questionei o que ela estava fazendo e a resposta reforçou meu pensamento. Ela estava doida.

— Maninho, eu pedi para Nossa Senhora Desatadora dos Nós dar uma desenrolada em sua vida e te trazer uma mulher. Porra! A bichinha foi arretada. Ela não trouxe “uma”

mulher, Alê. Ela te trouxe “a” mulher. Você apaixonado pela Clara é melhor do que a minha encomenda. Eu fiz até novena. — Ela falava e bebia seu suco como se aquilo não fosse nada de mais.

Minha irmã me olhava com carinho. Priscila era a mais amorosa da nossa família. Por onde passava ela distribuía afeto e ternura. Herdou isso de nosso pai. Tanto em personalidade como fisicamente. Enquanto eu e Diego possuíamos os olhos azuis da mamãe, os dela eram castanho-escuros iguaizinhos aos do nosso velho.

— Eu sabia! — falei em um tom mais alto. Ela me olhou de um jeito engraçado por ser eu quem estava quase gritando naquele momento. — Eu sabia — disse abaixando o meu tom de voz. — Só poderia ter macumba nessa história.

— É novena, Alexandre, não macumba — ela me corrigiu. A Espanha tinha deixado Prí muito abusada.

O que aconteceu com as mulheres da minha vida? Droga! Eu só estava levando no rabo ultimamente.

— Seja a porra que for. Eu sabia que essa atração tinha um dedo sobrenatural. Não é normal eu precisar da Clara para respirar. Ou meu coração bater desesperado quando vejo o seu sorriso. Além do ciúme ter me transformado em um homem das cavernas — me abri completamente para minha irmã.

— Para um brilhante advogado, você sabe ser um excelente idiota. Isso que você está sentindo não se chama atração, meu irmão: isso é amor. — Ela apontou o dedo no meu rosto.

Amor. Era a segunda vez no dia que ouvia aquela palavra. E elas foram ditas justamente pelas pessoas que mais me

conheciam. Cristina e Priscila. Estava realmente amando a Clara?

— Impossível, Priscila. Eu posso até estar apaixonado, mas amar? Sem chances, eu conheço a Clara há menos de um mês.

— Escuta, Alexandre! — Prí me olhava nos olhos e eu não tive outra opção a não ser escutá-la. — O amor não tem hora para chegar, meu irmão, ele vem sem avisar e sem pedir licença.

Coloquei os cotovelos sobre a mesa e descansei meu rosto nas mãos.

— Não sei o que fazer, Prí. — Pela primeira vez eu desabafei, contei para minha irmã sobre o meu medo em não conseguir manter a Clara em minha vida.

Priscila me olhava com um misto de carinho e pena. Não queria aquele olhar, mas eu sabia... Estava ferrado. E ela também sabia.

— E ela? Sente a mesma coisa por você, maninho? — Eu não tinha uma resposta.

— Não sei. Clara é muito confusa. Em um momento ela demonstra que tem ciúmes de mim e no outro me trata com indiferença. Não deseja um relacionamento de verdade, mas dorme abraçada comigo — expliquei. — Estou ficando louco, me diz como entendê-la. — Naquele momento não me importava mais a comida, tinha perdido completamente o apetite quando Clara levantou da mesa.

— Maninho, Clara precisa de um tempo para se acostumar com esse seu sentimento por ela. Faz alguns anos que ela se isolou de todo e qualquer tipo de grandes demonstrações de afeto. Você mesmo percebeu, por mais que ela esteja alegre por mim, uma parte da Clara ainda se retrai. Realmente não me cabe contar a história dela. Creio que ela o fará quando se sentir preparada. Mas eu tenho um conselho para te oferecer. — Pri

levantou um dedo para cima. Ótimo! Estava recebendo conselhos amorosos da minha irmã caçula, no meio de um restaurante, na hora do almoço. — Lute por ela. Clara é uma guerreira como eu nunca vi igual. Por mais que o caminho seja difícil, confuso ou complicado, uma coisa é certa: ela vale a pena, Alexandre. Clara vale muito a pena!

Isso eu já sabia. Agora eu teria três dias para convencê-la de que estar comigo também valia a pena. E eu não jogaria limpo!

16



Clara

No momento em que vi o olhar desconfiado da Priscila eu resolvi sair de cena. Não estava preparada para confessar para minha amiga que estava fodendo com o seu irmão. Mas Alexandre estava com uma língua que não cabia dentro da boca.

As horas passaram e quando eu notei já estava chegando o fim do expediente. Quase na hora de sair, recebi o recado da Ana de que deveria passar na sala de Alexandre antes de ir embora.

— Queria falar comigo, Alexandre? — Chamei ele pelo primeiro nome, como ele havia pedido.

— Sim, Clara. Primeiro gostaria de pedir desculpas por minhas palavras durante o almoço. Não foi legal da minha parte. — Não discutiria com ele. Cedo ou tarde Priscila precisaria saber. Não conseguiríamos

esconder nossa história dela por muito tempo. Só não queria estar presente quando ela surtasse e resolvesse nos casar na manhã seguinte. — Mas eu não te chamei aqui por isso, queria discutir nossa viagem. Você ainda me acompanhará, certo? — Não sei por que ele ainda duvidava.

— Não mudei de ideia, Alexandre. Uma hora Priscila descobriria. Você mesmo sabe que é impossível esconder alguma coisa dela.

Alexandre concordou e continuou a falar do congresso. Ele estava sentado em sua mesa e eu de pé à sua frente.

Alexandre me explicou que sairíamos de manhã, me passou o cronograma das palestras e eu fiquei bem animada em saber que seria em uma praia. Fiquei surpresa também ao saber que iríamos a uma festa formal. Questionei se ele queria mesmo a companhia de uma estagiária em um evento como aquele. Alê me olhou com reprovação e

eu sabia que aquele tema não estava em discussão. Ferraz tinha o dom do convencimento e usava-o sobre mim sem nenhum tipo de pudor.

— Amanhã por volta das nove horas, eu te pego na sua casa — ele disse sem deixar brechas para dúvidas.

Cheguei no meu apartamento e preparei tudo para receber o Nando.

— Pelo visto, cheguei na hora certa. — Laís foi entrando, me ignorou totalmente e andou na direção de Nando. — Então é você que deseja roubar meu posto de melhor amiga? — Ela deu um abraço caloroso de boas-vindas nele — Seja bem-vindo! Clara fala muito bem de você.

— Obrigado. Você deve ser a Laís? — ele perguntou.

— A própria. Em carne e osso e sem nenhum silicone — Laís respondeu como sempre.

Os dois riram juntos provando o que eu já sabia: Nando e Laís se dariam muito bem.

— Bom, apresentações feitas. Nando, venha comigo conhecer o seu novo quarto. Laís, abre um vinho e nos serve, por favor? A pizza que pedi deve estar quase chegando.

Duas horas depois estávamos sentados no chão da sala, satisfeitos e um pouco embriagados pelo vinho maravilhoso que bebemos.

Pedi a ajuda dos dois para arrumar minha mala.

— Ainda acho muito injusto. Além de ter todos esses homens lindos ao seu redor todo santo dia, você passará três dias na praia com o dr. Pecado. Por que eu não tenho essa sorte? — Laís fazia biquinho e Nando ria de nós duas.

— Porque você tem seu próprio advogado gostosão aos seus pés. Falando nele, Bruno voltou a te procurar? — perguntei,

esquecendo que Nando também conhecia o Bruno.

— Bruno? O dr. Bruno? — Nando perguntou incrédulo.

— É uma longa história... — Enquanto arrumava minha mala, Laís contou todo o seu suposto relacionamento para o Nando. Ele, assim como eu, não acreditava que Bruno fosse sossegar com uma garota só. Mas se a Laís estava disposta a tentar, apoiariamos.

Tomei um banho e capotei na cama logo que a Laís se foi. Nando estava muito cansado pela mudança e também foi dormir.

Acordei cedo para me preparar. Tomei banho, fiz uma maquiagem bem leve, na verdade só um gloss e um corretivo para esconder as olheiras. Vesti um shortinho jeans, uma camiseta e calcei uma sapatilha. Fiz um rabo de cavalo e coloquei os óculos escuros. Estávamos indo de carro para o litoral e faria calor.

Nove horas em ponto eu desci puxando minha mala e carregando o vestido que usaria na festa na outra mão. Alê me esperava e eu me surpreendi. Deduzi que ele estaria em sua imponente caminhonete, mas não: um conversível me aguardava.

Suspirei. Ele realmente estava se superando.

Vestia uma camiseta cinza que envolvia muito bem os seus músculos, calça jeans surrada, sapatênis e de quebra ainda estava com a barba por fazer. Alexandre estava lindo, de tirar o fôlego. Eu tive que rir quando vi a minha vizinha, do apartamento de cima, estática na calçada, olhando para o deus na sua frente.

— Bom dia. Preparada para um final de semana inteiro comigo? — Ele me deu um sorriso que poderia ser considerado de um milhão de dólares.

— Com você e mais meio mundo, Alexandre — comentei mudando um pouco o rumo da conversa.

— Querida... — ele alcançou a mala, mas antes segurou a minha mão e me olhou nos olhos — nem que fosse o mundo inteiro, farei o possível para ser o único a ter sua atenção.

Engasguei. Era a única coisa que poderia fazer naquele instante.

Durante a viagem me senti mais confortável. Alê estava descontraído e falava sobre o seu tempo no exterior. Eu escutava tudo que ele contava enquanto apreciava a viagem. O que mais eu queria? Uma estrada perfeita, onde sentia a brisa do mar se aproximando, músicas de bom gosto que me encantavam e o mais importante, o homem mais lindo e sexy do mundo ao meu lado.

Eu amo você, menina...

Eu amo você...

Eu amo você, menina...
Eu amo você...

Alexandre cantava *Eu amo você*, junto com Tim Maia, mas continuava concentrado na estrada. Ele sabia que aquela música mexeria comigo. Droga! Por causa do seu “menina” toda vez que ouvisse me lembraria dele.

Três horas de viagem e muitas canções românticas depois, chegamos a um luxuoso hotel.

— O congresso é aqui? — perguntei, pois não via nenhum tipo de informação sobre o evento.

— Não, minha menina. Esse é um hotel mais afastado. O centro de eventos onde acontecerá o congresso fica a uma hora daqui. Não quis que nos hospedássemos perto. Quero privacidade.

Já estávamos fora do carro e Alê me puxou pela cintura, grudando o corpo no

meu e colando seus lábios na minha boca de forma carinhosa. Teria que ter a força do He-Man para suportar seus encantos nesse fim de semana. E algo me dizia que Alexandre veio preparado.

Caminhamos para dentro do hotel e eu fiquei boquiaberta com a beleza daquele lugar. Muitos espelhos, uma decoração impecável e funcionários bem treinados.

— Suíte em nome de Alexandre Mendes Ferraz, por favor. — A recepcionista ainda estava com os olhos no computador, mas no momento que ela o notou, um sorriso apareceu em seu rosto. Biscate!

— Claro, sr. Ferraz. Está tudo pronto, esperamos que tenha uma boa estadia em nosso hotel. O senhor e sua... — ela me olhou sem saber o que dizer.

— Esposa — completei, e Alexandre sorriu.

— Desculpa, sra. Ferraz, é que não vi aliança então presumi... — Enquanto ela começou a falar, cortei a menina no ato, pois não deixaria a vadia se desculpar.

— Tudo bem, é que nossas alianças estão em outra parte do nosso corpo — pisquei para a garota na minha frente e ela corou até o último fio de cabelo.

— Aqui está o cartão de vocês. — Ela nos entregou a chave, mas não se atreveu a olhar em nossa direção. Sorri pela minha brincadeira. Estávamos a caminho do elevador e Alexandre me encarava; não estava bravo, na verdade ele até sorria.

— O quê? — perguntei.

— Já te disse que seu sobrenome deveria ser problema? — ele levantou uma sobrancelha. Esse homem era lindo em qualquer variação de humor.

— Ela mereceu — eu disse antes de entrar no elevador.

Nossa suíte não ficava devendo em nada para o restante do hotel. Decoração suave, objetos de bom gosto, roupas de cama macias e impecáveis, tudo do bom e do melhor. Discutir com Alexandre a respeito de quartos separados foi uma perda de tempo. Ele estava obstinado a manter-me por perto todo o fim de semana.

— O hotel tem um restaurante maravilhoso. Você gosta de frutos do mar? — ele me perguntou enquanto eu desfazia a minha mala.

— Amo frutos do mar. Vou tomar um banho e descemos — respondi animada.

Antes de entrar no banheiro, senti Alexandre colar seu corpo ao meu e distribuir beijos em todo o meu pescoço.

— Se não fosse pelo almoço, eu iria te dar o prazer da minha companhia durante o banho. Mas como eu sei que se entrar com você nesse banheiro não sairemos tão cedo,

vou abrir mão de você. — Ele virou meu corpo de frente para ele e me beijou avidamente. — Só por agora, minha menina — disse assim que recuperamos o fôlego.

Meio atordoada eu me virei em direção ao banheiro e fui surpreendida por um belo tapa na bunda.

— Isso é por me deixar louco. — Ele sorriu e eu me juntei a ele.

Tomei um banho rápido, pois só queria me refrescar um pouco e tirar o suor da viagem. Assim que saí do banheiro, Alê estava de costas para mim, tentando abotoar seu relógio.

— Quer ajuda? — perguntei, e quando ele se virou eu respirei fundo.

Estava lindo. Bermuda cargo e uma camiseta branca da *Calvin Klein* estampada na frente. Até trapo de chão ficaria perfeito nele. Ele agradeceu e estendeu o braço. Ainda estava enrolada na toalha e assim que

terminei, Alê me pegou no colo e me jogou na cama.

— Alê, o que aconteceu com o “almoço” e o “não podemos nos atrasar”? — perguntei e ele me encarou, com os olhos tomados pelo desejo. Amava a forma como ele me olhava, sempre como se fosse pela primeira vez.

— Deixa eu te dar carinho? — Alê arrancou a toalha que cobria o meu corpo e começou a distribuir beijos pela minha cintura. A excitação logo tomou conta de mim. Com ele não precisava fazer muito, o simples toque de sua mão já me deixava acesa.

— Você é tão gostosa, Clara — ele sussurrou como se fizesse uma oração. Agarrei os lençóis, me segurando para não amolecer tão rápido.

— Oh, meu Deus, Alexandre! — Sentia sua boca descer por meu ventre e sua língua se apossou do meu umbigo, como se estivesse entrando em minha abertura.

— Abra as pernas, minha menina. Quero sentir seu cheiro, seu gosto. — Direto como sempre, abriu minhas pernas e me puxou, deixando minha bunda na beirada da cama e as minhas pernas dobradas. Ele se ajoelhou e começou a respirar perto da minha boceta.

— Por favor, Alê... — eu suplicava e cada vez me sentia mais excitada.

— Adoro você implorando, saber que é a mim que você quer — ele disse aquelas palavras segundos antes de passar a língua em mim. Eu tremi. Não suportaria muito. Estava com a sensibilidade à flor da pele.

— Minha menina, eu vou te chupar agora e quero que goze para mim. Só para mim, entendeu? — Como se eu pudesse contrariá-lo.

Assim que ele começou a abaixar a cabeça, meu corpo todo ansiava pelo que estava por vir. Sua boca chegou ao meu clitóris. Ele me chupava e eu gemia ao mesmo

tempo, mas ele nunca tirava os olhos de mim.

Suas mãos estavam segurando minha cintura, mas alguns segundos depois uma delas passou pelo meu corpo com destino ao meu seio. Tremi de excitação quando ele começou a beliscar os meus mamilos.

— Minha menina gostosa. Minha puta deliciosa. — Ele retirava a boca da minha boquete para dizer aquelas palavras.

— Alê... — eu não conseguia falar. Levei minhas mãos para o seu cabelo e comecei a puxá-lo em minha direção. Se eu pudesse enterrava todo o seu rosto dentro de mim. Era sensacional, nada se comparava àquela sensação. Alexandre estava com a sua boca no meu clitóris ao mesmo tempo que introduzia um dedo em mim. Seu ritmo no início era lento, mas logo suas estocadas começaram a se intensificar. Depois, ele se

deitou ao meu lado na cama e continuou com o movimento do dedo em meu interior.

— Quero tanto você — ele olhava para meu rosto e eu me preendi naquelas duas piscinas azuis. Meu corpo se contorcia e eu estava quase lá. Ele sorriu, pois sabia que eu iria me quebrar em sua mão novamente.

— Isso, menina. Vem para mim. — Seu dedo não parava de me foder e Alê colou os seus lábios aos meus em um beijo delicioso.

Gozei gritando o seu nome. Assim que o meu corpo se acalmou, Alexandre afastou os lábios dos meus, me encarou fixamente e eu tive vontade de sair correndo. Seu olhar invadia minha alma. Queria parar o tempo naquele instante, para que pudesse ficar para sempre presa naquele sonho repleto de sentimentos.

— Não tem imagem mais linda do que seu rosto quando goza. Nem um pintor seria

capaz de reproduzir tanta beleza — ele falou de forma carinhosa.

Estava totalmente saciada, mas o volume na bermuda do Alê mostrava que ele precisava de mim. Me levantei e levei as mãos para soltar o botão que prendia aquilo que eu desejava desesperadamente, mas ele me segurou.

— Mais tarde, minha menina. — Ele se levantou e beijou minha boca.

— Mas e você? — Ele me olhou de forma carinhosa.

— Fico feliz em te satisfazer. Agora vamos almoçar. Eu ainda tenho que me preparar para a palestra de hoje à noite.

O almoço foi espetacular, conversamos muito e o Alexandre me deixou a par de tudo que faríamos no fim de semana.

Voltamos para o quarto, Alê passou a tarde relendo e organizando os slides que usaria em sua palestra. Para passar o tempo,

eu li um romance policial com uma trama que me deixou totalmente presa ao livro.

Estava quase na hora da sua apresentação. Enquanto Alexandre se arrumava, eu babava observando ele colocar sua gravata perfeitamente.

— O que está pensando, menina? — ele me perguntou olhando pelo reflexo do espelho. Como eu sabia que levaria mais tempo, me arrumei antes dele e já estava pronta.

— Nada. Só estou imaginando como posso dar os parabéns aos seus pais. Eles mereciam um prêmio por fazer filhos tão lindos — eu disse e ele sorriu deliciosamente.

Chegando ao centro de eventos pude perceber a grandiosidade do lugar, tão luxuoso quanto o hotel em que estávamos hospedados. Muitas pessoas se empenhavam para receber todos os participantes e o vaivém de fotógrafos e jornalistas era constante. Após

pegar o meu crachá, eu me encaminhei para o auditório na expectativa do que veria a seguir. Ao redor estavam muitos universitários e jovens advogados aguardando a oportunidade de aprender com os melhores especialistas da área. E Alexandre era um deles.

A palestra do Ferraz teria como tema: O TRIBUNAL PENAL INTERNACIONAL SOB A ÓTICA DA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA. Nem precisava falar o quanto estava animada para ouvi-lo.

Após a abertura do congresso feita pelo mestre de cerimônias, que fez um breve discurso sobre a importância dos tratados internacionais na nossa legislação, os convidados foram convocados a se dirigir à mesa de honra. Os palestrantes, em sua maioria, eram mais velhos e assim que Alexandre ocupou o seu lugar, começou o burburinho feminino.

— Meu Deus, que cara mais lindo.

— Com um advogado desse eu estava bem assessorada, em todos os sentidos.

— Queria mostrar minha brecha para ele.

Argh! Que raiva dessas breteiras jurídicas.

Um tempo depois Alexandre começou sua palestra e eu não desgrudei meus olhos dele. O problema era que todas as mulheres e até alguns homens presentes no auditório seguiram o meu exemplo.

O Tribunal Penal Internacional foi criado pelo Tratado de Roma de 1998... Assim ele começou.

Duas horas depois e muitos olhares de Alexandre em minha direção, a palestra terminou. Caminhei com o fluxo de pessoas em direção à saída e notei que Alê estava com dificuldades em seguir o mesmo caminho, pois muitas pessoas cumprimentavam e parabenizavam o principal palestrante da noite.

Fiquei esperando por ele na porta, um pouco afastada, e logo depois o vi se aproximando. Ele se desculpou pela demora e pegou minha mão, me puxando.

— Vamos lá. — Ele deu o braço para que eu pudesse segurá-lo. — Tenho uma surpresa para você.

Fomos para o estacionamento e pegamos o carro. Imaginei que estávamos indo em direção ao hotel, mas Alexandre desviou por uma estrada escura e estreita. Olhei confusa para ele, mas não o questionei. Ele estacionou perto de alguns carros e eu notei uma fogueira acesa. Um som de violão podia ser ouvido ao longe, mas eu não via ninguém ao redor.

— Quer deixar seus sapatos aqui? — Alexandre me perguntou enquanto tirava a gravata, abria os primeiros botões da camisa e arregaçava as mangas. Também tirou os sapatos e as meias e dobrou sua calça até

perto dos joelhos. Alê parecia ter saído de um comercial de desodorante. E eu me delicieei com a cena perfeita.

Eu estava usando um vestido social, meia-calça e um scarpin de salto alto. Assim como ele, eu tirei os sapatos e a meia.

Alê entrelaçou os dedos aos meus e caminhamos em direção oposta ao provável luau. Por mais que eu soubesse que aquilo não fazia parte do acordo, me permiti deixar ser conduzida por ele. A noite estava linda, o céu estrelado e o clima fresco. A música *Só você*, de Fábio Jr. ainda podia ser ouvida e Alexandre com sua voz deliciosa começou a cantarolar.

*Demorei muito pra te encontrar
Agora quero só você
Teu jeito todo especial de ser
Fico louco com você...*

— Muito propícia essa música, você não acha? — Ele deu de ombros sorrindo.

— Espero que não tenha se esquecido do acordo. — Queria fazê-lo entender que aquele final de semana unia trabalho e sexo. — Nada de encontros românticos.

Antes que eu terminasse de falar, meu corpo estava suspenso no ar. Alexandre me pegou no colo e caminhou em direção ao mar.

— E quem disse que isso é um encontro romântico? Estou louco para dar uns amassos nesse seu corpo delicioso dentro da água.

— Alexandre, não! — gritei, mas foi em vão. Ele se jogou na água me levando junto. Assim que eu emergi vi o seu sorriso.

— Você é linda, minha menina — ele disse, beijando meu pescoço. Ele alcançou minha boca e me perdi no seu beijo, nada poderia ser mais perfeito. O mar estava calmo, mas as pequenas ondas que nos

alcançavam faziam com que meu corpo se apertasse ainda mais ao dele.

— Eu quero você. — Sabia que aquilo era verdade. Mesmo dentro da água eu podia sentir o seu pau roçando contra minha calcinha molhada. Joguei minha cabeça para trás e olhei para o céu. Uma lua enorme nos iluminava. Alexandre gemia cada vez mais, e eu não entendia o meu próprio corpo. Precisava dele. Queria suas mãos e sua boca, seus braços e seu corpo. Queria que ele me possuísse da forma como sempre fazia, desvendando não só o meu corpo, mas também a minha alma. Sabia que estava indo por um caminho sem volta. Mesmo assim eu caminhava sem olhar para trás.

Poderia dizer que me teletransportei. Em um momento estava na praia sendo consumida pelo desejo; em outro, já estava de volta ao nosso hotel. Nua sobre a cama e com Alexandre encaixado em mim. Seu pau entrava

e saía de forma lenta e gemíamos quando nossas bocas se encontravam. Éramos uma bagunça de braços, pernas e bocas. Eu me agarrava nele e suas mãos acariciavam meus seios, arrepiando toda a minha pele com o seu toque. Suas palavras incoerentes eram gatilhos me empurrando para o precipício.

Assim que cheguei à beirada, um único toque de sua mão em meu ponto sensível me fez pular. Pulei de olhos fechados porque sabia que teria alguém que me seguraria: Alexandre!

Estava perdidamente apaixonada por ele!

Acordar ao lado de Alexandre era maravilhoso. Mas acordar com ele dentro de mim era... UAU! Sem palavras.

— Meu Deus, Alexandre. — Sentia toda sua ereção dentro de mim. O vaivém dos seus movimentos não encontrou nenhuma

barreira. Mesmo dormindo meu corpo reconheceu o dele. Eu estava preparada para ser invadida por ele.

— Não resisti — ele respondeu, enquanto me penetrava devagarinho e passava a língua por toda a extensão do meu pescoço. — Você estava tão deliciosa, nua ao meu lado, que assim que abri os olhos e te vi, meu pau sentiu vontade de voltar para o seu lugar preferido no mundo — completou.

Abri mais as pernas para recebê-lo por inteiro. Suas mãos e cotovelos estavam apoiados à cama, ao lado do meu rosto, dando o impulso necessário para que os seus movimentos me preenchessem inteira.

— Alê... Eu quero você — minha voz saía entrecortada. Naquele momento só conseguia me concentrar em seu pau me possuindo.

— Isso é música para os meus ouvidos. — Ele puxou uma respiração profunda e sorriu.

Suas estocadas ficaram mais severas e eu sabia que ele estava pronto para me foder como eu gostava. — Olha para mim, Clara. — Sua voz me arrastava para os seus olhos. — Deus, como você é linda. Poderia te olhar por toda a vida.

Então, ele se apoiou somente em uma das mãos e levou a outra até o meu clitóris.

— Puta merda, Alê. Eu vou gozar. — Não aguentava mais. O toque suave de sua mão em contraste com a ferocidade das suas investidas estava me deixando louca.

— Desejo você com cada centímetro do meu corpo — ele falava encarando os meus olhos, enquanto metia mais fundo dentro de mim. — Eu sou seu, minha menina — ele me confessou em um sussurro carinhoso ao mesmo tempo em que seus olhos refletiam desejo. Como não respondi sua declaração, ele continuou. Por mais que eu soubesse que meus sentimentos por ele existiam e estavam

pesando sobre o nosso acordo, não me sentia preparada para dizê-lo em voz alta. Talvez nunca chegasse a esse ponto.

— Espero o tempo que for preciso. Você vai me dizer — ele sussurrava, passando o nariz pelo meu pescoço, fazendo minha pele se arrepiar. Estava pronta para gozar. Suas palavras me excitavam e cada vez que ele se mexia eu sentia o clímax se aproximando, até que um orgasmo devastador invadiu o meu corpo.

— Você... é... minha — ele vociferou, e foi tudo o que eu precisei ouvir para quebrar em mil pedaços. Com mais algumas estocadas Alê se libertou sussurrando o meu nome e deixando o corpo cair sobre o meu.

— Que tal um banho? — perguntei enquanto acariciava o seu cabelo.

— É tudo o que eu mais quero — ele disse afastando-se de mim. Imediatamente eu senti o vazio tomando o seu lugar.

Foram dois banhos. Primeiro, Alexandre se lavou e me lavou. Depois, me colocou em cima do balcão do banheiro e me fodeu de forma desesperada. Ele necessitava do meu corpo, como se aquela fosse a última vez e precisasse aproveitar cada parte do meu ser. Devagar. Rápido. Suave. Forte. Tudo e de qualquer forma com o Alexandre era sinônimo de prazer. Finalmente, tomamos banho comportados e nos vestimos.

Coloquei um vestido longo, porém leve. Sua cor era azul-claro, combinando com o local onde estávamos. Alê vestia novamente uma bermuda cargo, mas agora sua camiseta era uma polo azul, assim como os seus olhos. Delicioso. Ele me olhava do sofá por cima do seu *tablet* e me explicou que iríamos almoçar fora do hotel. Como acordamos bem tarde, resolvemos pular o café da manhã, partindo direto para o almoço.

Fui checar o vestido que usaria no jantar e percebi que alguns vincos haviam se formado na viagem. Liguei para a recepção e pedi que alguém da lavanderia do hotel o buscasse. Queria que o vestido estivesse em perfeito estado para a noite de gala que nos esperava. Estava muito animada em acompanhar o Alexandre nessa festa.

Saímos do hotel caminhando e minutos depois estávamos em frente a uma parte belíssima da praia. Entramos em um restaurante típico do litoral, um lugar agradável e confortável. Pedimos peixe e tomamos somente uma taça de vinho branco para acompanhar. Em algumas horas, Alexandre daria outra palestra para um grupo de estudantes americanos. Dessa vez, ele falaria em inglês sobre o Tribunal Internacional Penal a partir do nosso ponto de vista. Depois do almoço pedimos um café, e antes de deixarmos o restaurante, Alexandre me

sugeriu que não o acompanhasse na palestra da tarde. Tentei convencê-lo, pois realmente eu queria assisti-lo mais uma vez, ainda por cima falando em inglês.

— Eu sei, mas queria que você tirasse a tarde para se preparar para a festa. Tomei a liberdade de marcar um horário para você em um dos salões do hotel. Deixei em aberto para você fazer o que quiser. Sei que vocês mulheres adoram fazer todas aquelas coisas com cremes e escovas — ele disse, me dando um sorriso torto. Achei graça. Não imaginava Alexandre ligando e marcando salão para uma mulher. Não combinava com ele. — Você será a mulher mais linda dessa festa. Terei que manter os olhos em você durante toda a noite — ele disse sorrindo. Não era minha intenção passar a tarde no salão, mas seria indelicado recusar tamanha gentileza.

Assim que chegamos à nossa suíte, Alexandre começou a se preparar para a sua

palestra. Era incrível como ele mudava de postura sempre que necessário. No momento em que ele colocou o terno e a gravata, o cara descontraído se transformou no advogado profissional e sério. E eu gostava de todas as suas personalidades.

Ele se despediu com um beijo carinhoso e passou a mão em meus cabelos. Alexandre pareceu um marido que se despede da sua esposa antes de sair para o trabalho, e isso me incomodou um pouco.

— Volto no fim da tarde. A festa começará às nove horas. Eu farei um discurso em agradecimento ao dr. João Guilherme, então não posso chegar atrasado — ele me explicou e eu garanti que não iria me atrasar. Alê não acreditou muito, e saiu dizendo que, se não tivesse certeza, desconfiaria da minha feminilidade.

Sozinha naquele quarto, me senti mais uma vez perdida. Ultimamente essa sensação

de solidão estava me perseguindo. Resolvi ligar para o Nando para saber como ele estava se ajeitando em nosso apartamento. Ele zombou de mim, dizendo que eu estava encantada pelo Alexandre. Tentei convencê-lo do contrário, mas acho que meu amigo percebeu o que estava acontecendo. Encerrei a ligação e resolvi buscar pessoalmente meu vestido antes de ir para o salão.

Cheguei à recepção e perguntei pela roupa. Com meus dados em mãos e após verificar o computador, a recepcionista voltou com um ar confuso.

— Senhorita Maria Clara, eu não sei o que está acontecendo. Os dados no nosso sistema informam que a senhorita pediu que entregasse o seu vestido diretamente no quarto, há mais ou menos uma hora.

— Como é que é? — Não acredito que essa mulher estava me dizendo que o meu vestido havia desaparecido. — Você está me

dizendo que o meu vestido, meu único vestido, que eu usaria esta noite, desapareceu? — Estava a ponto de explodir. Como isso aconteceu?

— Senhorita... Nós ... Não... — ela balbuciava e ainda não havia me explicado onde diabos estava o meu vestido.

— Olha aqui, dona... — parei para verificar o seu crachá — Luiza. Eu tenho certeza que não liguei para a recepção pedindo o meu vestido. Então eu não quero saber o que você vai fazer para trazê-lo de volta. Mas eu o quero aqui. — A mulher tremeu e deu dois passos atrás com medo das minhas ações.

— Sim, senhorita, eu realmente peço desculpas. Verificarei internamente e se não localizarmos o seu vestido, pagaremos o valor integral. Por favor, preencha esse formulário... — Não acreditava no que a mulher me falava.

— Puta que pariu. Será que eu não estou sendo clara? Eu não quero o dinheiro. Tenho um evento de gala em quatro horas e preciso do meu vestido — comecei a gritar e todos ao redor começaram a reparar o meu showzinho. Para o inferno todos eles. Não estava me importando com nada.

— Senhorita, infelizmente essa é a política do hotel. Por favor, se acalme. Farei de tudo para encontrar o seu vestido — ela tentava me acalmar, mas eu estava fervendo.

Saí batendo o pé e bufando. E quando pensei que o meu dia não poderia ficar pior, percebi que estava enganada. Dei de cara com a Lanabisgoia.

— Então é aqui que Alê está te escondendo? — ela perguntou sarcástica. Não acredito que essa puta estava aqui.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei sem usar nem um pingão de educação,

pois Lana já estava afiando suas garras em minha direção.

— Querida, Alexandre e eu vivemos no mesmo mundo, sou convidada de honra da festa de hoje. — As palavras dela sobre a festa me desarmaram. Não acredito. EU QUERO O MEU VESTIDO. Não poderia deixar o Alê no mesmo espaço físico que essa vadia sem a minha presença. Precisava pensar em uma solução. E rápido.

— Me dá licença! Não tenho nada para falar com você, Lana. — Ela me olhou de cima a baixo e eu já estava chegando ao meu limite.

— Para você é dra. Lana. — Ela deu dois passos para a frente e segurou o meu braço. — Vou avisar somente uma vez: Alexandre é meu. Esperei muito tempo para que ele sossegasse e resolvesse ter um relacionamento sério — disse levantando o queixo

para mostrar superioridade. — Não fique no meu caminho.

Puxei meu braço com força. Nem morta eu deixaria essa vaca me humilhar, ela não sabia com quem estava mexendo.

— Pelo visto, ele está louco para ter um relacionamento sério. Pena que ele não escolheu você para ser a felizarda. Sabe... — cheguei bem perto do seu rosto, imitando sua ação de antes — adoro quando ele dorme agarrado ao meu corpo, quando ele me chama de menina e diz que é somente meu... Ah... me sinto nas nuvens. Mas algo me diz que você não tem ideia de como seja isso. Não é mesmo, dra. Lana? — eu provoquei a onça com vara curta, mas era isso mesmo que eu queria.

— Você não sabe com quem está se metendo, sua piranha. Acha que eu não conheço tipos como você? Mas você é esperta, eu pensei que deveria me preocupar com a

vadia da Patrícia, mas você com essa cara de santinha não perdeu tempo em abrir as pernas para o Alê. — Lana praticamente cuspiu as palavras em minha direção. Mas eu não fiquei atrás. Já estava explodindo de raiva pelo meu vestido e não teria pudor em soltar todo o meu ódio em cima dessa idiota. — Olha aqui... — ela tentava falar, mas eu a cortei.

— Olha aqui você, sua malcomida. Não interessa o que você teve com o Alexandre no passado. Ele não te quer. Devia parar de se humilhar. Não fica bem para uma promotora pública rastejar por um homem que não se importa com ela. — Deixei bem claro que aquele homem era meu.

Já estava preparada para a sua resposta. Então, inesperadamente, ela recuou e me olhou cinicamente.

— Você tem razão. Não fica bem para uma mulher com o meu status discutir com

uma reles estagiária na porta de um hotel. Tenho mais o que fazer. Preciso me preparar para a grande festa de hoje. Terei que estar impecável, afinal, meu lugar na mesa é ao lado do homem mais sexy que existe. — Ela piscou e me deu um sorriso que me fez tremer.

Argh! Puta! Puta! Puta! Puta! Ela já estava saindo, mas voltou e levantou os olhos em minha direção.

— Sinto muito por seu vestido. Espero que tenha trazido um de reserva. Seria horrível você perder a festa por um erro inaceitável como esse. Bye! — disse com desdém. Eu entendi tudo e quis matá-la.

Desgraçada. Lanabisgoia deu sumiço em meu vestido. E agora?

Enquanto eu andava de um lado para o outro no quarto pensando em como resolver aquela situação, meu celular tocou. Quando li o nome no visor um fio de esperança

surgiu. Priscila! Após contar tudo o que tinha acontecido e ouvir minha amiga amaldiçoar mais que um marinheiro em um dia ruim, ela me pediu para manter a calma e que não deixasse Alexandre saber de nada. Disse que seria minha fada madrinha. Nunca gostei de ser princesa e sempre detestei a Cinderela. Uma história superficial que te ensina que o príncipe só terá olhos para você se você estiver usando um belo vestido acompanhado de um sapato de cristal. Mas naquele dia em especial não reclamaria. Já estava me dando por derrotada quando, mais uma vez, Priscila apareceu para salvar o meu rabo. Achei que não conseguiria me virar dessa vez. Aquela vadia sabia bem o que estava fazendo ao roubar meu vestido. Tenho que admitir que foi uma tacada de mestre, pois ela sabia que eu não pensaria em trazer um reserva. Fato que a partir de hoje seria mudado em minha vida. Nunca mais viajaria

somente com um vestido. Afinal, deveria estar sempre preparada para o ataque de psicopatas.

Fiz como Prí pediu. O que minha amiga estava aprontando eu não fazia a menor ideia. Antes de descer para o salão deixei um bilhete avisando ao Alê que por um problema no meu vestido iria me atrasar. Pedi a ele que não me esperasse. Contratei o serviço de transporte do hotel para me levar ao centro de eventos.

Dona Luiza me ligou informando que realmente não haviam encontrado o meu vestido. Claro que não! Lanabisgoia deve tê-lo deixado no fundo do mar. Vadia!

Alexandre me ligou. Presumi que ele viu minha mensagem e queria verificar se estava tudo bem. Conteí que um imprevisto havia ocorrido, mas não mencionei a Lana. Fiquei com receio de ele não acreditar em mim. Mas

o que era dela estava guardado, assim como dizia a música *Roar* da Katy Perry, que estava tocando:

*You held me down, but I got up
Already brushing off the dust
You hear my voice, you hear that sound
Like thunder, gonna shake your ground
You held me down, but I got up
Get ready cause I've had enough
I see it all, I see it now.*

Oito horas e nada da Priscila. Eu estava no quarto e evitava as ligações do Alexandre. Não podia deixar que atrasasse o seu discurso. Mais uma ligação dele, e eu respondi com um SMS dizendo que já estava a caminho. Fiquei com medo de que viesse atrás de mim. De repente, ao mesmo tempo que batiam na porta, meu celular recebia uma mensagem da Prí.

Espero que você goste. Faça-me um favor: arrase! Quando eu abri a porta, um homem que não parecia ser funcionário do hotel estava de pé na minha frente, segurando uma capa de plástico. Assim que ele me entregou, eu agradeci e fechei a porta. Tirei o vestido da capa e olhei a etiqueta. Puta que pariu, um *Dior* preto! Fui me trocar. Uma última olhada no espelho: eu estava me sentindo poderosa. Cabelos presos em um coque, olhos bem-marcados com sombra preta e, na boca, um batom nude. *Peep Toe* preto com detalhes em vermelho e um par de brincos de rubi completavam o meu look. O vestido era um deslumbre à parte. Teria que agradecer muito o meu salvador. Ou melhor, à minha salvadora.

Cansei de ser boazinha, Lana não sabia com quem tinha se metido. Promotora ou

não, iria colocá-la em seu lugar. De preferência bem longe do meu homem.

Ferraz

Oito e meia e nada da Clara. Tentei várias vezes entrar em contato, mas ela não estava atendendo o celular. Já estava pronto para mandar o discurso à merda e ir atrás da minha menina. Sua justificativa para o atraso era algum problema com o vestido. Mas não sabia o que havia acontecido de fato. Tentei mais uma vez o seu celular sem sucesso. Passei as mãos pelo cabelo e quando estava indo em direção à porta recebi uma mensagem de Clara.

Estou a caminho. =)

Respirei fundo e decidi aguardar.

— Alexandre, querido. — Me virei e vi Lana com o sorriso mais cínico do mundo estampado no rosto. Minha vontade era ignorá-la.

— Olá, Lana. Não sabia que estava aqui.

— Clara não gostaria nada de vê-la na festa,

mas eu não sabia que ela tinha sido convidada. Espero que a minha menina não surte achando que eu escondi esse detalhe dela.

— Posso ser sua acompanhante hoje? Não queria ficar sozinha nesta festa. — Antes mesmo de Lana terminar de falar, ela entrelaçou o seu braço ao meu.

Tirei o meu braço sem fazer alarde e Lana me olhou furiosa.

— Me desculpa, Lana, mas eu já tenho acompanhante para essa noite. — Eu temia por minhas bolas caso Clara me encontrasse ao menos perto da Lana. O ciúme que ela sentiu da Lana foi bem evidente.

— Sério? E quem seria essa sortuda? Não vejo ninguém por aqui — ela falava de modo irônico e eu tentei imaginar o porquê da sua atitude.

— Como eu disse, eu já estou acompanhado e ela deve estar chegando. Agora me dê licença, vou cumprimentar algumas pessoas.

— Saí e deixei Lana sozinha. Em poucos minutos, seria chamado ao pequeno palco para que proferisse o meu discurso ao dr. João Guilherme, um grande doutrinador e jurista brasileiro.

Nove horas. Horário marcado para o início da festa e Clara ainda não havia chegado. Decidi fazer meu discurso e ir atrás da minha menina.

Havia preparado uma apresentação breve, que destacava a importância dos operadores do direito no país. Advogar é uma profissão essencial para a sociedade e dr. João Guilherme foi um grande mentor para todos aqueles que, assim como eu, decidiram trilhar esse caminho tão difícil.

Já estava fora do palco quando encontrei com dois casais de amigos. Não podia sair sem pelo menos cumprimentá-los.

— Dr. Alexandre, belo discurso. — Raul, um homem de meia-idade e grande amigo do

meu pai, me elogiou. Ele estava acompanhado da esposa, Sônia, e ao lado deles estavam dr. Pedro e sua esposa, dra. Suzana, ambos advogados conceituados no estado. Cumprimentei todos. Eles conversavam animadamente sobre vários assuntos que realmente não me interessavam em nada: tudo que eu queria era ir atrás da Clara.

— Dr. Rodrigo e o seu dom de farejar lindas mulheres. — Me virei para ver sobre o que o Pedro falava e praticamente congelei. Porra!

Rodrigo era um juiz de direito com fama de conquistador. Suas histórias eram conhecidas em todo o mundo jurídico. Casado três vezes e com três ex-mulheres, ele não conseguia manter um relacionamento monogâmico. Mas o que me deixou petrificado foi ver quem era a vítima da vez. Clara tentava se desvencilhar das investidas de Rodrigo, e era nítido que ela estava desconfortável com

a insistência dele. Assim que me recuperei do meu choque inicial, eu decidi buscar minha mulher. Vi quando ele colocava a mão nas costas dela para falar algo em seu ouvido e Clara se afastava. Essa seria a minha deixa. Se ele encostasse novamente a mão na minha menina, eu me tornaria um advogado com a ficha suja, pois iria matá-lo. Senti meu rosto queimar e minhas mãos já estavam em punho, pois qualquer passo em falso do Rodrigo, eu quebraria a cara dele. Antes de chegar ao meu destino, Lana agarrou o meu braço.

— Não acredito que você vai dar um vexame no meio de uma festa como esta por causa da piranha da sua estagiária. — Eu é que não acreditava que ela tivesse tido a coragem de se dirigir a Clara daquela forma.

Lana percebeu o meu olhar mortal, afrouxou um pouco a mão, mas não soltou o meu braço.

— Desde quando você se tornou um homem das cavernas, Alê? — ela perguntou algo fácil de responder.

— Desde quando me apaixonei — puxei meu braço e caminhei em direção a Clara. Teria que pôr um ponto final na paranoia da Lana de uma vez por todas. Consegui abrir caminho entre as pessoas. Já estava a poucos centímetros de Clara, tão perto que consegui escutar a conversa mole do Rodrigo.

— Uma mulher tão linda como você não deveria estar sozinha. Você merece um homem de verdade ao seu lado — ele disse e foi o meu momento de agir.

Cheguei perto da Clara e me dirigi ao Rodrigo de forma firme.

— Também acho, dr. Rodrigo, e é por isso que eu estou aqui. — Clara estava surpresa. Sua boca abria e fechava e eu sabia que ela tinha gostado da minha aparência. Não tinha nada de muito diferente. O evento

pedia traje de gala e era assim que eu estava: smoking preto, camisa branca e gravata borboleta.

— Me desculpa pelo atraso — ela disse baixinho somente para que eu pudesse ouvir.

— Sem problemas. O importante é que você está aqui — respondi colocando a mão em suas costas que, por sinal, mais uma vez estavam nuas.

— Sua acompanhante? — Achei que Rodrigo havia se retirado, mas o infeliz ainda pairava como um urubu em cima da minha menina.

— Sim, Rodrigo. Obrigado por distraí-la até que ela me encontrasse — eu disse educadamente. Filho da puta, tire seus olhos de cima da minha mulher.

— Tenha cuidado, dr. Ferraz. Não se deve deixar uma mulher tão bela como esta solta. Você sabe que existem muitos gaviões por aí.
— Além de falar aquela asneira, ele teve a

petulância de piscar para a Clara. Desgraçado!

— Ficarei atento. Apesar de ter certeza que nenhum deles está à altura do que ela já tem. Peço licença, dr. Rodrigo, apresentarei Clara a alguns amigos. — Deixei Rodrigo falando sozinho e entrelacei meus dedos aos de Clara.

Ela me olhava, e eu percebi que apesar de tudo estava gostando do meu jeito possessivo. Não podia me conter. Em se tratando dela, não conseguia nem imaginar outra pessoa a tocando.

— Bela disputa de mijadas — ela sorria ao falar. A descarada estava achando graça enquanto o sangue fervia em minhas veias.

— Estou guardando sua punição por me fazer ciúmes para mais tarde, querida. — Ela colocou o seu rosto mais perto do meu para sussurrar.

— Promessas. Promessas. — Seu sorriso era lindo e cada dia que passava eu estava mais enfeitiçado por essa mulher com jeito de menina.

— Aquilo foi o que eu chamo de um excelente resgate — Suzana dizia em referência ao percalço da Clara com o Rodrigo. Dei de ombros sorrindo.

— Clara, esses são Raul e sua esposa, Sônia. — Ela os cumprimentou com um breve aperto de mão. — E Pedro e sua esposa, Suzana — repetiu o cumprimento.

— Clara está me acompanhando no congresso, mas infelizmente teve um contratempo e só conseguiu chegar agora na festa — expliquei.

— Alexandre, desta vez você se superou: que garota linda — Sônia disse com total sinceridade.

— Obrigada, fico envandecida por receber um elogio como esse vindo de uma bela

mulher como a senhora — Clara respondeu com sua gentileza de sempre.

— Querida, pode me chamar de você. Já passei dos 50, mas isso não precisa se espalhar. — Ela piscou descontraída para Clara.

As duas sorriram e começaram a conversar animadamente sobre um assunto qualquer. Minha mão ficou o tempo todo em contato com as costas de Clara e minha vontade era de descer um pouco mais até alcançar aquele seu traseiro perfeito. Estava louco para dar alguns tapas naquela bunda deliciosa.

— Olá, querida — alguém cumprimentou a Clara.

Ouvir a voz da Lana naquele momento me deixou furioso.

— Olá, dra. Lana — Clara respondeu sem nenhuma surpresa, parecia que ela já sabia que Lana estava na festa. Entretanto, eu vi faíscas de raiva em seus olhos.

— Vejo que subiu de posto. De estagiária da Ferraz a acompanhante. Foi um belo salto. — Não acreditei que essa ordinária estava tentando humilhar Clara na frente de todos. Suzana e Sônia se olharam e depois seus olhos foram em direção a Clara. Eu estava abrindo minha boca para defendê-la quando ela mesma se pronunciou.

— Sim, dra. Lana, ainda sou estagiária do dr. Ferraz. Na verdade, é uma honra e um privilégio ser estagiária de um dos melhores advogados deste país. É realmente inspirador. Sem falar que trabalhar ao lado de um dos homens mais lindos do mundo não é nada mal. — Ela piscou em direção às mulheres que a estavam encarando. Depois de um silêncio constrangedor, Sônia resolveu falar.

— Querida, tenho que concordar com você. Se este homem depender de beleza para ir ao céu, meu Deus, os anjos que o esperem.

— Todos riram da brincadeira da Sônia, menos Lana, que estava vermelha de raiva.

— Infelizmente tenho que concordar com você, senhorita — Raul se pronunciou. — Nós do meio jurídico morremos de medo de perder nossas mulheres para o Alexandre. Ele é como aquele flautista encantador, porém de mulheres.

— Impossível, Raul. Sônia nunca te abandonaria — eu entrei na brincadeira.

Incrível como a Clara era esperta e conseguia reverter qualquer problema a seu favor.

— Não me diga que a dra. Lana também não adoraria estar no meu lugar? — Clara se dirigiu especificamente a Lana. Ai, ela vai ficar possessa com essa.

— Claro, quem não gostaria, não é mesmo? — Lana respondeu, e se aquele sorriso fosse um pouco mais forçado congelaria sua face.

Clara estava toda sorridente e eu ainda mais em pensar que minha menina estava defendendo nossa relação, por mais complicada que ela fosse.

— Me daria o prazer dessa dança? — perguntei.

Estava cansado de dividi-la. Na verdade não via a hora de irmos embora para que pudesse fodê-la até o amanhecer. Assim que Clara se virou para irmos à pista, um burburinho feminino começou.

— Minha nossa! — Suzana disse. Clara e eu nos viramos preocupados e ela estava com as mãos na boca. Lana estava com os olhos arregalados e a boca aberta. — Me desculpa, não queria assustá-los, mas não me contive, afinal não é todo dia que vejo um legítimo *Dior*. — Ela apontou para um pingente que pendia no vestido da Clara.

— Obrigada, posso dizer que tive uma fada madrinha hoje — Clara sorriu em agradecimento.

Lana saiu batendo o pé sem se despedir de ninguém. Poderia até entender que ela estava chateada, mas suas atitudes demonstravam um lado dela que eu não conhecia. E não perderia tempo em tentar entender.

A belíssima *You and Me*, do Lifehouse, estava tocando, e eu queria dançar com a Clara. Já estava ficando louco, e ao menos assim eu teria o seu corpo junto ao meu.

What day is it? And in what month?

This clock never seemed so alive

I can't keep up and I can't back down

I've been losing so much time

*'Cause it's you and me and all of the people
with nothing to do, nothing to lose*

And it's you and me and all of the people

*And I don't know why I can't keep my eyes
off of you.*

O cheiro dela era incrível. Não se comparava com nenhum outro que eu conhecia. Segurei sua mão direita, enlacei a outra em sua cintura e começamos a dançar ao som da música.

— Me desculpa, Alexandre. A lavanderia do hotel sumiu com o meu vestido e eu tive que dar meus pulos para chegar até aqui — ela se explicou sussurrando em meu ouvido.

Eu sabia que havia acontecido um problema, mas nunca imaginaria que teria sido o sumiço do seu vestido. Clara usava um vestido preto com as costas nuas, o que me deixou louco. De um ombro ao outro no espaço sem tecido, havia umas correntes com enfeites e um pingente com as iniciais da marca *C.D.* Seu cabelo estava preso e ela usava joias de muito bom gosto. Perfeita!

Minha menina estava maravilhosa. Mesmo assim, não gostei de saber que ela resolveu esse problema sem minha ajuda. Precisava fazer com que ela confiasse em mim, mas agora o que me intrigava era quem a ajudou. Lá estava o homem das cavernas tomando conta de mim novamente. Questionei Clara e ela me explicou que não sabia como o vestido tinha chegado, mas foi obra da Priscila. Teria que agradecer à minha irmãzinha. Ela sabia que eu estava preparando esse final de semana para tentar trilhar o meu caminho até o coração da Clara. Ainda bem que deu tudo certo! Clara ficaria decepcionada em não poder me acompanhar na festa.

— Só perdoo porque foi a Priscila. Mas quero que saiba que estou aqui. Quando algo desse tipo acontecer, não hesite em me procurar, tá? — Ela assentiu e continuou dançando. Outra música, tão linda quanto a

anterior começou a tocar: *I Won't Give Up*, de Jason Mraz. E eu fiz questão de cantarolar o refrão.

*I won't give up on us
Even if the skies get rough
I'm giving you all my love
I'm still looking up.*

Clara começou a respirar fundo e eu sabia que estava conseguindo atingi-la. Era esse o meu plano, mostrar a ela que podemos dar certo, que somos bons um do lado do outro, que éramos um casal perfeito. Sabia que não seria fácil, mas as palavras de Priscila não paravam de ecoar em minha cabeça: “Ela vale a pena.”

O jantar transcorreu de forma tranquila, os únicos problemas foram os olhares mortais que Lana lançava em nossa direção e a vontade que eu estava de sair à francesa para terminar de aproveitar a noite só com a

minha menina. E Clara também não ajudava, estava me provocando a todo momento, seja fazendo gestos que me remetiam a sexo ou acariciando minha coxa por debaixo da mesa, quase chegando a tocar meu pau.

Fim do jantar. Graças aos céus. Despedi-me de todos e caminhei com Clara até o carro. Não via a hora de chegar ao nosso quarto. Preparei uma surpresa. Seria minha cartada final.

Resolvi que minha última noite com Clara naquele final de semana seria especial. E foda-se que seria romântico demais. Clara precisava entender que nossa relação não era só sexo. Eu estava apaixonado, como nunca estive na vida. Antes de sair da festa, sem que ela percebesse, fiz uma ligação para o hotel. Fiz o meu pedido e aproveitei para marcar uma reunião com o gerente pela

manhã. Ainda estava inconformado com o sumiço do vestido da minha menina. Eles teriam que me dar uma boa explicação. Ligação feita, peguei a Clara e dirigi de volta para o hotel. Me concentrei na estrada e notei o incômodo da Clara com o meu silêncio. Não podia explicar, não podia olhá-la, se a tocasse então, iria me perder. Precisava esperar, porque do contrário a minha surpresa não teria sentido nenhum. Assim que chegamos, eu a conduzi para o quarto, mas antes de abrir a porta eu retirei algo que trazia no bolso e andei em sua direção.

— Vire-se. — Ela me olhou confusa, mas não hesitou em me obedecer. Tirei a gravata azul que ela havia me dado, a mesma com a qual Clara tinha me amarrado.

— Lembra quando eu te disse que você iria me pagar? — Colei meu corpo ao dela e tenho certeza que ela percebeu a minha ereção, pois apertou ainda mais seu traseiro

contra o meu corpo. Estendi a gravata diante dos seus olhos e ela suspirou.

— O que você vai fazer? — me perguntou curiosa. Ainda me esfregava em sua bunda e agradeci por estarmos sozinhos. Estávamos dando um show de preliminares no meio do corredor do hotel.

— O que eu vou fazer? — Alcancei o seu ouvido para que pudesse sussurrar. — Eu não vou fazer nada. — Ela tentou se virar, mas a segurei no mesmo lugar. — Nós vamos fazer amor. Lento, bem lento. — Depois de falar, eu cobri seus olhos com a gravata e amarrei.

— Alê... — Não deixei que ela falasse.

— Shhhhh! Hoje farei amor com você e durante todo o tempo você estará com os olhos vendados, em nenhum momento poderá ver o que está acontecendo.

— Mas, Alexandre... — Virei seu rosto e a calei com um beijo.

— Sabe por que farei isso, Clara? — Ela estava ofegante, nosso beijo tinha sido carregado de desejo. — Porque eu quero que você sinta. Não quero que olhe o que estamos fazendo, pois o olhar nos engana. Você tem que ver com o seu coração, com a sua alma.

Aguardei sua reação durante alguns segundos eternos e, finalmente, Clara balançou a cabeça e eu abri a porta do quarto. Ela não podia ver, mas todo o quarto estava cheio de flores e velas. Tenho certeza que ela podia sentir, pois o clima daquele local se transformou. Liguei o som e a conduzi até a cama. Sentei-a na beirada e pedi que esperasse. Sabia qual era sua música favorita, e por isso iria usá-la. Havia encontrado uma versão acústica do rock que ela tanto gostava e que tinha dado origem à sua tatuagem.

Servi duas taças de champanhe e entreguei uma delas a Clara, que permanecia imóvel.

— Beba. — Estava louco para amá-la, mas precisava manter a calma. Clara lambeu os lábios após o primeiro gole e eu não resisti. De frente para ela, mas sem encostar em seu corpo, eu passei o dedo sobre seus lábios, primeiro no inferior e depois no superior. Eles estavam molhados pelo champanhe e meu pau doía ao lembrar como era estar dentro da sua boca.

— Alexandre, essa música é... — ela não terminou de falar. Eu sabia que tinha um significado especial para ela, mesmo assim eu fiz questão de colocá-la.

— Eu sei que ela traz lembranças do seu passado, e por isso a coloquei. Eu quero tudo de você, Clara. Presente, passado e futuro, e aceito tudo que você tiver para me dar. Sinta o cheiro... — pedi, e ela respirou fundo.

*I'd do anything for a smile,
Holding you 'til our time is done*

*We both know the day will come,
But I don't want to leave you.*

Seize the Day, do Avenged Sevenfold, ainda tocava e eu analisava a letra olhando a menina que estava na minha frente.

— O que você está fazendo, Alexandre? Por que não vem até mim? — Ela estava ficando impaciente.

— Estou admirando a sua beleza. — Bebi mais um gole da minha taça. Estava sentado em uma poltrona de frente para a cama. O desejo queimava a minha pele só de olhá-la.

Aproveitei que estava sentado e tirei os sapatos e as meias. Me levantei e tirei a camisa. Então, caminhei em direção à mulher linda que me aguardava. Retirei a taça já vazia de suas mãos e coloquei na mesa ao lado da cama. Levantei seu vestido até suas coxas, mas fazendo o possível para não tocá-

la. Fiquei entre suas pernas e levei suas mãos até meu corpo.

— Me toca. — Clara começou a passar sua mão delicada por todo o meu abdômen e foi até o meu peito. Acabei soltando um gemido, pois seu toque era minha perdição. Clara sorriu.

— Quero ver você — ela pediu, mas coloquei um dedo em sua boca a impedindo de falar.

— Apenas sinta. — Suas mãos começaram a descer um pouco mais e senti seus dedos roçando o meu pau por cima da calça. Me afastei, pois não aguentaria por muito tempo se ela seguisse por esse caminho.

— Levanta. — Foi uma ordem, e minha menina obedeceu. Com os sapatos de salto, ela estava praticamente da mesma altura que eu.

A primeira música da playlist havia terminado. Agora Leoni cantava *Garotos II*, sobre o quanto um garoto pode se perder por uma mulher.

*Seus olhos e seus olhares
Milhares de tentações
Meninas são tão mulheres
Seus truques e confusões.*

E era assim que eu me sentia em relação a Clara. Perto dela eu era só um garoto. Sem direção e sem rumo. Tirei o seu vestido e como eu previa, ela não estava usando sutiã. Sua calcinha era simples, sem muitos detalhes. Seus mamilos estavam rígidos. Levei minhas mãos até os seus seios e comecei a acariciá-los. Devagar. Essa era a minha palavra de ordem da noite.

— Alê, eu estou com tanto tesão, por favor — ela começou a implorar por mais, mas eu ignorei o seu pedido.

— Dança comigo? — Mesmo sem ver os seus olhos, eu pude perceber o quanto ela estava confusa.

— Assim, sem roupa? — perguntou confusa, como eu senti que estava.

— Assim, deliciosamente sem roupa. — Peguei Clara em meus braços e, diferente de quando dançamos na festa, levei minhas duas mãos à sua cintura enquanto ela enlaçava as dela no meu pescoço.

— Você tem um cheiro delicioso — ela passou o nariz pelo meu pescoço e pela milésima vez naquela noite eu amaldiçoei esse meu plano maldito de levar as coisas de forma lenta. Ter Clara nua em meus braços enquanto dançávamos foi uma das melhores sensações que já experimentei, mas não aguentava mais de tanto desejo.

— Deite-se. — Clara se soltou dos meus braços e antes que a levasse até a cama, eu tirei os grampos que prendiam o seu cabelo.

Ela se deitou e eu me deleitei com aquela visão. Era como uma miragem, como um oásis para um viajante no deserto. E eu queria me afogar naquelas águas.

Levantei uma de suas pernas e distribui beijos desde o tornozelo até a coxa. Retirei sua sandália e repeti todo o movimento em sua outra perna.

Peguei um óleo corporal que a Priscila havia me ajudado a escolher. Abri o vidro, me deitei ao lado da Clara na cama e levei o frasco até o seu nariz. Assim que ela sentiu o cheiro, um sorriso se abriu no seu rosto.

— Chocolate? — Senti que ela havia gostado. Minha intenção naquela noite era privar Clara da visão para potencializar seus outros sentidos. Comecei com o paladar ao lhe oferecer o champanhe, a audição estava sendo aguçada com as músicas que havia escolhido a dedo e agora me focaria no olfato e no tato.

— Se vira, minha menina, vou lhe fazer uma massagem. — Clara se mexeu na cama, ficando na posição que pedi. Me ajoelhei ao seu lado e comecei a passar a mão por suas costas inteiras. Enquanto traçava com os dedos toda a extensão de sua tatuagem, repetia mentalmente que estava aproveitando o dia. Clara gemia e fazia sons que me deixavam louco.

Derramei quase todo o frasco do óleo em seu corpo e comecei a massagear. Não era um massagista profissional, mas sabia fazer alguns movimentos básicos.

— Que delícia! — Clara murmurou. Ela estava divina, nua, com o corpo lambuzado e escorregadio do óleo. Minhas mãos desciam pelas suas costas até que eu alcancei sua bunda deliciosa. Afastei o seu traseiro e derramei óleo pela sua entrada. Todo o seu corpo se arrepiou.

— Por favor, Alexandre. — Estava na hora de começar a satisfazê-la.

— Você quer que eu te toque aqui? — Afastei os lábios de sua boceta e comecei a provocá-la. Clara se contorceu lindamente. — Ou você quer que eu te toque aqui? — Introduzi a ponta do dedo indicador em sua outra entrada. Aquela, ainda inexplorada por mim. — Diga o que você quer, Clara — alterei o meu tom de voz.

— Toque a minha boceta. Me possua. Quero sentir os seus dedos dentro de mim — pediu com a voz rouca de tesão.

Suas palavras me provocavam e a visão de seu corpo tão entregue a mim me deixava cada vez mais duro. Introduzi um dedo bem devagar. Deus, como ela estava molhada.

— Isso tudo é para mim? Minha menina gosta que eu lhe diga como ser minha putinha? — Seria romântico esta noite, mas não deixaria de ser quem eu era. Além do

mais, sabia o quanto minhas palavras sujas excitavam ela. Essa era uma arma da qual não abriria mão. Nunca!

— Alexandre, eu não aguento mais. Preciso de você dentro de mim. — Eu sabia que aquilo tudo estava sendo demais para ela, pois me sentia da mesma maneira. Tudo que eu havia preparado deixava a sexualidade de Clara à flor da pele. Seu corpo estava quente, sua boceta estava encharcada e tremores revelavam que o tesão a possuía. Estava na hora de penetrá-la. Saí da cama, peguei um preservativo e voltei para ela. Tirei minhas calças e minha boxer, desenrolei o preservativo no meu pau, que estava duro como rocha. Acho que eu nunca fiquei tão excitado em toda a minha vida.

— Fique deitada, querida, eu vou comer você. — Clara ficou rente à cama e eu me ajoelhei no colchão, com uma perna de cada lado da sua bunda e comecei a penetrá-la.

Ela gritou e eu fiquei com medo de gozar antes mesmo de chegar até o fundo.

— Tão apertada. Tão gostosa. Tão minha.
— Centímetro por centímetro eu invadia seu interior. Meu corpo tremia e a vontade de fodê-la rápido e forte me torturava cada vez mais.

— Rápido, Alê, eu preciso disso — ela suplicava, mas eu neguei.

— Não! — Por mais que fosse doloroso, eu queria convencê-la de que queria mais que somente o seu corpo e para isso precisava manter as coisas lentas. Assim que senti que estava inteiro dentro dela, eu respirei fundo e tentei me acalmar.

— Linda! — falei baixinho enquanto passava as mãos em suas costas, ainda escorregadias pelo óleo. O cheiro de chocolate estava no ar. Clara levou as mãos até a gravata, mas eu a adverti.

— Não. Não, minha menina, apenas sinta. — Ela colocou as mãos de volta na cama e eu comecei a me mexer. Puta merda! Eu sabia que não duraria, mas seria mais rápido do que eu pensei. Bombeava devagar, tirando o meu pau quase que totalmente e voltava a penetrá-la em um único golpe. Clara estava tão apertada que mesmo com o preservativo eu podia sentir o calor do seu corpo me aquecendo. Levei o meu dedo até o seu traseiro e comecei a provocá-la. Assim que ela sentiu meu toque começou a gemer ainda mais alto.

— Menina, eu não suporto mais. — Estava no meu limite. Já sentia o êxtase tomar conta do meu corpo.

— Estou quase gozando, Alexandre. — Sua voz não era nada mais que sussurros. A música que tocava, *Mirrors*, do Justin

Timberlake, era perfeita para o momento em que estávamos.

*Cause I don't wanna lose you now
I'm lookin' right at the other half of me
The vacancy that sat in my heart
Is a space that now you hold.*

Saí de dentro da Clara para que pudesse virá-la na cama. Por mais que a quisesse de olhos fechados, eu não podia gozar sem ver seu olhar. Seus olhos revelavam os seus sentimentos, e eu precisava saber quais eram.

— Por favor, não pare — Clara reclamou assim que meu pau saiu do seu corpo.

— Se vira, preciso ver os seus olhos enquanto te faço gozar. — Clara ficou de barriga para cima e eu não resisti ao ver sua boceta tão molhada. Já estava quase gozando, mas precisava sentir o gosto da minha menina. Escorreguei na cama e consegui alcançá-la. Afastei seus grandes lábios e antes que ela

pudesse reagir, eu comecei a chupar o seu clitóris. Clara ergueu o quadril retirando sua bunda da cama e eu a segurei no ar para chupar com mais força.

— Vem para mim, Alê. Quero gozar com você dentro mim. — Seu pedido era uma ordem.

Me levantei e antes de penetrá-la novamente, eu tirei a gravata que cobria os seus olhos.

*Yesterday is history
And tomorrow's a mystery
I can see you lookin' back at me
Keep your eyes on me
Keep your eyes on me.*

Seus olhos brilhavam como dois diamantes e eu vi algo que não esperava. Uma lágrima solitária desceu em seu rosto e eu levei minha mão para que pudesse secá-

la. Aquilo me deixou aflito e eu não sabia o que fazer.

— O que foi, Clara? — Afastei um pouco o meu corpo, mas ela segurou meu pulso me fazendo parar.

— Não para. Continua me possuindo, eu preciso de você — pediu, e mesmo preocupado com o que estava acontecendo, eu fiz o que ela havia me pedido. Voltei a me fundir com ela. Completamente em seu interior, eu comecei a intensificar as minhas investidas.

Com uma das mãos eu segurei seus braços acima de sua cabeça e a outra levei até um dos seus seios. Abaixei minha cabeça e a beijei. Minha língua inundava sua boca desesperadamente.

— Linda! Maravilhosa! — disse afastando os meus lábios e tocando o seu rosto com uma das mãos. Acaricieei sua bochecha e senti as paredes da sua boceta se contraírem. Ela estava gozando.

— Alê, eu vou gozar! — Ela me encarou e eu fiquei preso em seus olhos.

— Goza, Clara. Eu sou seu, minha menina. Goza para mim. — Soltei seus braços e levei minha mão até o seu clitóris. Também estava a ponto de explodir, mas queria que ela viesse junto. Seu corpo se arqueou e ela cravou as unhas em meus ombros. Era delicioso vê-la gozar. Segui o mesmo caminho e gozei olhando em seus olhos.

— EU. SOU. SUA!

Paralisei ao som daquelas palavras.

You are, you are the love of my life

You are, you are the love of my life

You are, you are the love of my life

You are, you are the love of my life.

17



Clara

Já se passaram dois meses desde que eu disse as benditas palavras que o Alexandre tanto queria ouvir. Depois de tudo que ele fez, eu não consegui suportar os meus próprios sentimentos pedindo para serem libertados. Enfim, acabei dizendo o que há tempos eu já sabia que era verdade. O que mudou? Tudo e nada. Tudo, porque se antes Alê achava que tínhamos uma relação, agora ele tinha certeza. E nada porque eu ainda não tinha conseguido abrir meu coração para que ele entrasse completamente. Algumas regras do nosso acordo ainda estavam de pé, ninguém além de Prí e do Bruno sabiam do nosso relacionamento. Ferraz ainda não conhecia a minha casa e os encontros românticos estavam fora da lista. E para cumprir esse último item, Alexandre se superava a

cada dia: os encontros com ele nunca eram chatos e previsíveis.

Uma noite, fomos assistir ao UFC. Foi uma loucura. Já havia assistido a esse tipo de luta pela TV, mas nada se comparava com o que vi ao vivo. No começo, eu fiquei vidrada na entrada dos lutadores. Nunca tinha sentido tanta vontade de lavar roupa na vida. Jesus! Maria! José! Tanquinho era pouco para eles. Alê notou meu queixo caído e me beliscou para chamar minha atenção. Achei que ele brigaria pela minha indiscrição e pela minha análise, digamos que, um pouco mais crítica sobre os lutadores. Mas que nada, ele abriu um sorriso perfeito e me deu um beijo em público. Ainda não estava acostumada com suas demonstrações de afeto na frente de todos. Assim que a luta começou, todo o meu deslumbramento foi por água abaixo. Socos, chutes, empurrões, sangue, machucados. Pai amado! Na TV eles não pareciam se

machucar tanto. A cada round eu pedia que um deles caísse logo, para que aquela tortura acabasse de uma vez. No fim, me escondia atrás de Alexandre cada vez que percebia um novo golpe se aproximando e ele gargalhava do meu medo. Sério, acho que depois daquela experiência, UFC somente pela TV.

Depois da luta fomos para o apartamento dele, transamos como loucos a noite inteira. Começamos no sofá e acabamos no banheiro. E essa era uma regra que havia caído. Quase todos os dias, Alexandre me buscava para que eu passasse a noite em seu apartamento. Algumas vezes eu voltava para dormir em casa; outras, não. O nosso sexo estava cada vez melhor. Cada toque, sussurro, palavra e pulsar de seu corpo dentro do meu, me deixava ainda mais atraída por aquele homem. Ele não cobrou mais aquelas palavras de mim e eu não as repetia sempre, ainda estava assustada com aquele

sentimento, mas algumas vezes sentia necessidade de colocá-lo para fora. Quando isso acontecia, imediatamente todo o corpo de Alexandre entrava em combustão. Sentia que ele precisava ouvir que eu era dele para reafirmar ainda mais que me possuía.

O estágio na Ferraz ia de vento em popa. Aprendia cada vez mais com o Alexandre e ele fazia questão de me ensinar cada “artifício” ou “truque” que eu pudesse levar para a prática da profissão.

Nando, assim como eu pensei, estava sendo um refresco no meu dia a dia. Sua presença tornava minha vida muito mais alegre e preenchia a minha casa. Eu até esquecia um pouco a solidão. Mas de vez em quando ela voltava, e nesses dias eu recusava os convites do Ferraz e me trancava no quarto. Chorava por horas ouvindo minha música favorita, que agora não só trazia

lembranças do Felipe, mas também de Alexandre.

Nando não me questionava. Nem pelos meus dias de melancolia e nem pelas noites que eu passava fora. Acho que Laís deu algumas dicas para ele sobre “como ser meu amigo sem se intrometer em minha vida”, afinal, ela fazia isso muito bem.

E falando em Laís, ela e o Bruno estavam como cão e gato. Depois do nosso encontro vergonhoso, em que peguei Bruno com o Dudu no colo e banana no cabelo, havia encontrado com ele algumas vezes. Vira e mexe ele aparecia onde a Laís estava. Não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas pelo que Laís me contou, ele tinha pedido ela em namoro, mas ela ainda estava com um pé atrás em relação à sua promiscuidade. O engraçado era que ela não conseguia evitá-lo e pelo menos sexo eu sabia que rolava ali. E pelos relatos da Laís, ela estava certa quando

disse que Bruno cheirava a bons petiscos. Minha amiga estava no céu.

Apesar da normalidade, apenas Diego me intrigava. Pelo menos duas vezes na semana saíamos para tomar um café. Ele era uma excelente companhia, conversávamos sobre vários assuntos. Apesar da cordialidade de sempre, Diego estava um pouco estranho. De vez em quando percebia um flerte vindo dele, e às vezes ele me interrogava mais diretamente, mas sem ser invasivo demais. Queria saber quem era o sortudo que estava em minha vida. Sabia que ele estava desconfiado de alguma coisa, já tinha comentado com o Alê e estávamos nos preparando para confessar a ele e a Laís que tínhamos um “relacionamento”. Eu só precisava de um tempo para me acostumar com a ideia de que todos à minha volta iriam saber que eu tinha baixado a guarda.

Patrícia continuava a biscate de sempre, se insinuando para todos que possuíssem um pau e que tivessem menos de 70 anos. Apesar da sua beleza, que infelizmente eu reconhecia — ela era mesmo linda —, não acreditava que Diego, Bruno ou Alexandre se envolveriam com ela. Eles sabiam que uma noite de sexo com Patrícia poderia trazer consequências amargas. Ela nunca dava ponto sem nó e ainda me encarava como se soubesse algo a meu respeito e estivesse preparando o bote. Cobra!

Lana não apareceu mais. E isso, sim, me preocupava. É muito melhor uma mulher rejeitada que faz escândalo do que uma mulher rejeitada que fica à espreita. Estava de olhos bem abertos com essa mulher. Ela não me cheirava a coisa boa. Mas Alexandre me garantiu que após o congresso, a única coisa que aconteceu foi uma ligação, através da qual ele colocou um ponto final na história

deles. Mas eu não acreditava que Lana desistiria assim tão fácil. Ela tinha se mostrado disposta a fazer da minha vida um inferno. Mas eu não estava nem aí para nada que viesse daquela vadia.

As consultas com Cristina na Ferraz estavam me deixando incomodada. Ela remexia cada vez mais em meu passado. Eu me sentia invadida, mas acabava contando uma coisa aqui, outra ali. Ela era esperta, eu sabia que estava sendo analisada, mas como todos os funcionários eram obrigados a passar por aquela conversa, eu não podia evitá-la.

Quarta-feira, depois de passar duas horas no parque perto do meu apartamento, eu resolvi voltar para casa. A playlist de rock nacional que eu sempre ouvia para correr ainda tocava alto no meu iPod. Uma música que eu amava do Legião Urbana, *Tempo*

perdido, tocava e eu cantarolava junto quando entrei no meu prédio.

*Então me abraça forte e
Me diz mais uma vez
Que já estamos distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo.*

Assim que cheguei em casa, Nando fez questão de cantar o refrão comigo. Perguntei, me jogando no sofá, o que havia deixado ele feliz. Lembrei que estava toda suada e escorreguei do sofá para o chão. Nando explicou que estava de bem com a vida, que tinha encontrado duas melhores amigas e bati em seu braço fingindo ciúmes da Laís.

— Lindinha, você é a melhor, mas não posso me esquecer da minha “furacão” — ri alto do apelido que Nando colocou em Laís. Ele começou a chamá-la assim desde o domingo em que ela chegou como uma louca em nosso apartamento, após ter passado a

noite com Bruno. Láis estava descontrolada. Eu e Nando não conseguíamos parar de rir do seu desespero.

— E para provar que você é a melhor, a diva das divas... — ele fez uma pausa — eu tenho um presente para você.

Bati palmas como uma criança. Tem coisa melhor que ganhar presentes? Ops! Tem. Transar com o Ferraz. Delícia!

— Vamos? O que você está esperando? Adoro presentes. — Nando sorriu, mas não se moveu.

— Calma, lindinha. Seu presente vai vir no sábado. Estamos preparando uma surpresa de abalar as estruturas. Só lhe peço que compre um vestido *bafo* e reserve sua noite de sábado para mim, pois vou lhe usar.

— Ok, senhor “clichê de novela”, mas posso saber a quem você se refere quando diz “estamos”?

Olhos de quem estava aprontando estavam em minha frente me encarando.

— Eu e Laís. Agora você não vai arrancar mais nenhuma palavra da minha boca — Nando imitou um fechar de zíper e se calou.

Ferraz

Dois meses! Há dois meses eu ouvi as palavras mais esperadas da minha vida. Quando Clara disse que era minha eu congelei, tive vontade de gritar e sair correndo, avisando para todo o mundo ficar longe da minha menina. Ela me pertencia. Foi inexplicável o sentimento que tomou conta de mim. Clara ainda estava receosa de repetir aquilo, mas eu sabia que muita coisa havia mudado depois daquele final de semana. Ela estava mais entregue, mais aberta, mais consciente dos seus sentimentos. Óbvio que as coisas não mudariam de uma hora para outra, mas eu estava no caminho certo. Cada dia eu me esforçava mais para entrar em seu coração.

Estava trabalhando muito nos últimos dias. Vários casos novos surgiram e Clara se mostrava cada vez mais integrada ao

escritório. Eu fazia questão de passar todo o meu conhecimento para ela. Minha menina seria uma excelente operadora do Direito, eu não tinha a menor dúvida. Sua inteligência, rapidez e perspicácia eram notáveis.

Minha irmã Priscila retornou para a Espanha. O casamento foi adiado devido a um problema de saúde com a mãe de Juan. Minha irmã não ficou feliz, mas ela nunca abandonaria seu noivo em um momento como aquele.

Eu e Diego ainda estávamos à procura do maldito que tinha feito as ligações. Eu estava de olho em Araújo, nada me tirava da cabeça que ele planejava algo contra mim ou contra minha família. Mas, como não conseguimos nenhuma prova, recuei e até pensei em outras possibilidades.

Eu estava no shopping tentando comprar um presente de aniversário para Diego. Meu irmão tinha dispensado qualquer tipo de festa. Na verdade, ele teve uma atitude muito solidária: pediu para seus amigos comparecerem na Ferraz e combinou com todos os funcionários e colaboradores do escritório que durante o dia do seu aniversário haveria uma campanha de doação de sangue no escritório. Ele não queria presentes e, sim, que todos doassem sangue para o Hemocentro da cidade. Todos concordaram e parabenizaram Diego por sua atitude. E eu, claro, senti um orgulho enorme do meu irmão fedelho. Mesmo sabendo que ele não queria presentes, resolvi lhe comprar uma coisa que tenho certeza que adoraria: Playstation 4. Diego, além de ser fissurado por cinema, amava jogar video game.

Assim que saí do shopping, mandei uma mensagem para Clara perguntando se poderia buscá-la. Meu desejo por ela nunca cessava. Havia noites em que transávamos muito. Era até engraçado como nossos corpos se encaixavam e sentiam vontade de estar cada vez mais perto. Se nos fundíssemos um ao outro ainda seria pouco. Quando ela respondeu, eu já estava em casa.

Sem clima hoje. Desculpe. =(

Fiquei decepcionado, mas sabia que forçar seria pior. Nesses três meses com a Clara, aprendi que seria muito difícil conhecer o seu passado. Ela tentava esconder, mas eu sabia que algo de muito grave havia acontecido. E minha intuição dizia que esse passado poderia nos afastar.

Trocamos mensagens nos despedindo e eu sorri pelo apelido que ela me deu. Lobo

Mau. Adorava esse nosso jogo de gato e rato. Era excitante.

Me deitei cedo, mas a verdade era que dormia bem mais rápido e muito mais tranquilo com a Clara em meus braços. Mesmo quando eu a levava de volta para casa ou ela voltava por conta própria, era bem mais fácil pegar no sono depois. A melhor coisa era seu cheiro em meu corpo e na cama. Após horas tentando, enfim, eu consegui adormecer.

Cheguei ao escritório cedo e fiquei impressionado com a eficiência da equipe do Hemocentro. Estava tudo instalado, e depois de cumprimentar todos, passei direto para a sala de Diego.

— Ei... — Diego estava sentado, mas quando me viu com aquele embrulho enorme nas mãos, sorriu — estou vendo um cabelo branco aí? — provoqueei.

Ele se levantou e veio em minha direção já de braços abertos. Coloquei o presente em

cima da cadeira e envolvi meu irmão em um abraço fraterno.

— Feliz aniversário, Diego. — Bati nas suas costas. Desejei todas as coisas boas do mundo para ele, pois Diego merecia todas elas. Levantei o embrulho e o entreguei em suas mãos. — Tenho muito interesse aí nesse presente — eu disse, me sentando na cadeira para aguardar que ele abrisse o presente.

Os olhos dele brilharam ao ver o video game. Meu irmão era um molecote mesmo. Ele me agradeceu novamente e eu saí em direção à minha sala. No meio do caminho, encontrei com minha menina conversando com uma das enfermeiras do Hemocentro.

— Bom dia, Clara. — Cada vez que ela sorria meu mundo se tornava melhor. Eu estava parecendo uma mulher de saias. Foda-se essa porra. Eu não me importava.

— Bom dia, dr. Ferraz. Louvável essa iniciativa do dr. Diego. Eu nunca pensaria em

comemorar meu aniversário ajudando quem precisa. — Assim como todos, ela elogiou meu irmão.

— Isso é bem a cara do Diego mesmo. E então, já doou? — perguntei, apontando para a sala. Clara estava tensa observando a enfermeira. Será que minha menina estava com medo?

— Não. Ainda não. Acabei de fazer os testes para saber se está tudo bem comigo e se estou apta para doar. Estou aguardando os resultados — disse, e olhou novamente para a enfermeira. Tive vontade de perguntar o que estava acontecendo, mas antes que fizesse isso, Clara avisou que voltaria para sua sala e então saiu. Fiz todos os testes necessários e aguardei o resultado. Negativo para hepatite, HIV e qualquer outra doença que pudesse me impedir de ser doador. Então, eu fiz logo minha doação para poder voltar ao trabalho.

O dia, como eu previ, foi uma loucura. Passei muito tempo sem falar com Clara, foi um entra e sai de gente em minha sala o tempo todo e eu já estava estressado. Me acalmei pensando que todos estavam ali para prestigiar Diego. Fim do dia e Clara foi embora antes que eu pudesse voltar a vê-la. Infelizmente passaria mais uma noite sem minha menina. Minha mãe estava fazendo um jantar de aniversário para o Diego e eu não poderia faltar.

Passei em casa, tomei um banho rápido e me vesti de forma casual. Calça jeans e camiseta preta de manga comprida, pois a noite estava um pouco fria. Oito horas e eu estava na casa dos meus pais. Mamãe me recebeu com um puxão de orelha por eu ter passado tanto tempo sem visitá-los, mas logo me abraçou de forma carinhosa. Papai estava conversando animadamente com Diego em uma

mesa ao redor da piscina, quando eu os interrompi.

Ficamos algum tempo conversando e logo minha mãe nos chamou para jantar.

Eu e Diego apostamos corrida para ver quem chegaria primeiro. Ao chegarmos à porta ao mesmo tempo, ficamos brigando para entrar. Minha mãe perdeu a paciência, mas ela não conseguiu segurar a cara de brava por muito tempo. Levamos uma bronca seguida de um sorriso. Eu sentia falta desse ambiente familiar, mas com a vida que eu levava era praticamente impossível estar ao lado deles diariamente. O jantar, a deliciosa lasanha da dona Graça, foi descontraído e quando terminamos, papai nos chamou para tomar um café na sala.

— Eu e sua mãe estamos pensando em aproveitar a serra, vocês não querem ir? — meu pai nos convidou e eu fiquei inclinado a aceitar, mas a possibilidade de passar todo o

final de semana longe da Clara me deixava agoniado. Estava pronto para recusar, quando Diego se pronunciou.

— Não vai dar, pai. Combinei de sair com alguns estagiários da Ferraz no sábado. Se o senhor tivesse feito o convite antes... — Quando ouvi as palavras de Diego fiquei em alerta. Será que ele sairia com a Patrícia? Impossível. Ele não cairia na lábia dela. Então, só restava Nando e... Não! Me recusava a acreditar que Clara marcaria de sair com Diego sem comentar nada comigo.

— Você acha prudente se misturar de forma tão pessoal com os colaboradores da Ferraz? — meu pai questionou Diego.

— Se fosse qualquer outro estagiário, eu diria “não”, mas Nando e Clara são pessoas confiáveis. — Não acreditava nisso. Diego confirmou o que eu mais temia.

— E aonde vocês vão? — perguntei me sentindo um idiota.

— Nós vamos a um show. Na verdade é uma surpresa que Nando está preparando para Clara em agradecimento pela ajuda dela. Vai ser legal. Ela não vai saber de nada até chegar ao local — ele explicou com receio, mas continuou falando. — Clara não sabe que eu vou. Nando comentou comigo hoje à tarde e eu me convidei para ir junto — completou, como se entendesse minha angústia.

Suspirei aliviado. Pelo menos minha menina não estava me escondendo nada.

— Posso acompanhá-los? — perguntei por perguntar, pois com ou sem o consentimento do meu irmão eu não abriria mão de estar junto da Clara.

— Não sei! Ultimamente você não sai para nenhum lugar, por que esse súbito interesse agora? — Diego interrogou de forma cínica.

Não via a hora de contar logo para Diego sobre mim e a Clara, não estava suportando

mais as indiretas dele. Levantei e coloquei a minha xícara em cima da mesa. Meu pai já tinha se levantado e estava absorto no jogo e não prestava atenção em nossa conversa.

— Pois é, resolvi voltar a sair. E de quem é o show? — perguntei curioso.

— Mano, acho que será um puta show... — ele falou, e na mesma hora minha mãe gritou da cozinha.

— Olha a boca, Di!

— Foi mal! — Diego respondeu divertido.
— Então, o cantor chama-se Dereck Mayer — continuou explicando.

O nome não me era desconhecido, eu tinha até algumas músicas dele no meu iPhone. Fiquei imaginando que seria uma noite legal...

18



Clara

Estava apavorada. Meu martírio começou quando Diego avisou no escritório sobre a campanha de doação de sangue. E eu não posso doar sangue. O meu problema, ou solução, sei lá como posso chamar essa maldição, me impedia de fazer essa boa ação. Infelizmente todos no escritório ficariam sabendo do meu tormento e o que eu tentava esconder a todo custo. Para falar sobre minha condição eu deveria contar sobre Felipe. Isso acabava comigo, rachava meu coração ao meio. Não estava preparada para abrir essa parte do meu passado.

Cheguei cedo ao escritório. A equipe do Hemocentro já estava montando a sala de doação, então chamei a enfermeira responsável para uma conversa. Expliquei meus motivos e pedi que não contasse a ninguém. Ela concordou, mesmo não entendendo. Eu

estava acostumada, ninguém entendia. Ninguém tinha noção do meu sofrimento por ter roubado a vida do homem da minha vida. Mesmo sabendo que não poderia doar, eu fiz questão de fazer os exames preparatórios. Negativo para tudo. Se não fosse o que aconteceu há três anos, eu seria uma doadora em potencial. Mas cada um vive a vida que merece. E, apesar de eu não merecer a minha, eu me adaptava ao que tinha.

Durante todo o dia muitas pessoas estiveram no escritório para participar da campanha. Aquilo me deixou emocionada. Como Nando dizia, Diego realmente era um príncipe. A mulher que tivesse seu coração teria um grande tesouro para cuidar, mas infelizmente, ou felizmente, eu pendia para o lado mau da família. Ferraz era um tsunami em minha vida.

Quinta-feira voou e a sexta-feira estava indo pelo mesmo caminho. Muito trabalho e

eu quase não tive tempo de conversar com Alexandre, a não ser sobre os assuntos do escritório. Combinei de ir com a Laís ao shopping, afinal, teria uma surpresa me esperando no sábado. Como eu não fazia ideia para onde estava indo, eu levei Laís para me ajudar a escolher o que comprar. Enquanto escolhia o vestido, troquei algumas mensagens com Alexandre, e por incrível que pareça ele sabia aonde eu iria no sábado e me informou que também estava incluído na surpresa.

Ótimo! Agora, além de não saber para onde eu estava indo, eu deveria esconder meus sentimentos por Ferraz de todos os nossos amigos.

— Vamos comprar logo esse vestido — disse para minha amiga, enquanto entrávamos na loja.

Depois de muito experimentar e com a insistência da Laís, acabei comprando um

vestido roxo curto com uma abertura nas costas. Ele era colado e acentuava minhas curvas. Apesar da minha relutância por achar a escolha sexy demais, acabei levando. Laís disse que ele era perfeito para o local misterioso que iríamos.

Quando cheguei em casa, Nando estava sentado no sofá com seu notebook e um livro na mão.

— Oi, Nandinho. — Estava morrendo de vontade de perguntar como o Ferraz sabia do nosso programa, mas precisava fazer isso com cautela. Daria muito na cara se dissesse que troquei mensagens com Alexandre. — Nando — eu disse, enquanto pegava uma água na geladeira —, quem vai com a gente amanhã mesmo? Somente eu, você e a Lá? — vi que ele havia se virado para me responder.

— Na verdade, Clarinha, seríamos apenas nós, mas então o dr. Diego se convidou para ir junto e hoje me avisou que o dr. Alexandre

também vai. Além disso, Laís chamou o Bruno. Espero que não se importe. — Ele deve ter notado minha cara de surpresa e preocupação. Se já não bastasse Alexandre, teria que me preocupar com o ciúme que ele sentia do Diego.

Será uma noite e tanto.

Acordei bem tarde. Sábado era dia de descansar. Nando teria aula durante quase todo o dia e eu precisava me preparar para a noite.

Almocei sozinha e depois fui para o salão fazer as unhas e hidratar os cabelos.

Voltei para casa e a Laís tinha acabado de chegar para nos arrumarmos juntas, como combinamos.

— Que horas o Bruno vem? — perguntei.

Laís explicou que ele precisou fazer uma viagem de última hora e não voltaria a tempo. Era uma pena, Bruno era uma excelente companhia. Nos divertimos muito aquela vez na boate.

Já estávamos praticamente prontas, mas Nando ainda não tinha chegado. Liguei duas vezes para o celular dele, e nada. Finalmente, ele ligou para Laís e explicou que estava com um problema que envolvia sua mãe.

— Devemos ir sem ele, Lá? — Afinal, tudo aquilo foi ideia do Nando.

— Você está louca? Nando me fez jurar que eu levaria você para se divertir. Por isso não te ligo, sabia que você daria para trás. Agora vamos! Diego está lá embaixo esperando para nos levar — disse, me puxando. Oi? Diego? Como assim?

Perguntei confusa por que Diego, mas Laís deu de ombros dizendo que era coisa do Nando.

Ele estava na calçada nos esperando. Uau! Ele estava... estava... Uau... Pai amado. Diego estava gostoso demais. Calça jeans escura e uma camiseta de mangas compridas, também escura. Tudo aquilo deixava seus olhos azuis ainda mais intensos. Laís me deu uma cotovelada e sussurrou.

— Esse aí é o príncipe? — ela perguntou. Eu assenti e ela suspirou.

— Puta merda!

Assim que nos aproximamos, ele começou a procurar freneticamente algo em seus bolsos.

— O que foi Diego? — Ele estava sorrindo.

— Estou procurando o meu 38, terei que matar alguém essa noite. Vocês estão lindas. E você... — disse pegando a mão da Laís — deve ser a pantera do Bruno.

— Em carne, osso e garras. — Laís levantou suas unhas para o Diego. Todos nós rimos e Diego nos mostrou o seu carro.

— Então hoje você irá nos acompanhar? — perguntei ao Diego. Fui no banco da frente e Laís, atrás.

— Exato! Nando me ligou mais cedo contando sobre o seu problema e me encarregou de escoltar as senhoritas esta noite. Alê já está nos esperando lá — explicou me lançando um olhar acusatório ao tocar no nome do Alexandre. Deste final de semana não passava, teríamos que contar para ele e para a Laís.

Eu estava ficando um pouco nervosa, talvez fosse pela presença do Alexandre naquela noite. Trocamos algumas mensagens durante a tarde e era certo que, após a surpresa, eu passaria a noite em seu apartamento. Estava ansiosa quando chegamos e assim que desci do carro eu o vi. Diego, me desculpe, mas o furacão

Alexandre Ferraz atacava novamente. Ele estava lindo. Calça jeans azul, camiseta preta colada em seus músculos perfeitos e sua marca registrada: barba por fazer. Senhor, me diz como resistir? Impossível.

Os olhos de Alexandre me secaram de forma discreta, mas eu sabia que ele estava me analisando. Eu completei o vestido roxo com sapatos *nude* e uma carteira colorida. A maquiagem destacava os olhos e meus cabelos estavam soltos com os cachos bagunçados. Essa era minha escolha da noite e pelo visto Alexandre gostou. Mas então meus olhos passaram para o cartaz que estava atrás dele.

Só podia ser brincadeira. Isso não estava acontecendo. Olhei confusa para Laís e ela me deu um grande sorriso. Eu estava gelada, mal podia me mover, não conseguia nem dar um passo à frente. Meu corpo tremia e a vontade de voltar para o carro e me trancar

lá dentro tomou conta de mim. Dereck Mayer! Estávamos no show do Dereck. Não era possível. Pisquei uma, duas, três, dez vezes olhando o cartaz para ter certeza que aquilo não era um pesadelo.

— Clara, está tudo bem? — Olhei de volta, e Alexandre estava perto de mim.

— Sim, eu estou só um pouco... cansada. — Tentei disfarçar, mas o desconforto estava estampado em meu rosto. Nem em um milhão de anos imaginei assistir a um show do Dereck novamente.

— Laís, posso falar com você por um minuto? — Minha amiga me devia muitas explicações. Puxei ela de lado e a questionei. Laís contou que quando soube que o Dereck estaria no Brasil, ligou para ele e organizou o nosso reencontro. A coisa estava ficando cada vez pior.

— Dereck sabe que estamos aqui? — Eu estava passada. Se pudesse fazer picadinho

da Laís naquele momento não sobraria nem resto para contar história.

— Yes, baby. — Meu Deus! Eu joguei pedra na cruz e acertei bem na testa de Jesus, era a única explicação. E agora? Alexandre não vai gostar nada dessa história. Não gostar é pouco, ele vai ficar furioso.

— Meninas, vamos lá? O show já vai começar — Diego nos disse apontando a entrada VIP. Alexandre estava sério e eu não tive outra escolha a não ser segui-los.

Laís foi a primeira a entrar, seguida por Diego. Eu e Alexandre fomos logo atrás.

— Algum problema? — ele perguntou quase colocando sua boca em minha nuca. Arrepiei da cabeça aos pés e acenei em negativa.

Caminhei até os lugares marcados em nossos convites e fiquei impressionada. Estávamos de frente para o palco, daria para ver claramente o show. Ainda havia uma

pista de dança, um bar completo e uns sofás para descansar quando necessário. Era uma estrutura de primeira.

— Estou louco para esse show terminar logo. Eu pretendo foder você de várias maneiras até o amanhecer. — Socorro! Se Alexandre pretendia passar a noite me provocando, eu enlouqueceria. Era só ele ver uma brecha, que sua voz sexy estava em meu ouvido me excitando. Como eu adorava os seus sussurros. A promessa de sexo forte me fez ficar toda molhada e olhar para Alexandre me deixava ainda mais cega de desejo. Até cogitei a possibilidade de uma foda proibida no banheiro.

Estávamos todos comentando sobre como era boa a estrutura da casa de show quando as luzes apagaram indicando o início do show. Laís e Diego estavam um pouco afastados e Alexandre conseguiu se encostar ainda mais em meu corpo. A proximidade

das outras pessoas disfarçava o quanto ele estava perto de mim. Fechei os olhos ao som das primeiras notas da guitarra e inalei o cheiro que vinha do Alexandre. Mas de repente, para o meu desespero, eu ouvi aquela voz perfeita. Dereck estava no palco.

Quando eu abri os olhos e o vi, meu corpo inteiro congelou. Memórias do último ano se passaram em minha mente em apenas dois segundos. O mesmo cabelo desalinhado, as mesmas tatuagens sensuais, o mesmo corpo definido, o mesmo piercing nos lábios que me enlouquecia e o mesmo estilo bad boy que me fascinava. Tinha me esquecido do quanto ele era sexy.

— Boa noite, galera — ele fez a saudação em português ao entrar no palco.

Deus. Eu nunca estive tão fodida em toda a minha vida.

Dereck estava mais lindo do que nunca. Lindo e talentoso. Ele cantou músicas de sua autoria e covers de vários artistas. Todos à nossa volta cantavam e curtiam o show. Porém, minha vontade naquele momento era de reencarnar em avestruz, enfiar a cabeça em um buraco e não sair de lá enquanto o maldito show não acabasse. As mulheres gritavam muito e o barulho de palmas e gritos era ensurdecedor.

— Vocês querem beber alguma coisa? — Diego perguntou, apontando para o bar.

— Tequila — eu e Laís gritamos juntas. Precisava de muito álcool no sangue para sobreviver a essa noite.

— Água! — Alê respondeu secamente.

Me virei para o palco e notei Dereck olhando em nossa direção. Agradei pelos efeitos da iluminação, pois quase ninguém percebeu como ele me encarava descaradamente. Diego voltou com nossos *shots* de

tequila e eu virei a minha dose pura: nem sal nem limão fariam diferença naquele momento.

— Uou! Vai com calma, menina — Alê disse, após minha terceira dose.

Aqueles que dizem que o álcool ajuda a dar coragem, não fazem ideia do que é estar ao lado do atual e em frente ao ex, sem poder definir qual deles é mais gostoso. Foi inevitável me sentir atraída por Dereck. Passamos um ano inteiro juntos, um ano de sexo maravilhoso. Enquanto estava em turnê com o Dereck, viajei muito, conheci novos lugares e novas culturas.

Nesse meio-tempo eu sabia que ele ficava com suas groupies, e eu também acabava conhecendo novas pessoas em minhas escapadas da turnê. Mas sempre que eu estava por perto, Dereck só tinha olhos para mim. Quando percebi que seus sentimentos tinham mudado, eu pulei fora. Aí estava a

grande diferença entre ele e Alê. Eu sabia que os sentimentos de Alexandre por mim iam além do tesão e, mesmo assim, eu estava aqui, ao lado dele. Dessa vez, ao contrário do que aconteceu com o Dereck, os meus sentimentos também evoluíram. Com Alexandre eu queria mais, uma vida normal, um futuro. Com ele eu me sentia segura, confortável, feliz, desejada e... amada. Era uma loucura. Eu sabia. E mesmo assim não conseguia abrir mão dele. Alexandre era meu vício.

Tirando meu desespero inicial, o show estava maravilhoso. Dereck cantou várias músicas de seu novo CD e interpretou alguns clássicos do rock de forma acústica. Era de perder totalmente o juízo ouvi-lo somente com voz e violão.

— O cara é bom — Alexandre encostou-se em mim e eu pude sentir sua ereção contra minha bunda. — Está sentindo? Estou tão

duro. Você está tão gostosa nesse vestido, eu só penso em te comer — sussurrou.

Pronto! Ouvir a voz de Ferraz tão perto do meu ouvido foi o suficiente para eu me perder. Não existia Dereck, Laís ou Diego. O desejo que eu sentia por Alê era único e inexplicável.

Dereck agora cantava uma música que eu conhecia e gostava muito — *Demons*, do Imagine Dragons —, pois refletia um pouco do meu medo pelo mundo.

*When you feel my heat
Look into my eyes
It's where my demons hide
It's where my demons hide
Don't get too close
It's dark inside.*

O fim do show se aproximava e a única coisa que eu queria era sair correndo daquele lugar. Eu tentava engatar uma conversa com

Laís e Diego para que tudo não ficasse ainda mais estranho. Graças a Deus era a última música e ninguém tinha percebido nada. Alexandre continuava me olhando como se quisesse me comer ali mesmo na frente de todos, enquanto Laís e Diego, empolgados, dançavam as últimas músicas.

Eu vou matar essa cobra peçonhenta. Vou arrancar seus olhos com minhas próprias unhas e alimentar seu papagaio com eles. E Nando também me aguarde. Laxante em seu suco favorito vai ser pouco para aquele traidor.

Enquanto eu derramava meu ódio mortal em cima da Laís, uma voz perfeita com um sotaque americano me trouxe de volta para a terra. DERECK!!

— Gostaria de agradecer a presença de todos vocês nesse show mais do que especial. É meu primeiro show nessa nova turnê e nada mais justo que fazê-lo aqui no Brasil,

na terra dos meus pais, onde passei boa parte da minha vida. Amo esse país e sempre vou amar. — Todos aplaudiram muito e as meninas gritavam ensandecidas pelo monumento que estava no palco. Não deixei de sentir uma pontinha de orgulho. Isso tudo aí já foi meu, engulam essa. — Eu amo o Brasil por tudo o que ele representa na minha vida, mas eu também amo esse país porque uma brasileira ganhou meu coração — Dereck completou.

Com gritos e aplausos, a loucura se instalou e eu achei que o teto viria abaixo. Todas as mulheres estavam frenéticas e eu estava totalmente paralisada. Praticamente em choque.

— Infelizmente, ela partiu na calada da noite, deixando minha cama vazia, me deixando sem rumo e levando com ela minha alma e meu coração.

Realmente a escapada na calada da noite era verdade. Nunca me dei bem com despedidas e então reservei um voo noturno para que pudesse partir. Transei muito com ele naquela noite, um sexo arrebatador, como sempre. Enquanto ele dormia, peguei minhas malas que já estavam prontas e chamei um táxi. Desde então não ouvi falar mais nada dele. Até hoje. Jesus, o que eu fiz com ele? É de mim que ele está falando. Minha consciência gritava e me dava tapas na cara para que eu pudesse me sentir culpada. E ela alcançou o seu objetivo. Estava me sentindo uma merda.

Senhor, isso não pode estar acontecendo! Olhei ao meu redor e tudo estava igual. Somente Laís me olhava com um olhar animado e um sorrisinho no rosto de quem “achava” ter feito a coisa certa. Mal sabia ela.

Dereck continuou a falar.

— Gatinha, eu sei que você ama essa música, você a ouvia todos os dias enquanto estávamos juntos e até tatuou o refrão em sua pele. E eu estava lá segurando sua mão. Então, aqui vai.

Os acordes da minha música favorita começaram a flutuar pelo lugar, mas quando a voz deliciosa e rouca do Dereck cantou a primeira frase da música *Seize the Day*, eu vi um Alexandre transtornado. Achei que ele teria um piripaque. Seus olhos estavam arregalados e pareciam que a qualquer momento sairiam rolando pelo chão deixando suas órbitas ocas. Seu sangue foi drenado do corpo, porque Alê parecia um fantasma de tão pálido. Se ele não desconfiou durante o show ou quando Dereck me encarou do palco lançando sorrisinhos e piscadelas, agora ele tinha certeza. Ele viu minha tatuagem, droga! Ele passou a língua sobre ela um milhão de vezes. Porra, ele colocou essa música

para tocar durante a nossa noite no congresso. Primeiro Felipe, depois Alexandre e agora Dereck usando essa música contra mim. É castigo!

A música terminou e eu fechei os olhos agradecendo porque estaria fora daquele pesadelo em poucos minutos.

Engano meu. Quando Dereck se despediu e saiu do palco, um homem vestindo uma camiseta, na qual estava escrito “Produção”, se aproximou de onde estávamos.

— Boa noite, o sr. Dereck aguarda vocês. Me acompanhem, por favor — ele disse em um tom formal.

Antes que eu pudesse recusar, Laís e Diego saíram imediatamente atrás do homem, e novamente sem saber o que fazer eu os segui.

— O que está acontecendo, Clara? — Alexandre puxou meu braço em sua direção.

— Depois te explico. — Continuei andando e rezei para que um massacre não acontecesse. Depois de passar por alguns corredores, chegamos a um local reservado. Dereck conversava animadamente com Diego e Laís, e eu a amaldiçoei mais uma vez. Quando ele me viu, um sorriso estampou seu rosto. Se eu achava que Nando tinha covinhas perfeitas era porque tinha bloqueado o Dereck dos meus pensamentos. Seu sorriso era de tirar o fôlego.

— Minha gatinha. — Ele me abraçou me tirando do chão e girando meu corpo no ar. Quando me colocou de volta, sua mão foi para a minha bunda e ele abaixou a cabeça para alcançar minha boca e me dar um selinho.

Não tive tempo de reagir, pois com um único golpe eu senti Alexandre me puxar em sua direção e se colocar entre mim e Dereck.

— *If you don't take your hands off my girlfriend right now, I'll make sure you will never play any instrument in your life again!* — Alexandre cuspiu as palavras no rosto de Dereck.

Não precisava ser expert em inglês para entender que Alexandre não gostou nem um pouco da mão boba do Dereck no meu tra-seiro e do beijo que ele me deu.

— O que você disse? — Dereck perguntou em português.

Olhei entre ele e Alexandre e não descobri quem estava com mais ódio.

— Eu repito: se você não tirar suas mãos agora mesmo da minha namorada, eu vou me certificar de que você nunca mais tocará nenhum outro instrumento em sua vida — Alê disse, repetindo as palavras no nosso idioma. Bom, se eu já havia entendido, agora ficou muito mais claro.

Eles se encararam e chegou minha vez de me intrometer. Fiquei no meio dos dois para evitar que Alexandre encurtasse a carreira do Dereck.

— Girlfriend? — Dereck perguntou, olhando em meus olhos e Ferraz tentou dar um passo em sua direção, mas eu bati a mão em seu peito o afastando. Alê estava com as mãos em punho pronto para distribuir socos e Dereck começou a falar muito rápido em inglês, ficando impossível acompanhar a conversa.

— Não importa se você vai falar em inglês ou em português, basta tocar nela novamente e eu vou chutar sua bunda em todas as línguas que você conhecer. — Alê apontou um dedo no rosto do Dereck.

— Você fica aí — aponteí para o Alê. — E você fala em português — disse para o Dereck.

— Gatinha, o que está acontecendo? — Dereck estava confuso e Alexandre, transtornado. E eu estava perdendo a paciência com tantos hormônios em fúria.

— Em primeiro lugar eu não sou sua namorada — falei, olhando para o Alexandre, e vi Dereck sorrir. — E não sou sua gatinha — bati com o dedo no peito do Dereck.

— Clara, vamos embora — Diego me chamou. Havia me esquecido dele até aquele momento. Ele tentou puxar Alê pelo braço, mas Alê estava petrificado e seu olhar não deixava de encarar Dereck nem por um minuto.

— Diego, eu... — tentei consertar aquela bagunça, mas já estava tudo fodido. Não queria que eles soubessem dessa forma.

— Depois, Clara. Vamos tirar o Alê daqui antes que ele faça uma besteira — ele continuou tentando arrastar o irmão e eu concordei.

Os seguranças se aproximaram ao verem a confusão, mas olhando para mim, Dereck fez sinal para que parassem.

— Depois a gente se fala, Dereck. — Vi a tristeza em seus olhos ao perceber que eu partiria, mas não podia fazer nada para ajudá-lo, pois meu coração mandava que eu fosse com o Alexandre. E foi isso que eu fiz.

Alê não se movia mesmo com as tentativas de Diego de levá-lo para fora. Quando me aproximei, seus olhos suavizaram e ele segurou meu rosto com as duas mãos.

— VOCÊ É MINHA.

Ferraz

Nunca em toda a minha vida eu senti tanto ódio como naquela noite. Aquele cantor de merda teve a audácia de tocar na minha menina. No momento em que eu vi a mão dele descendo em direção à bunda dela eu enlouqueci. Minha vontade foi de arrancá-la do seu braço. Bastardo! Clara havia se colocado entre a gente e só não passei como um trator por cima dela porque eu era apaixonado por aquela garota. E mesmo depois de ter negado que era minha namorada na frente daquele idiota, Clara ainda era minha.

— VOCÊ. É. MINHA — disse olhando em seus olhos e segurando o seu rosto. Ela assentiu concordando comigo. Eu queria tirá-la das vistas daquele babaca. Ainda sentia um ódio mortal, e qualquer vacilo dele faria com que aquela noite não terminasse bem.

Saí arrastando Clara pela mão. Eu caminhava rápido demais para que ela me acompanhasse com aqueles saltos, mas era impossível manter-me calmo diante da situação. Ela viveu fora do Brasil com aquele filho da puta, ele a teve, ele a tocou. Será que era por causa dele que Clara mantinha seu coração fechado? Impossível. Se fosse esse o caso, ela não teria saído comigo. Não teria me escolhido. Foda-se essa merda. Estava ficando louco.

— Mano, você está bem para dirigir? — Diego me perguntou no momento em que chegamos ao estacionamento. Além de toda a merda fodida, teríamos que dar satisfações ao Diego e a Laís, o que era impossível naquele momento.

— Diego, acompanha a Laís até a casa dela, por favor. — Vi que Laís e Clara se olharam sem trocar nenhuma palavra.

Diego balançou a cabeça e partiu sem falar mais nada. Láis caminhou atrás dele, mas após alguns passos ela voltou e deu um grande abraço na Clara.

— Se cuida — eu a ouvi dizer. Então ela olhou para mim um pouco brava. — Se a machucar, eu arranco suas bolas — nem me dei ao trabalho de responder, a raiva ainda me queimava.

Abri a porta para que Clara entrasse na caminhonete. Ela subiu e antes de fechar a porta eu afirmei mais uma vez:

— MINHA. — Eu não queria esconder meus sentimentos. Estava puto com ela.

Dei a volta, entrei no carro e antes de dar a partida respirei fundo tentando acalmar meus instintos. Ainda sentia vontade de arrancar a cabeça do desgraçado.

— Alê? — ela me chamou. Eu segurava o volante com força, e quando soltei senti meu sangue congelado nos dedos.

— Preciso te explicar — ela continuou.

— Hoje não, Clara. — Virei a chave na ignição e arranquei. Queria, sim, uma explicação, mas naquele momento eu só queria sentir que era o único, e para isso eu tomaria tudo dela.

— Mas... — Eu dei o meu olhar mais duro e ela recuou.

— Amanhã — eu enfatizei mais uma vez em um tom um pouco mais alto. Clara me olhou acuada, e eu me amaldiçoei. Ela estava com medo de mim. Minha menina estava com receio de que eu pudesse machucá-la. Parei a caminhonete no acostamento e tirei o cinto de segurança. Toquei seu rosto com as costas da mão e fechei meus olhos inalando seu cheiro maravilhoso. Quando abri, coloquei uma mecha de cabelo que caía em seu rosto atrás de sua orelha e tentei acalmá-la.

— Eu nunca machucaria você e me dói profundamente você pensar que eu te tocaria

de forma agressiva. Eu te protegeria a todo custo — confessei a verdade mais pura que existia. Clara era minha e a protegeria e a amaria incondicionalmente.

— Você está tão bravo — ela me olhou carinhosa. Deus, esse olhar me mata. Ela é tão linda, mas seus olhos reluzem tanta tristeza, minha vontade é de entrar em sua alma e arrancar qualquer mal que a faça sofrer.

— Sim, eu estou muito puto, mas não é com você. Clara, eu quis matar aquele idiota no momento em que ele te olhou do palco, e quando ele tocou em você no camarim eu estava pronto para rasgar a garganta dele. Eu não suporto pensar em outra pessoa te tocando — expliquei a possessividade que sentia e não sei se ela me compreendeu. Passei as mãos pelo cabelo, pois não sabia se estava conseguindo acalmar minha menina ou se estava deixando ela ainda mais nervosa.

Nem os meus próprios pensamentos eu conseguia ordenar direito e talvez não estivesse fazendo um bom trabalho tentando tranquilizá-la.

— Tudo bem, vamos — ela me surpreendeu quando colocou sua mão sobre a minha.

O caminho para o meu apartamento foi feito totalmente em silêncio. Estacionei e entrelacei meus dedos aos dela para sentir o seu calor. Talvez isso me acalmasse, mas eu sabia que somente uma coisa abrandaria minha fúria. Precisava ter Clara em meus braços. Possuí-la completamente e me enter-
rar em seu corpo de forma que não res-
tassem dúvidas sobre de quem ela era.

Abri a porta e peguei Clara nos meus braços. Ela imediatamente entrelaçou suas pernas em minha cintura e o beijo que trocamos foi enlouquecedor. Encostei ela na parede enquanto subia seu vestido.

Estávamos ofegantes, parecíamos dois animais, animais em busca de prazer.

— Alê, precisamos conversar — Clara dizia com a voz entrecortada enquanto eu distribuía beijos em todo o seu pescoço. O gosto da sua pele era incrível. Nunca provei nada parecido. Clara era minha perdição, mas eu estava disposto a me perder, pois ao mesmo tempo ela também era minha salvação. Não respondi. Minhas ações demonstrariam o que eu queria. Com Clara ainda encostada na parede, abaixei as alças do seu vestido, desnudando um seio. Então, comecei a acariciar seu mamilo com o polegar. Ele já estava tão durinho. Tão excitado. Clara era muito receptiva ao meu toque e isso me deixava louco.

— Alexandre... — Meu nome em sua boca era a melhor música que eu poderia ouvir. A sonoridade mais perfeita do mundo.

— Repete — ordenei. — Me diz quem te possui, Clara. Me diz. — Abocanhei o mamilo que estava implorando por atenção, e comecei a bombear meu quadril em direção à sua boceta. Clara podia sentir o quanto eu a queria através do atrito do meu jeans com sua calcinha. E isso a deixava ainda mais excitada.

— É você, Alexandre. Só você. — Fiquei maluco ao ouvir aquelas palavras. Deixei de sugar seu seio para olhar em seus olhos e toquei os seus cabelos. Clara passava a língua nos seus lábios, me deixando com mais vontade ainda de possuí-la.

— Isso mesmo, querida. Sou eu. Somente eu. E agora... — rasguei o pedaço de pano que cobria o que me pertencia. Sua calcinha caiu no chão e Clara soltou um gemido rouco — vou lhe mostrar por que isso aqui é meu, assim como todo o seu prazer.

Afastei um pouco o meu corpo, deixando Clara mais apoiada na parede. Observei sua boceta perfeita e levei meu dedo indicador para seu interior. Não mediria minhas ações naquela noite, Clara se lembraria de nunca mais deixar ninguém tocá-la.

— Alexandre — ela gemia enquanto se contorcia e tentava se afundar mais no meu dedo. Não resisti à vontade de sorrir.

— Minha putinha gosta duro, não é? Pois vou te satisfazer. Vou te foder tão duro que você se lembrará por uma semana que estive dentro de você.

Com a mão livre eu tirei meu cinto e abaixei um pouco minha calça e a boxer. Tirei meu pau e direcionei para sua entrada.

— Não, Alê. A camisinha — ela disse tentando me afastar.

— Hoje não. — Queria ter certeza que era o único. Clara ainda tentou me convencer, mas eu não cedi. — Não, Clara, sem

barreiras. Estamos limpos, fizemos os exames essa semana e eu quero sentir você por inteiro.

Ela me deu permissão e eu me enterrei. Em um único golpe. Duro e rápido. Clara gritou meu nome, me dando ainda mais combustão para fodê-la sem piedade. Comecei a meter forte, o corpo de Clara batia na parede e naquele momento eu estava pouco me importando se estaríamos doloridos no dia seguinte. Quanto mais fundo eu fosse, mais rápido eu tiraria qualquer sinal de outra pessoa.

— Ninguém. Está me ouvindo, Clara? Depois de hoje ninguém mais estará aqui. — Enfiava tudo enquanto dizia aquelas palavras. Beijeí sua boca ferozmente e tive certeza de que seus lábios ficariam inchados, mas não me importei. Clara correspondia com a mesma intensidade, mordendo minha boca. Eu sabia que estava me comportando como

um animal enjaulado, mas não podia me conter. Tirei Clara da parede, pois com todo tesão que ela sentia, suas pernas não suportariam segurar seu peso por muito tempo.

Levei-a até o sofá e ela deitou com uma perna apoiada no chão e a outra no sofá. Continuei no mesmo ritmo, não dei descanso. Sentia o clímax se aproximando, mas me recusava a gozar sem antes ver o rosto saciado da minha menina. Levei a mão até o seu clitóris e comecei a estimulá-lo.

— Goza! — Meu pau ainda entrava e saía de modo frenético.

— Eu vou... — Clara se contorcia com meu pau em seu interior, e eu senti sua boceta me apertar. A sensação de me afundar nela sem nenhuma barreira, sentindo todo o calor que ela produzia e vendo nossos fluidos se misturando estava me deixando em êxtase.

— Seu prazer é meu, minha menina. Se entrega. — Ela não duraria muito, nem eu, já estava louco para jorrar dentro dela.

— Alexandre! — Meu nome. Foi meu nome que ela gritou quando gozou. Não sei como, mas ganhei forças para fodê-la ainda mais rápido. Algumas estocadas depois eu estava gozando. Deixando minha porra dentro dela. Preenchendo ela por inteiro. Clara estava ofegante, mas sua língua afiada ainda dava o ar da graça.

— Puta que pariu! Precisamos te irritar outras vezes. — Um sorrisinho atravessou o rosto da descarada e eu não me contive. Dei um grande tapa no lado externo de sua coxa, fazendo com que ela desse um pulo de susto.

— Isso foi por deixar ele te beijar. — Saí de dentro da sua boceta e meu pau estava todo melado, ainda ejaculando. Não pensei duas vezes e comecei a esfregá-lo no seu clitóris. Clara, percebendo o que eu estava

fazendo, levantou as sobrancelhas de forma confusa.

— Mas o que... — Ela pensou um pouco e desistiu de concluir a pergunta.

— Minha — respondi, brincando com o seu clítoris, agora todo melado por minha porra. — Fique aí.

Se minha menina pensava que havia acabado, ela estava muito enganada. Seu corpo ficaria ao meu dispor por aquela noite, e eu estava amando ter o controle. Terminei de tirar o meu jeans e minha boxer. Caminhei até o quarto e abri a gaveta na qual ficavam meus preservativos. Peguei uma embalagem e olhei para ela com desdém por alguns segundos.

— Nunca mais. — Daquele momento em diante, nossa relação tomava um novo rumo. Achei o tubo branco escondido no fundo da gaveta.

Quando voltei à sala, Clara estava na mesma posição, porém seu vestido não cobria mais o seu corpo. Deliciosamente nua para mim.

— Olhe para mim. — Ela virou o rosto em minha direção e eu terminei de me despir. Então, comecei a acariciar meu pau que já estava duro novamente.

— É isso o que você quer? Meu pau em você de novo e de novo? — perguntei, e Clara se contorcia no sofá tentando encontrar alívio para o desejo que voltava a consumi-la. Sua mão foi até o seu clitóris enquanto ela olhava em minha direção. — Não, não — disse balançando o dedo em negativa. Ela sabia que não podia se tocar quando estava comigo.

— Por favor, Alê, eu preciso. — Ela retirou sua mão e me fez uma súplica. Joguei minha cabeça para trás e respirei fundo.

— Adoro quando você implora, mostra o quanto você é minha puta. Sempre implorando para eu me enterrar em você. Se levanta — ordenei.

Assim que Clara levantou, eu vi a cena mais erótica da minha vida. Minha porra descia de seu interior lambuzando suas pernas. Delícia. Caminhei até ela e segurei seu pescoço obstruindo um pouco a sua respiração. Sussurrei bem perto de sua boca, tocando de leve seus lábios com minha língua entre uma palavra e outra.

— O tapa foi por ter aceitado aquele bastardo te beijar, mas o preço que você pagará por deixá-lo tocar em sua bunda vai ser esse. — Debrucei Clara sobre o sofá, ela segurou o encosto com uma das mãos. Seus pés estavam apoiados no chão e seu peito deitado no móvel, em uma posição perfeita para o que eu estava preparando.

— Está excitada? — perguntei me encaixando no meio de suas pernas.

— Muito... Muito... — ela respondia repetidamente. — O que você vai fazer? — Clara perguntou, com um tom de voz preocupado, assim que sentiu meu dedo brincando com seu rabinho.

— Eu? — me fiz de desentendido. — Eu apenas vou pegar o que é meu. E, querida, seu doce traseiro me pertence. Vou me certificar de que nunca mais deixará outro homem tocar em seu corpo. — Dei um tapa em sua bunda antes de continuar. Abri o tubo de lubrificante e passei por todo o seu buraco apertado. Clara estava relutante no início, mas logo começou a apreciar o prazer que os meus dedos lhe causavam. Desci meu indicador sobre sua coxa, e espalhei o meu gozo pela sua bunda toda.

— Que delícia. Lubrificada pela minha porra. Agora vou provocar você até que

esteja pronta para receber o meu pau. — Deitei meu corpo sobre o dela para alcançar seu ouvido. — Mas quando eu estiver dentro, vou meter sem dó. Esse é o preço, Clara. Seu rabo será meu — expliquei o que ia fazer e ela gemeu alto.

Voltei a me levantar e com o dedo lubrificado a penetrei devagar. Clara gemia e rebolava, então assim que percebi sua excitação, com muita calma eu introduzi um segundo dedo. Mais uma vez Clara gritou de prazer ao sentir a invasão.

— Minha menina, meu pau é muito maior que isso. Você tem que relaxar — disse de modo provocativo. Eu a queria e não abria mão daquilo.

Tirei os dedos de seu interior. Clara já estava muito excitada, no ponto para penetrá-la por trás. Lambuzei meu pau com lubrificante. Por mais que eu a quisesse naquela posição, não a queria sentindo muita dor,

apesar de saber que o desconforto no início era inevitável. Faria de tudo para que ela também sentisse prazer. O mito de que somente homem sentia prazer com o sexo anal já havia caído por terra há muito tempo.

Comecei devagar. A penetração deveria ser lenta, mas no momento em que senti o quanto ela estava apertada, meu autocontrole se desfez. Eu queria tudo e queria rápido. Centímetro por centímetro eu comecei a invadi-la. Meu pau pulsava a cada nova investida. Clara reclamava, mas quando eu parava para que ele se acostumassem com o meu tamanho, ela pedia mais. Minha menina também queria aquilo. Segurava em sua cintura com força. Quando movi minhas mãos de lugar, notei as marcas que meus dedos faziam em sua pele.

— Minha — rosnei mais uma vez. Nunca uma palavra fez tanto parte do meu vocabulário. Se dependesse de mim, eu diria a

cada maldito minuto da minha vida o quanto minha menina me pertencia e somente a mim. Estava no meu limite quando a penetrei completamente. Não conseguiria me mexer. Um movimento apenas e eu gozaria. Então, a solução foi fazer com que Clara alcançasse o êxtase primeiro.

— Vem, Clara. — Alcancei novamente seu clitóris já sensível, introduzi dois dedos em seu interior e comecei a fodê-la. — Goza de novo, minha menina.

Não demorou muito e Clara tremeu em meus braços. Todo o seu corpo me pertencia naquele momento. Ela era minha. Meu pau estava em seu cu e meus dedos em sua boceta. Ela gritou meu nome muitas vezes e a cada vez que ela o pronunciava, eu me mexia dentro dela. Como previ, imediatamente após o seu clímax, eu comecei a gozar como um louco. Deixei que meu corpo descansasse sobre o dela enquanto tentávamos recuperar

o fôlego. Saí de dentro dela e assim que a soltei suas pernas tremeram. Sorri pelo estado que eu a havia deixado. Me sentia um deus naquele momento. Mas então a realidade me bateu.

Peguei a minha menina em meus braços e caminhei com ela agarrada em meu pescoço até o banheiro. Amanhã seria um dia definitivo e o medo começou a tomar conta dos meus pensamentos. A sensação de não saber o que aconteceria me deixava descontrolado. Teria Clara ou a perderia para sempre.

19



Clara

Alexandre se mexeu a noite toda, sua inquietação era visível, eu podia sentir o quanto ele estava preocupado. Seu braço contornando minha cintura de forma possessiva era uma maneira de me aprisionar a ele. A forma que ele encontrou de, mesmo dormindo, me mostrar que eu era dele. Eu não estava muito atrás. Não consegui dormir. Minha cabeça dava voltas e voltas e eu não cheguei a uma conclusão de como pude me enfiar naquela confusão sem tamanho.

Surpresa do Nando. Diego. Laís. Dereck me beijando. Alê furioso. Punição. Tapa. Sexo ardente. Meu Deus! Minha noite foi uma loucura. E agora eu estava aqui, ao lado desse homem que mais parece um vulcão. Quando Alexandre resolve entrar em erupção, ele sai queimando tudo em seu caminho. Porém, o que estava tirando meu

sono era o fato de que assim que acordasse, eu teria que dar uma bela explicação para ele.

Agora, como eu explicaria para o meu atual rolo que eu passei praticamente o último ano vivendo com um cantor no exterior? Alexandre não aceitaria tão fácil, mas ele teria que entender que meu relacionamento com Dereck foi puramente físico. O fato de eu ter ficado fora do país com ele não significava que tínhamos tido alguma coisa além de sexo. Pelo menos eu achava isso. Mas parece que os pensamentos de Dereck eram outros. Droga, como eu não me dei conta disso? Dereck apaixonado por mim. Era muita loucura.

Olhei pela janela e percebi os primeiros raios do sol entrando no quarto através das frestas. O relógio ainda marcava sete horas e se este domingo fosse como outro qualquer, eu ficaria na cama até pelo menos meio-dia.

Tentei me desvencilhar do abraço de Alexandre, ele resmungou algumas palavras incoerentes e me apertou com mais intensidade. Merda de homem possessivo. Tentei mais uma vez retirar o braço que estava sobre minha cintura, mas não tive sucesso, pelo contrário, ele estava acordando.

— Onde a minha menina pensa que está indo? — ele me perguntou com aquela voz sonolenta e sexy. Os pelos do meu braço se arrepiaram e eu senti as pernas de Alexandre se enroscarem nas minhas. — Estava pensando em fugir? — Ele virou o corpo um pouco de lado para ver o meu rosto. Às vezes, quando Alexandre me encarava, eu ficava com medo, pois sentia que ele enxergava mais do que as outras pessoas. Essa sensação era horripilante.

— Só vou ao banheiro — disse, tentando usar o mesmo tom de voz que ele. Um banho me daria um pouco de tempo para pensar

nas palavras que usaria para explicar ao Alê sobre minha relação com o Dereck.

— Ok! Você tem cinco minutos antes que eu entre no banheiro para te acompanhar — ele disse da forma mais calma possível, como se o fato de estar me dando ordens fosse uma coisa habitual. Dr. Ferraz estava ficando muito saidinho para o meu gosto.

— Alê, eu quero tomar banho sozinha — deixei minha voz um pouco mais firme, ele devia entender que eu não gostava de receber ordens. Uma coisa é se deixar levar por uma fantasia sexual; outra coisa, ele achar que controlaria todas as minhas ações. Alexandre não ficou muito feliz, mas acabou concordando sem fazer nenhum tipo de comentário. Levantei e, nua mesmo, caminhei até a porta do banheiro. Antes de entrar, dei uma última espiada no quarto e na bunda gloriosa de Alexandre. Ele estava delicioso deitado de bruços e eu contive minha

vontade de voltar e apertar aquele traseiro magnífico. Enquanto tomava banho repassei mentalmente toda a conversa que teria com Alexandre. Explicaria a história desde o dia em que eu conheci o Dereck até a fatídica noite anterior. Não esconderia nada. Saí do banho e dei de cara com o meu Lobo Mau. Ele estava enrolado na toalha olhando pela janela do quarto. Ainda bem que o prédio mais próximo era distante, pois ele daria um show se alguém pudesse enxergar.

— Você o ama? — ele me perguntou com um tom de voz baixo. Seus cabelos ainda molhados o deixavam ainda mais sexy. Uma gota de água desceu pelo seu pescoço e eu não reprimi minha vontade de lambê-la. Me encaixei em suas costas e passei as mãos pelo seu abdômen, tentando abraçar seu corpo. Ele abaixou a cabeça e colocou a testa no vidro. Alexandre estava inseguro, era a primeira vez que o via assim.

Dei um beijo em seu pescoço e desci minha língua por sua pele até o ombro. Ele colocou uma das mãos sobre as minhas, tirou a testa do vidro, mas não se virou. Ele exigia uma resposta.

— Não. Eu não o amo, nunca amei — disse sussurrando em seu ouvido, sem deixar dúvidas. Alê soltou um suspiro e imediatamente virou o corpo de frente para mim.

— Então me explica. Como alguém pode viver com uma pessoa sem estar apaixonada? — Ele estava confuso. Eu sabia que minha relação com Dereck não era nada convencional. Me afastei e me sentei na cama. Segurando o rosto nas mãos eu tentei me lembrar do que planejava dizer, mas minha mente estava em branco. Quando estava perto do Alexandre eu não conseguia organizar meus pensamentos de forma coerente, sempre era um turbilhão de emoções que

tomava conta de mim e eu acabava me perdendo entre elas.

— É complicado. — Olhei para Alexandre e ele não havia movido um músculo, ainda estava encostado na janela e olhando em minha direção com aquele maldito olhar esperançoso. Detestava ver esperança em seus olhos, pois não havia esperança para mim e, conseqüentemente, não havia esperança para nós. Comecei explicando que estava em um mau momento da minha vida e que conheci Dereck em um pub. Fomos apresentados por um amigo em comum.

— E daí você resolveu virar uma groupie, abandonar a faculdade e seguir com ele? — Alexandre começou alterar o tom de voz.

— Foi isso mesmo — respondi, já me levantando. — Uma boa puta. Não é isso o que pensa? — Estava furiosa. Alexandre merecia uma explicação, mas isso não lhe dava o direito de me ofender. Tentei sair do quarto

em direção à sala, mas Alê foi mais rápido que eu.

— Desculpa — ele disse segurando o meu braço. — Você sabe o que é ficar sem chão? Fiquei assim quando ouvi aquele idiota falando do tempo que vocês passaram juntos — enquanto Alê falava, suas mãos acariciavam os meus braços.

— Sim, eu sei — disse, me lembrando do encontro com a Lana no congresso. — Senti isso no dia em que a Lana me pediu para eu me afastar de você.

— Lana fez o quê? — perguntou surpreso. Ele se afastou um pouco e eu previ que algo não muito bom viria. — E por que diabos você não me disse nada? — Já conhecia cada reação de Alexandre.

— Alê, vamos voltar para o nosso assunto — tentei me afastar um pouco e colocar a cabeça em ordem. — Eu nunca fui uma groupie. Dereck, além de ser um excelente

cantor, é uma ótima companhia. Éramos compatíveis. Ele estava solteiro. Eu estava solteira. Eu queria respirar outros ares. E foi isso. Dereck foi apenas consequência.

— Não parece ter sido apenas uma consequência para ele — Alê ainda me questionava. E meu limite para revirar o passado estava estourando.

Não estava gostando daquela conversa e estava pronta para encerrá-la. Não fazia sentido ficar discutindo com Alexandre por uma história que eu não poderia mudar. Dereck estava no Brasil e isso era um fato.

— Você me deixa louco. — Senti minha toalha sendo puxada e fiquei nua. — Vem aqui.

Uou! Alexandre modo mandão estava de volta.

Após um sexo matinal incrível, eu passei quase todo o dia no apartamento do Alê. Não tocamos mais no nome do Dereck e

desligamos nossos celulares. Teríamos que lidar com Laís e Diego, mas antes resolvemos aproveitar o fim de semana. Foi um dia agradável e, no fim da tarde, quando me preparava para ir embora, eu decidi que precisava discutir um assunto. Eu também devia uma explicação para Dereck. Precisávamos conversar, quem sabe ele entendesse os motivos que me levaram a deixá-lo sem falar nada. Na verdade, desde a sua declaração diante daquela multidão, eu estava me sentindo culpada e egoísta.

— Alê? — ele me olhou, enquanto pegava as chaves da caminhonete para me levar em casa.

— Diga, minha menina — Alexandre me respondeu alegre, e um sorriso estampava seu rosto. Não estava a fim de estragar o dia voltando a tocar no nome do Dereck.

— Nada não, esqueci o que eu ia dizer. — Ele ficou curioso, mas não fez nenhum tipo

de questionamento. Não era como se fosse falar com Dereck naquela noite, esse assunto poderia esperar. — Vamos? — emendei, mudando a conversa, e ele assentiu.

Assim que chegamos na frente do meu prédio, Alê se despediu rapidamente e foi embora. Ele sabia que eu não o convidaria para subir. Entrei e vi um rosto conhecido sentado em um dos sofás da portaria.

— Gatinha — sua voz rouca me chamou e eu tremi.

— Dereck, o que está fazendo aqui?

Ferraz

Estava em casa, tomando uma cerveja e tentando pensar em todos os acontecimentos do dia. Caminhei pela sala enquanto ligava meu celular, que tinha passado o dia todo desligado. Quando as notificações chegaram, eu notei que, além de duas ligações do meu pai, havia somente uma mensagem do Bruno. Diego não me ligou, provavelmente estava esperando que eu me manifestasse. Não estava nem um pouco a fim de ter aquela conversa, então a adiei para o dia seguinte.

Clara me deixou exausto. Há tempos eu não dormia tão cedo e de forma tão profunda. Não ouvi o despertador tocando e estava atrasado para colher um depoimento. Fui direto para a delegacia onde o meu

cliente estava detido. Pelo menos conhecia o delegado e assim seria mais fácil de trabalhar.

Cheguei à DP e o dr. Marcelo Rocha já estava trabalhando. Conhecia o Marcelo do círculo jurídico e de algumas noitadas que frequentamos juntos. Ele era um jovem delegado muito competente. Há algum tempo eu não o via e bati na porta antes de entrar em sua sala.

— Dr. Ferraz, quanto tempo — Marcelo se levantou e nos cumprimentamos.

— Isso é bom, Rocha. Significa que os meus clientes andam livres de você — respondi de forma irônica e ele gargalhou.

Conversamos amenidades e ele me perguntou o que estava acontecendo com o Bruno. Segundo Marcelo, Bruno saiu atrás de uma pantera deixando a turma no estádio. Quando expliquei que a pantera se tratava da Laís, ele ficou incrédulo.

— Cara, o que está acontecendo com a gente? — Ops! Marcelo soltando um suspiro? Só faltava isso: dr. Rocha fígado.

— Como assim “a gente”? — perguntei, curioso.

Marcelo se inclinou para trás em sua cadeira.

— Alexandre, estou mais enrolado do que gerente de banco — confessou. Mais um para a lista dos ferrados.

— É a dançarina? — Todos sabiam sobre a atração de Marcelo por uma garota bem mais nova.

— Como você sabe quem é ela? — ele me questionou surpreso.

Saber eu não sabia, mas joguei um verde e ele caiu.

— Marcelo, você quase me deixou com um olho roxo naquela festa na sua casa. Somente por eu ter olhado para ela e comentado que a sua dançarina seria um

“bom produto”. Desculpa, camarada, mas todos sabiam que aquilo não era ciúme de irmão — ele ficou surpreso, mas não negou.

— E não era mesmo. Mas posso saber desde quando o dr. Ferraz entende de relacionamento? — Realmente, quem me conhecia sabia que eu não era chegado em relações.

— Desde que minha estagiária tem minhas bolas nas mãos — sorri. Clara possuía mais que minhas bolas, eu era dela por inteiro.

Marcelo abriu um sorriso debochado, mas não teceu nenhum comentário. Levantei e ele me acompanhou até a porta.

— Hora de ganhar o pão de cada dia — disse, brincando com ele antes de sair.

— E dessa vez o senhor terá trabalho, dr. Ferraz. Cem quilos de cocaína e armas, o cara não estava para brincadeira — Marcelo disse se referindo ao meu cliente. Já no

corredor, ouvi brincar em minhas costas. — Não tenho culpa, você escolheu o lado negro do Direito.

Essa era uma expressão tipicamente utilizada contra os defensores, eu já havia ouvido um milhão de vezes, então não me incomodei.

— Sr. Valério, então te pegaram em flagrante, com cem quilos de cocaína, e o senhor tentou convencer os policiais de que essa quantidade era para consumo próprio? — perguntei irônico.

Há mais de dez minutos eu tentava extrair uma confissão do meu cliente, só assim sua pena poderia ser abrandada. Todas as provas estavam contra ele, e seria praticamente impossível um resultado positivo. Aprendi uma lição importante nessa minha jornada como advogado: nunca diga a um cliente que o livrará da pena. Se você prometer e não conseguir, ele vai cobrar. Mas se

você tentar diminuir a pena e ele sair absolvido, ele vai te agradecer.

— Doutor, quebra essa. O bagulho estava na promoção. — Suspirei. Este definitivamente não era o meu dia.

Depois de colher as informações necessárias, eu fui direto para o escritório. Cumprimentei a Ana, pedi meu café e caminhei direto para minha sala.

As correspondências do dia já estavam sobre minha mesa e um envelope pardo chamou minha atenção. Não tinha remetente e o destinatário era eu. O mais curioso é que não havia nenhum tipo de informação adicional, nem o endereço do escritório estava especificado. Abri o maldito envelope, minhas vistas embaçaram e eu congelei. Aquilo não estava acontecendo. Segurei em minhas mãos um bilhete e quatro fotos, cada uma com uma inscrição no verso. O pânico tomou conta de mim.

Quem será que você ama mais, dr. Ferraz?, dizia o bilhete.

A primeira foto era do Bruno saindo do aeroporto, com a data do dia anterior impressa. Bruno havia viajado a trabalho e devia ter chegado ontem. Virei e li o que estava escrito no verso.

Seu melhor amigo? Que o tem como irmão.

A segunda foto era do meu irmão. Diego estava saindo da casa dos meus pais no dia do seu aniversário, quando minha mãe fez um jantar de comemoração. Eu tremi quando li aquela única linha.

Seu irmão? Que o tem como herói.

Na terceira foto eu já estava em pânico. Priscila sorria feliz, enquanto saía de uma loja.

Sua irmã? Que o tem como pai.

A quarta e última foto me deixou furioso. Quem me enviou aquelas fotos sabia sobre a

Clara e sobre o nosso relacionamento. Tive vontade de quebrar tudo na minha frente quando li o verso da fotografia.

Sua estagiária? Que o tem como amante.

A foto tinha sido tirada na madrugada de sábado para domingo e mostrava Clara de mãos dadas comigo chegando ao meu apartamento.

— Não! Não! Não! — comecei a gritar transtornado. Aquilo era uma ameaça. Não existia outra explicação. As pessoas por quem eu daria a vida estavam correndo perigo.

— Mano, o que está acontecendo? — Não sei de onde Diego surgiu, mas sua voz estava em pânico. Ele tentava chegar até mim, mas eu não conseguia coordenar meus movimentos, levantava as mãos até a cabeça, puxava os cabelos, andava de um lado para outro sem saber o que fazer.

— Meu Deus! Isso não pode ser real — ainda gritava quando me lembrei da Clara. Ana me olhava assustada da porta.

— Ana, peça para Clara vir aqui agora. — Joguei o envelope na direção de Diego. Voltei o olhar em direção à porta e notei que Ana não havia se mexido.

— Ana! Você não me ouviu? Eu preciso falar com a Clara. — Nunca alterei o tom de voz com qualquer um dos meus funcionários, mas não pude evitar minha rispidez naquele momento.

— Dr. Ferraz, é que... — ela balbuciava e não cumpria minha ordem, e pela primeira vez fiquei irritado com minha secretária.

— Desembucha, Ana — Diego disse, e percebi que seu tom de voz havia mudado, provavelmente por que agora ele sabia o que estava acontecendo.

— Dr. Ferraz, a Clara está no hospital. Nando chegou há pouco com a notícia.

Meu coração parou.

Meu Deus, o que fizeram com a minha
menina?

20



Clara

Depois da surpresa ao ver Dereck na portaria do meu prédio, eu agi da forma mais racional possível. Ele merecia uma explicação. Eu o chamei para conversarmos em um café que ficava na rua do meu prédio. Era um lugar aconchegante e calmo, não arrisquei convidá-lo para subir, não sabia se Nando ou Laís estavam em casa, e essa conversa poderia ficar ainda mais estranha se tivéssemos espectadores.

— Dereck, para começo de conversa, como você me achou? — perguntei, pois desde que havíamos chegado ele estava mudo. Mudo mas lindo, com camiseta branca com todas as tatuagens dos seus braços à mostra, jeans surrado, botas pretas e os óculos escuros que ele quase nunca tirava do rosto. Ele estava tão perfeito que as garçonetes brigaram entre si para ver quem

atenderia a nossa mesa. Claro que Dereck não viu isso, ele estava mais concentrado em me deixar constrangida me encarando.

— Pelo jeito, você esqueceu tudo o que vivemos. — Seu sotaque era bem carregado, e isso deixava sua voz ainda mais sensual. — Eu te deixei em casa em uma das vezes que saímos juntos aqui no Brasil — ele disse, tirando os óculos do rosto e colocando na gola de sua camiseta.

Putz! Me esqueci completamente daquele dia, só estava dando bola fora com o Dereck. Não acertava uma.

— Desculpa meu lapso de memória — tentei soar divertida, mas ele não sorriu. — Dereck, eu sei que você merece uma explicação, mas eu gostaria de me desculpar sobre o que aconteceu no seu show. Láis não sabia sobre meu relacionamento atual. — Mexi desconfortável na cadeira, não estava

acostumada a falar sobre o que eu vivia com o Alexandre.

Dereck colocou as mãos juntas sobre a mesa e encarou meus olhos de uma forma intimidadora. Poderia dizer que ele estava chateado, pois entre suas sobrancelhas havia dois vincos. O tempo em que passei com ele me fez conhecê-lo um pouco mais profundamente. Dereck era muito mais do que um cantor quente e sensual, ele era companheiro, se irritava fácil e amava os animais, sobretudo os cachorros. Sorri com essa lembrança.

— Eu esperei malditos nove meses para te ver. Você nunca mais me ligou. Desativou o número que usava enquanto estávamos juntos e meus e-mails sempre voltam. — Realmente ele estava chateado, praticamente não respirava entre uma palavra e outra e seus dedos começaram a tamborilar sobre a mesa. — Agora junta tudo isso e adiciona o

fato de ouvir da boca de um idiota filho da mãe que sua garota está namorando o próprio chefe. É um pouco fodido, você não acha? — terminou e encostou as costas na cadeira, deixando só uma das mãos sobre a mesa. Fiquei surpresa quando ouvi a palavra “chefe” e curiosa para saber como Dereck sabia que Ferraz era o meu chefe.

— Alexandre não é meu chefe — comecei a me explicar. — Estágio não é um trabalho, então nossa relação é somente de orientador e orientando. — Dereck abriu um sorriso irônico.

— Pelo visto, ele também está te ensinando como dar uma boa trepada. Mas se me lembro bem, você já tem mestrado nesse assunto — ele disse, com um sorriso que não chegou aos olhos. Se fosse em outro momento da minha vida, eu teria dado uma bofetada nele e ido embora, mas eu sabia o que Dereck estava fazendo: estava me

atacando para se proteger. Daquela forma ele não precisaria reconhecer os próprios sentimentos. Eu sabia disso porque usei essa mesma tática mais vezes do que gostaria.

— Dereck, eu sinto muito. Eu não sabia aonde estava indo. Nando e Laís tentaram me fazer uma surpresa. Eu nunca levaria Alê em um show seu. Principalmente depois de tanto tempo — tentei ser sincera.

— Alê? — ele cuspiu ainda mais irritado. — O que está acontecendo com você, Clara? — questionou, e eu não soube o que responder, já que nem eu mesma sabia o que se passava comigo.

— Olha, Dereck — tentei voltar a focar em nós dois e deixar o Alexandre de fora. — Eu fui embora, pois eu não podia dar o que você queria de mim. Seus sentimentos tinham mudado. Merda, Dereck. Você falou na frente de uma multidão que eu ganhei o seu coração, dando a entender que estava

apaixonado por mim. — Mostrei resignação pelo que ele havia feito.

— Mas eu estou apaixonado por você — ele confirmou, segurando minha mão por cima da mesa. — Clara, eu só não voltei para o Brasil antes porque não podia deixar os Estados Unidos sem concluir os preparativos para a turnê. — Eu retirei minhas mãos e Dereck desviou os olhos. Eu sabia que ele gostava de mim, mas ouvir sua boca confessando aquilo me desarmou.

— Dereck... — aquela conversa estava sendo mais difícil do que eu imaginei — eu não posso ser o que você quer. Você me conhece, sabe sobre o meu passado. Eu não posso amar novamente, nunca vai haver espaço para outro além do Felipe, eu te expliquei quando aceitei viajar com você. — Fechei os olhos, pois sempre era doloroso tocar no nome do Lipe.

— E aquele babaca? — Ele se referia ao Ferraz de uma forma enojada.

— É complicado. — Levantei da cadeira, tentando encerrar o encontro e o assunto.

— Clara, eu preciso de apenas uma chance. Vivemos meses juntos, não acredito que você não sinta nada por mim. — Dereck soava desesperado, e eu me sentia um lixo por magoá-lo. Há tempos meus sentimentos de compaixão, carinho e ternura não vinham à tona. Não me importava com o que os outros sentiam ou pensavam. Mas ver Dereck daquele jeito na minha frente me deixou com o coração na mão.

— Por favor, não torne as coisas ainda piores. — Passei por ele de cabeça baixa e abri a porta. Já na calçada eu senti sua mão em meu braço.

— Queria que fosse eu — ele disse, tocando meu rosto com um gesto tão familiar. — Você abriu seu coração novamente, eu

sabia que isso voltaria a acontecer, mas não contava que o sortudo não seria eu. — Sua voz era um sussurro e seus olhos me encaravam.

Dereck se aproximou lentamente. Seus dedos ainda tocavam meu rosto e eu fechei os olhos, perdida nas lembranças do tempo em que estivemos juntos. Tudo era tão familiar, seu toque, seu cheiro, sua voz... Dereck percebeu que eu havia relaxado e colou sua boca à minha. Um beijo inesperado. Por alguns segundos, eu me deixei levar pelo toque macio dos seus lábios, o piercing que eu adorava me fazia arrepiar. Mas assim que abri os olhos, eu me lembrei de Alexandre e a culpa me incendiou. Me afastei dele e saí em disparada pela rua. Dei uma olhada para ver se ele me seguia e o que vi me fez tremer de raiva. Dereck estampava o sorriso mais lindo do mundo. Suas covinhas perfeitas sinalizavam que ele tinha conseguido o que veio

buscar. Mostrei o dedo do meio para ele e continuei caminhando ouvindo sua voz ao fundo.

— Esta é minha gatinha — ele gritou.

Entrei bufando no apartamento. Procurei por Nando, por que essa era a hora de chutar a bunda dele. Olhei por toda a casa e nada. Cheguei à cozinha e vi um bilhete com sua letra pregado na geladeira.

Tive que sair, seu celular estava desligado. Ligue para Laís. Por favor, não chute minha bunda. Beijos. N.

Por mais que eu quisesse matar aqueles dois por terem me metido nessa confusão, não podia culpá-los. Na verdade, a confusão era minha e eu entrei nela por livre e espontânea vontade. Liguei para Laís e seu celular estava desligado. Mandeí uma mensagem pedindo desculpas, mas não aguardei sua resposta. Estava extremamente

cansada e só queria tomar um banho e descansar um pouco.

Ainda estava cedo para dormir, então deitei no sofá. Esperaria o Nando voltar para decidir o que iríamos jantar. Um tempo depois acordei assustada, Nando estava perto com o celular na mão falando com alguém. Tentei me levantar, mas senti a cabeça pesada e um frio insuportável.

— Nando... — falei baixinho, pois sentia que algo martelava em minha cabeça.

— Ela acordou — ele disse ao telefone.

— Linda, o que aconteceu? Vou te ajudar a se vestir e vamos para o hospital — ele falou, me apoiando para que eu ficasse de pé. Não estava compreendendo o que Nando falava. Hospital?

— Que porra de hospital? — perguntei a ele.

— Clara. Você está queimando de febre. Eu cheguei agora há pouco e vim te procurar.

Menina, você estava delirando. Estou preocupado. Liguei para Laís e ela mandou te levar para o hospital em que a mãe dela trabalha.

— Não — disse. Se eu estava com febre teria que procurar minha médica, além do mais, se fosse para o hospital da tia Solange todos saberiam do meu passado.

— Como assim “não”? — Nando perguntou exasperado. — Você pirou na batatinha?

— Quero ver a minha médica. — Dei as coordenadas do hospital que era acostumada a consultar e em poucos minutos eu já estava sendo medicada.

— Boas notícias — Manu disse sorrindo. — É somente o início de uma infecção urinária. — Manu sentou-se ao meu lado na cama.

Frequentei tanto aquele hospital que minha médica praticamente era da família. Manu era uma médica jovem, seu jeito

despojado me ganhou de cara e desde então nunca mais aceitei outra pessoa cuidando da minha saúde. Tentei me levantar, mas ela me parou, disse que minha febre estava muito alta e que eu precisava ficar em observação por pelo menos 24 horas. Por mais que eu odiasse hospital, eu sabia que no meu caso o cuidado deveria ser dobrado.

— Como sempre, sem avisar a ninguém?
— Manu perguntou, já sabendo minha resposta. Não gostava de ver as pessoas me velando em vida. Eu estava doente e ponto. Ninguém deveria parar suas vidas para ficar ao meu lado.

— Nada mudou, Manu — respondi secamente e me virei para o lado.

— E o gostoso lá fora? O que eu faço com ele? — Tinha me esquecido do Nando. Ele iria ser relutante em me deixar sozinha.

— A verdade. Diga que estou em observação e não posso receber visitas. Que é

melhor ele ir embora. — Virei em sua direção, enquanto ela me encarava.

Manu me olhou de forma tristonha e, antes de sair, me repreendeu.

— Você tem que parar de afastar as pessoas, Clarinha. Lipe não gostaria disso.

E com essa frase ela conseguiu me deixar ainda mais doente. Sofrer pelo Felipe era algo comum, a dor me fazia sentir digna da vida que ganhei, mas desde meu envolvimento com Ferraz, junto com a dor, vinha a culpa pela traição.

Adormeci rápido por causa dos efeitos dos analgésicos. E mais uma vez sonhei com Felipe.

— Querida, já está liberada. — Acordei com a voz suave da Manu. Perdi a noção do tempo. Sabia que já era de tarde, pois me lembro de ter tomado uma sopa de água horrível no almoço.

— Graças a Deus. — Manu tirou o meu soro e eu resolvi tomar um banho antes de sair. Não era tão tarde, meu celular ainda marcava quatro horas. Perdi muitas chamadas e ligações, principalmente do Nando e da Laís, mas também havia mensagens do Ferraz e dos meus pais.

Antes de sair, Manu me entregou as receitas para os remédios e me deu o sermão de sempre: hábitos saudáveis, manear no álcool, nada de drogas e praticar exercícios físicos. — Obrigada, Manu — disse, e ela sorriu carinhosa. — Vou chamar um táxi para me deixar em casa.

— Querida, acho que não vai precisar. — Seu sorriso havia se transformado, um sorriso malicioso de quem estava aprontando. — Desde ontem tem havido um desfile de homens gostosos nesse hospital — disse abanando o bloquinho perto do rosto. Fiquei curiosa e ela continuou. — Clarinha,

primeiro aquela coisa gostosinha que dá vontade de pegar no colo para cuidar não arredou o pé do hospital até hoje de manhã. — Não consegui segurar a risada pela forma como ela se referiu ao Nando. Então continuou fazendo cara de drama. — Depois, apareceu um gato de covinhas perfeitas e, minha amiga... Minha vontade foi de tocar cada tatuagem daquele corpo.

— Dereck? — perguntei surpresa. Só poderia ser ele pela descrição da Manu. Ela não me respondeu e continuou.

— Depois, apareceram os dois homens mais lindos que eu vi na vida. Um que mais parecia com um ator de filmes românticos e outro que quase fez as enfermeiras arrancarem as calcinhas com sua cara de mau e voz arrebatadora. E o olhar... Puta que pariu, Clarinha, o cara é um deus.

Manu foi muito específica em suas descrições. Com certeza o ator perfeito era

Diego e, bom, nem preciso dizer quem era o outro. Fiquei sem reação, não sabia o que diria para Alexandre quando o visse. Não queria magoá-lo, mas não explicaria tudo o que estava acontecendo.

— Enfim... — Me perdi nos pensamentos, pois Manu ainda falava. — O malvadão não foi embora, está desde antes do almoço na sala de espera.

Não sabia como, mas teria que me afastar do Alexandre. Me sentia completamente confusa e sua presença só dificultaria as coisas. Me despedi da Manu e caminhei até a saída.

Assim que me viu, Alexandre se colocou de pé e caminhou rápido em minha direção. Ele estava de gravata e segurava o blazer em uma das mãos. Quando ele me alcançou, seus braços me envolveram em um abraço forte. Contive minha vontade de chorar.

— Como está se sentindo, minha menina? Você me assustou. Nando me disse que era apenas uma infecção, mas isso não me impediu de me preocupar com você — ele disse cheirando o meu cabelo. Sua voz soava aliviada e eu engoli em seco antes de falar.

— Preciso de um tempo — disse antes de me soltar de seus braços. Aproveitei até o último segundo do calor do corpo do Alexandre.

— O que você disse? — Ele me olhou atônito. Pânico brilhava em seus olhos e minha vontade foi de correr.

— Eu... — Desviei o rosto, pois se o encarasse poderia me perder no azul de seus olhos e nunca mais voltar. — Quero ficar sozinha — completei. — Acabou, Alexandre!

Diego

Ouvir Alexandre muito bêbado confessar seu amor pela Clara me deixou sem saber o que fazer. O meu irmão estava apaixonado. Merda! Ele estava praticamente arrastando a bunda no chão pela garota que me atraiu assim que coloquei os olhos nela. Eu não amo a Clara, nem de longe sinto o mesmo que o Alê está demonstrando sentir. É óbvio que no início eu queria ficar com ela. Clara é linda, inteligente, alegre, desinibida, bem-humorada, meiga... Porra! Ela é tudo o que um cara quer. Mas Alexandre a deseja e eu amo o meu irmão. Ele é o meu orgulho, meu amigo, meu segundo pai, meu espelho e meu herói. Sou capaz de qualquer coisa por esse velhote e moverei céus e terras para fazer sua felicidade. E isso inclui abrir mão da melhor garota que eu conheci na vida.

— Ela disse que queria um tempo — Alexandre murmurou. Olhei em sua direção tentando entender o que estava acontecendo.

Não sabia por que, mas Clara chutou o traseiro do meu irmão. Fiquei muito puto com ela, pois assim que ele me disse o que havia acontecido, toda a agonia que senti pelo meu irmão quando chegamos ao hospital voltou a me perturbar.

— Por favor, Clara Gomes Bueno. Como ela está? — meu irmão ligou para o hospital depois de falar com o Nando e perguntou em pânico para a recepcionista. Após saber que ela estava internada, Alexandre saiu como um louco do escritório para vê-la. Eu não poderia culpá-lo. Tenho certeza de que o envelope que ele havia recebido pela manhã, poucos minutos antes de a Ana nos dar a notícia sobre Clara, era de fato uma ameaça. Teria que tomar as providências necessárias e procurar a delegacia para prestar queixa.

Mas agora sinto uma preocupação enorme com relação à Clara. Nando nos avisou que era só uma infecção, que Clara já estava sendo medicada e não podia receber visitas. Tentei convencer o meu irmão de que ela ficaria bem, para que ele se acalmasse, mas ele não escutou porra nenhuma do que eu disse. Nunca em toda a minha vida eu vi Alê tão preocupado.

Chegando ao hospital, a recepcionista informou que Clara não poderia receber visitas, o que deixou Alê mais enlouquecido.

— Como assim? O estado dela é grave? Preciso de notícias — ele soava desesperado e meu coração apertou por vê-lo tão mal.

— Clara está bem. Ela não permitiu visitas — disse uma voz vinda do outro lado da recepção e pelo sotaque, mesmo antes de me virar, eu sabia quem era. E também sabia que não era um bom momento para o Dereck estar ali.

— Que diabos você está fazendo aqui? — Alê cuspiu na direção do Dereck. Podia ver que ele colocava as mãos em punho, enquanto Dereck simplesmente se mantinha sentado no sofá com uma xícara nas mãos. Meu instinto dizia que ele não estava preocupado com a possessividade do meu irmão.

— Estou fazendo o mesmo que você. — Ele apontou para Alexandre e continuou. — Mas não se preocupe, já estou indo embora. Eu conheço a Clara e sei que quando isso acontece, ela não aceita que ninguém a acompanhe.

Agradei por Dereck estar se controlando, pois bastava uma insinuação dele e o hospital seria o lugar perfeito para estarmos, pois com certeza algum dos dois iria precisar de cuidados médicos. E, pelos olhos do Alexandre, duvido que alguém pudesse segurá-lo. Mas eu também ouvi o que ele disse e deu para perceber que algo incomodava a Clara.

Pelas palavras do Dereck tudo era mais sério do que eu imaginava. Alexandre ainda encarava Dereck com um olhar mortal e eu não conseguiria dizer se ele havia processado tudo que ouviu. Provavelmente, não, e era melhor assim. Esse seria um assunto para ser discutido depois.

— Não deveria dizer isso, pois se bem conheço a Clara, ela ainda não assumiu, mas ela te ama — ele disse desapontado. Era nítido que Dereck nutria sentimentos por Clara, mas do jeito que ele falava, dava para sentir que ele estava saindo de cena. Ele colocou os óculos escuros e partiu sem dizer mais nada.

Agora estou aqui. Alexandre ficou de plantão durante todo o dia no hospital e assim que Clara foi liberada, além de mandar meu irmão embora, ela também pediu um tempo. Droga de mulher mais complicada. Olhei para Alexandre mais uma vez jogado

no sofá. Tentava convencê-lo a dormir. A garrafa de uísque estava vazia, e com certeza na manhã seguinte sua cabeça sentiria as consequências.

— Ela não me quer. — Sua voz arrastada reclamava mais uma vez. Com ele se apoiando em mim, consegui levá-lo até o seu quarto.

— Mano, ela estava saindo de uma situação complicada, dê um tempo para ela. — Tentei amenizar a situação. Consegui jogar Alexandre na cama e retirei seus sapatos para que pudesse dormir.

— Mas eu queria estar lá com ela. O idiota estava... — ele não conseguiu terminar a frase, pois, assim que fechou os olhos, apagou. Poucas vezes vi Alexandre bêbado, mas em todas elas, ele deu o mínimo de trabalho possível. Seu senso de responsabilidade era nítido até de pileque. Tomei um banho e vesti uma das camisetas do meu

irmão. Dormiria em seu apartamento para ter certeza de que ele ficaria bem. Precisava fazer algo por ele sem invadir muito sua privacidade.

Passei o restante da semana trabalhando bastante preocupado. As coisas estavam fora dos eixos e isso me deixava extremamente chateado. Clara ainda estava de atestado médico, uma semana de repouso. E o fato de Alê ter concordado em lhe dar um tempo não trouxe bons ares. Meu irmão estava terrivelmente irritado, e sua raiva estava atingindo a todos do escritório e até a nossa família. Priscila já tinha tentado falar com ele várias vezes e ele se recusava a atendê-la. O único a conseguir arrancar algumas palavras dele foi Bruno. Ele era um amigo e tanto, durante essa semana eu entendi porque a ameaça que Alê recebeu também incluía o Bruno. Ele era praticamente um irmão para Alexandre.

As investigações sobre o envelope com as fotos já estavam sendo feitas. Mas com os recursos que os investigadores do Brasil possuíam, o caso se enrolaria por mais alguns dias para termos as primeiras informações. Alexandre estava certo de que o autor se tratava do Araújo, pai do Alec. Eu ainda tinha minhas dúvidas, porém estava inclinado a concordar com meu irmão: Araújo era o principal suspeito.

Quinta-feira à tarde e estava difícil conversar com o Alexandre. Ele estava, como sempre, com sete pedras na mão e uma resposta afiada na ponta da língua. Do corredor da minha sala eu podia ouvir sua ira direcionada a Ana. Coitada! Por ser a mais próxima do Alê, era a que mais sofria com seu mau humor. Respirei fundo, pois tinha certeza de que meu irmão não gostaria que eu me intrometesse, mas já havia esperado tempo demais pelo desenrolar daquela

situação. Passei pela recepção e encontrei Ana com os olhos marejados de lágrimas não derramadas. Ela me deu um olhar de desculpa e eu senti vontade de estrangular o meu irmão. Independentemente de seus problemas, Ana não merecia ser tratada daquela forma.

— Dr. Diego, eu juro que... — ela disse de forma chorosa e eu a interrompi.

— Nada de desculpas, Ana. Não é sua culpa — ofereci um olhar complacente. — Vai passar. — Ela me devolveu um sorriso e eu saí em direção à sala do meu irmão.

— Mano, você precisa resolver essa merda. — Não bati na porta e ele se assustou com minha entrada repentina.

— Não se anuncia mais? — respondeu em tom agressivo. Eu estava de saco cheio da forma com que Alexandre estava lidando com as coisas.

— Fica calado. E presta atenção no que eu vou dizer! — Ele levantou um olhar em minha direção, mas não disse nada. Nunca alterei o tom de voz com ele, e por isso entendia seu espanto. Sempre respeitava Alexandre como um pai e sua palavra era ordem em minha vida. Mas ele estava insuportável, alguém precisava sacudir o mundo dele. — Ou você vai atrás dela, ou eu vou — disse tentando animá-lo a tomar uma atitude.

— Foda-se! Ela me chutou — ele vociferou. Já esperava essa resposta, pois o orgulho de Alexandre era tão grande quanto o seu coração. Então, parti para a missão impossível dois: convencer Clara a voltar atrás. Não sabia quem era mais cabeça-dura.

Peguei o carro e alguns minutos depois estava na portaria do prédio dela.

Cumprimentei o porteiro e pedi que avisasse a Clara da minha visita.

— Ela acabou de sair, se o senhor correr vai encontrar com ela ainda na calçada. — Ele apontou para a rua, me respondendo.

Agradei e saí correndo. Olhei de um lado para outro e a vi entrando em seu carro que estava estacionado alguns metros à frente. Gritei seu nome algumas vezes, mas ela não ouviu.

— Ela está indo ao cemitério — uma senhora que estava em uma banca de flores na calçada me respondeu. — Há mais de três anos ela sempre compra flores para levar ao cemitério — a senhora informou e eu fiquei assustado. Quem Clara havia perdido? Entrei em meu carro e segui na mesma direção que Clara tinha ido. Coloquei os dados no GPS e ele me informou sobre um cemitério nas redondezas. Contava com a sorte para ser o que Clara estava. Assim que estacionei agradei aos céus: o carro da Clara estava na vaga ao lado. Entrei no cemitério e notei que

não seria fácil achá-la naquela imensidão. Não a avistei em nenhum lugar. Pedi informação ao jardineiro que estava cuidando de uma roseira. Dei a descrição da Clara e ele soube perfeitamente de quem eu falava.

— A senhorita Clara? Está no túmulo do Felipe. Fica a quatro quadras à sua direita. — Ele apontou para onde eu deveria seguir. Atordoado e sem saber o que pensar, eu segui na direção em que ele orientou. Merda! Quem era Felipe? Chegando ao local indicado eu pude ouvir os gritos. A cena que eu vi me deixou assombrado. Clara gritava e chutava o túmulo à sua frente e eu acelerei o passo tentando alcançá-la. Ela estava toda bagunçada, a maquiagem escorria pelo seu rosto e seus cabelos estavam desalinhados. Roupas sujas como se ela tivesse se jogado no chão.

— Seu idiota. Por que você me deixou? — Suas palavras eram entrecortadas pelo choro ao qual ela se entregava naquele momento. — Por que me deixou? — ela repetia. — Era para ser eu. Eu quem deveria ter morrido. — A fúria da Clara era tão grande que todos os vasos que estavam depositados no túmulo estavam destruídos, com flores esmagadas por toda a parte. Clara ainda chutava toda a grama à sua volta quando eu finalmente consegui me aproximar. Ela desabou em meus braços, chorando copiosamente. Impotente. Essa era a palavra que definia os meus sentimentos naquele momento. Eu não sabia o que fazer ou o que falar. Enquanto Clara desabafava em meus braços, eu li a inscrição na lápide e tudo começou a fazer sentido.

*Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,*

*Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso
Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)
E talvez de meu repouso...
Eu e você contra o mundo.
Felipe Andrade
Amado filho, amigo e noivo.
Abril de 1984
Dezembro de 2009.*

Um mural com algumas fotos enfeitava a lápide e o que mais me assustou foi ver Clara na maioria das imagens. O rapaz era muito jovem e era óbvio que eles se amavam, em todas as fotos eu podia ver o olhar de ternura de Clara por ele. Um olhar que nunca notei nela.

— Era para ser eu — Clara sussurrou ainda chorosa em meu peito. Minha camisa já estava encharcada, mas não me importava. Peguei Clara no colo e a levei para um local onde havia alguns bancos, embaixo de uma grande árvore. O silêncio fazia com que o canto dos pássaros soasse mais alto. Flores estavam por toda a volta e a grama verde embaixo dos nossos pés estava molhada pelo sistema de irrigação. Sentei Clara em um banco e me ajoelhei diante dela. Toquei seu rosto e pude perceber a dor e o sofrimento em seus olhos. Agradei por ser eu quem estava ali, pois Alexandre não suportaria vê-la daquela forma.

— Clara, fala comigo — tentei soar calmo, mas por dentro estava em pânico.

Era para ser eu. Essa frase martelava minha cabeça, pois Clara havia repetido aquelas palavras muitas vezes.

— Converse comigo, eu estou aqui. — Eu a abracei, e ela apoiou a cabeça em meu ombro. — Seja o que for. Seu segredo estará guardado.

Ela se afastou um pouco e eu continuei diante dela na mesma posição em que estava. Clara respirou fundo, tomando coragem e começou a falar:

— Felipe era o meu noivo...

Foram as primeiras palavras que ela disse e o que veio a seguir me deixou perplexo. Nunca imaginei que Clara tivesse passado por uma situação tão traumática em sua vida. A cada pausa que ela fazia para respirar, lágrimas rolavam em sua face e eu não pude me segurar. Com os olhos marejados eu desviei o olhar em vários momentos do relato. Se Clara percebesse o quanto eu estava abalado, a confiança que eu havia estabelecido cairia e sem saber o que aconteceu eu não poderia ajudar o meu irmão. Clara era

uma sobrevivente. Agora tudo fazia sentido. Alexandre vai ter que se empenhar para conquistá-la.

E será o maior desafio da vida do meu irmão.

21



Clara

Não sei como Diego me encontrou no cemitério. Toda semana eu levava flores ao túmulo do Felipe. Acontece que eu resolvi desabafar tudo que estava vivendo nos últimos dias, simplesmente explodi e Diego, com seu timing perfeito, assistiu à cena patética que eu proporcionava. Estava emocionalmente destruída e uma coisa levou a outra, eu despi minha alma para ele como há muito tempo não fazia. Conteí tudo, desde o início do meu problema até o sentimento de traição que me consumia por estar com Alexandre. Diego me confortou, mas também tentou abrir meus olhos com relação ao irmão. Nunca lidei bem com as pessoas me sugerindo o que fazer. Mas vindo do Diego, aquelas palavras pareciam tão certas, tão óbvias. Ele parecia um irmão mais velho dando conselhos, o que me fez questionar onde foi

parar o seu interesse por mim. Suas palavras soaram de forma tão clara, que eu passei a noite inteira revirando na cama pensando nelas.

Você precisa procurar o Alexandre. Meu irmão está perdido sem você. Se você não se sente bem para contar o que aconteceu, pelo menos tente restabelecer as coisas entre vocês. Alê sente sua falta.

E eu sentia a dele, não sei o que deu em mim no hospital. Eu me apavorei quando o vi na sala de espera. Alexandre me lembrou Felipe. Eu vi aquela cena muitas vezes, e não estava disposta a vivê-la novamente. Tudo bem que as circunstâncias em que me encontro atualmente são diferentes. Tudo graças ao Felipe. Mesmo assim, o medo de sofrer ou de trazer essa dor ao Alexandre tomou conta do meu ser. E eu fiz o que eu faço melhor: me escondi.

Passei a semana inteira reclusa: dormia, comia, chorava e me lembrava do Alê. Sentia uma saudade imensa. Seu cheiro, seu jeito, seu toque, tudo me fazia falta. Falei com meus pais e inventei uma desculpa por não ter aparecido no domingo. Não toquei no assunto da internação, detestava que eles sentissem pena de mim. Laís e Nando foram meus escapes. Desembuchei toda a história com Ferraz para eles e as reações de ambos ainda me fazem sorrir. Nando pulou pelo apartamento gritando que já sabia. Laís ficou mais contida, deu de ombros e disse que estava decepcionada. Não a julguei, em seu lugar eu também estaria. Eu sabia que teria que reconquistar a confiança da minha amiga.

Naquele dia, apesar de não ter dormido, acordei com um ânimo diferente. Teria que agradecer ao Diego. Suas palavras me ajudaram muito. Estava tomando café

quando a campainha tocou. Imaginei o que seria. Durante toda a semana, Dereck havia mandado flores estimando melhoras. Assim que abri a porta dei de cara com as flores, mas para a minha surpresa Dereck as acompanhava.

— Bom dia, gatinha! — ele disse sorrindo. Droga! Droga! Mil vezes droga de covinhas!

— Dereck, como você subiu sem avisar? — questionei. E assim que ele levantou uma sobancelha e abriu mais ainda o sorriso eu percebi o que aconteceu.

— Entre — falei irritada, mas não ia deixar ele plantado na porta. — Vou matar o Nando, disse mais para mim mesma do que para ele.

— O garoto é um cara legal. Não brigue com ele, eu sei ser muito convincente. — *E presunçoso também*, pensei, mas não disse nada.

— Dereck, eu... — comecei a falar, mas ele interrompeu.

— Não diga nada, Clara. Você me chutou, eu entendi — ele disse tentando soar divertido, mas foi em vão. Droga! Como eu consigo magoar dois homens perfeitos ao mesmo tempo?

— Dereck, me desculpe?! — pedi, sentindo as lágrimas queimarem em meus olhos. Ele se aproximou e colocou as flores que ainda estavam em suas mãos na bancada ao meu lado. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Merda. Estava extremamente emocionada. Dereck tocou meu rosto secando-a. Era fascinante como aquele homem, com cara de malvado e tatuagens por todo o corpo, podia ser tão suave.

— Eu só vim me despedir — ele disse me encarando. — Eu sei que você o ama! — Dereck falava do Alexandre e eu não soube o que responder. — E, porra, pela maneira

como o filho da puta quase pôs o hospital abaixo, eu tenho que dar o braço a torcer: o idiota também te ama. Queria ter sido eu o sortudo, mas fico feliz que você tenha deixado alguém entrar. — Ele tocou com o dedo indicador o meu peito, eu acompanhei seu olhar e vi lágrimas em seus olhos. Puta que pariu, Dereck estava chorando.

— Dereck, por favor? — supliquei perdão. Ele sempre foi gentil, nunca me arrependi de ter seguido seus passos. Estava morrendo por magoá-lo, mas Dereck merecia mais, e eu não poderia ser o que ele precisava.

— Por favor, digo eu. — Ele se afastou e começou a sorrir. E dessa vez percebi que era um sorriso verdadeiro. — Nada de “Oh! Não é você, sou eu” ou “Você merece alguém melhor” e blá-blá-blá. Chute na bunda é chute na bunda, e a minha está dolorida.

Não consegui segurar minha risada e Dereck se juntou a mim.

— Desculpa pelo beijo — ele disse se afastando. Ao mesmo tempo em que senti um vazio, eu percebi que mais uma amarra que me prendia ao passado estava se soltando.

— Você se arrependeu? — perguntei quando ele já estava com a mão na porta.

— Não nessa vida. — Um enorme sorriso e uma piscada foi o que eu recebi como resposta. Tenho certeza de que a imagem daquelas covinhas saindo do meu apartamento ficará em minha memória para sempre.

Assim que a porta se fechou, eu comecei a chorar. Abri o bilhete que acompanhava as flores e senti uma vontade enorme de abraçar o Dereck.

Conte para ele. O filho da puta merece saber que você o ama. Seu, D.

Saí o mais rápido que pude. O elevador já estava descendo, então optei pela escada.

Todos que estavam transitando por aquele caminho me olhavam. Também pudera, eu estava descalça e ainda vestia pijamas. Cheguei à portaria e vi Dereck na calçada, ele estava parado, olhando para o céu.

— Dereck — gritei, e ele olhou confuso em minha direção.

Corri até onde ele estava e pulei em seus braços, com ele me segurando no ar. Dereck enterrou o rosto em meus cabelos e ficamos abraçados por alguns segundos. Era um adeus, eu sabia. Por mais que nos víssemos novamente, não seríamos mais os mesmos.

— Obrigada — disse me afastando. Ele colou os lábios em minha testa e, antes de se despedir, sussurrou:

— Agora eu sei que posso amar. Obrigado por me fazer descobrir meu coração. Eu não sabia que tinha um, até o dia em que você o roubou de mim. — Após falar, Dereck fez uma careta e gesticulou com os dedos como

se tivesse contando mentalmente. — Essas coisas melosas podem dar uma música, talvez eu dê seu nome a ela. — Ele beijou meu rosto uma última vez e saiu em direção ao seu carro. — Se você se cansar do velhote, me liga — Dereck gritou fechando a porta.

— Adeus — murmurei, sabendo que ele não me ouviria mais.

Ferraz

— Inferno! — praguejei mais uma vez, em alto e bom tom. Essa semana estava sendo um inferno, nada que eu fizesse acabaria com a angústia. Nada dava certo, e eu amaldiçoei o dia em que aquela menina colocou os pés no meu escritório. Minha vida estava de cabeça para baixo, todo o controle que adquiri em todos os anos vividos foi pelo ralo no dia em que Clara me chutou para fora do hospital e da sua vida. Desde então eu liguei o piloto automático para conseguir sobreviver àquela maldita semana. Servia meu terceiro copo de Jack Daniel's quando o celular tocou. Uma mensagem piscava no visor, mas ignorei, assim como as outras.

— Vai para o inferno — gritei enfurecido. Se já não bastasse tudo o que estava acontecendo, Lana não me deixava em paz. Não sei como ela descobriu que a Clara me deixou,

mas desde segunda-feira seu radar apontava para mim. E eu não estava com paciência para lidar com ela.

Meu apartamento estava vazio, assim como o meu coração. A sensação de estar oco por dentro me consumia. Talvez por isso, nunca me apaixonei, não estava preparado para tudo o que vem depois, todas as consequências. Meu celular tocou novamente e eu estava pronto para ignorar quando li o nome no visor. Atendi o mais rápido possível.

— Alguma novidade, Rocha? — perguntei ríspido, nem ao menos disse boa noite, mas Marcelo me entenderia. Estava angustiado com aquela situação.

— Ferraz, nada ainda. Por enquanto, não tem o que fazer, nossos recursos são limitados, e o desgraçado que mandou essas ameaças cobriu muito bem os rastros — ele respondeu com calma.

— Filho da puta — disse baixinho, mas é claro que ele escutou.

— Sinto muito! — respondeu solidário.

— Obrigado, Rocha, qualquer novidade, me avisa. — Marcelo estava sendo um grande amigo essa semana. Ele desligou e eu rezei para que esse assunto fosse resolvido logo. Nada. Sequer uma pista de quem fez aquela ameaça. Eu apostava em Araújo, mas sem provas eu não podia fazer nada. Marcelo estava me dando uma força. Como ele conhecia os investigadores responsáveis pelo caso, me inteirava da situação.

— O que eu vou fazer? — perguntei para o nada. Sentado no sofá olhei para o quarto copo de uísque que estava sobre a mesa e decidi não beber. Fritar meus neurônios com álcool não resolveria meus problemas. Enquanto pensava no que fazer, o interfone tocou. Era tarde e Diego já tinha cumprido sua rotina de babá por hoje, então fiquei curioso.

Se fosse Lana perderia a cabeça. Não estava com paciência para os seus jogos.

— O quê? — praticamente gritei. Diego estava certo, eu estava sendo um pé no saco.

— É a Maria Clara, dr. Ferraz, eu posso deixá-la subir? — Fiquei sem reação. — Dr. Ferraz? Ainda está aí? — O porteiro perguntou devido ao meu silêncio.

— Estou — respondi de forma direta. Meu Deus, minha menina está aqui. — Peça para subir — tentei soar calmo, mas estava desesperado.

Coloquei o aparelho no lugar e corri para a sala que estava uma bagunça. Saí juntando tudo e colocando no lugar. Passei uma água no rosto para disfarçar a cara de bêbado e me parabenizei por ter ao menos tomado banho. Olhei no relógio pela terceira vez, fazia oito minutos desde que o porteiro me ligou, meu olhar encarava a porta e eu comecei a entrar em pânico. Será que ela desistiu?

Foi embora? Me aproximei da porta e, olhando pelo olho mágico, percebi que ela estava lá. Sua expressão era indecisa e o medo me pegou. Só podia ser isso, Clara veio se despedir para ir com aquele cantor de merda. No momento em que ela se virou para sair, eu não pensei duas vezes e abri a porta. Assim que ouviu o barulho, ela parou.

— Minha menina. — Minha voz soava como uma súplica. Faria o que ela quisesse, mas não deixaria o filho da puta tirá-la de mim. Ela virou lentamente e lágrimas desciam pelo seu rosto. Contive minha vontade de secá-las e com os olhos eu a implorei para que fizesse a escolha certa. Eu!

— Eu... É... — ela começou a falar, olhando de um lado para outro, sem saber como agir. Eu sabia que seu coração estava lutando contra sua razão, poderia resolver tudo a puxando para meus braços, mas

somente ela poderia escolher. De repente, ela me encarou com determinação e eu tremi.

— Alê, eu te amo! — Sua voz foi um suspiro, como uma brisa, mas aquelas palavras me devastaram como um furacão. Era tudo o que eu precisava. Tudo o que eu mais queria ouvir na vida. Puxei Clara para dentro e antes mesmo da porta se fechar, eu tomei sua boca de forma desesperada.

— Preciso de você — disse com a ansiedade tomando conta de mim. Mal podia esperar para estar dentro dela. Ouvindo minhas súplicas, Clara segurou a barra da minha camiseta, e eu levantei os braços para facilitar que ela me despisse. Nossas bocas ainda mantinham um beijo cheio de desejo. Assim que minha camiseta foi ao chão, meus braços voltaram para a sua cintura. Clara pulou entrelaçando suas pernas em meu quadril. Segurei a sua bunda, sem desfazer o beijo. Nossas línguas se tocavam em uma dança

nada sincronizada. Era desejo em sua forma mais pura. Estava pronto para possuí-la e Clara respondia com a mesma ferocidade.

— Minha menina — sussurrei em seu ouvido. Louco de desejo. Encostei Clara na parede e arranquei sua blusa. A maldita estava sem sutiã.

— Lindos — falei com a boca próxima aos seios, seus mamilos estavam rígidos, revelando toda a sua excitação. Sem perder tempo comecei a chupá-los avidamente. Por mais que quisesse, não conseguiria ser gentil. Comecei a caminhar com Clara em direção ao quarto, ela fazia movimentos se esfregando em minha ereção e eu gemia sentindo sua vontade por mim. Alguns passos depois foi ela quem gemeu alto e eu a coloquei deitada na bancada que separava a sala da cozinha. Sem demora, desabotoei seu jeans e segundos depois ele e sua calcinha já estavam no chão. Clara gemia muito em

antecipação ao que viria. Abri suas pernas e me delicieei com a visão. Clara estava tão excitada e molhada, que os lábios de sua boceta estavam melados, seus fluidos escorriam e minha boca salivou. Um banquete, e era todinho meu.

Antes de fazer jus ao meu apelido de lobo mau com a boca grande, eu passei o dedo indicador em sua entrada e mostrei a Clara como ela estava mais molhada do que nunca.

— Olha isso. Toda molhada. — Levei os dedos aos lábios e provei minha menina. Deliciosa como sempre.

Voltei para sua entrada encharcada e dessa vez meu objetivo era o clitóris. Chupei sem piedade. Clara se contorcia na bancada e vários objetos se espatifaram no chão. Suas mãos puxavam meus cabelos e sua respiração estava tão falha que mal pude ouvir sua VOZ.

— Por favor, Alê! — sua voz sexy sussurrou e eu não pude evitar em soltar um sorriso malicioso.

— Implorando? — disse extasiado. Era assim que eu me sentia toda vez que ela implorava para ter o meu pau enterrado nela. — Quero que você goze somente quando meu pau estiver te possuindo — ordenei. Queria muito que ela gozasse comigo enterrado bem fundo nela, marcando-a como minha. Puxei seu corpo da bancada e suas pernas estavam presas em mim novamente. Tentei caminhar até o quarto, mas a voz da Clara em meu ouvido me fez parar no corredor.

— Eu te amo! — Ouvir aquela frase me desarmou. Com cuidado coloquei Clara deitada no chão e fiquei de joelhos.

— Não posso mais esperar — sussurrei enquanto abaixava meu jeans.

Assim que meu pau saltou livre eu me inclinei e a penetrei em um único golpe.

— Me fode — ela gritou, e eu comecei a meter rápido, estocadas frenéticas que faziam com que os seios da Clara balançassem a cada movimento que meu pau fazia.

Meus joelhos reclamavam do chão duro, mas eu não poderia parar, mesmo se eles estivessem em carne viva. Apoiei um dos cotovelos no chão e aumentei o ritmo dos movimentos.

— Não aguento mais — ela suplicou. Eu também estava chegando ao meu limite. Com uma das mãos segurei seu pescoço restringindo o ar. Uma visão maravilhosa, Clara toda vermelha em minhas mãos e meu pau entrando e saindo da sua boceta gostosa.

— Minha! — eu dizia com ferocidade e ela me encarava. Soltei seu pescoço e Clara respirou fundo.

— Meu! — ela retribuiu minha afirmação assim que recuperou o fôlego.

Aquilo foi o fim. Enterrei bem fundo e deixei minha porra invadir o seu corpo, meu pau soltava espasmos e eu senti Clara se contrair, me apertando dentro dela.

— Alexandre! — ela gritou quando alcançou o clímax, nunca deixando de encarar os meus olhos.

— Eu te amo! — Foi minha vez de entregar tudo a ela.

22



Clara

O que eu sentia naquele momento era alívio. Foi como se um peso tivesse sido arancado dos meus ombros. Depois de me foder no chão do seu apartamento, Alê fez questão de me mostrar o quanto tinha sentido a minha falta. E ele me mostrou isso praticamente durante toda a noite. Fizemos amor de todas as formas possíveis, lento, rápido, bruto, delicado, e eu não consegui parar de dizer o quanto eu estava apaixonada. E ouvi-lo dizer que também me amava me deixou nas nuvens. Aliás, não havia des-cido delas ainda. Ferraz prometeu me levar a um encontro diferente e eu estava pirando sem saber para onde iria. Depois da nossa noite agitada, eu resolvi voltar para casa e descansar. Láis estava enfurnada no apartamento do Bruno e Nando na casa de um amigo. Meu celular tocou e eu notei que

havia duas mensagens. Esses irmãos Ferraz me tiram o juízo. Li a primeira, que era da Prí.

Estou achando que aquela bruaca está fazendo de propósito. Beijos!

Se bem conheço minha amiga, ela não deixaria barato. Priscila tinha enviado um e-mail em que dizia que estava desconfiada da família do Juan, que eles não estavam aceitando tão bem o casamento com uma brasileira. Prí estava possessa, mas não existiam provas de que a doença da futura sogra fosse armação. Deixei para responder sua mensagem em outro momento, pois também queria falar sobre o Alê, então a conversa seria longa. Rolei a tela para ler a segunda mensagem, e era Diego.

Fico feliz. Seja feliz. Faça-o feliz. Beijos!

Sorri, pois aquela mensagem era bem a cara dele. Mandeí um SMS agradecendo por sua ajuda. Diego foi um ponto importante

para que eu reconhecesse os meus sentimentos por seu irmão.

Amava o Alexandre e por mais que eu corresse e me escondesse, esse sentimento ficaria impregnado em minha alma, no meu coração. Após tomar um banho, coloquei os fones de ouvido e peguei no sono ao som maravilhoso de *Savin' Me*, do Nickelback.

*Show me what it's like
To be the last one standing
And teach me wrong from right
And I'll show you what I can be
Say it for me
Say it to me
And I'll leave this life behind me
Say it if it's worth saving me.*

Me assustei com o barulho da campainha e acordei depressa. Olhei o relógio e ele marcava quatro horas. Puta merda, dormi quase a tarde inteira. Abro a porta e vejo o porteiro

carregando uma grande caixa. Recebo o pacote e o agradeço. Antes de abrir, leio o cartão que acompanhava o embrulho.

Use para a nossa noite especial.

Seu, L. M.

Comecei a gargalhar por causa da sua assinatura. Alê estava levando a sério aquela história de lobo mau. Rapidamente eu abri a caixa e tirei tudo que estava em seu interior. E para minha surpresa havia um vestido, uma sapatilha e um adereço de cabelo. O vestido era de um tipo que eu nunca havia usado na vida. Era lindo e de uma delicadeza que me encantou. A parte de cima com flores aplicadas em todos os lugares, coloridas e de tamanhos variados, um decote simples e as alças eram pequenas folhas costuradas umas nas outras. A saia que descia era curta e rodada. Não tão curta, afinal, foi Alê quem enviou o vestido e ele não me deixaria com as pernas à mostra. A cor era vermelha e eu

imaginei o contraste que faria com minha pele clara. Para os pés, uma sapatilha creme, tão bela quanto o resto. E para terminar, havia uma presilha em forma de flor, para enfeitar o cabelo.

Não fazia a mínima ideia de para onde Alexandre me levaria, mas já estava dando pulinhos de alegria. Corri para o banheiro, pois precisava domar meus cachos e isso levaria tempo. Alê ficou de me buscar às sete horas e não tinha conseguido arrancar dele nenhuma dica de aonde iríamos.

Já passava das seis horas e eu estava terminando de me arrumar, meu telefone soou e eu corri para ver, pensando que fosse o Alexandre, mas era o Nando. Mandou uma mensagem informando que não dormiria em casa e que essa seria uma noite propícia para trazer o Lobo Mau para a minha cama. Será que já estava na hora de deixar minhas regras para trás? Balancei a cabeça, não queria

pensar naquilo. Precisava ir com calma. Felipe ainda estava em minha cabeça e em meu coração, eu levaria um tempo para me acostumar com outro em seu lugar.

No cantinho da tela um sinal avisava outra mensagem, devia estar no banheiro quando chegou.

Fique longe. Vou mostrar que você não é a santa que o Alê imagina.

Não tinha remetente e nem precisava. Eu sabia que Lana estava aprontando alguma. Ela não largaria o osso assim tão fácil. Não poderia culpá-la, Alê era um cara por quem valia a pena lutar. Além de ser o melhor de todos na cama, era um profissional inquestionável e possuía um coração de ouro. Mas agora ela iria ter que se conformar, pois eu também estava disposta a lutar por ele.

— Meu! — Mostrei a língua para o celular. Sei que foi meio infantil, mas foda-se. Eu estava mais que feliz.

Acabei de me arrumar e assim que me olhei por inteiro no espelho, não me reconheci. Eu estava tão... tão... menina. Nunca o apelido que Alê me deu caiu tão bem. O vestido parecia feito sob medida, e ficou perfeito. Meu cabelo estava todo cacheado e eu tinha levantado algumas mexas do lado direito e prendido com a flor. Minha maquiagem era bem leve para combinar com o estilo elegante do resto. Calcei a sapatilha e finalizei com meu perfume preferido.

O tempo que o elevador demorou até chegar ao térreo me deixou ansiosa. As portas se abriram e eu estava dentro de uma cena de filme. Alê estava de costas, com um ombro apoiado na parede. Assim que escutou as portas abrirem, ele se virou lentamente. Naquele momento eu morreria feliz. Perfeição era a palavra que o definia. Ele vestia uma bermuda cargo cinza e uma camiseta polo, tão azul como os seus olhos, e um

sapatênis. Estava com as mãos nos bolsos e sorria em minha direção. Fiquei parada por alguns segundos, tentando capturar na memória aquela cena.

— Minha menina. — Ele apontou com a mão direita em minha direção. Sua voz era como um canto, eu não resisti a ela e caminhei para o Deus que me chamava.

— Você está lindo — disse quando minha boca se separou da dele após um beijo suave. — Totalmente comestível — soei maliciosa. Esse homem precisava saber o efeito que exercia sobre mim.

— Você que está perfeita. — Ele beijou meus lábios novamente. — Perfeita para mim — completou. — Vamos? — disse me puxando para a saída.

— Claro. Mas para onde? — tentei mais uma vez descobrir alguma pista, embora soubesse que era perda de tempo.

— A curiosidade matou o gato. — Alê estava alegre, como nunca o vi antes. E eu, ao enlaçar meus dedos aos dele, me senti... completa. Como não me sentia desde... Balancei a cabeça, não podia pensar em Felipe.

Dentro do carro, ouvimos Paralamas do Sucesso e eu viajei nas palavras de *Aonde quer que eu vá*.

*Não sei bem certo
Se é só ilusão
Se é você já perto
Se é intuição.*

De repente, um medo enorme me invadiu, mas logo eu senti a mão do Alê na minha e o calor que emanava dela me acalmou.

— É real, minha menina, acredite. — Sua voz me confortava, e eu me agarrei naquela promessa, repetindo em meus pensamentos “é real”.

Após quarenta minutos de trânsito, Alê estacionou a caminhonete e fez questão de abrir a porta para que eu descesse.

— Preparada? — ele perguntou olhando em meus olhos. — Você irá se divertir muito. — Alexandre disse com convicção e eu nunca poderia duvidar do que ele falava. Acho que esse era o poder de persuasão que ele usava no tribunal.

A placa da entrada dizia:

Bem-vindos ao Cheiro & Flor — Feira Nordestina

Meu coração disparou e eu me agarrei ainda mais em Alexandre, deixando nossos braços colados. Olhei em seu rosto e pude ver o amor que ele sentia por mim em seus olhos, talvez eles também refletissem o meu amor. Começamos a caminhar e eu fiquei fascinada por tudo que via, fazendo Alê parar em todas as barracas para conversar com

seus donos e os artistas ali presentes. Fiquei impressionada com tantas pessoas vivendo fora do seu estado, longe das suas famílias, suas origens. A alegria com que elas recebiam os visitantes e apresentavam um pouquinho do estado que haviam deixado para trás me contagiou. Um clássico da música nordestina — *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga — ecoava por toda a feira e eu não pude deixar de apreciar aquela letra que mais parecia um poema.

*Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chores, não, viu?
Que eu voltarei, viu?
Meu coração.*

Após uma hora andando, conhecemos praticamente toda a feira. Comprei um quadro lindíssimo, pintado por um artista cearense. Todas as suas telas eram alegres e

quando eu lhe perguntei o porquê dessa inspiração, ele me disse algo que me tocou profundamente.

— A alegria está aqui dentro. — Ele apontou para o próprio coração. — Não se deixa de viver enquanto o coração não para de bater. — Apertei a mão do Alê e ele sorriu para mim carinhoso. — E eu estou vivo. Isso basta para ser feliz. Isso deve bastar para vocês serem felizes.

Contive minha vontade de chorar. Agradecemos a ele e partimos para o último local ainda não visitado. Alê disse que era mais uma surpresa e minha ansiedade só aumentava. Estava a ponto de ter um ataque cardíaco. O lugar ficava um pouco afastado do restante da feira e quando nos aproximamos, eu pude notar que se tratava de um restaurante. Na entrada fomos recebidos por uma bela garota, seus olhos passearam um pouco mais demorado pelo meu homem,

mas logo desviaram para mim. Não podia culpá-la. Ele estava delicioso.

— Primeira vez? — ela perguntou sorridente. Seu vestido era quase igual ao meu e eu gostei da semelhança. Alexandre assentiu e ela entregou duas fitas vermelhas. A do Alexandre foi amarrada em seu pulso e a minha foi presa à flor do meu cabelo. Não entendi o porquê do destaque. Mas, não reclamei, a noite estava perfeita. O local estava a meia-luz, imitações de balões se estendiam ao longo do restaurante. As mesas eram simples, mas tudo aconchegante. Um vaso com girassóis enfeitava o centro de todas elas. Um palco ficava a poucos metros de onde havíamos sentado. Na frente dele, um espaço vazio que provavelmente seria usado para dançar.

Alexandre escolheu nossas bebidas e depois me surpreendeu me chamando para dançar.

— Quer dançar? — ele perguntou estendendo sua mão direita. Fiquei atônita, acho que se ele me dissesse que um disco voador pousaria em nossa frente em poucos minutos eu ficaria menos surpresa. Nunca, em toda a minha existência, imaginaria Alexandre dançando forró.

— Desde quando você dança forró? — perguntei curiosa, e ele me puxou da cadeira.

— Você não conhece metade dos meus talentos, minha menina — respondeu com uma pitada de desafio. Ok. Se ele queria dançar, quem sou eu para dizer “não” a esse homem. Quando já estávamos na pista de dança, Alê me puxou para perto do seu corpo e começou a se movimentar. Dois passos para cada lado e eu tentei acompanhá-lo.

— É só você me seguir — ele disse roçando o nariz em minha orelha e eu estremeci. Droga de corpo traidor, aqui não.

Fiz o que ele pediu, Alê se movimentava conforme a música e cantava a letra de *Colo de menina*, do Rastapé, pertinho do meu ouvido. E eu me arrepiei com cada palavra dita.

*E tento sair dessa rotina
Não quero, não, colo de mamãe
Só quero colo de menina
E pouco a pouco conquistar seu coração.*

E quando eu achei que mais nada me surpreenderia, todos os casais que estavam em nossa volta pararam de dançar e fizeram um círculo em torno de nós. Fiquei surpresa. Olhei para Alê sem entender nada, ele deu de ombros e mostrou a fitinha em seu pulso. Enquanto me rodopiava pelo salão, eu percebi que ninguém mais usava aquelas fitas, então eu entendi o motivo da identificação. Aconcheguei-me nos braços daquele homem

tão poderoso que agora me tinha completamente e deixei que ele me guiasse ao som de *Versos sinceros*, do Rastapé.

*Sinto o macio doce dos teus beijos
e a rosa vermelha que ainda vejo, se abrir
tão bela em flor
só pra te ver sorrir
Seu jeito tão menina de contar seus medos
e o mundo que gira enquanto escrevo versos
sinceros sem você
vou sem ter hora, é hora de partir.*

Nada poderia ser tão certo naquele momento. Eu nos braços do Alexandre.

Quando a segunda música terminou, as pessoas à nossa volta bateram palmas e, depois de muito tempo, eu senti meu rosto esquentar pela vergonha.

— Você fica tão linda quando cora. — Sua voz me dava arrepios e seus dedos acariciavam meu rosto.

— Eu te amo — disse sem pensar e ele me beijou.

— Também te amo, minha menina.

O restante da noite foi igualmente perfeito. Jantamos uma comida típica deliciosa e conversamos muito. Alê disse que aguardaria o tempo que fosse preciso para que eu me abrisse. Diego havia guardado meu segredo, então Alê não sabia da minha história. Precisava criar coragem para lhe contar. Mas ainda sentia medo de abrir o meu passado e me machucar. Não conseguiria sofrer outra separação, outra perda.

— Me leva para minha casa. — Senti Alê se decepcionar, seu olhar mudou completamente. Ele sabia que se eu queria ir para minha casa, não dormiríamos juntos. Apesar de sua nítida frustração, ele não me questionou. Provavelmente querendo me dar um tempo do qual eu não precisava. Desde nossa dança na feira, as palavras de Nando

martelavam na minha cabeça e eu decidi dar o próximo passo.

— Posso te ver amanhã? — ele disse com uma voz triste. Alê parecia um menino que teve o brinquedo negado. Resolvi torturá-lo um pouco mais.

— Claro. Mas, por favor, só me acorde antes das nove se for para fazer amor no café da manhã. — Ele me olhou confuso. Homens podem ser tão burros.

Nos beijamos descontroladamente, com urgência, minhas mãos subiram para o seu rosto e de forma inesperada eu parei o movimento e olhei em seus olhos.

— Dorme aqui comigo? — perguntei ofegante.

— É tudo o que eu mais quero na vida.

Ferraz

Estava sentado em uma poltrona ao lado da cama, olhava para minha menina dormindo. Minha cabeça estava uma bagunça, ao mesmo tempo em que estava aliviado eu também estava com medo. Não acreditei quando Clara me convidou para dormir com ela. Essa foi uma das melhores surpresas que recebi. Não pensei que ela quebraria essa regra tão rápido, mas esqueci que com ela minha vida era uma caixinha de surpresas. Olhei novamente para a cama e a visão dela depois de transarmos me deixava sem fôlego. Estava nua e seu cabelo espalhado, de costas para mim. Clara abraçava o travesseiro com o qual um pouco antes eu tentava dormir. Tentava sem conseguir, já que o sono não estava sendo meu companheiro ultimamente.

Foi uma semana difícil, não conseguia acreditar que Clara havia me rejeitado. Não

podia aceitar que seria o fim. O simples fato de imaginar que ficaria sem ela me deixou louco, mal-humorado e insuportável. Nem eu estava conseguindo me aguentar. Passei todas as noites bebendo. Bebia para esquecer, bebia para lembrar e bebia para anestesiar a dor que sentia. Uma dor descomunal, que me fazia lembrar que o amor às vezes é uma merda. Mas então Diego resolveu aparecer, não sei o que meu irmão fez, mas sei que ele falou com ela.

Sacudi a cabeça tentando esquecer o que eu passei. Depois de hoje tenho certeza de que tudo vai mudar. Sorri ao lembrar a expressão de alegria da minha menina quando chegamos à feira. Ela estava tão linda. Minha vontade foi de trancá-la em um quarto, para que somente eu pudesse apreciar sua beleza. Isso soava meio assustador, mas nada do que eu sentia por Clara fazia sentido. Tudo era muito louco, intenso. Fizemos amor de

várias maneiras, e cada vez que eu sentia o gosto dela, eu sabia que ela tinha sido feita para mim. Nosso encaixe era perfeito, nossos corpos se completavam. Nada no mundo era tão certo quanto nós dois.

Clara se mexeu na cama e o lençol que cobria seu corpo escorregou, deixando suas costas totalmente à mostra. O quarto estava iluminado somente por um abajur. Mas eu enxergava claramente as letras de sua tatuagem. Imediatamente minha mente viajou para o dia do show. Tinha tido pesadelos com a voz daquele cantor de merda dedicando a música para ela. Filho da puta! Ainda não conseguia acreditar que ele a tocou. Minha vontade era de matar o desgraçado.

Coloquei as mãos no rosto em forma de concha e fechei os olhos, tentando dissipar aqueles sentimentos.

— Minha — disse baixinho, somente para constatar que não deixaria o idiota tirá-la de mim.

Clara se mexeu novamente e eu olhei em sua direção. Ela passava a mão pela cama e logo percebeu que eu não estava. Se levantou rapidamente, ficando de joelhos e me procurando pelo quarto. Seu corpo girou, ela me encontrou sentado em sua frente e eu me delicieei com a visão mais linda da minha vida. Poderia morrer naquele momento, pois a certeza de que morreria feliz era um fato inquestionável. Linda. Nua. Minha. Seus cabelos estavam bagunçados, e seus olhos ainda se adaptando à escuridão me fitavam. Totalmente desprovida de pudor, ela não cobriu seu corpo, pelo contrário, sorriu ao perceber que eu encarava seus seios perfeitos. Meu pau começou a endurecer. Era inacreditável como eu precisava daquela mulher. Até seu cheiro me deixava excitado.

— Gosta de algo, dr. Ferraz? — Sua cara de safada, junto com sua voz sexy chamando meu nome, era uma combinação explosiva. Seus olhos desceram para onde minha mão estava, comecei a acariciar o meu pau ao mesmo tempo em que Clara passava a mão pelo seu corpo.

— Você é tão gostosa. Não consigo me afastar de você. — Clara mordeu o lábio e com o dedo indicador fez um movimento para que eu me aproximasse. Levantei e andei em sua direção, assim como um inseto atraído pela luz.

— Me assustei quando não vi você na cama — ela disse, passando suas mãos pelo meu tórax. Minha ereção roçava a sua barriga e eu já estava pronto para possuí-la novamente. Clara desceu um pouco as mãos tocando meu pau.

O tesão tomava conta de mim, e eu joguei a cabeça para trás com os olhos fechados,

apreciando o prazer que aquelas mãos proporcionavam. Seu toque era lento, quase insuportável. Clara começou a acariciar meu pau desde a base até a ponta, que já estava totalmente molhada.

— Eu preciso — disse, fazendo movimentos com o quadril, como se estivesse me enfiando dentro dela.

— Precisa do quê, dr. Ferraz? — Clara sussurrou me provocando. Eu sabia que ela estava controlando aquele momento, mas minha vontade de invadi-la tomava conta de mim. Abri os olhos e antes que pudesse fazer qualquer movimento, Clara se agachou e colocou a boca em mim. Levei as mãos à cabeça segurando meus cabelos, enquanto a boca maravilhosa da minha menina me sugava.

— Oh, meu Deus! — Aquilo era demais para eu suportar. Clara sempre me olhava, e os gemidos que fazia, a cada vez que meu

pau entrava o máximo que podia em sua garganta, me deixavam descontrolado. Eu queria tudo. Segurei sua cabeça e a base do meu pau.

— Olha para mim — ordenei. Acaricie seu rosto e antes que ela pudesse reagir eu apertei sua cabeça em minha direção e segurei meu pau totalmente dentro de sua boca. Sabia que não poderia demorar, era muito grande para que ela conseguisse me aguentar todo dentro. Alguns segundos depois eu me afastei um pouco, deixando Clara respirar. Ela estava ofegante e lágrimas desciam dos seus olhos. Mas ela me olhou ainda com mais desejo.

— Quer mais? — perguntei com uma voz de comando. Ela olhou em minha direção, lambeu os lábios, mas não me respondeu.

— Responda — disse e levantei seu queixo para que ela olhasse para mim.

— Sim — ela me disse quase sem fôlego. Assim que ela assentiu eu repeti o movimento. Segurei sua cabeça e me enterrei bem fundo em sua boca. Clara tentou se afastar, mas eu a segurei por mais alguns segundos. Eu sabia o que estava fazendo, nunca a machucaria.

— Quero você. Agora — ela disse, no momento em que me afastei. Também já estava no meu limite.

— Deite-se de lado, eu fodi sua boca e agora eu vou comer sua boceta doce. — Clara gemeu com minhas palavras. De forma sensual fez o que eu tinha mandado. Deitou na cama e ficou de costas para mim.

— Porra! — Ela virou o traseiro em minha direção, e eu senti uma louca vontade de comer o seu rabo.

— Querida, quero foder o seu traseiro. — Minha voz era pura excitação. Deitei na cama ao seu lado e aguardei uma resposta.

Clara não emitia nenhum som, e aquilo me deixou um pouco apreensivo. Não havíamos conversado sobre a noite em que fizemos sexo anal. Será que ela gostou? — Minha menina — disse, me encostando nela e acariciando o seu cabelo —, qualquer coisa que você não sinta vontade de fazer, me fala. Eu quero o seu prazer. Nunca vou te obrigar a nada.

Clara virou o pescoço me olhando e eu beijei aquela boca maravilhosa. Seus lábios eram tão macios que poderia passar a noite toda me perdendo neles.

— Eu sou sua — ela disse com a boca colada à minha. — Meu corpo é seu. Pegue o que quiser. — Fiquei louco. Aquela afirmação me tirou dos trilhos. Deixei Clara no lugar em que estava e escorreguei para a beira da cama. Com ela na mesma posição, de lado, eu levantei uma de suas pernas e comecei chupar sua boceta. Não conseguia ser gentil,

a urgência de pegar o que era meu me fazia tremer.

— Porra, Alê, eu estou quase gozando. — Sua voz era pura luxúria. Era isso mesmo que eu queria, quanto mais a excitava, mais fácil seria tomá-la por trás. Quando percebi sua boceta se contraindo, eu me afastei. Passei os dedos na sua boceta e depois em seu rabinho para deixá-lo lubrificado. Brinquei um pouco naquela entrada e Clara começou a se contorcer pelo prazer que sentia. Me encaixei nela novamente e levantei uma de suas pernas, segurando-a no ar. Lentamente eu comecei a penetrá-la. A sensação de me afundar naquela bunda maravilhosa era indescritível. Era tão apertado que eu me contive para não gozar rápido.

— Você é tão grande, me preenche por inteiro. — Aquela afirmação era o sonho de todo homem. Já estava metade dentro dela, e

minha menina começou a rebolar, deixando o meu autocontrole ainda mais difícil.

— Clara, eu não vou durar muito se você continuar fazendo isso — disse baixinho em seu ouvido. Uma das minhas mãos acariciava seu seio, e eu senti o arrepio em sua pele.

— Não quero que dure, quero que me foda. — A última palavra nem havia saído de sua boca e em um único golpe eu a penetrei completamente. Clara soltou um grito, mas eu não dei tempo para que ela pensasse no desconforto.

— Assim, minha menina? — perguntei, enquanto meu pau entrava e saía em um ritmo frenético da sua bunda deliciosa. Clara não me respondia e seus gemidos incoerentes eram como combustível para os meus movimentos.

— Linda. — Abrandei um pouco os movimentos. A mão que acariciava o seio percorreu o seu corpo até chegar ao seu pescoço.

Virei Clara e olhei em seus olhos, meus quadris se movimentavam de maneira uniforme, mas muito lenta.

— Amo você — ela disse e tomou minha boca em um beijo apaixonado. Ainda não estava acostumado com aquelas palavras, e toda vez que Clara as pronunciava, eu sentia meu sangue ferver. Era a frase que eu mais queria ouvir, mas também era a que mais me causava medo. Não suportaria perdê-la novamente.

Aumentei o ritmo e comecei a fodê-la forte, enquanto olhava em seus olhos.

— Minha! — precisava repetir aquela palavra a cada segundo.

Já estava explodindo. Alcancei o clitóris da Clara e seu tesão aumentou.

— Meu! — Aquilo já estava virando uma conversa pronta, e eu sabia que ela estava alcançando o clímax. Seus olhos brilhavam ainda mais, e seu corpo ficou tenso. — Alê...

Alê... — clamava meu nome enquanto gozava. Era delicioso tê-la à minha disposição.

— Goza pra mim, minha menina. — Minha voz foi um comando, pois assim que terminei de dizer, eu senti Clara gozar com minha mão em sua boceta e meu pau em sua bunda.

— Todo seu... Todo seu — disse assim que minha porra invadiu seu corpo. Entrei mais fundo enquanto meu pau estremecia. Clara ainda me encarava e eu beijei sua boca de forma carinhosa. — Não me deixe novamente — implorei soando quase desesperado.

Clara ficou em silêncio por alguns segundos.

— Nunca mais — ela prometeu antes que eu começasse a entrar em desespero.

Soltei a respiração, não percebi que havia prendido. Precisava acreditar naquela

promessa, mas algo me dizia que não seria tão fácil assim.

Clara adormeceu em meus braços. O calor que emanava de seu corpo colado ao meu me fazia sentir que aquilo tudo era real, ela realmente estava ao meu lado, em sua cama e fazendo parte da minha vida. Meu sonho estava se realizando, o sonho de ser um homem completo. Clara me fazia sentir inteiro e eu faria de tudo para não perder essa parte da minha vida. Ela se mexeu e seu rosto descansou em meu peito, passei um braço pelo seu corpo, puxando-o para mais perto de mim. O aroma que ela exalava fazia com que todas as lembranças desde o dia em que ela chegou ao escritório até hoje viessem à tona. Clara era como um botão que ligava e desligava minha vida.

Estava apaixonado e eu reconhecia que minha vida não fazia mais sentido sem ela. Um corpo não poderia viver sem coração, e

Clara tinha arrancado o meu do peito e o carregava com ela. Isso me deixava em pânico, pois a qualquer momento ela poderia esmagá-lo. Fechei os olhos com força e respirei fundo. Meu relacionamento com a Clara era um jogo... E eu estava terrivelmente inclinado a ser o perdedor.

— Minha menina! — murmurei antes de pegar no sono.

Acordei e olhei o relógio, ele ainda marcava oito horas. Ao meu lado estava a visão do céu. Poderia me acostumar com ela acordando ao meu lado todos os dias. Tirei o cabelo que caía pelo seu rosto e beijei sua testa. Clara se moveu como uma gatinha manhosa.

— Não quero acordar — ela ronronou. Ri da sua preguiça matinal e fiz um carinho em seu rosto. Clara abriu os olhos e eu me

delíciei com a doçura que eles transmitiam. Ela tinha dificuldade em expressar seus sentimentos, mas todas as vezes que me olhava, eu conseguia decifrar o que ela estava sentindo. Raiva, tristeza, decepção, carinho, desejo, ciúme... Tudo que ela sentia eu podia ver através de seus olhos. Levantei devagar para não despertá-la novamente e caminhei até o banheiro. Clara precisava descansar e se eu ficasse na cama, ela acabaria sendo o meu café da manhã.

Olhei em volta do banheiro e sorri. Apesar daquela pose de durona, existia uma menina que pendurava sapos por todo o banheiro. Escolhi um dos seus sabonetes e comecei a me lavar. O cheiro era delicioso. Com a água caindo sobre mim, eu comecei a fazer uma retrospectiva em minha vida. Encostei a testa no azulejo frio e fiquei por alguns segundos sentindo a água lavar as minhas costas.

Antes de virar para sair, eu senti o corpo dela colar ao meu. Suas mãos passavam por minhas costas, e logo começaram a fazer seu caminho na minha barriga. Seu toque era macio e eu não reprimi o gemido que se formou em minha garganta.

— Eu amo você — ela disse com uma voz baixa e sensual, podia sentir seus seios tocando minha pele e imediatamente meu pau ficou duro para ela.

Não podia evitar. Clara era como uma droga. E eu? Um viciado sem cura!

— Por quê? — questionei. Clara havia começado a dizer que me amava, mas eu ainda sentia receio. Com tudo o que estava acontecendo entre nós, seu passado ainda era uma incógnita para mim.

— Porque você me faz sentir viva. — Suas mãos ainda acariciavam meu peito e ela começou a distribuir beijos pelo meu ombro. — Porque a cada vez que você respira, meu

coração bate mais forte. Você é o único que conseguiu... — ela fez uma pausa e suspirou fundo — quebrar as barreiras e entrar.

Em um movimento brusco, eu virei e encarei seus olhos que estavam me olhando profundamente. Achei que ela recuaria, mas para minha surpresa Clara continuou.

— Eu te amo... porque antes de você, eu era somente um corpo vagando sobre a terra. E a cada dia que passo em sua presença, sinto um pedaço da minha alma voltar a existir.

Eu ainda estava parado, absorvendo aquelas palavras. Clara levantou a mão tocando o meu rosto.

— Eu te amo... porque depois de muito tempo minha vida voltou a ter sentido, voltou a ter sentido com você.

Fechei os olhos, sentindo as emoções tomarem conta de mim. Ela começou a beijar meu peito e a sensação de sua pele molhada

contra a minha deixava aquilo tudo ainda mais excitante e intenso.

— Eu te amo... porque é você, Alê. — Depois daquelas palavras, suas mãos seguraram minha cabeça me puxando em direção à boca, sua língua pediu passagem assim que tocou meus lábios. Eu não resisti, liberei para que ela me possuísse. Nos beijamos apaixonadamente. Um beijo cheio de promessas. Promessas que eu não sabia se seriam cumpridas. Sem interromper o beijo, desliguei o chuveiro e peguei Clara em meus braços. Andei em direção à cama e não me importei com mais nada. Não queria saber se Nando estava em casa, se estávamos molhando o chão ou se iríamos encharcar a cama. Tudo que eu queria estava em meus braços. E era meu.

— Minha! — disse, esperando ela me responder de volta.

— Meu. — Fechei os olhos e senti aquela palavra. Uma única palavra que fazia meu corpo arrepiar.

Minha menina me beijou novamente e, apesar de tudo, eu estava adorando suas demonstrações de afeto. Clara era sempre tão fechada que eu ainda duvidava se realmente algum dia eu iria desvendá-la. Segurei meu pau e introduzi lentamente em sua boceta. Nunca deixei de olhá-la.

— Faz amor comigo? — Era a primeira vez que ela me pedia com aquelas palavras.

Comecei a entrar e sair de uma forma muita lenta, tão lenta como jamais havíamos feito. Queria dizer através daqueles movimentos o quanto minha menina era importante. Beijeí seu pescoço, e Clara começou a repetir meu nome sem parar. Minha boca trilhou o caminho até um dos seus seios e ela arqueou um pouco as costas para que eu pudesse abocanhá-lo por inteiro. Comecei a

fazer movimentos leves e constantes. A lentidão estava nos matando, fazendo com que eu esquecesse o resto do mundo, nem havia notado que a música preferida dela tocava no quarto.

Seize the Day mais uma vez estava presente e Clara notou a confusão que se passava em meus olhos.

— Na praia, você disse que queria tudo: passado, presente e futuro. — Sua respiração saía entrecortada devido aos meus movimentos. Uma lágrima solitária desceu pelo seu rosto e Clara começou a chorar. — Quero formar novas lembranças.

Realizei o que ela pediu. Fizemos amor como nunca antes. Praticamente idolatrei Clara e o seu corpo. Seus olhos ainda banhados de lágrimas me faziam perder a noção do tempo. Não foi urgente; foi paciente. Não foi forte; foi suave. Não foi duro; foi com amor. Clara gozou gritando que era minha e eu

chamei seu nome quando alcancei minha libertação.

Aquela manhã eu comecei a acreditar que ainda havia esperanças.

23



Clara

— Não quero mais essa cor, e vamos alterar o modelo. — Priscila disse para a costureira e eu olhei nervosa em sua direção.

A coitada da moça começou a ficar em pânico e eu desci do pedestal que estava e caminhei até Priscila. Fazia três meses que ela havia voltado para o Brasil. Após Juan, seu noivo, brigar com metade da sua própria família, eles finalmente iriam se casar. Não parece que havia passado tanto tempo, meus dias eram totalmente preenchidos por Alexandre. Sua presença era constante e ele nunca me deixava sozinha. Aquele zelo todo estava me deixando com uma pulga atrás da orelha. Talvez sua marcação cerrada fosse por causa do ciúme que ele sentia de Dereck. Mas não tive tempo de ter essa conversa com ele, já que estava totalmente focada em ajudar Prí nos preparativos do casamento

que aconteceria em uma semana. Sim! Uma semana e a louca da Priscila queria mudar o meu vestido.

— Prí, minha flor, faltam apenas sete dias para a cerimônia — tentei soar convincente. Não sabia o que estava acontecendo com ela. Andava muito nervosa, e eu presumi que seria por causa da família do Juan que não estava aceitando ele casar com uma brasileira.

— Você esqueceu que eu sou Priscila Ferraz e quase uma Mattarazzo? Ou você não se lembra de como um *Dior* foi parar em uma praia, a quilômetros e quilômetros da capital? — ela disse me desafiando a pensar.

Sorri ao lembrar o dia em que ela me contou toda a história do vestido. Priscila usou toda a influência do noivo no ramo de hotelaria até conseguir achar um helicóptero que fizesse a linha entre o hotel que eu estava e a cidade. Assim que conseguiu, ela me mandou entregar aquele Dior perfeito que

tinha comprado em uma viagem para a Espanha.

— Senta aqui, minha amiga. — Puxei ela pelo braço e a fiz sentar em um pufe que estava perto de nós. Ela estava linda e, antes de surtar, irradiava alegria por onde passava. Mas eu a conhecia e algo perturbava ela. — O que está acontecendo? — perguntei enquanto segurava sua mão.

Priscila apoiou a cabeça em meu ombro e lágrimas começaram a cair pela parte da minha pele que estava descoberta pelo decote do vestido.

— O que foi? — tentei não soar muito curiosa, afinal eu estava ali e apesar da preocupação, senti que era algo que ela não queria compartilhar.

— Nada, é que eu ando tendo muitas variações de humor ultimamente — ela disse se levantando e secando as lágrimas com as mangas da camiseta. Prí estava vestida com

um jeans boyfriend e uma camisa um pouco mais larga do que de costume. Olhei para ela como se nunca tivesse visto Priscila na vida. Especificamente estava encarando sua barriga. Não podia ser. Será que ela estaria...? Não...

— Sim — ela respondeu um pouco alterada. Demorei alguns segundos até absorver as palavras que ela havia dito. — Estou grávida e com muito medo — completou.

Puxei ela para um abraço e seus olhos se encheram de lágrimas novamente. Não imaginava que o que a incomodava fosse uma gravidez. Priscila devia estar em um turbilhão de emoções, ainda mais com a chegada do casamento. Fiquei com medo de Juan não ter recebido a notícia muito bem, mas Priscila explicou que era o contrário, o sonho do Juan era ter muitos filhos e minha amiga não estava preparada para isso.

— Clarinha, a mãe dele teve oito filhos. —
Levantou os dedos indicando a quantidade.
— OITO!

Não sei de onde surgiu, mas agora ela estava com um lenço na mão. Priscila o levou até os olhos e secou as lágrimas.

— Ficaremos com esse vestido — ela falou sorrindo para a vendedora e apontando para o tomara que caia que eu usava. Meu queixo caiu no chão, e todos na loja estavam com a mesma expressão que a minha. Uma expressão de QUE PORRA ACONTECEU?

— Perdi alguma coisa? — perguntei confusa.

— Só precisava desabafar — ela disse me dando um abraço. Eu nem levantei os braços, pois estava sem reação. — Você é uma ótima conselheira. — Sua voz baixa e meiga não se parecia nem um pouco com o furacão que a estava possuindo há alguns minutos.

— Parabéns pelo bebê — disse, mas por dentro minha vontade foi de dizer “coitado do Juan”. Prí seria uma montanha-russa durante a gravidez.

— Alê já sabe? — fiquei curiosa, pois ele não havia comentado nada.

Ela andou em direção ao caixa e assim que saímos da loja começou a me explicar.

— Além do Juan, só você sabe. — Ela estava bem mais calma. — Vou contar só depois do casamento.

Saímos da loja e caminhamos até uma praça. Ela sentiu vontade de comer cachorro-quente da carrocinha, e eu, sem querer presenciar novamente um ataque de fúria, fiz o que ela queria.

— E você e meu irmão? — ela disse enquanto mordida uma salsicha.

Estávamos sentadas em um banco, embaixo de uma árvore e sem querer minha mente voltou para o dia em que Diego me

achou no cemitério. Foi uma das conversas mais difíceis da minha vida, e apesar dele ainda guardar meu passado, eu estava me preparando mentalmente para contar tudo ao Alexandre. Faria logo após o casamento. Não que aquilo fosse importante para ele, acredito que ele diria o mesmo que todos, que a culpa não foi minha, que Felipe sabia o que estava fazendo, que tenho que viver minha vida e deixar o passado. Eu sabia que existia um pouco de verdade em tudo isso, mas minha mente fazia questão de me lembrar de que estar com Ferraz era trair Felipe e era isso que me acovardava.

— Clara? — Priscila disse meu nome me tirando dos meus pensamentos. — Se não quiser responder, tudo bem — ela continuou.

— Eu disse que o amo — soltei as palavras junto com um longo suspiro.

Priscila abriu um sorriso e me abraçou sem jeito, ainda segurando o cachorro-quente em sua mão.

— Você não sabe a alegria que eu sinto em ouvir isso — ela disse de uma forma não muito discreta, pois o dono da carrocinha sorriu para nós. Ok! Hoje era dia de chamar a atenção de todos.

— Eu ainda não contei sobre o Felipe — emendei para tentar esfriar um pouco sua animação.

O sorriso que ela trazia no rosto diminuiu, mas ela deu de ombros como se aquilo não importasse. O vento no parque começou a ficar um pouco mais forte, e eu inclinei minha cabeça para trás para aproveitar aquele frescor que sempre vinha com o fim da tarde. Priscila continuou comendo o cachorro-quente, o que não a impediu de falar.

— O importante é que vocês estão juntos — disse carinhosa. — A hora de você se abrir chegará.

Não respondi, apenas assenti com a cabeça, pois apesar de tudo ela estava certa. Precisava desistir do passado para ganhar o presente. Mas como eu poderia desistir de alguém que me deu sua própria vida?

Ferraz

Há tempos eu não me sentia tão feliz. Meu relacionamento com Clara estava cada vez mais sólido. Óbvio que seu passado ainda pairava no ar, me atormentando às vezes. Mas as provas que recebi do seu amor por mim estavam sendo suficientes até o momento.

Não iria pressioná-la, sei que declarar seus sentimentos não tinha sido fácil para ela. Me lembro de cada detalhe do dia em que ela me deu motivos para acreditar em seu amor.

Três meses se passaram e a lembrança da minha menina embaixo do chuveiro abrindo seu coração ainda me deixava que nem um bobo, sorrindo para as paredes. Ela me avisou que suas horas de estágio complementares haviam sido suficientes, já que os dois congressos que ela participou, o primeiro

comigo e o segundo alguns dias atrás com o Diego, agregaram horas suficientes para a finalização do seu curso. Então ela não era mais formalmente minha estagiária. Porém a sua vontade de aprender e de ficar perto de mim — o que ela negava com veemência — fizeram com que ela continuasse no escritório.

Foi um sacrifício deixar Clara viajar com Diego, mas eu confiava tanto na minha menina quanto no meu irmão. Após perceber que eu era loucamente apaixonado por ela, Diego não só recuou como fez com que minha menina voltasse atrás de seu ataque de loucura quando me deixou. Eu tinha consciência de que ele guardava o segredo dela, mas se tem uma coisa que Diego sabe é ser leal. Ele e Clara estavam muito próximos, ela disse que o considerava como um irmão que nunca teve.

Diego reatou seu relacionamento com a Marcela, mas já de cara Clara disse que não havia gostado da garota. Sexto sentido feminino, segundo ela.

Vai entender as mulheres. E falando nelas, sem que Clara soubesse, eu tive uma conversa definitiva com Lana.

Suas mensagens começaram a se tornar constantes, inclusive com insinuações sobre a fidelidade da minha menina. Resolvi não responder suas chantagens, mas assim que descobri que Clara também estava recebendo ofensas vindas dela, eu me descontrolei. Procurei Lana e pedi que se afastasse de vez da minha vida. Ela não se conformou e acabou fazendo um escândalo no restaurante em que estávamos. Isso me deixou surpreso, ela sempre procurou preservar ao máximo sua reputação e aquele descontrole todo só me fez perceber que ela poderia estar

desequilibrada de verdade. Mas aquilo não era assunto meu.

Havia acabado de sair de uma audiência, estava muito cansado. O caso era extremamente complexo, além de incluir algo que me tirava o profissionalismo que eu sempre cultivava: abuso infantil.

Minha vontade era de ir direto para casa, sabia que Clara estaria me esperando e aquilo me fez sorrir. Ela não foi trabalhar, estava com minha irmã cuidando dos preparativos para o casamento. As duas estavam eufóricas e toda vez que se encontravam, eu imaginava o dia em que Clara planejaria o nosso casamento. Sei que era cedo demais para pensar nisso, mas essa ideia surgia em minha cabeça constantemente.

Já era noite e ninguém mais estava no escritório. Entrei em minha sala e peguei o documento de que necessitaria no dia seguinte pela manhã. De volta à garagem, eu

notei que havia um papel preso no para-brisa da minha caminhonete. Arranquei-o de forma brusca.

— Odeio propagandas. — Minha voz saiu um pouco mais forte do que de costume, pois realmente estava cansado. Entrei no meu carro e coloquei o panfleto no banco do passageiro para descartá-lo assim que encontrasse uma lixeira.

Cheguei em casa e quando entrei eu virei uma estátua de pé na porta. De onde estava, podia ver minha menina dormindo no sofá, com um livro aberto sobre sua barriga. *Paciência*, do Lenine, tocava pelo apartamento e eu caminhei até ela. Clara estava linda, vestida com minha camiseta, meias nos pés e sem nenhuma maquiagem, ela ainda era a visão mais perfeita do universo. Coloquei minha pasta no chão e os documentos sobre a mesa de centro. Agachei próximo ao sofá e peguei Clara em meus braços, mesmo não

sendo uma mulher pequena, o seu peso não me impedia de carregá-la até o quarto. Ela se mexeu e seus braços foram para o meu pescoço, sua voz sonolenta me causava arrepios e minha vontade foi de amá-la mais uma vez. Nunca me saciaria dela.

— Não consegui te esperar — ela sussurrou.

Tinha avisado que o júri se arrastaria pela noite e que era para ela ir para o meu apartamento. Nos últimos meses fiz o possível para mantê-la segura de qualquer coisa. As ameaças não voltaram a acontecer e a investigação da polícia não deu em nada, nem uma pista do desgraçado que havia feito aquilo, por isso todo cuidado era pouco.

Coloquei Clara sobre minha cama e ela se virou para o lado deitando sobre a barriga e abraçando o meu travesseiro. Com o movimento que ela fez, a camiseta que cobria o seu corpo subiu até sua cintura, deixando a

visão de sua bunda maravilhosa em um fio dental à minha disposição. Imediatamente meu corpo reagiu àquela cena, mas estava muito cansado para dar o prazer que ela merecia.

Antes que meu corpo mandasse minha mente se foder, e partisse para cima da minha menina, resolvi tomar um banho. A água gelada me acalmou um pouco, mas eu sabia que assim que me aproximasse dela, o fogo me consumiria. Vesti somente uma cueca boxer e deitei ao seu lado, puxei seu corpo para mais perto do meu. Clara deu um beijo em meu pescoço e ali mesmo ela se aninhou.

— Meu — sussurrou. Cada vez que eu ouvia aquela palavra meu coração dava um salto.

— Minha. — Dei um beijo em sua testa e deixei que os bons sonhos nos velassem.

Chegou o grande dia do casamento da minha irmã. Ela estava uma pilha de nervos e deixou toda a família em frangalhos, como se um tornado tivesse passado por nós. Mas, graças a Deus, ela parecia estar mais calma.

Poucos parentes do Juan estariam na cerimônia, com exceção do irmão e uma prima que seriam seus padrinhos, e uns dez amigos mais próximos estavam na cidade. Por causa desse preconceito idiota da família dele, tivemos uma séria conversa. Para falar a verdade, soou mais como uma ameaça. Foi aí que entendi que Juan amava minha irmã, e como ele mesmo disse, nada ou ninguém ficaria no caminho deles. Fiquei mais relaxado com aquela declaração.

Faltava pouco para a cerimônia. Fui buscar Clara no apartamento, pois ela havia insistido que nos arrumássemos separados.

Estava furioso com isso, teria que conversar com ela sobre essa história de cada um no seu apartamento. Não estava suportando mais ficar longe dela. Decidi que após o casamento eu iria chamá-la para morar comigo. Era a ordem natural das coisas, além de apresentá-la oficialmente para minha família. Isso ainda não tinha acontecido e eu também não conhecia os pais dela. Tínhamos combinado que todas essas decisões deveriam ser tomadas após o casamento da minha irmã. Clara estava praticamente grudada em Priscila, o que tomava quase todo seu tempo.

Cheguei ao seu apartamento na hora combinada, toquei a campainha e Nando abriu a porta dizendo que a Clara estava pronta. Como ele também era um dos convidados, estava vestido formalmente, terno cinza e uma gravata azul. Muito elegante. Mas sempre o repreendia por me chamar de

dr. Ferraz fora do escritório. Nando pediu desculpas, mas logo sua atenção se voltou para a porta e sua boca se abriu em um “o” silencioso.

Virei para ver do que se tratava e me surpreendi quando percebi que não era nenhum disco voador ou dinossauro passeando pela sala, na verdade, era muito mais impressionante que qualquer uma dessas coisas.

Clara era a mulher mais linda do mundo. Nunca vi beleza igual, e se antes estava certo de que ela era minha, depois de vê-la eu percebi que eu tinha em meus braços a mulher da minha vida. Isso era um fato inquestionável: eu amo a Clara e não haverá outra em minha vida. Meu mundo não poderá ser sacudido duas vezes e Clara veio como um terremoto. Não ficou pedra sobre pedra. Tudo desmoronou e agora eu estou nas mãos dessa mulher.

— Querem parar de me olhar? Estou ficando constrangida — ela disse um pouco chateada. Não percebi que a estava encarando, olhei para o Nando e ele fez o mesmo, mas depois voltou seu olhar para minha menina.

— Me desculpa, diva, mas é que... — Ele parou e andou em sua direção, pegou a sua mão e a fez girar em torno do seu próprio corpo. — Você está uma deusa — ele completou.

Clara andou em minha direção. Estava fascinado, acho que nenhuma palavra em nenhuma língua do mundo descreveria o que eu sentia naquele momento.

— E você não fala nada? — perguntou de forma atrevida. A maldita já estava pensando em safadeza (ou seria eu que estava pensando), bem, não sei, a única coisa que sabia é que a mulher mais perfeita do universo era minha.

— Você está deslumbrante. — Dei um beijo em sua testa e me afastei para olhá-la novamente.

Clara usava um vestido sem alças que realçava seus seios, a cor vinho fazia um contraste com sua pele, seu cabelo estava de lado, de forma simples e perfeita. Como Nando disse, uma deusa.

— Queria dizer mais uma coisa. — Apon-tei com o dedo indicador para cima e cheguei perto do seu ouvido para sussurrar. — Esse vestido é lindo, mas não vejo a hora de tirá-lo e deixar você nua e à minha disposição.

Minha menina arregalou os olhos, mas como sempre seu corpo respondia a cada uma das minhas palavras de uma forma deliciosamente excitante. Os pelos dos seus braços se arrepiaram e eu pude notar os seus mamilos por cima do tecido leve do vestido. Ela era perfeita para mim. Nada se igualava.

Chegamos à igreja por volta das seis horas. Em meia hora minha princesa daria o passo mais importante da sua vida.

Minha mãe estava com Diego recebendo os convidados. Meu pai estava com a Priscila, já que ele a levaria ao altar.

— Boa noite, dona Graça — Clara disse carinhosamente para minha mãe. As duas já se conheciam, mas minha mãe ainda não sabia que a Clara era minha namorada. Na verdade, nem eu mesmo sabia se Clara era minha namorada. Minha mãe puxou Clara para um abraço e meus olhos se fixaram nas mulheres mais importantes da minha vida. Senti um cutucão na minha costela, e quando olhei para o lado, Diego zombava da minha cara de idiota.

— Não vale chorar — ele falou de forma sarcástica.

— Vai à merda — respondi em um tom de voz baixo.

Voltei a olhar para minhas mulheres e elas ainda estavam discutindo sobre o vestido que Prí havia escolhido para Clara usar. Todos estavam babando por ela e minha mãe não ficaria de fora.

— Boa noite — Lorenzo, irmão do Juan, nos cumprimentou. Seus olhos pousaram sobre Clara, que estava ao lado da minha mãe, e minha primeira reação foi puxá-la para o meu lado, abraçando sua cintura.

Diego e Lorenzo arregalaram os olhos e minha mãe sorriu. Provavelmente ela já sabia do meu relacionamento com Clara.

— O que foi isso? — Clara perguntou com os dentes cerrados para que ninguém pudesse ouvi-la.

Apertei ainda mais minha mão em torno de sua cintura, para que não restassem dúvidas para aquele espanhol de merda a quem ela pertencia.

— Só cuidando do que é meu — disse baixinho. Estendi a mão para a frente e, sem soltá-la, cumprimentei o irmão do Juan.

— Boa noite, Lorenzo — ele me saudou de volta, mas seus olhos ainda estavam surpresos por Clara estar abraçada a mim —, creio que ainda não conhece minha namorada. — Clara tossiu de forma dramática e Diego riu baixinho.

— Não conhecia — ele disse levando a mão em direção à dela. Clara sorriu de volta e apertou sua mão em uma saudação formal. Nada de beijinhos, acho que os dois sabiam que eu não estava feliz com aquela aproximação. Afinal, a casamenteira da minha irmã falou da Clara para seu cunhado e eu estava de olho no gringo.

Depois de feitas as apresentações, Lorenzo voltou para o outro lado da porta, onde estava a mulher que seria sua acompanhante no altar. Eles eram os padrinhos

do Juan. O cerimonial avisou que já estava quase no momento da entrada dos padrinhos.

Nos posicionamos próximo à porta e assim que a ordem foi dada, eu entrei segurando a mão da Clara. Eu sabia que não era o modo correto de segurá-la, mas eu entrelacei meus dedos aos dela e olhei em seu rosto. Queria que ela sentisse através daquele toque todo o amor que eu sentia, algo que eu nunca tinha sentido em toda a minha vida.

Meu coração acelerou conforme caminhávamos até o altar. Estávamos perfeitos juntos. Tão perfeitos que eu comecei a imaginar o dia em que seria eu aguardando sua entrada. Em pouco tempo esse dia chegaria. Pediria Clara em casamento. Não houve e nunca haverá mais ninguém com quem quisesse compartilhar o resto da minha vida. Era ela... Eu sabia... Eu sentia. Foi como se Deus tivesse moldado minha menina

exclusivamente para mim. Um encaixe perfeito, como no quebra-cabeça. Onde uma peça não fazia sentido sem a outra. Era assim que eu me sentia sem a Clara: uma peça solta em um espaço vazio.

Nos posicionamos no lugar destinado a nós no altar. Olhamos em direção à porta e fiz uma careta quando vi Lorenzo entrar. Teria que manter os olhos bem abertos durante a festa, pois ele não chegaria nem perto da Clara.

Chegou a vez de o Juan fazer sua entrada e o cara estava rindo como um idiota. Minha mãe entrou com ele. Ela fez questão, mesmo com ele recusando. Dona Graça não deixaria o futuro genro entrar sozinho no próprio casamento, ela definitivamente o adotou. O cara era gente boa, mas como irmão mais velho tem sempre que ficar com as orelhas em pé, as minhas estavam bem levantadas.

Se ele fizesse minha irmã sofrer, ele seria um homem a menos no mundo.

— Está tudo tão lindo — Clara sussurrou em meu ouvido.

Olhei para ela e apertei sua mão, acariciando sua pele com o polegar. Minha menina sorriu de uma maneira tão meiga, que eu esqueci todos à minha volta. O mundo podia chegar ao fim, nada era tão importante quanto estar ao lado de quem se ama. As portas da igreja se fecharam e todos se levantaram. Os acordes da música escolhida por minha irmã começaram a tocar. A interpretação de *Ave Maria* foi feita por uma mulher com uma voz muito linda.

Assim que as portas se abriram novamente, Clara apertou minha mão. Priscila estava linda. Um vestido totalmente tradicional e um buquê rosa nas mãos. De onde eu estava no altar, percebi que ela estava chorando. Claro que estava! Minha irmã

sentimental como era só poderia chorar mesmo. Meu pai a segurava pelo braço e também estava visivelmente abalado. Sua única filha estava casando e agora ele perderia sua sapequinha, que era como ele a chamava.

— Meu Deus! — Clara suspirou e me espantei com a sua emoção. Lágrimas desciam por seus olhos, e eu pude perceber o quanto era grande o seu carinho por minha irmã. Eu já disse que Maria Clara é perfeita para mim? Pois é, não canso de pensar nisso.

Priscila já estava próximo ao altar quando olhou em minha direção, um sorriso estampou seu rosto, e seus olhos brilharam com mais lágrimas. Devolvi o sorriso de forma carinhosa. Sempre protegi meus irmãos de forma igual, mas por ser a caçula, eu cuidei dela como se fosse minha filha. Ensinei a andar de bicicleta, levei para o colégio, defendi quando os meninos

implicavam com ela, intimidei o primeiro namorado — tudo bem, o último também — e briguei com ela quando foi necessário. Eu daria minha vida por aquela moleca e pelo fedelho do meu irmão. Um nó se formou em minha garganta e eu não contive a vontade de chorar. Uma lágrima rolou e senti a mão sensível da Clara secá-la. Agradei a Deus por tudo que ele estava fazendo em minha vida. Ter minha menina ao meu lado no altar, sendo testemunha do amor de uma das pessoas que eu mais amava, era um milagre. Um milagre que o cara lá de cima resolveu me conceder. Não havia felicidade maior. Eu tinha alcançado a plenitude em tudo.

Priscila chegou ao altar e meu pai beijou sua testa antes de entregá-la ao Juan.

Os dois se olhavam como poucos casais se olham. Pedi aos céus que um dia me desse o que eles estavam vivenciando. Olhei para

Clara e ela também teimava em segurar as lágrimas.

Tudo foi muito lindo e emocionante, minha irmã e Juan trocaram as alianças e disseram “sim” um ao outro. No final da cerimônia, eles saíram da igreja e seguiram direto para o local da recepção. Os cumprimentos seriam recebidos lá.

Peguei na mão de Clara e, da mesma forma que entramos, nós saímos da igreja. Juntos, entrelaçados um ao outro. Como deveria ser.

Do lado de fora, encontramos com Diego conversando com Nando, Bruno e Laís. Acho que o relacionamento do Bruno com a Laís engatou de vez. Meu amigo estava apaixonado e eu estava muito feliz por ele. Laís era uma ótima pessoa, além de ter conseguido a façanha de colocar Bruno na linha. Tenho

que admitir que ela realmente devia ser uma pantera, pois o que ela fez não poderia ter sido obra de uma mulher normal. Aquele casal não poderia ser mais certo. Fogo e gasolina.

— Vamos? — chamei e Clara assentiu. Meus pais ainda estavam conversando com alguns convidados, então achei melhor me apressar para que Priscila tivesse alguém da família próximo caso precisasse de algo.

Abri a porta da caminhonete para Clara. Assim que entrei eu peguei sua mão e dei um beijo carinhoso. Dei partida e segui para o local da festa.

Durante todo o caminho, eu e Clara conversamos muito sobre o casamento e também sobre a família do Juan. Ela também concordava que aquilo tudo era uma grande besteira.

Chegamos ao local e eu pude ver a grandeza do que minha irmã havia preparado.

Não adiantava dizer para Priscila ir com calma. Sempre foi do jeito que ela queria, e não seria diferente no dia mais importante da sua vida. Deixei o carro no estacionamento reservado para a família, do outro lado da rua. Abri a porta para Clara e entreguei a chave ao manobrista.

— Preparada para ser apresentada ao mundo como minha namorada? — perguntei, enquanto atravessávamos a rua. Estava pronto para dar aquele passo, mas queria Clara na mesma sintonia que eu.

— Hoje? — ela perguntou espantada.

Suas mãos apertaram as minhas e ela olhou para trás na direção que ainda estava o meu carro.

— Sim... — ela me respondeu. — Ai, meu Deus! Esqueci minha bolsa no carro.

Assim que falou, Clara se soltou da minha mão e, antes que eu pudesse me movimentar para buscar o que ela queria,

atravessou a rua correndo, segurando seu vestido que praticamente se arrastava no chão. Ela acenava para o manobrista que ainda estava colocando a chave na ignição.

Clara pediu a bolsa e o manobrista a atendeu. Fiquei observando-a. Ela abriu a bolsa, conferiu alguma coisa dentro e sorriu para mim. Quase enfartei! Não acreditava que aquilo estava acontecendo, ela disse “sim”. Todos ficariam sabendo quem era a mulher da minha vida. Diego estacionou o carro pouco atrás e já descia, também entregando a chave ao manobrista.

Clara começou a atravessar a rua, quando notei dois faróis se aproximando muito rápido, ela ainda sorria em minha direção e articulava um “Eu te amo” sem emitir sons. Olhei para a minha direita e percebi que o carro não pararia. Ele estava desgovernado.

Saí correndo de onde estava para alcançá-la. Ao me ver, Clara finalmente percebeu que o carro estava vindo em sua direção, mas antes que eu chegasse até ela, pude ouvir o barulho do pneu na estrada e o grito desesperado da minha menina ecoou no meu ouvido.

Meu Deus!

Como era pista de mão dupla, eu saí correndo no meio do trânsito. O último barulho que ouvi foi do pneu cantando antes de o carro sair em disparada. Não tive tempo para pensar em nada.

Quando o carro passou, eu caí de joelhos no asfalto.

—Não... Não... Não! — Comecei a gritar desesperado, meus olhos queimavam pela cena que estava à minha frente e a dor dilacerava meu coração, me paralisando. Clara e Diego. Ambos no chão, desacordados, ensanguentados. Clara estava um pouco mais à

direita, deitada em uma posição quase fetal, seu vestido estava rasgado e seu rosto sujo de sangue. Diego estava deitado de costas, bem perto da calçada. Sua cabeça estava um pouco inclinada, próximo ao meio-fio.

Corri até os dois e fiquei sem saber o que fazer. Levei as mãos à cabeça e notei que algumas pessoas já estavam correndo em direção ao local do acidente.

— Clara... Clara... — chamei sem sucesso.

Me agachei no meio dos dois e olhava um e o outro tentando descobrir quem necessitava mais dos primeiros socorros. Olhei para Clara, percebi que o sangramento em sua cabeça não era muito. Me abaixei próximo ao seu rosto e notei sua respiração. Alcancei meu irmão e o desespero tomou conta de mim. Não conseguia sentir sua respiração e havia muito sangue embaixo de sua cabeça, no chão, em sua roupa.

Deus! Permita que Diego não morra.

Escutei alguém passando o endereço do local, provavelmente para a emergência. Peguei o braço do meu irmão e não senti seu pulso.

— Meu Deus, Diego. — Juntei minhas mãos, uma por cima da outra, e comecei a fazer uma massagem cardíaca em seu peito. — Volta, mano — clamei por ele e meu irmão não me respondia.

Diego continuava inerte no chão, e os únicos movimentos que fazia eram involuntários, pela força que eu depositava na tentativa de trazê-lo de volta. Ouvei meu nome ser chamado, mas não consegui decifrar quem era, até que Bruno caiu de joelhos no chão, próximo a mim, e Laís começou a chorar perto da Clara.

— Bruno, ele não respira — disse para o meu amigo sem tirar os olhos do Diego. — Di, não faz isso comigo. Você não pode morrer — comecei a gritar na esperança de que

ele ouvisse minha voz e abrisse os olhos. Continuei na tentativa de fazer seu coração voltar a bater, mas nada.

Bruno segurava seu braço tentando sentir seu pulso, mas era em vão. Diego não respirava.

— Não faz isso, Diego — suplicava e as lágrimas que caíam dos meus olhos molhavam seu terno. — Não... Não... Mano. Respira. — Fiz respiração boca a boca e senti Bruno me puxando para o lado — Para, Bruno! — gritei com ele sacudindo meus braços, meu amigo tentava me arrastar para longe do meu irmão e eu me debatia no chão. — Não! Não! — continuei gritando com ele. Não ouvia nada, tudo era como sons indecifráveis. Tudo que eu pensava é que o coração do meu irmão não estava batendo, sua vida estava se esvaindo pelos meus dedos e eu não conseguiria salvá-lo. Eu era um inútil.

Bruno começou a me arrastar pelos ombros e deitado no chão eu comecei a espedaçar, tentando voltar para o local que eu estava, mas Bruno me arrastava pelo asfalto.

Meu Deus! Será que Bruno não está vendo que meu irmão está morrendo.

— Me solta, Bruno — gritei novamente. — Tenho que fazê-lo respirar. — Minha voz estava em pânico e eu nunca senti um desespero tão grande em minha vida. — Preciso que ele volte. — Luzes coloridas me cegavam e finalmente eu consegui ouvir a voz do Bruno.

— Você tem que deixar os paramédicos trabalharem — Bruno disse me sacudindo. As palavras que ele pronunciou me acertaram uma a uma. Sentia vontade de vomitar, tão forte era a dor que me consumia. E não era apenas uma dor emocional. Era algo insuportável. Algo que eu não estava preparado para suportar. — Calma, porra! — ele

gritou, segurando meu rosto para que eu olhasse para ele. — Diego e Clara... precisam de você, mano.

— Clara? — perguntei, pois como ela estava respirando eu dei total atenção para o meu irmão.

Bruno me olhou, e seu olhar estava triste. Ele tentou me levantar do chão, mas não me dizia nada.

— Porra, Bruno! — eu gritei com ele novamente. — A minha menina? — Olhei ao redor e, além dos paramédicos trabalhando no Diego, eu não enxergava mais nada. — Bruno, cadê a Clara? — perguntei olhando para o local onde ela estava. Agarrei meus cabelos tentando fazer com que aquela dor sumisse, mas a cada segundo um pedacinho de mim morria.

— A ambulância já a levou, enquanto você estava com o Diego. — A voz dele sumiu e

eu fiquei ainda mais louco. — Ela estava viva, mas não acordava.

Um abismo se abriu debaixo dos meus pés. Deus não podia estar me castigando daquela forma, eu não poderia perder meu irmão e a mulher da minha vida. Só podia ser um pesadelo.

— Afaste-se — escutei alguém gritar e depois um barulho de choque. — Afaste-se. — Mais uma vez a voz me sacudiu, e eu olhei em direção ao corpo do meu irmão inerte no chão.

Só podia ser um pesadelo.

24



Clara

— Clara — ouvi Diego gritando, mas quando olhei para ele eu senti o impacto. Rápido e forte. Diego me jogou para fora da pista e caímos no chão. Depois, somente escuro e vazio. Vozes entravam na minha cabeça, mas eu estava sem forças para responder.

— Clara... Clara... — Alexandre gritava. Eu sabia que era a voz dele, reconheceria no céu ou no inferno. “Estou aqui, meu amor”, tentei responder, mas minha boca não se movia. Meus olhos não se abriam. O que estava acontecendo?

De repente tudo virou escuridão novamente...

— *Clara, temos uma notícia nada fácil —* *Manu disse com lágrimas nos olhos.*

— *O que foi Manu? —* *perguntei amedrontada.*

Ela levou as mãos no rosto e começou a chorar desesperadamente.

— Clara... O Felipe... — ela parou de falar e me olhou de uma forma que eu pude sentir a dor em seu coração.

— Não, Manu.

— O Felipe faleceu — ela disse em meio às lágrimas e eu senti minha alma sair do corpo.

— É mentira sua — comecei a gritar e logo uma dúzia de pessoas, entre enfermeiros e médicos, estava ao meu lado. — Diz que é mentira, Manu. — Olhei suplicando para ela e suas lágrimas me diziam que o pesadelo era real. — Ele não morreu. Não... Não... Não... Para de brincar comigo, Manu.

— Sinto muito. — Sua voz chorosa, me dizendo aquelas palavras, me deixaram sem ar. Tentei respirar, mas a dor era mais forte que eu. — Ele desenvolveu um coágulo de sangue após a cirurgia, e isso causou um

ataque cardíaco fatal. Fizemos de tudo, mas ele não resistiu.

Tentei respirar novamente, mas tudo que conseguia fazer era recordar a alegria de Felipe quando recebemos a notícia que ele poderia ser meu doador. Aquilo não podia ser real, não era justo. A pessoa que eu mais amava morrer por minha causa.

— Por quê? — gritei desesperadamente.
— Diz, Manu. É algum castigo? — Tentava me mexer, mas alguns enfermeiros me seguravam no lugar. — Eu deveria morrer, não o Felipe. Era para ter sido eu.

Manu chegou próximo a mim e me abraçou ainda deitada naquela maldita cama de hospital.

— Manu... — comecei a chorar em seu ombro. — Ele não merecia. Por que você deixou ele morrer? Por que você não o salvou, Manu? — Minhas palavras quase não saíam de tanto que eu chorava.

— Felipe te amava, Clara. Sempre amou, ele seria capaz de fazer qualquer coisa para te salvar — dizia, e eu podia sentir suas lágrimas caindo em minha pele. — Ele sabia que toda cirurgia envolve riscos, mesmo assim não pensou duas vezes. Ele queria ver você bem e feliz.

Manu se afastou e me encarou com pena. Foi a primeira vez que eu ouvi aquelas malditas palavras. Palavras que iriam me acompanhar pelo resto da minha vida.

— Você tem que seguir em frente — Manu disse pesarosa. — Não foi sua culpa. — E naquele momento eu quis arrancar cada fio que estava em meu corpo.

— Não foi minha culpa? — perguntei, sentindo a raiva e o ódio tomarem conta da minha alma. — O homem que eu mais amo na vida, meu noivo, morre na mesa de cirurgia após me doar o próprio rim. E a culpa não é minha?

Tentei levantar a cabeça, mas os enfermeiros me mantinham deitada, enquanto Manu me olhava com aquele olhar de pena, de compaixão. Eu queria arrancar aquele olhar do rosto dela.

— Clara, me escuta — ela pedia. — Felipe fez todos os exames, ele era compatível. Estava apto, saudável. Foi uma fatalidade. Acontece uma em um milhão, mas infelizmente aconteceu com ele — Manu tentava explicar, mas eu não entendia como ela podia estar tão calma. Eu havia matado Felipe.

Nós namoramos desde os 16 anos de idade. Eu me apaixonei por ele no dia em que se mudou para a casa vizinha à minha. Mas um ano depois, eu descobri que meus rins não estavam mais funcionando. Fiz hemodíalise e passei praticamente a viver em um hospital, até os médicos darem a notícia de que somente um transplante me salvaria.

Meu pai não era compatível e minha mãe, por uma doença hereditária, não poderia doar.

Enquanto eu estava na lista de espera por uma doação, Felipe me convenceu a fazer o teste com ele. Nosso sangue foi misturado, no que os médicos chamam de prova cruzada, e maravilhosamente descobrimos que Felipe era compatível e poderia ser meu doador. No começo rejeitei a ideia, pois fiquei com medo de o Lipe não poder levar uma vida normal, mas após muito aconselhamento psicológico, fui convencida de que tanto o doador quanto o transplantado poderiam viver uma vida normal após o transplante. Mas isso não ocorreu. A única coisa que teria do Felipe era a lembrança que o rim que me fazia viver foi o mesmo que tirou ele de mim.

— Eu matei o Felipe, Manu. Matei meu noivo. O amor da minha vida — disse

sussurrando, enquanto sentia alguém aplicar algo em minhas veias. Provavelmente calmantes, pois minhas pálpebras começaram a ficar pesadas e eu não conseguia mais manter meus olhos abertos. — Eu também quero morrer. Não vou sobreviver sem ele — continuei falando baixinho, sem saber se alguém me ouvia. — Felipe...

— Ele te deu uma vida, use-a com sabedoria, Clara. — Foram as últimas palavras que ouvi Manu dizer antes de apagar.

Abri os olhos e eles demoraram um pouco a se acostumar com a claridade. Consegui mexer um pouco a cabeça, mas meus movimentos estavam limitados por um colar cervical.

— Alguém? — chamei baixinho e senti uma mão apertando a minha. Não conseguia

me mexer e aquilo estava me deixando aflita. Apertei a mão delicada que me tocava e tentei puxá-la para perto.

— Estou aqui, Clarinha — Manu sussurrou. — Vai ficar tudo bem — ela disse com uma voz carinhosa.

Fechei os olhos tentando lembrar o que aconteceu. Primeiro, tudo era como um borrão. Depois, imagens desconexas começaram a aparecer. Estávamos no casamento da Prí, eu atravesssei a rua para pegar minha bolsa, e quando eu estava voltando... Meu Deus!

— Manu... O Diego? — Eu puxei sua mão para que ela olhasse para mim, mas Manu não se movia. — Onde está o Diego? — eu comecei a gritar e ela tentou me acalmar.

Forcei os movimentos para tentar levantar, mas estava presa à cama. Manu se aproximou e eu pude ver a tristeza em seus olhos, quase a mesma reação de quando ela me deu a notícia sobre Felipe.

— NÃO... NÃO... NÃO... — gritei como nunca havia gritado em minha vida. Deus não poderia me castigar tanto. Diego entrou na frente do carro para me salvar. — MEU DEUS! — meus gritos estavam misturados às minhas lágrimas e Manu tentava todo tempo conversar comigo, mas eu não ouvia, tudo o que eu pensava era que Diego estava morto por minha causa. Eu não posso carregar mais essa culpa. Alexandre nunca irá me perdoar. Nunca. Eu perdi mais uma vez.

— CLARA — Manu gritou e eu tentei me concentrar em suas palavras, mas a dor que eu sentia não me deixava respirar. Era muito forte, mais uma vida foi destruída por minha culpa e eu não conseguia suportar.

— Manu? — supliquei e ela sentou-se ao meu lado na cama. Suas mãos desataram o colar que estava em meu pescoço. Eu consegui respirar um pouco melhor, mas ainda me faltava ar.

— Diego está em cirurgia agora — disse acariciando meu rosto e um fio de esperança surgiu. — Ele teve traumatismo craniano pela queda e uma parada cardíaca — cada palavra era absorvida de duas formas: por um lado eu estava gritando por dentro por saber que ele não estava morto, mas a outra parte de mim chorava por saber que ele estava em uma mesa de cirurgia naquele momento e por minha causa. Levantei da cama e uma dor enorme tomou conta de mim. Mesmo assim, eu me sentei. Nada era tão devastador.

— Clara, você não pode levantar — Manu disse tentando empurrar meus ombros para a cama. Mas eu lutei, não poderia simplesmente ficar deitada.

— Me solta, Manu. — Arranquei os velcros que seguravam meus braços e fiz o mesmo com a parte que prendia minhas pernas. Manu tentava a todo custo me segurar,

mas, apesar da minha dor, eu ainda era mais forte que ela. Me levantei e fiquei um pouco tonta. Comecei a caminhar até a porta. Manu parou na minha frente, me impedindo de sair. Ela levou as mãos para me alcançar e eu me afastei.

— Clara, por favor? — suplicou com o olhar, mas eu continuei longe dela. Não podia deixar ninguém me tocar. Eu fazia mal às pessoas.

— Não. Me. Toque. — Pedi com um tom de voz baixo. Minhas palavras se misturavam com o choro que me fazia engasgar, e eu praticamente falava entre os dentes. Manu levantou as mãos, mas continuou no meu caminho, seu olhar de pena me matava. Eu já havia passado por isso, então eu sabia o que viria depois.

— Clarinha... — ela começou a falar e eu tapei os ouvidos. — Não foi sua culpa.

— Cala a boca, Manu... — Andei de um lado para outro no quarto, tentando bloquear as palavras dela. — Cala a boca — repeti e ela continuava falando.

Manu respirou fundo e me pediu calma com as mãos.

— Clarinha, você desmaiou, mas já fizemos todos os tipos de exame. Além do corpo dolorido, você não tem nada de grave — ela começou a falar. — Acho que o desmaio foi mais pelo susto. Não posso autorizar sua saída, mas também não vou te prender aqui.

Manu deu dois passos para o lado, deixando o acesso à porta livre para a minha saída. Não pensei duas vezes e passei por ela. Antes de sair, eu olhei de volta para ela e susurrei um “obrigada”.

Olhei para o meu corpo e percebi que meu vestido havia sido cortado na altura do joelho, provavelmente pelo resgate. Meus pés estavam no chão e meu cabelo

despenteado. Mas não me importava, tudo que eu queria era fugir dali, não poderia ficar e ver mais uma pessoa que amo morrer por mim. Não posso carregar mais esse fardo. Eu não vou suportar. Diego era como um irmão, e eu ainda não acreditava que aquilo estava acontecendo com ele.

— Maldita — comecei a me xingar. — Amaldiçoada, é isso que você é.

Corria pelos corredores do hospital, eu o conhecia como a palma da minha mão, então sabia perfeitamente onde ficava a saída. Antes de chegar à porta, eu passei em frente à sala de espera e quando ouvi meu nome, eu fiquei estática.

— Clara — Alê gritou. — Aonde você vai? — Sua voz chorosa me impedia de olhar para trás. Não conseguiria encará-lo. Ele nunca me perdoaria.

Respirei fundo, tentando fazer com que meu corpo obedecesse minha mente e saísse

correndo daquele lugar, sem nem olhar para trás. Mas meu coração não me deixava partir sem olhá-lo mais uma vez.

— Estou indo para casa — respondi, me virando, mas ainda com o olhar no chão.

Levantei os olhos e, naquele momento, não quis mais nada do que a morte. Morrer era menos doloroso do que saber que eu estava causando o sofrimento do homem que amava. Alexandre estava com os olhos inchados de tanto chorar. Ele ainda estava com a roupa do casamento, sem o blazer e a gravata e com a camisa manchada de sangue próximo ao peito. Me lembrei do Diego me empurrando e meu estômago embrulhou pela dor que eu sentia.

— Você já recebeu alta? — ele perguntou surpreso, andando em minha direção. — Por que você está correndo? E descalça? — Suas perguntas começaram a ser feitas em um tom um pouco mais alto, acho que Alexandre

percebeu que eu estava fugindo. Ele deu dois passos em minha direção e eu repeti os seus movimentos, mas na direção contrária. Vi seu rosto se contorcer em um semblante de pânico. Me amaldiçoei por fazer isso com ele, mas eu não poderia ficar e ver Diego morrer. Não poderia perder mais ninguém.

— Se afasta — disse quando ele tentou se aproximar. Levantei a mão pedindo para ele parar, mas Alê continuava andando.

— Clara, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? — ele implorou.

Notei que mais gente se aproximava. Priscila ficou atrás de Alexandre. Ela ainda estava vestida de noiva e chorava agarrada ao Juan. Bruno estava ao lado do Alê e eu não vi Laís em nenhum lugar.

— Eu não posso — sussurrei e as lágrimas começaram a descer pelo meu rosto. — Eu não posso amar mais ninguém. Não haverá espaço para outro.

Estava convencida de que o amor e o sofrimento que havia passado com Felipe eram o suficiente pelo resto da minha existência. O que aconteceu com Diego era uma prova de que eu não podia me apegar a ninguém. Foi um erro me abrir para Alexandre, eu não posso nem pensar se fosse ele no lugar de Diego. Não existiria mais nenhum lugar nesse mundo para me abrigar. Eu simplesmente desistiria de tudo.

— Você não pode fazer isso comigo — ele gritou assustando a todos que estavam em nossa volta. — Não pode! — continuou. — Não quando eu mais preciso de você.

Bruno tentava puxar o amigo pelo braço para que ele recuasse, mas Alexandre era muito forte e praticamente arrastava Bruno com ele na tentativa de me alcançar.

— Desculpa! — consegui dizer entre os soluços. — Mas eu não posso ficar.

Ele sacudiu os braços tentando se soltar do Bruno, e a cada vez que me olhava eu via como ele estava sofrendo. Eu sentia sua dor junto com ele. Ainda estava em pé na sua frente, descalça, rasgada e suja. Assim como estava minha alma: destruída.

— Minha menina. — Sua voz tentava soar calma, mas eu sentia toda a sua aflição. — Escuta. Eu te amo. Preciso de você aqui. Diego precisa de você.

— Me perdoa? — implorei o seu perdão, mas eu sabia que se o Diego não voltasse, eu seria sempre a assassina. Mais uma vez.

— Não... — Ele se soltou do Bruno e correu em minha direção. — Por que você está fazendo isso comigo? Fala! — Suas mãos apertavam meu rosto. Tentei puxá-las para baixo, mas sua testa se apoiou na minha e ele começou a sussurrar as palavras tão perto que podia sentir suas lágrimas em minha pele. — Eu amo você... — Ele começou a

distribuir beijos desesperados em todo o meu rosto, enquanto pronunciava as palavras. — Amo você, minha menina.

Não sentia mais meu coração bater, foi como se tivesse morrido e somente uma casca do meu corpo estivesse presente naquele corredor. Não era eu. Uma pessoa normal não faria a crueldade que eu estava prestes a fazer.

— Eu amo outro — disse olhando em seus olhos. — Sempre amei — completei.

Alexandre deixou seus braços caírem no vazio. Seu olhar escureceu e seu rosto começou a ficar vermelho. A raiva tomou o lugar do carinho que seus olhos há poucos segundos demonstravam. Ele continuou me encarando e eu enxerguei o vazio que eu havia deixado em sua alma. Eu estava condenada. Sempre estive.

Fui embora sem olhar para trás. Na portaria, Manu estava me esperando e me

entregou a minha bolsa, sem me dizer nada. Peguei e assenti com a cabeça. Do lado de fora eu ainda via, cada vez que a porta de vidro se abria, Alê parado no mesmo lugar, com a mesma expressão. E foi nessa hora que eu decidi que mais uma vez eu perderia meu coração. Não estava destinada à felicidade.

Descalça, sozinha e destruída, eu liguei para uma das únicas pessoas que sabia sobre o meu passado. Precisava de ajuda. Peguei o telefone dentro da bolsa e após o segundo toque alguém atendeu. Graças a Deus ele estava no Brasil.

— Alô, Clara?

— Dereck! Eu preciso de você.

Ferraz

Ver meu irmão em uma ambulância entre a vida e a morte me destruiu, mas ver minha menina me abandonar sem ao menos olhar para trás foi a última pedra sobre o meu caixão. Ainda estava parado no mesmo lugar, na esperança de que ela se arrependesse e desistisse da loucura de me deixar novamente. Seria cômico se não fosse trágico, pois mais uma vez estava sendo chutado em um hospital. Mas agora o meu sofrimento era infinitas vezes maior.

Eu cheguei ao hospital acompanhando Diego. Assim que meu irmão deu entrada, eu fui informado de que ele seria levado direto para o Centro Cirúrgico. Segundo o médico, ele estava com traumatismo craniano e havia sofrido uma parada cardíaca que quase o matou. A única opção era esperar. Deixei Bruno, que não saiu do meu lado um único

minuto, terminando de preencher a ficha de Diego e fui atrás de notícias da Clara.

Bruno avisou que Nando e Laís estavam tentando entrar em contato com os pais da minha menina, mas parece que não tiveram uma resposta positiva.

Em outra recepção eu fui informado de que Clara estava estável, mas não puderam me dar detalhes, já que eu não era da família.

Uma médica muito jovem, quando me ouviu perguntando sobre a Clara, se aproximou e começou a conversar comigo. Eu a reconheci, era a mesma médica que me deu informações quando Clara esteve internada. A dra. Manuela informou que ela passaria a noite em observação, mas que estava tudo bem. Que tinha apenas sofrido um desmaio em decorrência do susto. Naquele momento, eu juntei minhas mãos em forma de oração e agradei aos céus. Não suportaria perder a Clara e o Diego.

A médica da Clara me tranquilizou, ela sabia que o estado de saúde de Diego pedia mais atenção. Então me prometeu que assim que Clara acordasse, eu seria avisado. Pelo jeito não houve tempo de ela cumprir a promessa.

— Mano — Bruno disse colocando a mão em meu ombro. — Vamos pensar em Diego agora — ele falou, e eu não me movi.

Ouvia Priscila chorando e a voz de Juan tentando confortá-la. Minha irmã chegou ao hospital, ainda vestida de noiva, logo depois de mim. Em seguida, chegaram os meus pais. Estávamos todos ansiosos e desesperados por notícias. Fazia três horas que Diego estava na sala de cirurgia. E pelas informações dos médicos, a cirurgia duraria mais.

Acredito que tenha ficado uns vinte minutos olhando para a porta. Torcendo, rezando e implorando para acordar daquele pesadelo.

— Filho? — Minha mãe deu a volta e parou em minha frente. — Eu sei que você está sofrendo, mas dê tempo ao tempo. — As palavras dela me fizeram sair do transe. Não pensei duas vezes e comecei a correr na tentativa de achar Clara. Algo estava errado. Assim que a porta de vidro abriu, eu olhei de um lado para o outro na rua e não vi minha menina. Corri até a garagem do hospital e saí com a minha caminhonete o mais depressa que pude. Ela não poderia ter ido muito longe, lembrei que ela estava com o vestido rasgado e descalça.

— Meu Deus! — rezava em voz alta. — Onde você está minha menina? — Minha voz estava entrecortada pelas lágrimas e eu alcancei meu celular. Disquei seu número que estava entre os favoritos e deixei chamar até cair na caixa de mensagem.

— Droga... Droga... — Eu socava violentamente o volante e com a força dos meus

movimentos o celular foi arremessado no chão, em frente ao banco do passageiro.

— Porra! — praguejei. Tudo naquele dia estava dando errado. Meu irmão estava lutando para não morrer e eu estava correndo atrás da minha vida. Continuei correndo em direção ao seu apartamento, ela só poderia estar lá.

Deus faça com que ela tenha voltado para casa. Nunca fui de rezar, mas naquele momento eu pedi com todas as forças para que aquele pesadelo tivesse fim.

Eu praticamente infringi todas as leis de trânsito existentes. Em menos de vinte minutos eu estava na porta do prédio dela. Mas quando cheguei, meu desejo era de nunca ter ido. Assim que estacionei e tirei o cinto de segurança, eu o vi entrando em seu prédio. Dereck Mayer. O desgraçado estava entrando com ela nos braços. Minha menina estava com a cabeça encostada no peito dele,

eu queria matar os dois. Foi isso que ela quis dizer quando disse que amava outro. Clara estava me usando.

— Filha da puta — eu gritei o mais alto que pude. — Como você pode fazer isso comigo? — Comecei a chorar, pois eu não conseguia assimilar o que acabava de ver. A mulher da minha vida nos braços de outro homem.

— Minha! — eu disse enquanto abria a porta para partir a cara daquele idiota. Mas antes que eu descesse, o meu celular tocou. Era o toque que eu havia programado para Priscila e, nesse exato momento, eu sabia que eram notícias do meu irmão. Como um louco eu me joguei no banco do passageiro e alcancei o aparelho que estava quase escondido. Achei também uma folha de papel, com alguns recortes de jornais formando palavras. Lembrei que se tratava do papel que tirei do para-brisa da caminhonete há alguns

dias. Mas só naquele momento percebi que não se tratava de uma simples propaganda.

Atendi ao telefone, enquanto encarava o papel em minha mão.

— Maninho, a cirurgia acabou. — As palavras da Priscila quase não saíram de tanto que ela chorava. — O Di não vai acordar...

Olhei novamente o papel em minhas mãos e me lembrei da cena de algumas horas antes. O carro estava na direção de Clara, era ela que seria atingida se Diego não a empurrasse. Era para ela estar no lugar do Diego.

— *Alê? Ainda está aí?*

— Não foi um acidente.

Desci do carro e olhei para o alto. No quarto andar pude ver a luz da janela da Clara acesa. Fechei os olhos e pensei no que deveria fazer. Teria que escolher: manteria Clara segura, mas fora da minha vida, ou a arrastaria comigo e correria o risco de perdê-la para sempre?

Fiquei parado vários minutos em frente ao prédio, chorando como um bebê, e olhando o maldito bilhete. Além dos pensamentos homicidas que passavam em minha cabeça, tudo o que eu podia planejar era uma forma de estar com aquela maldita novamente... E cedo ou tarde eu a teria!

Observei novamente o bilhete em minhas mãos e repeti em voz alta aquelas malditas palavras que me atormentavam.

Acidentes acontecem, dr. Ferraz.

Um dia antes do acidente



— Boa noite. — O idiota entrou em minha BMW e me cumprimentou, continuei olhando pela janela, vendo a cena feliz da família perfeita jantando.

— Filhos da puta. — Odiava vê-lo tão feliz, depois de tudo que me fez.

— Quero essa — disse apontando para a foto da puta.

— Tem certeza? Parece-me tão jovem. — O idiota me questionou com espanto. Desgraçado! Ninguém me questionava.

— Eu não pago você para pensar. — Bati o dedo na foto novamente. — Eu a quero.

Ele manteve a postura e somente abriu a boca para falar as palavras que eu queria ouvir.

— Serviço completo? — Fiquei pensando naquela pergunta. Ter a puta fora da órbita terrestre faria Alexandre sofrer. Mas ainda era muito cedo, as ameaças estavam sendo investigadas a fundo. Alexandre tinha muitos amigos dentro do sistema judiciário, e todos estavam empenhados em descobrir quem estava ameaçando o grande advogado. Teria que agir com calma. Se eles descobrissem mais do que as ameaças revelavam, eu poderia colocar meu plano a perder.

— Não — respondi secamente. — Somente um susto. Um aviso — ordenei.

— E o pagamento? — O bastardo só pensava no dinheiro. Joguei o pacote ao lado do banco e pude ouvir sua risada quando ele o abriu.

— Metade agora e metade quando concluir. Aqui está o endereço. — Entreguei um pedaço de papel com o endereço do casamento da irmã do Ferraz.

Ouvi o som da porta se abrindo e segundos depois se fechando. Pelo menos o filho da puta era discreto.

Olhei novamente pela janela, Alexandre estava sentado ao lado da puta, o irmão dele também rondava a garota. Do outro lado, sua irmã abraçava sorridente o noivo. E Bruno estava agarrado na vadia que agora vivia com ele.

— Você me paga, Alexandre Ferraz. O inferno está apenas começando...

Continua...

Leia as primeiras páginas de
O amor não tem leis —
o julgamento final

1



Clara

“Não adianta correr, Clarinha, eu vou te pegar.” Enquanto eu tentava correr e fugir do ataque de cócegas do Felipe, eu podia ouvir sua risada e ele dizendo que eu não tinha escapatória.

“Para, Felipe, você sabe que eu odeio cócegas”, gritei na tentativa de convencê-lo a não fazer aquilo, mas eu já sabia que era uma batalha perdida. Assim que Felipe me alcançasse, eu sofreria em suas mãos.

“Princesa, você sabe que correr é pior.” Sua voz doce era um alívio para as minhas dores, e estar com ele era a melhor parte do meu dia. Ter Felipe em minha vida foi uma bênção que recebi. Um oásis em meio ao deserto.

“Peguei!” Felipe me alcançou e me jogou por cima dos seus ombros, me carregando como se eu fosse um saco de batatas.

“Me solta, Lipe!” Eu me debatia contra as suas costas, mas nada adiantava. Felipe era um homem em uma missão, e, por fim, eu desisti de tentar vencê-lo e comecei a rir. Desci minhas mãos em direção à sua bunda e o belisquei.

“Mais uma transgressão pela qual você irá me pagar, Princesa.” Ele disse tentando usar um tom de voz bravo, mas eu sabia que estava se divertindo tanto quanto eu.

“Promessas... Promessas.” Eu o provoquei e, assim que chegamos à toalha estendida na grama, ele me colocou com cuidado sobre ela e subiu em cima de mim. Minha respiração começou a falhar: seu corpo musculoso sobre o meu sempre me causava arrepios.

O dia estava lindo, ensolarado, mas não muito quente. Eu tinha acabado de sair de mais uma consulta médica, arrasada e deprimida. A cada dia que passava, as

esperanças de cura sem intervenção cirúrgica se tornavam menores, quase nulas. Vendo meu abatimento, meu namorado mais uma vez veio me socorrer, assim como em todas as vezes que precisei dele. Sua estratégia da vez era um piquenique no parque. Felipe preparou tudo, desde a comida até a toalha que estava embaixo de nós. Encarei seus lindos olhos azuis. Amava tanto aquele homem que o meu maior medo era que ele se prendesse a mim de uma forma que não teria volta, e eu não sabia se estaria presente por muito tempo.

“Casa comigo?” Seu pedido me paralisou. Aquilo era o que eu mais queria e o que eu mais temia.

— Clara? — A voz baixa da Cristina me trouxe de volta para o presente.

Fazia dois meses desde o acidente e eu nunca mais havia falado com Alexandre ou com qualquer outra pessoa da família Ferraz. Diego tinha se jogado na frente de um carro para me salvar, o carro não o atingiu, mas ao cair ele bateu com a cabeça no meio-fio e teve traumatismo craniano. O medo de perder mais uma pessoa que amava me fez correr e me esconder. Abandonei Alexandre no corredor do hospital como se ele fosse qualquer um, como se não significasse nada, quando simplesmente significava tudo. Ainda me lembro da sua expressão de desespero ao me ver atravessando a porta assim que recebi alta. Também tinha sido doloroso para mim, mas eu não podia ficar e ver meu maior pesadelo mais uma vez se tornar realidade.

Depois daquele dia minha vida mudou da água para o vinho. Eu fugi e passei um tempo fora da cidade, na expectativa de

trancar os meus sentimentos novamente, mas foi tudo em vão. Me enganei achando que dois meses longe fariam com que o amor que eu sentia pelo Ferraz acabasse. Pelo contrário, quanto mais tempo eu passava longe, mais saudades eu sentia. Pelo menos o tempo em que fiquei afastada serviu para alguma coisa: embora relutante, depois de ouvir Dereck falar por um dia inteiro que eu deveria procurar ajuda profissional, eu decidi que a primeira coisa a fazer quando voltasse para a realidade seria tentar resolver meu passado, para talvez conseguir viver meu presente e, quem sabe assim, ter a chance de ter um futuro. Confesso que no começo me abrir com a Cristina não havia sido fácil, mas hoje, na minha terceira consulta, eu finalmente comecei a falar do Felipe.

— Desculpa, Cristina — falei assim que minha consciência voltou. Às vezes me

ausentava, deixando a realidade e me trancando em meus próprios pensamentos. Era comum. Quando não era Felipe, era Alexandre que tomava conta de minhas memórias. Inevitável.

Cristina estava me olhando de uma forma que eu já estava acostumada, mas, apesar de ver compaixão em seu olhar, eu percebia que ela não sentia pena de mim, talvez por estarmos em um ambiente profissional.

– Quer encerrar? – ela perguntou de forma complacente. Podia ouvir o teclado do computador durante todo o tempo em que eu falava. Sabia que ali estava sendo anotada toda a minha história. Uma história da qual tentava fugir e que, ao mesmo tempo, me orgulhava. Uma confusão total.

Concordei sem dizer nada e levantei. Comecei a caminhar em direção à porta de

saída, quando a voz de Cristina chamou minha atenção.

— A culpa nunca vai te deixar — ela disse me encarando. — Você tem que aprender a conviver com ela. Somente assim ela te deixará viver.

Me despedi sem responder. Eu sabia que era verdade, mas ainda era difícil fazer meu coração entender que eu não era a culpada. A prova disso era que eu vivia com um pedaço do Felipe dentro de mim. Seu rim me mantinha viva, mas também me lembrava de que por isso eu tinha perdido o meu noivo, o homem que eu mais tinha amado. Até a chegada do Alexandre. Eu sou loucamente apaixonada pelo Ferraz, cada centímetro do meu corpo gritava desesperadamente por ele, e isso me assustava. Como eu poderia amá-lo mais do que amei aquele que me deu uma nova vida? Eu não sabia responder, e esse sentimento confuso ainda era a corda

que me impedia de procurá-lo. Ainda não estava bem comigo mesma, e não era justo arrastar Alê junto nessa bagunça emocional que é o meu coração. Ainda mais agora, depois de tudo que aconteceu com o Diego. Essa era outra situação que eu não me perdoava por ter causado. Diego não merecia. Deixei a terapia, mas a análise continuava, pois, mesmo após sair da sala da Cris, eu ainda pensava em minha vida e no rumo que ela deveria tomar.

Enfrentei quase quarenta minutos de trânsito para chegar em casa. Assim que entrei pela porta, fui recebida por uma voz que era mais que bem-vinda.

— Boa noite, Clarinha — Nando me saudou com sua alegria de sempre. Estava para nascer algo que tirasse o bom humor do meu melhor amigo. Ele estava vestido de forma despojada: bermuda cargo e camiseta. Era um homem muito atraente e, apesar de

ser totalmente homossexual, arrancava suspensórios de várias calcinhas por onde passava.

— Vou tomar um banho e já volto para te ajudar com o jantar — eu disse e o beijei na bochecha.

Entrei no meu quarto, deixei a bolsa em cima da cômoda e andei em direção ao banheiro. Tirei toda a minha roupa e liguei a água fria. De dois meses para cá eu me acostumei a tomar banho gelado, pelo menos assim eu tentava anestesiar meu sofrimento. Coloquei o celular sobre o balcão e liguei a música, na esperança de que isso me acalmasse. Mas ela teve o efeito contrário, pois *So Far Away*, do Avenged Sevenfold, não ajudava em nada alguém que estava disposta a parar de sofrer.

*A final song, a last request
A perfect chapter laid to rest*

Now and then I try to find a place in my mind.

Chorei por vários minutos, olhando para o nada, enquanto a água caía sobre o meu corpo. Tomei coragem e terminei o banho. Coloquei um vestido básico e confortável. Dei uma olhada no espelho e percebi meus olhos vermelhos, com bolsas arroxeadas em volta, mas já estava ficando acostumada em vê-los daquela forma. Não tinha nascido para ser feliz, e chorar já era algo que meu corpo sabia fazer muito bem.

